JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNÉMOSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. I.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

1816.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

INTRODUCÇÃO.

DEpois de haver feito o melhor dos Principes o maior dos sacrificios, qual o de separar-se do Berço, que o víra nascer; do Throno que seus Preclaros Avós com tanto Heroismo havião eregido, dilatado, e conservado; e de hum Povo, que ternamente amava, e de quem era ternissimamente amado; entregando Sua Augusta Pessoa, e Real Familia á inconstancia, e braveza dos máres, para salvar o seu Povo dos effeitos de huma invasão inimiga, que se reputou conquista, porque lhe escapou a prêza, que suppozera empolgar nas garras:

Depois que este mesmo Povo, retribuindo aquelle amor, de espontanea vontade, ao Norte, e ao Sul do Reino, quasi ao mesmo tempo, se levantou contra o Usurpador, o proclamando aquelle mesmo Principe, objecto das suas predilecções, tomou armas, derrotou o inimigo, conservou o Throno, e na brilhante carreira de huma guerra contumaz, e sanguinosa fez reviver a Gloria da Nação, já na sujeição á mais exacta disciplina, já nas heroicas acções de singular valor nos combates, já na honrosa modestia nos triunfos, e já no generoso esquecimento dos males soffridos no momento, que suas victorias lhe davão occasião ás mais justas reprezalias:

Depois que nos Estados cultos da Europa, nos Gabinetes dos seus Soberanos, e no Estado-Maior dos seus formidaveis exercitos, tanto nos Jornaes que se publicavão, e nos Conselhos que se fazião, como nas Proclamações que dirigião ás Tropas, e aos Povos se reconheceo, que á feliz resolução de S. A. R. se retirar aos seus Estados do Brazil, e ao valor dos Portuguezes, que se decidírão, organizírão, e accommettêrão o inimigo, se de-

via o primeiro convencimento, de que os *bravos do Gironda* erão venciveis; e que o Monarca de hum Povo como o Portuguez nunca póde ser escravo, nem Povos de iguaes Monarcas pódem jámais ser confundidos, e anniquilados:

Finalmente, desde que em 1808 até ao presente tem sido objecto da admiração geral as acções patrioticas dos Portuguezes, pasmosas pela grandeza dos recursos, comparadas com a limitação do seu terreno; nada mais natural era de esperar que algum dos nossos Sabios Escriptores publicasse hum Jornal Patriotico, que divulgasse estas mesmas acções, o crédito que ellas nos adquirírão nas Nações estranhas, o louvor que por isto nos cabe, e trazendo-nos á memoria aquellas épocas em que os Portuguezes forão o assombro do mundo, fizesse sentir que os descendentes dos Pereiras, Albuquerques, Cunhas, Almeidas, Castros, e mil outros, não degenerárão, para bem da Patria, e confusão dos inimigos da Gloria Lusa, que o supposérão.

Não tendo porém apparecido no Público Periodico algum, que no todo, ou em parte preenchesse este fim, julguei fazer hum serviço aos Amigos da Nação em publicar, não o que tanto desejava; porque para tão elevada empreza não possuo os necessarios talentos; mas hum Jornal de Bellas Artes, que comprehendendo entre os principaes Artigos hum sobre a exposta materia, em os outros trate diversos assumptos uteis, e agradaveis, todos tendentes ao mesmo fim, isto he, ao de promover a divulgação das cousas gloriosas a Portugal.

Este comprehenderá os Artigos seguintes

1.° — Memorias das acções dos Guerreiros Portuguezes na recente, e nas antigas Campanhas, de que os Escriptores Estrangeiros tenhão feito honrosa menção. Refutação de algumas opiniões dos mesmos Escriptores sobre Portugal, etc.

2.° — Descripção dos edificios, e monumentos mais notaveis de Lisboa; justa avaliação do seu merecimento. Dos sitios amenos, ricos em Botanica, etc.; com huma estampa em cada quarto Numero.

3.° — Artes, e Officios; o esmero a que tem chegado algumas Artes, e Officios em Portugal; novos inventos; meios de excitar a industria; nomes, e moradas dos principaes Artistas em Lisboa; suas obras, etc.

4.° — Poezias; Composições não impressas de Authores acreditados; reimpressão de algumas rarissimas, etc.

5.° — Curiosidades; Indicação das cousas dignas de serem attendidas dos curiosos, e viajantes; seu merecimento, etc.

6.° — Anecdotas, Historias, e Ditos sentenciosos, nos quaes se encontrem, ou elogio á Nação, ou aquella agudeza natural, e propria da lingua Portugueza.

Feliz eu se, com a grandeza, e variedade dos Artigos, conseguir a desculpa dos erros, a que me ha de arrastrar minha insufficiencia; porém resoluto começo a tarefa, porque estou intimamente convencido, de que a Generosa Nação, a quem a dedico, préza mais o animo, com que se offerece, do que o valor da mesma offerenda.

MEMORIA

Sobre a batalha do Bussaco.

QUando as Tropas Portuguezas, e Britanicas deixando as immediações de Almeida, pelo funesto acontecimento daquella Praça, forão recuando até ás alturas do Bussaco, seguidas á vista pelo exercito inimigo, superior em força numérica, e em sangue frio pelo costume de pelejar, e vencer; que receios não assaltárão nossos corações, vendo no desastre da Praça o primeiro annel da cadea dos infelizes successos, que ameaçavão a nossa Independencia, se hum valor heroico a não quebrasse!

O Exercito Francez, composto de sete Divisões de infanteria, e duas de cavallaria formando tres Corpos, o 6.° commandado pelo Marechal Ney; o 2.° pelo General Regnier, o 8.° pelo General Junot, a cavallaria pelo General Montbrun, e todas debaixo do commando do General em Chefe, Massena, Principe de Esling, marchava vaidoso do favoravel exito na posse de huma das primeiras Fortalezas do Reino, e nada menos cuidava do que em encontrar huma séria defeza em qualquer ponto; tanto suppunha o Exercito Anglo-Luzo consternado, e esmorecido! Eis que ao subir a Serra do Bussaco acha formadas as nossas Tropas de linha, e alguma de Milicias a par das Britanicas.

Os Francezes, no primeiro ímpeto, obtiverão apoderar-se de huma das alturas; mas forão immediatamente desalojados, rebatidos, e perseguidos quasi até á raiz da montanha, com tal encarniçamento da parte das Tropas

Portuguezas, que lhes foi custoso o ouvirem o toque da chamada.

Massena, e todo o exercito com elle, pasma do denodo, e valor das Recrutas Portuguezas, que pela primeira vez vião o fogo.

He tão conhecida esta verdade, que o General Francez Sarrasin, na sua Historia da Guerra de Hespanha, e Portugal de 1807 até 1814, a paginas 143, se expressa da maneira seguinte. „ A vigorosa resistencia do Bussaco ad„ mirou ainda mais os Francezes, por ser metade do Ex„ ercito Alliado composto de novas Tropas Portuguezas pou„ co habituadas ao fogo; mas a exemplo das Inglezas fi„ zerão prodigios de valor contra os famosos vencedores de „ Austerlitz, e de Wagram. „ (1)

Por esta occasião Lord Wellington no seu Officio a Lord Liverpool diz: „ Este movimento me proporcionou huma „ occasião favoravel de mostrar ao inimigo a especie de tro„ pas de que este exercito he composto. As recrutas Por„ tuguezas achárão-se em contacto com o inimigo pela „ primeira vez em huma situação vantajosa, e ellas prová„ rão, que o trabalho havido com ellas não tinha sido per„ dido, e que erão dignas de combater na mesma linha com „ as tropas Inglezas por esta Causa interessante, para a sal„ vação da qual dão as mais lisongeiras esperanças. „

Este louvor, publicado pelo maior General da Epoca presente, e por outro que he hum dos mais acreditados Escriptores em materias guerreiras, nos he tão grato, quan-

---

(1) „ Cette vigoureuse resistence dut étonner d'autant „ plus les Français, que la moitié de l'armée aliiée était „ composée de nouvelles troupes portugaises peu habituées „ au feu. Mais à l'exemple des Anglais, elles firent des pro„ diges contre les fameux vainqueurs d'Austerlitz, et de „ Wagran. „ *Hist. de la Guerre d'Esp. et Port. por M. Sarrasin.*

to nos forão terriveis os momentos antes da certeza do feliz exito da batalha do Bussaco; porém a confiança inteira, que posemos em os nossos Guerreiros por este ensaio foi tal, que nunca mais hum receio salteou nossos corações. Estavão os inimigos cinco legoas distantes da Capital, e os Theatros, Passeios, e divertimentos tinhão concurrencia igual á dos tempos tranquillos de huma diuturna paz: tanto se deveo á intrepidez, firmeza, valor, e disciplina, que desenvolvêrão as recrutas Portuguezas naquelle primeiro encontro com os Francezes. Hum pequeno parallelo fará mais bem conhecido o preço da nossa vantagem. Os nossos, poucos mezes antes erão Paizanos, Officiaes Mecanicos; elles, erão de muitos annos Soldados: os nossos pela vez primeira vião o fogo; elles estavão costumados a batalhas renhidas, e sanguinosas: os nossos em desalento pelo infortunio da Praça Portugueza, chave daquella Provincia, e pelo abandono do terreno, que cedião sem combater o inimigo; elles enthusiasmados pelos favoraveis successos no começo da campanha, e pela convicção de que os invenciveis do Norte não podião ser venciveis na Peninsula. Mas a superioridade da força moral, e fizica do Exercito Francez foi, a primeira completamente anniquilada, e a segunda quasi destruida. E por quem? Este brado ressoa por todo o Continente, e talvez pelo Universo inteiro, e as alturas do Bussaco, e Arapiles, as muralhas de Badajoz, e S. Sebastião, os Campos de Vittoria, e de Tolosa respondem: — Por Portuguezes. — Tal he, ó minha Patria, o premio do valor dos vossos, sempre os mesmos, intrépidos Guerreiros!

DISCRIPÇÃO

Da incomparavel vista da Cidade de Lisboa.

NO mundo não ha hum quadro mais bello, pittoresco, e ao mesmo tempo mais grandioso, e magnífico, do que a Cidade de Lisboa vista do lado do rio Téjo. Hum tanque d'agua immenso formado pelo rio, que neste sitio tem mais de huma legua de largura, coberto de centenares de Navios ancorados, e de milhares de embarcações pequenas cruzando-se em seu contínuo giro; huma Cidade magestosa edificada em amphitheatro sobre colinas sobranceiras ao rio; o grande numero dos zimborios; os seus arrabaldes aformozeados por Conventos, Casas de campo, Jardins, e Olivaes pela parte do Nascente, e do Norte; e pelo lado do Occidente a Obra prima da Arquitectura Gothica, o Mosteiro de Bellem; as Quintas Reaes, o Jardim Botanico, e Igreja Patriarcal com a sua elevada Torre; e do lado opposto, na margem esquerda do Téjo, ferteis colinas, e no cimo da primeira a Villa d'Almada, em cuja planicie se eleva a sua Igreja Matriz; tudo concorre a formar huma reunião de objectos, que torna unica a perspectiva desta Cidade. A' proporção que o expectador se aproxima, que realce lhe accrescenta a bella, e espaçosa Praça do Commercio, o Arsenal da Marinha, e do Exercito, o Terreiro do trigo, as Ruas novas da reedificação na margem do rio, e os Cáes magníficos, que excedem em commodidade, e belleza os de París, e Londres! (1) Ge-

(1) Talvez pareça a muitos hyperbólica esta descripção;

nova, e Napoles, aliàs celebradas pelas suas agradaveis situações, nada são comparadas com a linda perspectiva de Lisboa. A monotonia de hum mar immenso, a falta de

---

porém, para minha defeza, servir-me-hei das proprias expressões de Authores Estrangeiros: e todas as vezes que poder mostrar quanto são exaltadas as cousas portuguezas pela confissão dos estranhos, não terei pejo em ser diffuso, como nesta Nota. He preciso fazer sentir bem o que somos, e o que disfructamos; e o que poderemos ainda vir a ser, e a desfructar.

,, Rien de plus beau que la vue de Lisbonne, en ,, arrivant sur la Riviere: on ne connais aucune grande ,, ville d'un aspect aussi imposant. Une plaine d'eau im- ,, mense, formée par le Tage, qui a plus de deux mil- ,, les d'Allemagne de largeur, et qui s'étend en amphi- ,, théatre sur les collines qui bordent le fleuve; le grand ,, nombre de ses domes, ses environs parsemés de maisons ,, de campagne, de Couvens, de Jardins, et d'oliviers, ,, tout celá forme un ensemble extraordinaire, et un as- ,, pect magnifique. A mesure qu'on approche, on decou- ,, vre la ville, et les collines, qu'elle couvre jusqu'au som- ,, met: on voit la belle place du Commerce, les nou- ,, velles rues, l'arsenal, la halle au blé. On admire de la ,, côte les fauxbourg de Bellem, d'Ajuda, avec sa belle ,, église, et le parc royal: et sur la côte du sud, le ,, bourg d'Almada, dond l'église est assise sur le plateau ,, de la premiere colline. Peut-on contredire le proverbe ,, portugais sous ce rapport: — Quem não vio Lisboa, não ,, vio cousa boa. — En verité on n'a nulle part une vue ,, pareille. *Link. Voyag. en Port. Tom. I.*

,, Lisbonne, situeé comme Rome sur sept collines, ,, offre, quand on la voit de la mer, un amphithéatre ,, magnifique dont l'aspect en impose par les divers édi- ,, fices de la ville, et par une chaine de rochers sus- ,, pendus de la maniere la plus pittoresque. La vue de la ,, mer, pour les habitans de Lisbonne, est également de- ,, licieuse. *Abregée des Voyag. autour du Monde. Tom. VII.* ,, *pag.* 38.

,, Les quais, où abordent les chaloupes, et les pé- ,, tits batimens, sont magnifiques; ils surpassent infini- ,, ment ceux de Londres, et de París. *Link. Tom. III.* ,, *pag.* 154.

hum rio, cujas margens risonhas sustentem a igualdade ao todo do quadro, as torna bem inferiores a esta Capital da Monarquia Portugueza.

Quanto mais se augmenta a expectação do viajante occorrendo-lhe a lembrança de que o rio, que plácido corre na raiz dos seus montes, conduz areias de ouro entre as suas aguas! E que dellas o Sábio, e Magnífico Rei D. Diniz mandou fazer a Coroa, e o Sceptro para servirem á coroação de seus Augustos Successores! Estas areias tão celebradas dos Antigos:

Tagus auriferis arenis celebratur.

Plin. L. IV. c. xxii.

ainda ennobrecem este rio: os habitantes das margens do *Leça* junto a Sarzedas ainda hoje recolhem algum ouro, e o *Leça* levando as suas aguas ao Téjo, mistura nesta corrente suas preciosas areias.

Que bello he espraiar a vista pela rua, que entra do lado oriental na Praça do Commercio, e que finda na costa occidental, depois de vê-la atravessar Bellem, Caxias, Oeiras, e Cascaes!

O ar, que se respira em Lisboa, he mais saudavel, e puro que em alguma outra parte da Europa: a fra-

---

,, Il n'y a que Genes, et Naples qui puissent rivaliser avec Lisbonne; aucune autre ville ne se presente mieux de loin, aucune ne reunit les agrémens d'un beau fleuve couvert de vaisseaux, et d'une situation en amphithéatre sur des couteaux fertiles, et bien cultivés. Il manque à Genes, et à Naples und grand fleuve, et des rivages qui soutiennent l'ensemblé du tableau; on ne voit là que l'eternelle monotonie d'une mer immense. *Idem.*

,, L'air de Lisbonne est le meilleur qu'en aucun endroit de l'Europe: la varieté des fleurs qu' on y voit en tout temps, fait qu' il semble qu' on y est dans un printems perpétuel. *Abreg. des Voyag. Tom. VII. pag.* 33. ,,

gancia, e a variedade das flores, que em todas as estações matizão os jardins, faz crer que se disfructa de huma perpétua primavera; e a grande cópia de exquisitas fructas, de saborosos peixes, e mimosas hortaliças concorrem muito para fazer mais desejada, e aprazivel a vivenda nesta Capital.

ARTES, E OFFICIOS.

Da perfeição, e fortaleza da Construcção Naval Portugueza.

A Construcção naval Portugueza sempre tem sido considerada por huma das melhores do mundo. Antes do descobrimento da America, e por consequencia antes de serem construidas as nossas embarcações com as suas preciosissimas madeiras, já pelas Nações das tres partes conhecidas do globo erão tidos os nossos Navios por fortes, e adquados ao serviço, que lhes destinavão. As Náos, com que Vasco da Gama transpoz o Cabo da Boa Esperança, rebateo a furia das ondas, e soffreo o ímpeto dos ventos, não erão construidas daquellas madeiras fortissimas; e a temeridade dos Nautas foi tão assombrosa, como admirada a fortaleza das Náos, que os conduzírão.

Quando o Imperador Carlos V. intentou castigar a ousadia, e soberba de Barbarroxa, e para isso invocou o auxilio de seu Cunhado o Senhor D. João o III. destes Reinos, lhe mandou pedir expressamente o Galeão S. João Baptista, o maior, e o mais formidavel que até áquelle tempo surcou o Occeano (jogava 366 peças de bronze, e levava 600 Mosqueteiros, 400 Soldados armados de espada, e rodella, e 300 Artilheiros). Este foi o que despedaçou com o talha-mar de aço fino, que tinha em sua prôa, a grossa cadea, com que Barbarroxa havia fechado a passagem de Tunes na garganta da Goleta, e á sua fortissima construcção se deveo o exito desta empreza, não só

por haver rompido o obstaculo, cahindo com todas as vél-las largas, e grande impulso sobre a cadea, abrindo por este modo o caminho aos outros Galeões, mas até por bater a fortaleza da Goleta com tão terrivel furia, que a elle se deveo o maior estrago, e ruina dos muros da fortaleza. Em que outro Reino da Europa havia então hum baixel, que se comparasse com este?

Este credito da nossa construcção naval, e pericia dos seus Obreiros continuou, e continúa até hoje entre as Nações Estrangeiras; e para não deixar a menor dúvida servir-me-hei das suas proprias palavras.

O Conde de Hoffmansegg, Voyage en Portugal, Tom. III. ,, As Náos de guerra são construidas de madeiras do ,, Brazil. Os Officiaes da Marinha Ingleza, que eu tive ,, occasião de consultar a este respeito, todos convierão, ,, que estas Náos são bem construidas, e muito velleiras. ,, John Turnbull, A voyage round the World, in the year, 1800 and 1804: ,, Em huma das minhas vesitas a es- ,, te Arsenal (da Bahia) experimentei huma civilidade, ,, que não he muito usual nos nossos Arsenaes Europeos. ,, Vendo-me attento a observar a Náo = Principe do Bra- ,, zil = de 64 peças, que se estava construindo, convi- ,, dárão-me com a maior franqueza para subir a ella, e ,, acompanhárão-me a todas as partes da Náo, a qual pe- ,, lo que respeitava a obra de carpinteiro estava quasi aca- ,, bada. Devo de justiça accrescentar, que esta Náo me ,, pareceo completissima, *e bem acabada peça de mão* ,, *d'obra*; e juntamente com a sua elegancia combinava ,, a fortaleza, e sustancia, que se não póde exceder, e ,, commummente *não se igualão nos Estaleiros da Europa.* ,, Para accrescentar mais fortaleza, ao que já era mui ,, forte, fizerão cavernas pela parte de dentro, que hião ,, desde a quilha até á coberta da primeira bateria. De ,, facto, esta Náo era tão forte, quanto a madeira e ferro

,, combinados com a arte humana podem produzir de for-
,, taleza : e estou persuadido, que deve durar tres vezes
,, mais do que huma das nossas Náos, commummente
,, feitas por contrato. *Os Calafates Portuguezes são talvez*
,, *os melhores do mundo.*

Se estes créditos merecem os Constructores, Carpinteiros, e Calafates de hum porto do Brazil, donde o que se tem construido não passa de ser boa, e bella a fórma do Navio, e forte, e duravel a sua construcção, que créditos então merece o Senhor Antonio Joaquim de Oliveira, Capitão Tenente da Marinha, e Primeiro Constructor do Arsenal Real da Marinha de Lisboa, que emprehendeo, e concluio o conserto da Náo S. Sebastião, mettendo-lhe quilha, e cavernas novas sobre agua, cousa até ao presente não executada, nem emprehendida?

O Almirante Jervis admirou a obra, e honrou por ella o seu Author com a sua particular estima. Os elogios, que merece pelos seus talentos, devem ser realçados pelos que lhe confere a Nação por seu Patriotismo. Havendo-lhe offerecido o Almirante Russo grandes, e vantajosos partidos para se passar ao serviço do Imperador Alexandre, pelos talentos, que lhe reconheceo, quando dirigio os trabalhos do conserto da sua esquadra, entrada neste porto antes da partida de S. A. R., respondeo: *que nunca se empregaria em serviço, que não fosse o do seu Principe, e natural Senhor.*

Os planos da construcção da Náo = Principe Regente D. João =, actualmente no estaleiro, são de sua invenção; e de tanto merecimento são, que não só no intruso Governo se extrahírão delles huma cópia, que se remetteo para França; porém até o Almirante Berkeley pedio outra, que levou para Inglaterra. He igualmente do mesmo Senhor Oliveira a construcção do Navio Occeano, e Brigue Globo, ambos da Praça de Lisboa.

Do Senhor Antonio Lopes Ferreira, Segundo Tenente da Marinha, e Ajudante Constructor do Senhor Oliveira, são os Navios da Praça denominados: Prazeres e Alegria, e General Noronha.

Que mais he necessario para se reconhecer, que a Construcção Naval Portugueza está no auge da perfeição, e que os Constructores, Carpinteiros de Machado, e Calafates Portuguezes não são excedidos actualmente por nenhuma outra Nação?

CURIOSIDADES.

Artigo Communicado.

NA Real Capella d'Ajuda, ha tres paineis dignos de attenção; hum delles, representa o Descimento da Cruz, e está collocado na Capella da Basilica, onde se rezão diariamente as Horas Canonicas. Foi seu author João Francisco Barbieri de Cento, mais conhecido pelo appellido de Guercino, o qual lhe foi dado, porque era vesgo. Nasceo em Cento, perto de Bolonha, em 1590, e morreo em 1666. He hum dos melhores Pintores, que sahio da Escola da Lombardia, e de quem se aponta maior numero de obras, pois só de altar se contão mais de cento e dez. — O 2.° he hum Painel de Santo Estevão: representa o martyrio deste Santo, e está collocado n'hum dos altares collateraes do corpo da Igreja. Seu author foi André Sacchi, discipulo do famoso Albano, o qual nasceo em Roma em 1599, e ahi morreo em 1661. — O 3.° he hum Painel da Annunciação: este Painel está collocado n'hum dos altares collateraes do corpo da Igreja, e delle foi author Agostinho Masucci, discipulo de Carlos Maratta. He de notar que este Painel foi mandado ao Senhor Rei D. João V., como modello de parte do Mosaico da Capella de S. João Baptista, que está na Igreja de S. Roque, em que então se trabalhava em Roma por ordem do dito Senhor.

POESIA.

Pedindo o Padre Braz da Costa a consoada a huma Senhora, esta lhe deu huma mão cheia de azeitonas, e lhe prometteo consoada mais avultada, se elle lhe fizesse alguns versos, em que lhe désse novidades, ao que satisfez com as seguintes:

DECIMAS.

LEmbra-me o tempo passado,
Quando sem muita demora
Fazia, bella Senhora,
Meus versos de pé quebrado:
Hoje sinto-me cançado;
Se hum verso quero fazer
Não sei o que hei-de dizer,
Por mais que queira o desejo:
Que ha-de ser, se até não vejo
Quando me ponho a escrever.

Lembra-me, quando escrevia
Folhas de papel inteiras,
Em que dava verdadeiras
Noticias do que sabia:
Hoje inda o mesmo faria;
Porém fallando a verdade,
Que importa, que haja vontade
De muito escrever em summa
Se eu não sei cousa nenhuma
Que possa ser novidade.

Mas se por fallar estallo,
Quero-vos contar de novo,
Que põe a galinha o ovo,
E do frango se faz gallo:
Falla a Freira pelo rallo,
O Letrado dá concelho,
Toda a mulher tem espelho,
As noras tem alcatruzes,
Foge o demonio das cruzes,
Cajado mata coelho.

Corre o galgo atrás da lébre,
O cão de perdiz tem faro,
Sempre o barato sae caro,
Não ha vidro, que não québre;
Sesões dão com frio e febre,
Quando mal nunca maleitas,
Os ciumes são suspeitas,
O chorar sempre faz ranho,
Não ha pastor sem rebanho,
Nem botica sem receitas.

Pelo mar andão navios,
Andão pela rua os carros,
Ha pelo inverno catarros,
Quem me dá pannos, ou fios;
Os irmãos dos pais são tios,
O fogo tudo consome,
Quem tem fastio não come,
Tudo que tem cu tem medo,
Mulher não guarda segredo,
No mundo tudo tem nome.

Péga a criada na róca,
A costureira na agulha,
Os rapazes fazem bulha,
O furão entra na tóca:
Os dentes nascem na boca,
As piteiras nos vallados,
Os moços fazem recados,
Fazem os oleiros potes,
Os alfaiates capotes,
Os amantes mil agrados.

Não ha roca sem ter ciso,
Não ha espada sem punhos,
Todo o dinheiro tem cunhos,
Paga a recolhida o piso:
O necessario he preciso,
Não falta quem sempre vem,
Tem, tem, que vale hum vintem,
Tudo o que não ha se escusa,
O antigo já se não usa,
A moda parece bem.

Os alegretes dão flores,
As hortas dão hortaliça,
As rolhas são de cortiça,
Os captivos tem senhores:
Tem as camas cobertores,
E quem tem dinheiro he rico,
Tambem o macaco he nico,
O boi he vaca no assougue,
Quem não quer perder não jogue,
A agulha tem fundo e bico.

Não póde fallar o mudo,
Tem pouco juizo os tollos,
No Natal se fazem bollos,
E filhozes pelo Entrudo:
Nem todos são para tudo,
Nem tudo a todos se diz;
Chama-se ao gato bis, bis,
Ao cão se chama tó, tó,
Não ha madeira sem nó,
Tem ventas todo o nariz.

Faz botas o çapateiro,
Faz o pasteleiro empadas,
O marujo dá facadas,
Os ladrões furtão dinheiro:
Faz doces o confeiteiro,
O homem já velho he jarra,
O navio tem amarra,
Saloia mama na burra,
Lacaio toca bandurra,
Canta na calma a cigarra.

Papoulas ha pelos trigos,
Pelas praias alforrécas,
Pelos Tribunaes ha Bécas,
Oh! que riqueza de figos!
Os velhos são mais antigos,
Não comem chouriço moiro,
As corrêas saem do coiro,
Quem tem vagar faz colheres,
Mal me queres, bem me queres,
Nem tudo o que luz he oiro.

As aranhas fazem teias,
As abelhas cera e mel,
Põem-se as letras no papel;
No sobrescrito as obreias:
Corre o sangue pelas veias,
Corre o ranho do nariz,
Corre agua do chafariz,
O postilhão corre a posta,
Pelo mar corre a lagosta,
Dá a Sentença o Juiz.

Faz-se do trigo a farinha,
Do porco faz-se o presunto,
Não ha sermão sem assumpto,
O medo he, que guarda a vinha,
Casinha, minha casinha,
Todo o gallo tem poleiro,
Hindo eu por hum outeiro,
De vagar se vai ao longe,
Nunca faz a barba o monje,
Nada se faz sem dinheiro.

O anno tem doze mezes,
Vinte e quatro horas o dia,
Não ha rapaz sem pipia,
E não ha oiro sem fézes;
Canta o rouxinol ás ve es,
Que não tem no canto igual;
O estorninho, e o pardal
Fogem de medo ao milhano,
Sómente huma vez no anno
Vem a festa do Natal.

Vou dando por acabada
A carta, se me pergunta
Tanta novidade junta
Bem merece a consoada:
Ella vem; e que aceada!
Vosso primor tudo abona.
Ai tona minha ai tona
Cantarei, Senhora, a sollo,
Se me mandares hum bollo
Por cada huma azeitona.

ANECDOTAS.

Admirando-se alguns Fidalgos Castelhanos, na presença de D. João I. Rei de Castella, do destroço, que havião feito os Portuguezes em hum tão grande exercito, qual o Castelhano, na batalha de Aljubarrota, respondeo este Monarca: No se admiren, pues es impossible ser vencido un Padre de diez mil hijos, que tal es ElRey de Portugal de los Portugueses, e ellos de su Rey.

A Rainha Catholica D. Isabel com similhante motivo, respondeo discretamente: Que haremos, pues essos son hijos, y los mios vasallos!

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNÉMOSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. II.

MEMORIAS.

O General Junot ferido junto a Rio Maior.

NInguem ignorou, que junto a Rio Maior havia sido ferido no rosto o General Junot, e que das consequencias daquella ferida viera a falecer; porém julgo, que mui poucos souberão as individuaes circunstancias deste successo, que fez alli se verificasse o verdadeiro premio, que lhe deviamos pela ostentaqão da batalha fingida, que lhe conferio o titulo do seu não possuido Ducado. Esta personagem faz tanto vulto na nossa historia moderna, que merece saibamos os menores incidentes da sua vida. Não bastava ve-lo de Governador de Portugal, e General em Chefe passar a General de Divisão, e a subalterno de Massena; mas até ser-lhe originada a morte no paiz, em que se enfeitára talvez para Soberano! Eis como refere o facto huma testemunha presencial, addicta ao Estado Maior do Exercito Francez:

,, O Duque de Abrantes devia conduzir forças contra ,, Rio Maior, a fim de expulsar dalli o inimigo, e obser- ,, var as cercanias de Alcoentre. A 19 de Janeiro de 1811

,, á testa de cinco mil homens de infanteria, e trezentos
,, cavallos, partio de Alcanede ás cinco horas da madru-
,, gada. O inimigo tinha constantemente na Villa de Rio
,, Maior varios batalhões, e alguma cavallaria. O Duque
,, mandou accommetter os entrincheiramentos, e a ponte;
,, e em menos de meia hora fomos senhores da Villa, e
,, expulso o inimigo em desordem (*fanfarronada franceza*:
as tropas Anglo-Lusas tinhão ordem de não entrar em hum
combate serio, razão porque se retirárão). ,, O Duque
,, impaciente de observar pessoalmente a direcção, que to-
,, mavão as columnas Inglezas, correo a galope a huma
,, pequena eminencia além dos caçadores avançados. Neste
,, momento foi gravemente ferido de huma balla, que o
,, apanhou pelo rosto. Quatro Hussares Inglezes, que ti-
,, nhão ficado de atalaia n'huma altura vizinha para obser-
,, varem a nossa marcha, vendo aproximar-se alguns Ca-
,, valleiros, descarregárão as clavinas, e corrêrão a juntar-
,, se á retaguarda dos seus, não imaginando, certamente,
,, haverem em huma tal occasião ferido hum General em
,, Chefe. A balla quebrou-lhe o osso proprio do nariz jun-
,, to á sua articulação, e escorregou sobre o pómulo da
,, face direita. O Duque de Abrantes conservou o maior
,, sangue frio, apezar de se ver ferido em huma parte tão
,, perigosa, em quanto se lhe poz o primeiro apparelho;
,, e supportou o incommodo de voltar a cavallo ao seu Quar-
,, tel General de Pernes, não obstante padecer immensas
,, dores. O Cirurgião-Mór do 8.° Corpo lhe fez immedia-
,, tamente a operação de lhe incisar a face para extrahir
,, a balla, que se achou inteiramente achatada pela resis-
,, tencia, que experimentára ao resvalar sobre o osso ma-
,, xilar. Poucos dias depois o mesmo Cirurgião-Mór pôde
,, segurar ao exercito, que a ferida daquelle General não
,, era mortal; porém não dissimulou, que podia cedo, ou
,, tarde produzir graves, e funestas consequencias. ,,

DISCRIPÇÃO

Da Praça do Commercio de Lisboa, e da Estatua Equestre.

A Praça do Commercio, ainda que esteja por acabar, he comtudo digna da attenção do viajante curioso, e intelligente pela grandeza do projecto, e desempenho da execução, do que se acha acabado. A sua área he de 875 palmos de Nascente ao Poente, e 804 de Norte a Sul, não contando o bojo, que no meio fórma o Cáes, que a augmenta ahi mais de 80 palmos, com 160 de diametro, do qual descem tres rampas para o rio, para commodo do embarque em qualquer estado da maré. Do lado setemptrional desembocão em distancias regulares as tres grandes ruas, que descem do Rocio, e Praça do mercado da fruta, e hortaliça até esta Praça, vindo ao meio della a Rua Augusta de 80 palmos de largura. Deve ornar a entrada desta Rua na grande Praça hum magestoso arco de 100 palmos de alto, todo de cantaria, adornado de 6 columnas da ordem composta de quasi 42 de alto, e de huma só pedra: estas 6 columnas já alli se achão collocadas. Sobre o tympano do mesmo arco se elevará huma torre, que nas suas quatro faces ha de ter mostradores do relojo, que nella deve estar. Diversas estatuas, e ornatos análogos servirão de enfeitar este arco, que terá desde o pavimento até á grimpa da torre 260 palmos. A Rua Aurea, e a Rua Bella da Rainha tem 60 palmos de largura, e cada huma das tres tem de comprimento 2530 palmos. Pelos dois lados destas Ruas servem de çapata ás casas dois passeios de can-

taria lageados, e defendidos das carruagens por huma ordem de columnetas de pedra, que as guarnece por todo o comprimento da Rua: o mesmo segue nas ruas contiguas, sendo em algumas dellas as columnetas menores em altura. O resto da Praça he fechado com huma grande arcada de cantaria, sobre a qual se sustentão as galarias das janellas dos dois pavimentos, tudo guarnecido de huma batibanda de cantaria de 9 palmos de alto, e os plintos, que cortão a intervallos certos a gradaria de pedra, devem ser adornados cam varios tropheos de marmore. A altura da arcada, galarias, e batibanda he de 73½ palmos.

Nos extremos destes dois lados da parte do Téjo se levantão dois soberbos torreões de cantaria fazendo face á Praça, e ao Téjo, cuja altura até á grimpa ha de ser de 292 palmos cada hum, com huma porta para a Praça, outra para o Rio, adornada de duas columnas de Ordem Dórica. O torreão, e parte da arcada do lado occidental está por acabar, e a parte completa está occupada na primeira galaria pela Meza do Desembargo do Paço, Casa da Supplicação, &c., e na segunda pela Real Bibliotheca Pública. O torreão da parte oriental he no pavimento do chão interiormente sustentado por 16 columnas da Ordem Dórica, e serve de Praça dos Negociantes. A arcada, e as duas galarias deste lado servem de Alfandega, Casa da India, e Consulado. Defronte destes torreões ha outros dois semicirculos com duas rampas lateraes em cada hum para embarque. As galarias do lado do Norte acabadas achão-se occupadas pela Real Junta do Commercio, Senado da Camara de Lisboa, e outros Tribunaes. O desenho desta Praça, e da Estatua Equestre he do Arquitecto Eugenio dos Santos. Nota-se-lhe a mesquinhez da segunda galaria desta Praça, mas cumpre desculpa-lo; porque a cimalha, que lhe fica superior, devia igualar a altura da que guarnece os torreões por cima da primeira galaria destes: no que não tem des-

culpa he de fazer entrar a batibanda pelo váo de huma das janellas da segunda galaria dos torreões, que olha para o lado septentrional.

No meio desta espaçosa Praça está collocada a Estatua Equestre do Senhor Rei Dom José Primeiro. Sóbe-se por seis degráos de cantaria a hum plano, cuja superficie tem 72 palmos de comprido, e 62 de largo. Neste plano assenta hum sóco de 12 palmos de altura, 38 de comprimento, e 37½ de largura, tendo os cantos cortados de fórma, que fica fazendo a figura de huma cruz. Nos dois braços desta estão dois gruppos de excellente esculptura, tendo as figuras as faces voltadas para o Rio, donde se considera ser a entrada da Cidade. O gruppo que fica á direita representa o Triunfo, tirando pelas redeas hum cavallo, que atropella hum prisioneiro de estatura gigantesca, e o que fica á esquerda representa a Fama com hum Elefante, que piza outro prisioneiro de igual estatura (1), e em ambos os gruppos estão espalhados varios despojos de guerra. A allegoria destes dois gruppos he, que Portugal em diversos tempos tem tido muitos, e gloriosos triunfos, principalmente nas duas partes do mundo, designadas pelo cavallo, e elefante. D'entre os gruppos nasce o pedestal com o comprimento lançado para a frente do Téjo, que tem de altura 32 palmos, de comprido 27, e de largo 18: as duas faces a que

---

(1) Alguns críticos tem notado, que este elefante não tem a corpulencia natural dos animaes da sua especie, pois confrontando-se o elefante com o cavallo, que do outro lado lhe fica, mostra defirir mui pouco no tamanho; porém attenda-se, que o sabio Artista, com quem se conferio sobre a execução, e allegoria dos gruppos, vendo que o elefante sendo da sua natural grandeza faria este gruppo de muito maior volume, que o do lado opposto, para salvar a deformidade, e a crítica, lembrou, que o esculpissem apenas apontando-lhe os dentes para o designarem de pouco tempo nascido.

se encostão os gruppos são planas, e a frente e revez convexas. Na frente deste pedestal estão relevadas as Armas Reaes de Portugal, e pendente dellas huma grande medalha oval de 5 palmos de altura, e 4 de largo, em que outr'ora avultou a effigie do Grande Marquez de Pombal (2), e onde agora estão as Armas do Senado da Camara de Lisboa, representadas em hum Navio com hum corvo á pôpa, outro á prôa. No sóco, que fica por baixo do pedestal, a estampa, que ha deste bello monumento, aberta ao buril pelo Senhor Joaquim Carneiro da Silva, apresenta a seguinte inscripção:

JOSEPHO I.
Augusto, Pio, Felici, Patri Patria.
Quod Regiis Juribus. Advertis. Legibus. Emendatis.
Commercio. Propagato. Milicia Et Bonis Artibus Restitutis.
Orbem Funditus. Eversam Terraemotu. Elegantiorem
Restauraverit.
Auspice Administro Ejus Marchione Pombalio Et Collegio
Negotiatorum curante
S. P. Q. O.
Beneficiorum Memor
P.

Na face que olha contra a Cidade se vê hum painel de baixo relevo: nelle a Generosidade Regia, representada em huma mulher com coroa na cabeça, e vestes reaes, desce de hum throno na acção de dar a sua protecção á Cidade de Lisboa, que se figura em outra mulher desmaia-

---

(1) Na noite de 26 de Abril de 1777 amanhecendo para o dia 27, que foi em hum Domingo, se picou ao martello, e desfez a medalha com a imagem do dito Marquez; e por amanhecer sem se concluir a total extinção da effigie, se cobrio o sitio della de gesso. Consta que as ruas contiguas estiverão toda a noite atacadas de soldadesca para não passar pessoa alguma para a dita Praça.

da encostando a mão esquerda a hum escudo com as armas do Senado: tem a Generosidade junto a si hum Leão, que he o seu symbolo. Ao lado direito apparece hum varão armado de malha, e lança, tendo na mão hum ramo de oliveira, pelo qual denota o Governo da Republica, em acção de querer levantar a Cidade abatida. Hum Genio coroado de louro, e de huma estrella, e com tres coroas igualmente de louro na mão esquerda, representando o Amor da virtude, com a direita péga no braço do Governo da Republica, e o guia á presença da Generosidade Regia, a quem inculca os intentos, que ella tem de levantar a Cidade. Parece esta approvar o designio, e com a mão esquerda lhe marca o sitio da reedificação, onde já se divisão principios de edificação em columnas, mastros, &c., e com a direita lhe aponta os meios, com que ella póde ir avante, que são pelo Commercio, Providencia Humana, e Arquitectura; personalizados o Commercio em hum varão ricamente vestido, que ajoelhado offerece á Regia Generosidade hum cofre aberto com immensas riquezas; junto a elle estão os symbolos, que o designão, a cegonha, e as mós de moinho: a Providencia Humana, em huma mulher coroada de maduras espigas de trigo, sustendo na mão hum leme, e duas chaves, e como fallando com o Commercio lhe mostra a Arquitectura, representada em outra figura de mulher, que pegando com a mão direita no esquadro, e compasso, com ambas segura a planta da Cidade, que lhe quer entregar para guia da reedificação. Toda esta esculptura, e o modelo da Regia Estatua he obra do excellente Estatuario Portuguez, o Senhor Joaquim Machado de Castro. (1)

---

(1) Murphy na sua viagem a Portugal a pag. 151, fallando do merecimento da esculptura deste monumento, e de seu Author se expressa da seguinte maneira. ,, It is

Sobre este pedestal está collocada a Grande Estatua de bronze do Senhor D. José I., montada sobre hum soberbo, e elegante cavallo, vestida de armas brancas, allusivas á Heroica Fortaleza, com que este immortal Soberano salvou, e defendeo os seus Povos dos estragos, e maquinações, que não tinhão menor fim, que a ruina absoluta da Monarquia: empunha na mão direita o sceptro, e com a esquerda toma as redeas do cavallo: tem de alto 31½ palmos. As cobras, e silvados, que estão espalhados pelo montuoso terreno, que piza o cavallo, são allusões aos grandes embaraços, que se vencêrão para a reedificação de Lisboa, e ás maximas viciosas, que se extinguírão para felicitar o Estado. Esta Estatua ficou algum tanto inclinada para a parte esquerda por causa de negar-se a entrada para dentro do círculo das tropas ao Author do seu modello, quando o hia advertir; e havendo obtido faze-lo saber, já a esse tempo não se lhe pôde dar remedio por se ter acabado de chumbar naquelle momento. Huma grade de bronze de bello lavor fecha este precioso monumento.

Esta grandiosa Estatua, he fundida de huma só peça pelo insigne Bartholomeu da Costa, homem de hum genio tão emprehendedor como raro (1), o qual inventou hum

---

„ from the latter every artist and amateur will judge of
„ the merit of this sculptor, particularly the group at
„ the North side, which must be allowed to possess great
„ taste, delicacy, aut spirit.

„ The figure and the horse are also very noble pro-
„ ductions; but in cast of this kind we must not look
„ for excellence in the detail, as the delicate touches of
„ the chisel are always lost in the foundry; if the ge-
„ neral form and the masses will bear the test of criti-
„ cism, we can expect no more, and in this respect de
„ Castro has acquitted himself in a masterly manner. „

= *Travels in Portugal.* =

(1) A grande invenção, e raro talento deste homem

novo instrumento para tomar as dimensões della, nunca antes visto; sendo tal o seu engenho, e ajustado cálculo, que se servio do mesmo forno, em que d'antes se fundia a artilheria, para derreter 84$032 arrates de metal, que tanto foi necessario para a fundição da Estatua, cujo metal gastou 28 horas em se derreter, e se encheo a fôrma em oito minutos, ficando tão perfeita, que a não serem os muitos canaes, que se lhe tinhão feito para correr o metal, e respirar o ar, poderia logo collocar-se em seu devido lugar.

He esta bellissima Praça destinada para nella se celebrarem as maiores Funções Públicas. Nella se fez a acclamação da Augustissima Rainha a Senhora D. Maria I.; e se corrêrão as sumptuosas cavalhadas, e combates de Toiros pela occasião do feliz nascimento da Serenissima Senhora D. Maria Thereza, primeiro fructo da Successão dos nossos Augustissimos Soberanos.

---

singular, não he sómente conhecida pela fundição desta magnífica Estatua. O Marechal General Conde de Schauembourg la Lippe não se cançava de gabar a artilheria fundida por Bartholomeu da Costa, antepondo-a a toda a que se fazia nas outras fundições da Europa. Todos conhecem de quanto pezo he o voto deste General nesta materia.

Nunca vio Bartholomeu da Costa outra fundição, nem os engenhos, com que as peças se brocavão; porém este genio emprehendedor, pelas estampas póde construir as máquinas para se brocarem as peças, e morteiros; e chegou até a inventar outras máquinas para se tornear toda a artilheria ainda pelos munhões, e culatra; engenhos vistos pela primeira vez no mundo, e que parecia impossivel aos mesmos Estrangeiros terem o seu devido exito; o que só podia ser fructo de huma apurada meditação do maior Maquinista do Universo.

Toda a porcelana da Europa se póde fundir dentro da porcelana da China; porém Bartholomeu da Costa depois de varias experiencias alcançou fazer huma porcelana infinitamente melhor que todas as de que temos noticia, e superior á mesma do Japão; pois por huma constante experiencia se vê, que se chega a fundir a do Japão dentro da porcelana feita por B. da Costa.

CURIOSIDADES.

NO Arsenal Militar d'Artilheria de Lisboa, denominado vulgarmente = A Fundição de cima = ao Campo de Santa Clara, está actualmente a peça de Dio, digna da attenção dos curiosos.

Esta peça de Artilheria de bronze tem 28 palmos de comprido, e calibre proporcionado: Foi tomada ao Rei de Cambaia no cerco de Dio, na India, por Nuno da Cunha em o anno de 1539, donde veio remmettida a Portugal com outros troféos das victorias, que alcançou aquelle valoroso Capitão do sobredito Rei.

Esta peça achava-se na Fortaleza de S. Julião da Barra, quando, por occasião de erigir-se a Estatua Equestre, o individuo encarregado de fazer conduzir a artilheria velha de bronze para se derreter, por ignorancia, a mandou entre outras muitas para se fundirem. Diz-se, que estava a ponto de se lançar na caldeira, quando achando-se alli casualmente o Embaixador de Tunes (para vêr o modelo da Estatua, e as máquinas proprias para aquelle grande Artefacto) o qual pouco antes tinha chegado a Lisboa, ao passar a peça por diante delle fez reparo na inscripção Arabica, e indicando-a ao seu interprete o Reverendo Padre Fr. João de Sousa, este ordenou, que a fizessem recuar da fornalha; e por ser hum testemunho dos gloriosos triunfos dos Portuguezes na Azia, não só recommendou a sua conservação, mas até traduzio a inscripção Arabe, que he a seguinte:

,, Inscripção Arabe, que está em huma Peça chamada de Dio; a qual se acha na Fundição, com a traducção da dita em Portaguez. Lida, e traduzida, pelo Padre Fr. João de Sousa, Religioso da Terceira Ordem da Penitencia da Provincia de Portugal.

,, Do Nosso Soberano Mahêy, Rei dos Reis do Seculo, Filho da Nobre Senhora Rahân, Defensor da Lei Mahometica, Vencedor dos Táneos (1), Expugnador, e destruidor dos Ebaditas (2), no memoravel dia da peleja, antes do Rei Sálib. Herdeiro do Rei Suliman, Confidente em Deos, Pai da Patria, e das Sciencias, e Rei de Madárchah.

,, Foi fundida a 5 do mez de ZilKâde, anno de 939 da Hegîra; que corresponde a 16 de Janeiro de 1526. ,,

---

(1) ,, Os Táneos são huns Povos, que vivem junto a Ethiopia. ,,

(2) ,, Os Ebaditas, são certos Povos descendentes de Ismael; os quaes occupavão a Mesopotamia, e as margens do Rio Eufrates.

ANECDOTAS.

São notaveis os Portuguezes na agudeza das respostas, principalmente em redarguir o ultraje disfarçado em maliciosa pergunta.

Dois Jesuitas, encontrando-se em huma estrada com dois Bernardos, para os chasquearem fingírão nunca haverem visto taes habitos, pois lhes perguntárão, depois da saudação da civilidade, de que ordem erão. Os Bernardos, que erão finos, conhecendo-lhes a maliciosa tenção, affectando muita simplicidade, respondêrão: Nós somos filhos do grande Patriarca São Bernardo: E Vossas Reverendissimas de que ordem são, que os vemos com esses chapeirões desabados, e borjacas pretas? = Somos da companhia de Jesus, lhes tornárão os primeiros. = De qual dellas, replicárão os Bernardos? = Não sabemos (disserão os Jesuitas, surrindo-se da materialidade, que suppunhão nos Bernardos), que haja mais do que huma companhia de Jesus. = Como são ignorantes, concluírão os ultimos! Pois não sabeis, que Jesus teve duas companhias, huma de brutos no Presepio, outra de ladrões no Calvario?

Hum Medico havia sido chamado para tratar de huma maligna, e ordenando á enferma comesse laranjas, succedeo morrer a enferma. Mostrando-se a este mesmo Medico a pintura de huma Salla, que representava os Campos Elysios, onde em huma das paredes havia huma figura, que por vir a luz do fundo estava tocada de sombras; para ostentar de intelligente na Arte da Pintura, de versado na Mythologia, e atacar o Artista, que trabalhava, e que era hum dos mais acreditados, lhe perguntou: „ Que funebre figura he aquella, e que faz por entre estas arvores? — „ He a alma da Senhora D. Fulana, que anda nos Campos Elysios em procura de laranjas, „ lhe respondeo o Pintor.

Biblioteca Lusitana em Londres.

HE tão honroso o projecto dos Portuguezes residentes em Londres de estabelecerem huma Livraria Pública para seu uso, que a pezar de ser público este mesmo projecto nos periodicos portuguezes impressos em Inglaterra, julgo dever dar-lhe hum lugar distincto neste periodico, para mais o vulgarizar.

A gloria de serem os primeiros, que se lembrárão de hum tal estabelecimento, não lha póde roubar Nação alguma; assim como tambem a de ter conseguido estabelecer tres Jornaes na Lingua Portugueza, quando os demais Estrangeiros não o tem podido conseguir; por que se alli se imprimem dois periodicos em francez, a generalidade daquella lingua os faz adaptados para o uso das Nações continentaes; e mesmo assim que proporção tem os dois francezes, com os tres portuguezes, quando aquelles são proprios a todos os paizes cultos, e estes o são sómente a Portugal, e Brazil! A Gazeta Alemã, e o periodico Italiano, que alli se imprimírão, findárão pouco tempo depois da sua publicação.

O projecto deste estabelecimento honra tanto a Nação Portugueza, que desejariamos em todas as Côrtes da Europa, aonde ha grande numero de Portuguezes, se estabelecessem iguaes pontos de reunião, para os Estrangeiros se convencerem de que nós não estamos naquelle atrazamento, que Escriptores, e Viajantes parciaes lhes tem feito suppôr. Infinitos louvores sejão dados aos authores de tão gloriosa empreza.

PROJECTO.

Offerecido a todos os Portuguezes residentes em Inglaterra; pelo qual são convidados a emprehender huma tão decorosa como util instituição.

O simples nome de Biblioteca basta para recommendar hum tal estabelecimento, quando se considerão as vantagens, e progressos, que lhe deve a civilização. Tão bello projecto mais de huma vez tem sido lembrado por alguns Portuguezes, mas nunca pôde ir ávante por falta de cooperadores.

Tendo, porém, crescido neste paiz o numero dos Portuguezes, he para sentir que não tenhão hum ponto de reunião commum, que indique ao mesmo tempo o seu *espirito nacional*, e o amor, e veneração, que todas as Nações devem ter pelas cousas, que constituem os brazões mais esplendidos da sua gloria.

Nada mais adequado póde haver para este fim, nem para dar huma idéa vantajosa da civilização dos Portuguezes, que vivem neste paiz illuminado, do que a instituição de hum lugar público consagrado á *Litteratura Nacional*, que offereça a todos facil meio de irem alimentar, e fortalecer o *Patriotismo*, que lhes he natural com a leitura dos bons Authores Portuguezes, de que lhes resultarião muitos proveitos; e além de outros, o de adquirirem, e conservarem a pureza da sua lingua, que mui arriscados andão a viciar, e perder, vivendo em paiz estrangeiro sem o proprio antidoto; e o de se instruirem nas Historias, e mais cousas da sua Nação, que he obrigação de todos não ignorar, e que, em pontos de ricas, e interessantes, por nenhuma das modernas são excedidas.

Estas, porém, não são as unicas vantagens, que de-

vem induzir os *Portuguezes Patriotas* a lançar mão do projecto. A Livraria deverá conter todas as obras, que disserem respeito ao Commercio, e ás Artes: por tanto lá irão consultar as Historias, e as Leis do Commercio, os Tractados, as Tarifas, os Mappas, as Gazetas, e os Jornaes mais interessantes de todas as Nações: o que tudo he de utilidade manifesta. Não deixaremos tambem de mencionar, que os Jornaes Portuguezes, que se publicão neste paiz, receberião grande beneficio de huma tal instituição.

O modo mais prompto, e conveniente de pôr em execução este projecto, he pela fórma seguinte:

Logo que haja hum sufficiente numero de pessoas, que queirão contribuir para este estabelecimento patriotico, os motores do projecto cuidarão em preparar hum orçamento das despezas, que será necessario fazer, assim em Livros (1), como no arranjo da Casa para a Livraria. Ao mesmo passo cuidarão em lavrar hum projecto da Instituição, e Regulamentos da Livraria.

Acabado isto de apromptar, serão convocados os Contribuintes para hum dia, e lugar determinado, e alli em sua presença será lido o orçamento das despezas acima dito, á vista do qual votarão, ou todos igualmente, ou cada hum o que quizer, na proporção de £ 20 — 40 — 60 — 80, etc. por diante; sendo o menos que se póde votar £ 20. Todos os que contribuirem em qualquer das proporções acima ditas, serão por conseguinte os proprietarios, e denominar-se-hão Governadores da Livraria.

Serão todos iguaes em privilegios, excepto em votos nas deliberações á cerca dos negocios da Livraria; porque neste respeito cada £ 20 de entrada constitue hum voto.

---

(1) Livros Portuguezes todos os de nota; estrangeiros, por ora, só os de maior nota, e necessidade.

Depois de votadas todas as despezas, e determinados os votos de cada hum dos Governadores, ser-lhes-ha submettida a Instituição, e os Regulamentos da Livraria para serem approvados, ou modificados á maioria de votos.

Acabado isto nomear-se-ha hum Thesoureiro, e este juntamente com os motores do projecto formarão huma Commissão, que haja de o pôr em prática.

Nenhum dos Governadores contribuintes precisará ter incommodo com a execução do estabelecimento, salvo se o quizer ter.

Haverá hum livro para se assentarem as receitas, e as despezas, e dar-se-hão contas na primeira convocação de Meza depois do estabelecimento concluido.

Por este modo fica a Livraria estabelecida por huma só vez.

As despezas annuaes para a sua manutenção serão feitas por subscripção annual adiantada, a mais extensa que se poder fazer.

A subscripção será renovada todos os annos, e não poderá ser de menos de 2 guineos.

Se a monta das subscripções não chegar (o que não he provavel) para as despezas annuaes da Livraria, o *deficit* será prehenchido pelos Governadores: se sobejar dinheiro, ou ficará em caixa para os annos, em que faltar, ou para concerto, augmento, ou melhoramento da Livraria, segundo em Meza se decidir.

Estes são os artigos, que pareceo necessario fazer entrar neste prospecto, porém, todos estes, e tudo o mais que se julgar necessario estipular a bem do estabelecimento, será submettido á decisão dos Governadores.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNÉMOSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. III.

MEMORIAS.

As conquistas dos Portuguezes na Azia preservárão a Europa da invasão dos Turcos.

NAda favorece mais as intenções hostis de hum Povo feroz, e ambicioso, do que as divisões, que observa em os visinhos Povos. Nada decepa tanto as forças, e aterra os animos, como huma acção atrevida rapidamente executada. Eis o que observava, e conhecia Selim, Imperador dos Turcos, e seu successor Solimão II., no principio do Seculo decimo sexto.

A Europa dilacerada pelos diversos, e oppostos partidos da Religião, e da Politica dos Monarcas, esgotada de numerario, e forças pelo mallôgro das expedições das Cruzadas; inquieta internamente pelos interesses das Côrtes, estava a ponto de ser reduzida á escravidão por huma irrupção dos Turcos, se não lhes divergissem as forças as conquistas dos Portuguezes na Azia.

Ufanos estes barbaros com as felizes invasões no Frioul, e Peloponeso; com a conquista da Syria, e do Egypto; com a tomada de Belgrado, e Ilha de Rhodes; achando a

Alemanha inquieta, e dividida pela defeza, ou opposição da doutrina de Luthero, e projectos hostis, e ambiciosos do Vaivoda da Transylvania; a França empenhada na acquisição do Milanez, e de Napoles; a Inglaterra entretida nas disputas da dissolução do casamento de Henrique VIII., e intrigas do Cardeal Volsey; e a Italia escrava daquelle Principe, cujo exercito triunfava; quem lhes tolhia, que verificassem o mesmo, que havião feito os Vandalos, e Suevos, essas nações ferozes, que das extremidades da terra tinhão vindo substituir os Romanos? Que flagelo não hia sentir o genero humano! Que jugo de ferro não hião soffrer as Sciencias, e as Artes, que felizmente progredião! Sem o descobrimento da India pelo Grande Vasco da Gama; sem as conquistas, que depois delle fizerão os Portuguezes na Azia; sem o temor de ser invadida a Turquia pelo intrépido Affonço de Albuquerque, que teve a audacia de emprehender a conquista da Méca, o facho da liberdade Europea se extinguiria talvez para sempre.

Não entra em dúvida a disposição hostil dos Turcos naquella brilhante época da nossa gloria. O Papa Leão X. em 1517 tanto a temeo, que enviou Legados a todos os Principes Christãos para os exhortar a se unirem contra o Imperador Selim. O exemplo de Mahomet Benhemet em 1510, que, dizendo-se oriundo do Profeta, e havendo passado de hum incognito solitario a hum Chefe de partido, conquistára os Reinos de Fez, de Marrocos, e de Trémessen, havia enchido de orgulho a Porta Ottomana, e de terror a Côrte de Roma. Solimão II., o açoite dos Hungaros por terra, e por mar o vencedor dos Cavalleiros de S. João de Jerusalem, põe em campo hum exercito formidavel, assola a Hungria, e chega a pôr sitio a Vienna, Capital d'Austria. Sem as forças, que distrahio para a Azia, a irrupção se verificára. Não lhe disputando a posse das riquezas do Oriente os bravos Portuguezes, não lhe transforman-

do Ormus, Dio, e outras Praças em cimiterios dos Turcos, quem estorvára os rápidos progressos da intentada invasão? Não lhe arrancando das mãos o rico, e florente commercio daquelle Occeano, quem obstaria, a que tivessem a mais formidavel Marinha do Mundo?

Cumpria aos Lusitanos serem os que por mais tempo sustentassem a sua independencia contra os Romanos: Cumpria aos Portuguezes serem os que livrassem a Europa da irrupção dos Turcos com o descobrimento, e conquistas na India: Cumpria ultimamente aos mesmos Portuguezes serem os que, disperso seu exercito, roubados seus cofres, anniquilados seus recursos, déssem com o seu valor, e patriotismo o exemplo a dispertarem do lethargo as Nações, que compravão a sua tranquillidade com o sacrificio da sua independencia.

DESCRIPÇÃO

DE EDIFICIOS, MONUMENTOS, etc.

(Continuação do Artigo começado no N.° II. a pag. 27.)

Da inauguração da Estatua Equestre, e das Festas, que se fizerão por esta occasião.

TEndo sido fundida a Estatua Equestre no dia 15 de Outubro de 1774, passados tres dias a foi vêr o Marquez de Pombal, e todos os Ministros Estrangeiros, e successivamente hum grande numero de pessoas, que não se saciavão de admirar o bom exito, e grande arte, com que fôra acabado este grande monumento da Gloria Portugueza. Decorrêrão os mezes que se lhe seguírão em aprompta a máquina, que a devia transportar, e a que a devia levantar tanto no sitio da sua fundição no Arsenal de cima, como no lugar da sua collocação. Em 22 de Maio de 1775 começou a mover-se para o seu destino puxada pelo Juiz do Povo, Deputados da Casa dos vinte e quatro, Juizes, e Elleitos das Bandeiras dos Officios, cuja máquina pezava mais de 5$000 arrobas. Na tarde do dia 27 a subírão ao seu lugar, e no dia 6 de Junho, dia dos annos daquelle Grande Monarca se descobrio a sua Estatua, que foi ac-

clamada pelos tres Reis d'Armas Portugal, Algarve, e Goa: Viva D. José I. Rei de Portugal, cujo clamor foi acompanhado dos clarins, e trombetas, que estavão nos cantos do Pedestal. A tropa postada em torno da Praça, abatidas as bandeiras, apresentou as armas, e todos os Officiaes fizerão as devidas continencias. N'essa noite houverão luminarias, entre as quaes merecêrão distincta contemplação as de Anselmo José da Cruz Sobral, sendo as da Praça do Commercio tão famosas, que passavão de 28$000 lumes, fóra os que pendião dos lustres pendurados na sua extensa arcada. Suas Magestades se recolhêrão a Palacio, aonde toda a Côrte concorreo a assistir á magnífica Opera, que nessa noite se representou no Theatro Real.

O Juiz do Povo, e Casa dos vinte e quatro tinhão disposto para a mesma noite na salla das suas Juntas huma vistosissima funcção, para a qual tinhão convidado por bilhetes muitas pessoas de hum, e outro sexo, começando o divertimento por huma Sonata executada pelos mais habeis instrumentistas, e no fim della fez o Juiz do Povo huma Oração, a que se seguírão Composições Poeticas em louvor a Sua Magestade, repetidas por todos os vinte e quatro Deputados, e alternadas por córos de musica, aonde se patenteava o regosijo dos Portuguezes por composições de todos os generos de Poezia.

Na mesma noite celebrárão os Collegiaes de Santa Maria de Jesus a collocação da Real Estatua em huma academia litteraria na presença do Excellentissimo Bispo de Béja Fr. Manoel do Cenaculo, e dos Deputados da Meza Censoria. Começou por huma synfonia, seguindo se huma Oração em Latim do Padre Fr. João da Silveira de Lima, e varias Composições em Verso, e Prosa nas Linguas Grega, Hebraica, Arabica, Ingleza, e Franceza, que tudo foi vertido em Portuguez, acabando com hum delicado refresco.

No segundo dia vierão Suas Magestades, e Altezas vêr as grandes festas, que o Senado, e o Povo celebrárão, cuja entrada se fez por oito carros triunfaes, e danças que os acompanhárão. O primeiro carro representava o Templo da Memoria: o segundo a America, acompanhado da dança das Curraleiras: o terceiro a Africa, com a dança das Regateiras: o quarto a Azia, com a dança das Horteloas: o quinto a Europa, com a dança das Colarejas: o sexto era o carro de Apollo: o setimo o do Occeano, e Thetis: e o oitavo o de Portugal, que era o mais rico de todos, e assim se encheo a tarde com estas danças, e sahidas dos carros, continencias, e musica. A's Ave Marias se tornou a illuminar a Praça, e se lançou hum grande, e vistoso fogo de artificio, que levou parte da noite.

Acabado o fogo passárão SS. Magestades á grande Salla d'Alfandega aonde estava disposta a grande funcção desta segunda noite. Tem esta Salla 223 palmos de comprimento, e 96 de largo. A sua maior extenção se achava dividida por 19 chariatides por banda, que sustentavão o tecto. Os bustos destas chariatides erão prateados, e as serpentinas doiradas, e pelos lados se fingírão portas, e janellas de exquisito lavor. Tinha a Salla 14 tremós por cada lado, 28 placas grandes, 69 serpentinas de quatro lumes, 112 de tres lumes, e 48 de dois lumes, e pendião do tecto além disto 48 lustres de cristal.

Por toda a largura se fez hum grande coreto para a musica, sendo chamadas as melhores vozes, e instrumentistas para cantarem a Serenata em Italiano intitulada = L'Eroe coronato = cujo desempenho foi gratificado com 20 peças de 6$400 réis a cada huma das vozes, e 4 a cada hum dos instrumentistas. A musica foi da composição de David Peres, a quem se deo hum grande donativo.

No fundo da Salla se fez huma Tribuna para a Real

Familia, que assistio todo o tempo da Serenata, e depois se retirou. Na Salla immediata estava aparelhada huma grande cea. O lado esquerdo da meza representava hum grande lago, em que nadavão vasos de todo o toque, que ha no rio com a devida proporção, e o resto da meza era guarnecido de arvores, figuras, etc. Esta Salla estava illuminada com 1☩200 lumes.

Servio-se huma cea com a maior profusão, e delicadeza, que se póde considerar, trabalhando mais de hum mez nos aprestes para ella, onde as viandas forão as mais delicadas, os refrescos os mais exquisitos, preciosos os licores, etc.

Seguio-se depois hum bem ordenado sarão, que se rompeo pelo Excellentissimo Conde de Oeiras, Presidente do Senado, filho do Marquez de Pombal, e a Excellentissima Embaixatriz de Hespanha, a que se seguio a Excellentissima Marqueza de Pombal, com o Excellentissimo Embaixador, e assim seguindo a Côrte sem precedencia, não entrando nesta função senão as Senhoras da primeira Grandeza, que não fossem solteiras.

No terceiro dia houverão as mesmas entradas de carros, e danças, etc. e ás Ave Marias se illuminou a Praça, e se deitou outro grande fogo de artificio, acabado o qual se retirou a Familia Real.

Para este dia convidou Anselmo José da Cruz Sobral as pessoas distinctas para assistirem ao Drama = O monumento immortal, = que ordenou o Bacharel Theotonio Gomes de Carvalho, e pôz em musica João de Sousa; findo o qual se passou a outra Salla, onde estava ordenada huma esplendida cea em huma meza, que tomava hum rico, e vistoso deser de Saxonia, e a delicadeza, e profusão das iguarias foi correspondente á grandeza de toda esta função.

Não acabou com os tres dias o divertimento de Lisboa:

os oito dias seguintes estiverão promptas, e consertadas as Sallas, onde concorreo muita gente anciosa de vêr a grandeza das funções, que se tinhão alli feito.

Continuar-se-ha.

ARTES, E OFFICIOS.

Do Officio de Lapidario.

HE innegavel, que o Officio de Lapidario chegcu em Lisboa a hum gráo de tal perfeição, que pelo testemunho dos intelligentes, e confissão dos estrangeiros tem a primazia entre as outras Nações, inclusa a Franceza, e a Ingleza.

Não serve de argumento contra esta verdade, não se lapidarem em Lisboa os brilhantes do Brasil, mandando-os o Estado a Inglaterra, e Hollanda para este fim. Medidas tomadas para se evitar o contrabando delles em Portugal por este modo; o preço diminuto por que lá se apromptão, e a falta de consideração com que se olhava hum similhante estabelecimento, que jámais poderia subsistir sem auxilio, e protecção do Estado, fizerão com que não se promovesse este ramo tão interessante.

Tempos mais luminosos se seguírão: o bem da Patria o lembrou ao Excellentissimo D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que o propoz a S. A. R., e este Augustissimo Senhor o mandou pôr em execução. Estabeleceo-se Casa, Mestre, e Operarios; começárão a laborar os engenhos; conheceo-se a utilidade da manutenção desta fabrica; e attendia-se a quanto podia promover o seu progresso, e estado florescente: vírão-se então brilhantes lapidados perfei-

tissimamente em Lisboa, e provou-se ao mundo, que todos o podião ser, huma vez que se désse mais amplitude á fabrica, ou se estabelecessem outras.

Com a invasão dos Francezes soffreo este a sorte de todos os estabelecimentos, reduzio-se a hum estado nullo; mas depois da Restauração houve por bem S. A. R. mandar remover para a Côrte do Rio de Janeiro, quanto existia desta fabrica, como Mestre, Operarios, máquinas, etc., onde novamente foi estabelecida: actualmente se solicita formar em Lisboa hum igual estabelecimento.

Este Officio he antiquissimo: na edificação do Templo de Jerusalem por Salomão já se faz menção delle; porém como foi a sua introducção em Portugal, e em que época, ignora-se absolutamente. Por tradicção consta, que os primeiros Lapidarios que houverão em Lisboa forão Venezianos, e se me fosse permittido avançar huma hyphothese diria: Que sendo os Venezianos a unica Nação que traficava nos productos orientaes, e por quem vinhão á Europa os generos, e especiarias da Asia, antes do dominio dos Portuguezes naquelles mares, era natural, que pelos mesmos viessem á Europa os diamantes, e as outras pedras preciosas do Indostão. Activos, e industriosos derão-se ao trabalho de os lapidar; e a abundancia, e valor do genero convidou o augmento dos operarios em numero, e interesse. Passando depois este commercio para as mãos dos Portuguezes, quem duvida, que estes mesmos operarios viessem buscar a Lisboa, o que já lhes não ministrava a sua patria? Eis provavelmente a origem deste officio em Portugal, que necessariamente se havia de augmentar com o descubrimento das mesmas pedras preciosas no rio das Caravellas, e no Serro-frio no Brasil: porém hoje com a permissão, que tem os Ourives do Ouro de venderem as mesmas pedras, tendo engaste se acha reduzido a vinte e tantas Lojas.

Os Lapidarios mais habeis, e intelligentes no seu officio como operarios são os

Senhores - Joaquim José do Nascimento Rua Aurea N.° 21;
José Soares . . . . Dita Rua N.° 78;
Theodoro José d'Abreu . . Dita Rua N.° 185.

Os Lapidarios com maior sortimento de pedras de côr para commercio são os

Senhores - Joaquim José do Nascimento acima dito;
José Soares . . . . acima dito;
Marcelino José de Coito . . Dita Rua
Mariano Francisco . . . . . Dita Rua

POESIA.

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

EPISTOLA.

Artibus honestis
Nullus in urbe locus, nulla emolumenta laborum.
Res hodie minor est here quam fuit, adque eadem cras
Deteret exiguis aliquid . . . .
Cedamus patria . . . .
. . . . maneant, qui nigrum in candida vertunt,
Quis facile est aedem conducere, flumina, portus,
Siccandam eluviem, portandum ad busta cadaver
Quid Romae faciam? mentiri nescio.

Juven. Sat. 3.

Não tem acceitação o emprego honroso;
Do trabalho se nega a recompensa;
Vão de mal em peior as cousas todas.
Fujamos da Cidade . . . . Fique embora
Quem póde converter o preto em branco,
Quem se póde occupar em vís empregos.
Em Roma, que farei! Não sei mentir.

SE a minha pobre Musa, envolta em pranto,
A voz a ti levanta a vez primeira,
Não he, Coutinho amado, porque augmente
Dos infames ingratos negro bando:

As virtudes respeito, que te adornão,
Que a mesma inveja em confusão pública;
Mas temi azedar teus dissabores
Expondo os meus dezares, meus desgostos.
Sei, que prézas d'Elmano o engenho escasso,
Que por sua fortuna fazes votos, . . .
E deve Elmano injusto em toscos versos
Ferir teu coração sensivel, terno!
Ah! perdoa huma vez forçados gritos,
Que no peito conter a dôr não póde.
Qual Cisne, que prantea junto á morte,
Vão meus versos dizer-te adeos eterno.
Em vão hei trabalhado dia, e noite:
O prémio escasso das fadigas minhas
Não póde melhorar minha existencia.
Em quanto o braço teu experto, e forte
Regía do Governo o leme docil,
Em tranquilla bonança descançado
Eu não sabia se tufões horrendos
Podião alterar as verdes ondas.
Eis á dourada pôpa outro Piloto (1)
Aborda. Eis se levanta, cresce, estala
Furiosa tormenta. O vento bérra,
Medonhas serras querem sepultar-me:
Debalde intento oppôr sérios estudos,
He forçoso deixar a cara Esposa,
Para lucrar as honras, que me fogem.
Cruel perseguição, fatal intriga
Forjárão meu destino, e meu tormento.
O mesmo tenue soldo não se paga:
Implacaveis crédores bradão, instão;

---

(1) Tinha sahido do Ministerio pouco tempo antes o mesmo Excellentissimo Senhor D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

O afflicto coração em ancias tantas
Só conhece, que existe, porque soffre...
O discurso se enlea, a voz se turba,
Gemidos articulo mais que vozes.

Eis-me desesperado: o só partido,
Que me resta, abracei com firme peito.
Lorena virtuoso vai ao Ganges
Dos Silveiras lembrar o nome, e a gloria.
Eu vou findar meus dias no Oriente,
Ou firmar d'huma vez minha fortuna.
Qualquer que seja a lei, eu não hesito
A' fome vou fugindo, roubo á fome
Consternada familia, que me arranca
Da cruel desventura a força insana.
Ai! trabalhos, perigos, fêa morte
Já podeis assaltar-me.... já Coutinho
Escutar-me não póde.... agora he tempo:
Marca a museria minha a sua ausencia.

Se hum dia te fui caro, se prezaste
Acanhados talentos, frouxo estudo,
Hoje esquece tambem meu triste nome
Lisboa dá guarida ao vicio, ao crime.
He qual falsa moeda a probidade.
Tal a ventura ganha em vil emprego:
Vendendo a honra sua trépão outros,
Onde a seus Protectores mais infamão.
Este as Leis desconhece da amizade;
Aquelle da pobreza teme a peste:
Huns medem os talentos pelos trages: (1)
Outros pela fortuna os avalião.

---

(1) Juvenal disse: Rara in tenui facundia panno.

O fructo do trabalho se concede
Ao poltrão protegido : morre á mingua
A quem só apadrinha o seu direito.
Que farei em Lisboa , onde a Inveja
Crua guerra declara ao que mais vale ?
Onde fêa ambição apanha , ajunta
De cem pobres familias o sustento ?
A torpe adulação curvando a frente ,
Tendo sempre na boca a vil mentira ,
Os delictos approva , os vicios louva.
Que farei em Lisboa ! Mas que digo !
Do forte Juvenal seguindo o trilho
Acaso não me lembra , que a ti fallo !
Que detestas os crimes , que elle infama ,
Sem querer profanar teus puros lábios
Horrores proferindo , que te assombrão ?
Deixemos sim a Patria , e sobre os máres
Irei seguindo os passos desditosos
Desse Vate divino , que eterniza
Os Heroes Portuguezes , acabando
A's mãos da dura fome , em duro leito.
Talento desigual , igual Fortuna !

Basta , Sabio Coutinho , a veloz penna
Segue da fantazia os vôos leves :
A dor aquece a mente , a dor desmanda
Minha debil razão em ancias tantas.
Dizer-te adeos pertende o teu Elmano.
Se deixas , que inda beje a mão benigna
Que forjou as cadeas á Desgraça ,
Cadeas , que hoje quebra o meu Destino ,
Ah ! gostoso verei da Morte a frente.
Adorado Coutinho no teo rizo
O só premio terei dos meus trabalhos.

ANECDOTAS.

Hum Official de Fazenda de huma Repartição Regia, homem prendado, e jovial, porém em materias sisudas com inteireza de caracter, havendo em huma occasião tocado a sua rabeca para walsarem humas meninas, no dia seguinte achando-se na mesma Sociedade huma Personagem distincta, com o intento de o chasquear lhe perguntou: ,, Então hoje não se toca a rabequinha? ,, — ,, Não, meu Senhor, lhe respondeo gravemente o Official pondo a mão no punho do espadim, hoje toco só este instrumento, se for necessario. ,,

---

O mesmo em outra occasião tendo dado na mesma Sociedade huma noticia antes de se achar presente a sobredita Personagem, apenas esta chegou lha communicárão as Senhoras, afirmando-lhe que a concideravão verdadeira pelo conceito que lhes merecia o Senhor Fulano, que a havia dado. O outro ardendo do apreço em que na quella Casa era tido, quem julgava não merce-lo, meneando a cabeça indicando desapprovação, com ar de mofa lhe disse: ,, Foi algum çapateiro da sua vesinhança, que lhe deo esta novidade? ,, — ,, Sim Senhor, e por signal que esta he a craveira, com que toma a medida aos seus freguezes ,, lhe respondeo mostrando huma bengala, que tinha na mão.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

O U

MNÉMOSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. IV.

MEMORIAS.

Do valor das Tropas Portuguezas, e do inimitavel Patriotismo dos habitantes de Lisboa, na ultima campanha.

QUando regressárão as Tropas Portuguezas para os seus acantonamentos, e entrárão nesta Capital os Regimentos da sua guarnição, além dos arcos triunfaes, illuminações, e festas, com que forão recebidos os nossos deffensores, dirigio-lhes o Senhor Antonio Joaquim Mendes, então Muito Honrado Juiz do Povo de Lisboa, huma eloquente Falla, onde entre verdadeiras, e honrosas expressões se encontra este sublime pensamento: = *Em quanto houver hum Portuguez, haverá hum exercito.* = Esta Falla foi impressa, e muitos mil exemplares forão distribuidos gratuitamente pelo mesmo Senhor, o que a tornou conhecida de todos; porém não sendo impressa a Carta, que dirigio ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marechal Lord Beresford por esta occasião, nem a que este General lhe dirigio em resposta, julgo será apreciada a sua publicação. A sincera declaração de quanto devemos a Sua Excellencia pela organização, e disciplina do exercito Portuguez, obra

dos infatigaveis disvellos de hum Grande General, e a confissão ingenua do digno, e verdadeiro apreciador do valor das Tropas Portuguezas, são dois documentos honrosos á Nação; principalmente pelo honroso elogio das Tropas, e inimitavel Patriotismo dos habitantes desta Capital.

Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor.

He com a maior satisfação, que o Juiz do Povo desta Cidade de Lisboa, e em nome do mesmo Povo, vem á presença de Vossa Excellencia não só a felicita-lo pela sua feliz chegada a esta Capital, mas igualmente a testemunhar-lhe os votos de reconhecimento, e gratidão do mesmo Povo. Todos confessão, que as victorias dos exercitos Portuguezes são devidas a Vossa Excellencia, e com justa razão o confessão, porque consistindo a força dos exercitos mais na disciplina dos Soldados do que na multidão dos combatentes, conhece Portugal, e conhece o Mundo inteiro, que a creação, e organização do nosso exercito he obra dos infatigaveis disvellos, e particular Genio de Vossa Excellencia todo empenhado na disciplina militar, de que essencialmente depende a arte da guerra; disciplina sem a qual não haveria vencimento. Disciplinado por Vossa Excellencia, e guiado por Vossa Excellencia este Exercito contou as victorias pelos combates, e á sua disciplina, e valor deve a Europa o exemplo de vencer, e deve Portugal o bem da paz, de que começa a gozar. Os Soldados tem sido recebidos com público enthusiasmo agora que pacíficos tornão a seus lares. Arcos de louro coroão os triunfos dos defensores da Patria, e do Throno. A Vossa Excellencia cabe a parte principal de tanta gloria, e a Vossa Excellencia está além disso erigido Monumento mais duradouro, o amor dos Portuguezes. Este Povo reconhecido conservará perpetuamen-

te o Nome glorioso de Vossa Excellencia, que transmittido com saudade, e respeito de Pais a Filhos, durará em quanto houverem Portuguezes. Assim o protesta a Vossa Excellencia

O Juiz do Povo

Antonio Joaquim Mendes.

Muito Honrado Senhor Juiz do Povo da Cidade de Lisboa.

Foi com o maior prazer, que recebi a Mensagem, com que V. M.ce, em nome do Povo desta Respeitavel Capital, me felicitou pela minha actual chegada a esta Capital, testemunhando-me a bondade com que o mesmo Povo me pertendia expressar os votos da sua gratidão por aquelles poucos serviços, que eu tenho feito em favor da sua felicidade, e independencia, e daquella da População de todo o Reino em geral.

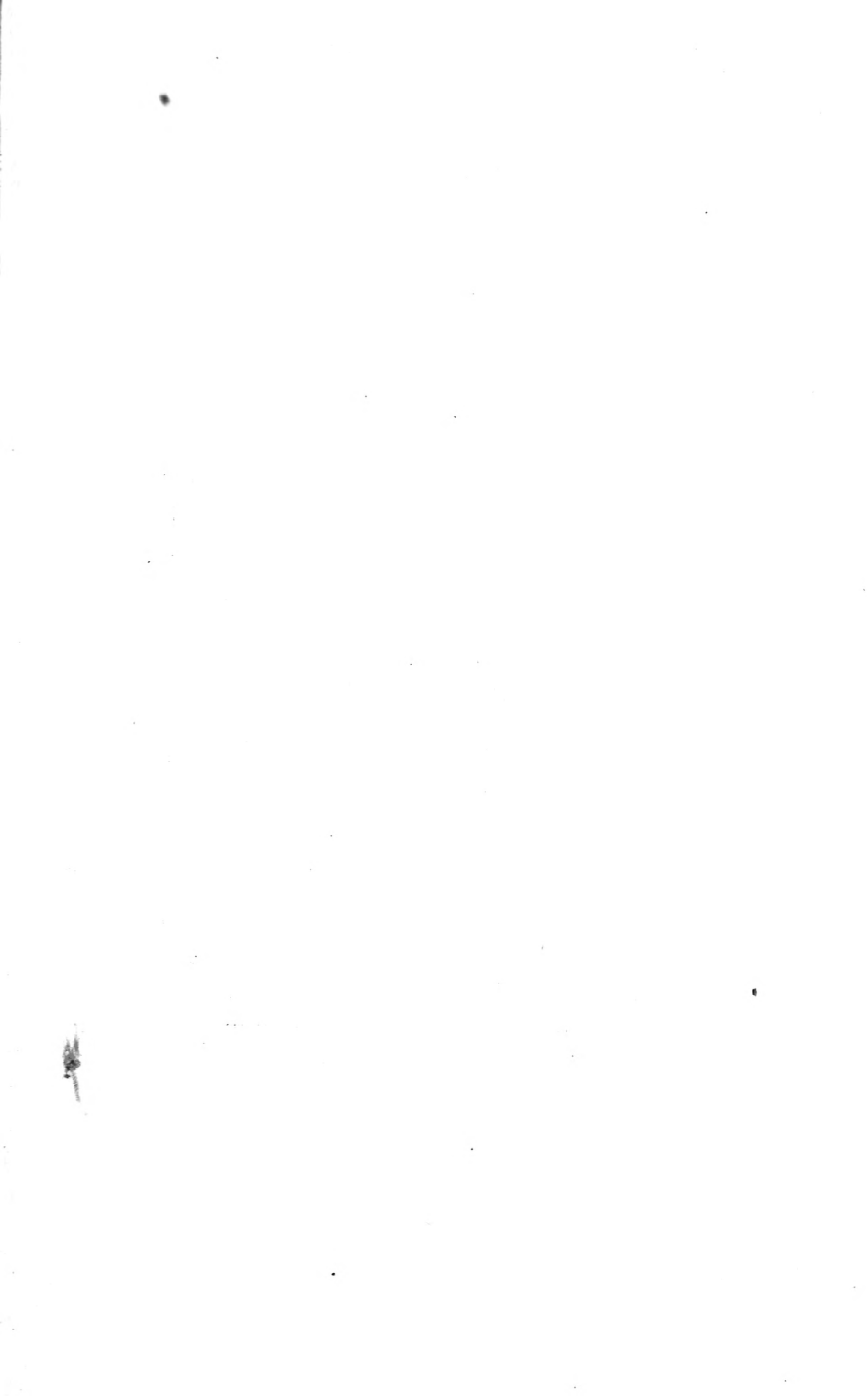
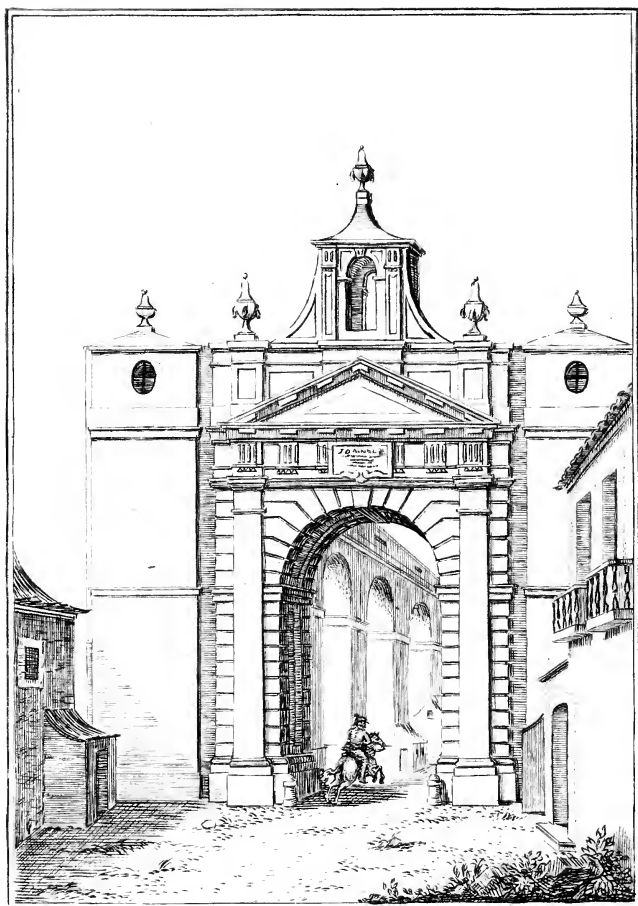
Queira intimamente persuadir-se, e dar a conhecer aos habitantes da sumptuosa Lisboa, que não obstante haver concorrido zelosamente com todas as imaginaveis forças, que cabião nas minhas débeis faculdades para o bom exito da causa da Liberdade, Conservação, e Independencia desta Gloriosa Monarquia, são com tudo as victorias do Exercito Portuguez devidas unicamente a Deos Omnipotente, que foi servido *accordar* o valor Portuguez, que ha tantos annos se achava em quietação, e pôr em actividade, e movimento este *mesmo valor de huma Nação admiravel ha tantos seculos pelas suas victorias, e conquistas*; pela lealdade aos seus Augustos Soberanos, e pelos desejos da conservação da sua liberdade. Eu me congratulo pois com o Povo desta Capital pelos felices acontecimentos, que nos conduzírão tão

gloriosamente, e por entre tantos espinhos, e difficuldades a conseguirmos o socego, e a paz; e V. M.ce se dignará de fazer constar estes meus ingenuos sentimentos, que cordealmente tenho pela ventura dos Portuguezes em geral, ao Povo de Lisboa, o qual conhecidamente no espaço de seis annos de huma tão laboriosa luta passou por todos os sacrificios indispensaveis em huma guerra desta natureza, e deo *as mais innegaveis provas do seu inimitavel patriotismo.* Deos guarde a V. M.ce Quartel General do Pateo do Saldanha 5 de Setembro de 1814.

Muito Honrado Senhor Juiz do Povo da Cidade de Lisboa.

(Assignado)
Beresford.

P. A. Carvões desenh. *Ton.ca T.o exculp.*

DISCRIPÇÃO

Do Aqueducto das Aguas Livres.

O Aqueducto denominado das Aguas Livres he sem contradicçáo a obra de maior magnificencia, que do seu genero se admira em todo o Mundo.

O magnanimo, e egregio coração do Senhor Rei D. João V. não permittia a menor opposição em qualquer cousa boa que intentasse: quanto maiores erão as difficuldades, que se oppunhão a hum projecto, tanto maiores, e mais efficazes meios facilitava a fim de o concluir. No curto espaço de 21 annos se erigio este magnífico Aqueducto, o qual começa na ribeira de Carenque, e vindo ora por baixo do chão, ora por cima de magestosos Arcos, cujo numero ao todo he 127, na distancia de trez leguas, ou 9&000 toezas, termina em Lisboa, fornecendo d'agua os bairros novos desta Cidade. Em toda a extensão das tres leguas a sua altura interna he de 13 pés. Quando por baixo do chão atravessa no campo os outeiros, e na Cidade as ruas, frequentes aberturas se achão feitas na superficie da terra, e nestas construidos torreões quadrados com janellas nas quatro faces, e estas guarnecidas de grades de ferro, e redes de arame para que nenhum malevolo lance no aqueducto cousa que empeça a corrente, ou altere a qualidade da agua, e a fim de entrar o ar, e a claridade: e quando atravessa os valles, então elegantes arcos se vêem erigidos a buscar a altura da sua corrente. Excedem a todos os que se elevão sobre o valle, e ribeira de Alcantara, tanto pela sua extensão, como pela altura do seu maior arco.

Tem este singular monumento 35 Arcos na extensão de 400 toezas, ou 2$464 pés inglezes. A altura do Arco grande he de 315 palmos de craveira, ou 226⅓ pés inglezes: a sua largura he de 150 palmos ditos, ou 108 pés inglezes. As alturas destes arcos são tão diversas como as suas larguras. Servir-me-hei da tabella, que hum escriptor Inglez publicou junta á estampa da elevação deste grandioso Aqueducto, e seu espacato, ou suas secções sobre a largura delles, visto não poder alcançar mais exacta informação: e não a reduzi a medida Portugueza, porque se houver equivocação, esta recaia sobre o Author de quem a extrahi.

Tabella da largura dos Arcos contando pelo primeiro da parte de Lisboa.

Arco N.°	Pés	Pol.	Arco N.°	Pés	Pol.
1	22		19	44	4
2	29		20	36	5
3	43		21	36	5
4	43		22	36	5
5	56		23	36	5
6	60		24	29	2
7	70		25	29	2
8	108	5	26	29	2
9	72		27	29	2
10	65	10	28	29	2
11	65	10	29	29	2
12	65	10	30	21	10
13	54	8	31	21	10
14	54	8	32	21	10
15	54	7	33	21	10
16	44	4	34	21	10
17	44	4	35	21	10
18	44	4			

Por cima desta arcada da parte do Nascente, e do Poente do Aqueducto se achão dois passeios de 5 pés de largura com seus parapeitos donde se logra a deliciosa vista do valle, quintas, pomares, e casas de campo, que tornão esta vista huma das mais agradaveis do Mundo. Considere-se qualquer n'huma elevação de 315 palmos da superficie de hum valle fertilissimo, que a proximidade da Capital torna commodo, e fará ainda huma idéa bem que imperfeita da formosa perspectiva deste logradoiro. Ninguem concebe a pequenez em que alli se apresentão os objectos: he huma miniatura em que os homens se movem, as folhas se agitão, o rio se despenha: ao mesmo tempo de que admiração se possue quem considera na fortaleza desta elevada arcada, que nada soffreo no terramoto de 1755, quando os principaes edificios da proxima Cidade cahírão por terra. Dos 16 Torreões, que na extensão della servem de ventiladores ao aqueducto, apenas trez soffrêrão alguma damnificação. Nem hum só pilar gemeo, nem huma parede rachou: he quanto se póde imaginar de solidez em hum edificio desta ordem.

Este Aqueducto entra na Cidade no sitio das Amoreiras, e ao atravessar a rua denominada das Aguas Livres hum bello, e elegante Arco da Ordem Dorica dá passagem ás suas aguas, e he o que representa a estampa em frente; em o qual na tabella do friso da cimalha se lê a seguinte inscripção:

JOANNES V.

Lusitanorum Rex

Justus. Pius. Aug. Felix. P. P.

Lusitania in Pace stabilita

Viribus ; Gloris. Opibus Firmata

Profligatis , difficultatibus

Imo Prope victa Natura

Perennes Aquas in Urbem invexit

Et

Brevi-undevigenti annorum spatio

Minimo Publico

Immensum opus confecit

Gratitudinis ergo

Optimo Principi

E

Publico utilitatis auctori

Hoc Monumentum. Pos. S. P. Q. O.

Anno D. MDCCXXXVIII.

Na tabella correspondente da parte da Cidade está outra inscripção.

J O A N N E V.

Regum Maximo

Bono Publico Lusitaniam

Moderante

Solidissimis aquae ductibus

Et

Aeternum mansuris

Per circuitum novem mille passuum

Aquae saluberrimae in urbem

Introductae

Aere publico sed tolerabili

Et

Communi omnium

Plausu

Anno Domini MDCCXXXVIII.

Deste Arco continuão as aguas na direcção da Cidade, entrando n'huma elevada torre quadrangular de bella cantaria vulgarmente chamada a Mãi d'agua situada entre este Arco, e o largo do Rato, e precipitando-se em huma cascata formada no interior desta torre, cahe em hum espaçoso tanque de 125 palmos de comprimento, 107 de largura, e 37 de profundidade, guarnecido de huma varanda nos dois lados, e parte opposta á cascata. Esta torre construida de fortissimos muros de 25 palmos de grossura começou-se a fazer, porque se julgou antecipadamente, que as nascentes darião agua de sobejo para o consumo dos habitantes de Lisboa, porém sahindo errado o juizo, e desvanecidas as esperanças de obter maior abundancia, não se acabou esta linda galaria d'agua. Na parede exterior de hum corpo saliente deste edificio, do lado da Rua das Aguas Livres, superior á porta da entrada, se lê a inscripção seguinte:

J O A N N E S V.
Lusitanorum Rex Magnificus
Liberalis
Civitati Propitius
Excipiendis Aquis Populo
Manantibus
Hanc Molem Struendam
Curavit
Urbis Ornamentum
Orbis Miraculum
Tanti Nominis.
Æternitati. S.

O arquitecto deste incomparavel Monumento foi o Brigadeiro Manoel da Maya.

A agua, que este aqueducto conduz aos Chafarizes de Lisboa, he calculada em 60 a 80 anneis em tempo de inverno; porém no verão he tão escassa, que algumas vezes apenas chega a 30 anneis d'agua. No verão de 1815

foi tal a sua escassez, que o nosso Sabio Governo ordenou, que todos os dias viessem as duas barcaças da aguada dos Navios aos Caes do Sudre, e Terreiro do Paço supprir a falta, que experimentárão os habitantes dos bairros novos da Cidade, que se fornecião dos Chafarizes das Aguas Livres.

Os chafarizes de Lisboa que recebem agua deste aqueducto são os seguintes: Amoreiras, Rato, São Pedro de Alcantara, Carmo, Loureto, Praça de Alegria, Esperança, Janellas Verdes, e São Bento.

O tempo necessario para se encher hum barril de 18 canadas calcula-se em dois minutos: por tanto hum chafariz de quatro bicas enche cada hora 120 barriz d'agua.

Hum Escriptor Portuguez de todo o respeito escreveo sobre este aqueducto o seguinte: ,, Faz admiração, que não se acabasse a parte principal desta obra, que he o castello, ou a Mãi d'agua ás Amoreiras: que se perca pelo perenne curso das aguas huma consideravel porção dellas: e que não haja distinção de aguas no Aqueducto, e se misturem as diversas nascentes. Se os Romanos em hum dos seus aqueductos fizerão distinção de aguas separando-as em trez canaes; o superior para a agua Julia, o do meio para a agua Tepula, e o inferior para a agua Marcia, porque não se fez o mesmo neste, em que as aguas em si são tão differentes? ,,

Ha diversas estampas a fumo, e gravadas a buril da perspectiva destes Arcos, e valle de Alcantara; e huma geometricamente tirada da elevação, planta, e secções do aqueducto, com as suas competentes explicações: acha-se igualmente na Historia da Academia Real das Sciencias de París, no anno de 1772, segunda parte, paginas 115, estampa 5.ª, a elevação, e medição geometrica do Arco grande, desenhada, e descripta por Mr. Bory, em consequencia da viagem feita por ordem d'ElRei de França a Portugal em 1753.

POEZIAS.

QUADRA.

Justos Ceos, sendo arrancada
A terna paixão ás gentes,
Que prazer resta aos viventes
Nesta vida desgraçada.

GLOSA.

DOs astros ao mundo veio
Semente aurífera, e santa;
Gerou portentosa planta
Nossa origem, nosso esteio:
Da natureza no seio
Concentra a raiz sagrada:
Esta planta abençoada
Tanto em producções abunda,
Que deixa a terra infecunda,
Justos Ceos, sendo arrancada.

De seu tronco o molle encosto
Presta grato, ameno arrimo;
Tem no fructo a côr, o mimo,
Que tinha Venus no rosto:
Quem chega a tomar-lhe o gosto
Arde em desejos vehementes;
As preciosas sementes,
Que dentro lhe purpureião,
São incentivos, que ateião
A terna paixão ás gentes.

Desta paixão eis que nasce
Brando afago, ingenuo riso;
Delicias do Paraizo
Borda do Universo a face;
Ella faz, que se congrasse
O coração de dois entes:
Vedado que fôr ás gentes
Dom, que tantos dons encerra,
Que fica de bom na terra?
Que prazer resta aos viventes?

Arvore prodigiosa
Para brotar não espera
Nem jucunda primavera,
Nem sêca estação calmosa:
Abundante, e copiosa
Produz fructa sasonada;
Se desta planta sagrada
Os pingues ramos murcharem,
Ai daquelles, que restarem
Nesta vida desgraçada!

CURIOSIDADES.

PAra conhecer-se a grande cópia, e variedades das madeiras do Brazil, basta consultar em qualquer Museo, ou Historia Natural desta Capital, as amostras dellas, e combinar as suas differentes especies, e cores; mas nada excita tanta admiração, como quando se pódem vêr com hum volver d'olhos a variedade, e viveza de suas differentes cores n'huma composição em xadrez, ou arabesco, onde ellas estejão alternadas.

Porém onde pasma o curioso intelligente he nos Gabinetes do Senhor Francisco Abbiati, Romano de Nação, assistente proximo á Igreja da Boa-Morte, onde se encontra não só grande cópia dellas, mas até o judicioso emprego das suas vivissimas, e differentes cores, graduadas com outras madeiras da mesma, ou diversa espece, denominação, ou lugar nativo, servindo-se dellas como de meias tintas, ou sombras tão maravilhosamente dispostas, e combinadas, que constituem hum novo genero de pintura, e perfeitamente hum Mosaico de madeira. Assumptos de Historia Sagrada, passagens da Profana em paineis de todos os tamanhos; Arabescos, Ornatos, Figuras executadas em Secretárias, Mezas, etc. attestão tanto a preciosidade das madeiras, quanto o talento, o gosto, e desenho do Senhor Abbiati, que as collocou. Hum tracejado a canivete, similhante ao de huma estampa, ou desenho, he o unico meio de que se vale para a passagem do claro escuro, e modificação das côres, assim como para

expressar as paixões do animo pelo caracter, e expressão do rosto, e ondeado dos cabellos, ao que não podem chegar as côres das madeiras.

Este célebre Artista tem todo o prazer em patentear estes monumentos da sua rara habilidade, e preciosos effeitos das nossas madeiras: a affabilidade com que se presta a este serviço he mais hum testemunho da sua bella educação, e singulares talentos. Todos os curiosos podem dirigir-se a sua casa, na certeza de que encontrarão a enunciada franqueza, e affabilidade.

Na Ermida de Nossa Senhora das Dores, á Boa Morte, ha hum painel de Moysés em Mosaico de madeira, que este devoto Artista fez, e offereceo em testemunho da sua devoção á Padroeira da Ermida: está collocado na parede do corpo da Igreja, da parte da Epistola.

ANECDOTAS.

Entrando o Enviado Portuguez, o Cavalleiro Encerrabodes, no Palacio do Santissimo Padre, o Papa Benedito XIV., na primeira Audiencia depois da sua chegada, com espadim ao lado, ponderou-lhe o Introductor que o devia tirar ao entrar na Salla anterior á da Audiencia; porém como proseguisse até á entrada desta Salla, lhe advertírão os Cardeaes novamente que o fizesse; ao que respondeo apontando para o habito de Christo, que tinha ao peito: Desde que me honra este habito, gozo da prerogativa de receber o Corpo de J. C. na sagrada meza da communhão com esta espada ao lado; como quereis, Senhores, que eu a tire vindo fallar ao seu Vigario? = Entrou, e com ella esteve toda a Audiencia.

Queixando-se huma vez o Embaixador de França ao mesmo Santissimo Padre, de não lhe conceder huma Audiencia, quando permittia ao Embaixador de Portugal entrada franca em Palacio, honrando-o até com suas visitas Pontificias; este lhe respondeo: Eu visito o Cavalheiro Sampayo como amigo, e não como Embaixador.

LISBOA: Na Impressão Regia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNÉMOSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. V.

MEMORIAS.

Memoria segunda sobre a batalha do Bussaco.

SE a narração de huma victoria communicada pelos Officios do General, que dirigio a acção, interessa a Nação, á qual pertence o exercito triunfante; muito mais se deve julgar interessante, quando esta he fielmente narrada pelo proprio inimigo, que soffreo a derrota. O General vencedor em seus Officios póde mencionar quanto ordenou, e vio executar; mas não póde relatar quanto o inimigo intentou, e com que esforços: e na certeza de que será grata esta traducção da campanha de Portugal em 1810, e 1811 por Mr. A. D. L. G.****, no que diz respeito a esta batalha, me animei a publicar segundo artigo sobre a mesma materia.

Depois de mencionar a entrada em Portugal, os successos de Almeida, a retirada do exercito Anglo-Luso, e a chegada das tropas Francezas a Viseu, diz o seguinte:

,, O exercito Francez foi obrigado a demorar-se dois
,, dias em Viseu á espera da artilheria, retardada pelo máo
,, estado das estradas; e apenas esta chegou, dirigio a sua

,, marcha em direitura á Serra d'Alcoba; o 6.° Corpo, e
,, o 8.° por Casal-Maria, e Martigão, e o 2.° pela estra-
,, da de Santo Antonio do Cantaro. No dia 26 de Setem-
,, bro ás trez horas da tarde a guarda avançada do 6.° Cor-
,, po descubrio a retaguarda do inimigo por detraz de Oi-
,, rins, pequena ribeira, que desagua no Mondego. Os
,, nossos Caçadores a atacárão, e a perseguírão até á raiz
,, da Serra d'Alcoba, sobre a qual vimos o exercito Anglo-
,, Luso formado em linha de batalha.

,, O Marechal Ney julgou a posição do inimigo tão
,, formidavel, que nada quiz emprehender, sem que o Ge-
,, neral em Chefe a tivesse examinado com seus proprios
,, olhos. O Principe de Esling depois de a observar orde-
,, nou hum ataque geral para o seguinte dia. Nessa noite
,, passárão-se as ordens, e fizerão-se as disposições neces-
,, sarias para estar promptó todo o exercito a combater ao
,, romper do dia. O 8.° Corpo formou-se na retaguarda do
,, 6.°, disposto a marchar pelo caminho do Convento do
,, Bussaco; o 2.° na distancia de hum quarto de legua do
,, flanco esquerdo, disposto a atacar pelo caminho de San-
,, to Antonio do Cantaro; e a cavalleria coroava as alturas
,, na retaguarda da infanteria. Desta maneira o exercito
,, Francez se patenteou aos olhos do General Inglez, que
,, póde neste momento conhecer exactamente as nossas for-
,, ças, o que foi hum erro; porque geralmente o inimi-
,, go nos julgava em maior numero, do que effectivamen-
,, te eramos; e nos seria muito vantajoso entrete-lo neste
,, engano.

,, O inimigo regulou as suas disposições de defeza pelas
,, nossas disposições de ataque, pelas razão de que não po-
,, diamos fazer huma só manobra, que por elle não fosse
,, vista. Dois unicos pontos tinha a defender; o do Bus-
,, saco, e o de Santo Antonio do Cantaro. A Serra dos
,, lados direito, e esquerdo era tão escarpada, e cheia de

,, rochedos, que a tornavão absolutamente impraticavel; e
,, como visse, que nos moviamos em força para atacarmos
,, o ponto do Bussaco, se estabeleceo com grandes forças
,, para nos disputar este ponto. Formou-se em escalões des-
,, de o meio da Serra até ao seu cume: o primeiro en-
,, costado a huma aldea situada a meia distancia; o segun-
,, do a duzentas toezas mais acima; e o terceiro sobre o
,, cume encostado ao muro da cerca do Convento do Bus-
,, saco. Sustentavão estas differentes linhas numerosas ba-
,, terias, promptas a fulminar a frente, e o flanco das
,, columnas Francezas á proporção que subissem; e esta
,, circumstancia sómente assegurava toda a vantagem da par-
,, te do inimigo; porque a natureza do lugar, e campo
,, da batalha não permittia aos nossos sustentar huma co-
,, lumna de ataque por huma unica peça d'artilheria. Iguaes
, disposições defensivas havião feito os inimigos em fren-
,, te do General Regnier, que devia fazer o ataque de San-
,, to Antonio do Cantaro. A reserva Ingleza ás ordens do
,, General Hill se patenteou então, tomando posição entre
, estes dois pontos, a fim de soccorrer aquelle que o exi-
,, gisse.

,, Dado o signal, a divisão Loison, que formava a
,, testa de columna, fez avançar os seus caçadores contra
,, os do inimigo, expulsando-os além da aldea situada a
,, meia distancia da Serra. A este tempo a divisão inteira
,, subia a passo de carga, e em columna serrada debaixo
,, de huma chuva de ballas, e metralha. A primeira bri-
,, gada da divisão Marchand seguia-se na mesma ordem,
,, em alguma distancia. A outra brigada desta divisão, e
,, toda a do General Mermet se achava postada em massa
,, na raiz da Serra, prompta a marchar ao primeiro signal.
,, A primeira linha do inimigo foi desalojada depois de hu-
,, ma vigorosa resistencia; e retrocedendo sobre a segunda,
,, as nossas tropas as terião derrotado apezar do grande fo-

,, go de artilharia, e mosquetaria inimiga; porém succe-
,, deo precisamente nesta occasião o que não he possivel
,, evitar no ataque de huma posição simillhante: a briga-
,, da do General Simon, que se tinha apoderado da aldea,
,, se achou hum pouco desunida ao aproximar-se á segun-
,, da linha Ingleza, e sobre maneira fatigada por ter subi-
,, do por huma ladeira tão escabrosa com aquelle impeto
,, proprio dos nossos Soldados; quando pelo contrario o
,, inimigo, além da vantagem do terreno, tinha a de es-
,, tarem de repouso, e apercebidas: apezar de tudo o Ge-
,, neral Simon marchando intrépido á frente dos seus caça-
,, dores, continuava a repulsar o inimigo, quazi a pon-
,, to de apoderar-se de huma das suas principaes batarias,
,, quando foi gravemente ferido de hum tiro. *Neste momento*
,, *alguns Regimentos Portuguezes descêrão da Serra para*
,, *reforçarem a sua segunda linha, e accommettendo o flan-*
,, *co dos nossos os acabrunhárão com hum vivisimo fogo.*
,, *Os nossos Soldados, que marchavão em frente, forão*
,, *constrangidos a retroceder, e a abandonar os seus feri-*
,, *dos em cujo numero entrava o General Simon.*

,, As brigadas dos Generaes Maucune, e Freret sus-
,, pendêrão o inimigo, e o combate se tornou a travar
,, com extremo encarniçamento de huma, e outra parte;
,, porém os nossos acabrunhados pelo numero, crivados
,, da metralha, e abysmados da desvantagem do terreno,
,, depois de fazerem os maiores esforços, tornárão a des-
,, cer á sua primeira posição, onde o inimigo não ousou
,, perseguilos.

,, Apezar deste infeliz successo formárão-se novas co-
,, lumnas de ataque, e dando-se-lhes algum repouso mar-
,, chárão segunda vez ao inimigo. As nossas tropas portá-
,, rão-se com o mesmo valor; porém as mesmas circums-
,, tancias, as mesmas razões de superioridade, que a po-
,, sição dava ao inimigo, produzírão os mesmos resultados.

,, O ataque do General Regnier teve por hum mo-
,, mento hum successo completo. A subida da Serra por
,, este lado, ainda que igualmente escabrosa, era com tu-
,, do mais accessivel, do que a do Bussaco. Huma divi-
,, são inteira chegou ao cume, e começava a formar-se
,, na sua planicie, quando se vio accommettida pela reser-
,, va do General Hill. O combate era muito desproporcio-
,, nado para que os nossos o podessem sustentar longo
,, tempo. Os Inglezes, que os esperavão firmes em hu-
,, ma posição entre Santo Antonio, e Bussaco cahírão ra-
,, pidamente sobre elles com boa artilharia, e não lhes
,, derão tempo de se formarem. A descida da Serra debai-
,, xo do fogo do inimigo fez soffrer muito ás nossas tro-
,, pas. Os Generaes Foi, e Merle forão gravemente feri-
,, dos; o General Graindorge o foi mortalmente, assim
,, como grande numero de Officiaes, e Soldados. Eis o re-
,, sultado destes differentes ataques: para os dois partidos
,, forão mortiferos; porém muito mais aos Francezes, que
,, tiverão de combater em terreno tão desvantajozo.,,

POESIA.

QUADRA.

Que assim correm vagarosos
Os momentos desejados,
Que podem tornar ditosos
Os meus dias desgraçados!

GLOSA.

Ouve, Marcia, hum sabio amante,
Que te ensina as leis de amar.
Deves primeiro estudar
Em ser leal, e constante:
Quem for fiel observante
Destes preceitos mimosos,
Fará doces os custosos
Momentos, que vive ausente,
Que assim ferem cruelmente,
Que assim correm vagarosos.

Porás toda a applicação
Em ser terna, e carinhosa,
Serás tambem extremosa
Com prudencia, e sellecção:
Requer certa occasião
Certos modos disfarçados:
Quem sabe tão delicados
Preceitos bem manejar
Até finge desprezar
Os momentos desejados.

Deves saber que he defeito
Ser zelosa por costume ;
Faz perturbar o ciume
Inda o amor, que he mais perfeito :
Elle fomenta no peito
Mil delirios tormentosos,
Que se os mimos amorosos
D'huma vez fazem voar,
Engana-se, quem pensar,
Que podem tornar ditosos.

Por fim quero-te ensinar
Duas leis, qual mais austera ;
Consiste huma em ser sincera,
Outra em segredo guardar :
Se estes fructos, que tirar
Soube de amantes cuidados,
Merecerem premiados ;
Manda lá desse retiro,
Venha adoçar hum suspiro
Os meus dias desgraçados.

CURIOSIDADES.

PAra desenganar os Estrangeiros, e aquelles Nacionaes, que nos suppõe muito atrazados nas Bellas Artes, he necessario indicar-lhes que existem duas Aulas Regias, e Públicas de Desenho Historico huma, outra de Desenho de Arquitectura Civil, ambas actualmente estabelecidas no Convento dos Caetanos ao Bairro Alto, com approvação, e proveito público, e protecção do actual Execellentissimo Presidente do Erario Regio, além de outras Aulas, e Academias, que serão indicadas nos Numeros seguintes.

Não direi, que estas Aulas disputão preferencia com as Academias de S. Fernando de Madrid, de Pariz, Londres, e Roma; mas não se devem considerar em tal estado de nullidade, que não mereção lugar distincto entre as de Napoles, Amsterdão, e outras Capitaes de Reinos, e Estados preconizados florecentes em Bellas Artes.

Estas duas Aulas creadas pelo Alvará da Rainha Nossa Senhora D. Maria I., datado em 23 de Agosto de 1781, se abrirão em o 1.° de Dezembro do mesmo anno, fazendo-se neste dia a primeira Sessão pública; e dellas tem sahido aproveitados 385 Discipulos, que tantos pelos Livros de suas matriculas consta terem aprendido hum, e outro desenho. Hoje se acha frequentada por 53 Discipulos ordinarios, e extraordinarios. Os actuaes Pintores Portuguezes da Camara de S. A. R. empregados nos Quadros Historicos, e Tectos do novo Real Palacio d'Ajuda; os Gravadores da Typografia Regia, e a maior parte dos outros Pintores, e Artistas em diversos ramos mais acreditados, aprendêrão nestas Aulas.

Os Discipulos da Aula do Desenho Historico aprendem

copiando os Desenhos dos melhores Mestres, indicando-lhes o respectivo Professor tudo quanto no original ha de sublime para seguirem, ou de mediocre, e defeituoso para se afastarem, dispondo-os assim para desenharem com acerto nas composições, que houverem de fazer de propria invenção. Não se limita o Professor de Historia a ensinar sómente a desenhar figuras humanas, extende-se a outros muitos objectos da natureza, como irracionaes, paizes, plantas, flores, ou outras similhantes cousas; fazendo ultimamente copiar aos mais adiantados os modelos de relevo, que fazem parte do estudo, e adorno desta Aula, a fim de os costumar a copiar do natural. Este estudo pratica-se de manhã.

Os Discipulos da Aula do Desenho de Arquitectura Civil aprendem Arithmetica (se não vão aptos nas necessarias especies), e Geometria elementar, e copião os desenhos dos melhores Arquitectos, particularmente de Palladio, e Vignola, indicando-lhes o respectivo Professor tanto as proporções das 5 ordens d'Arquitectura pelos Authores geralmente seguidos, como o que o desenho tem de bom, e regular; de máo, e irregular; e como se poderá melhorar seguindo nessa parte outro Author, etc. O mesmo Professor para os habilitar á construcção dos edificios lhes dá as noções necessarias da solidez real, e da apparente, e lhes faz desenhar ornatos para bem saberem decorar hum edificio com gosto, e termina ensinando-lhes Perspectiva. Este estudo pratica-se de tarde.

Os Discipulos ordinarios tem obrigação de completarem cinco annos de estudo de Desenho de Figura, e de Arquitectura; e os extraordinarios não tem obrigação de os completarem. Este Artigo do Alvará da Creação destas Aulas he de manifesta utilidade; porque franquea esta tão necessaria Arte do Desenho a qualquer pessoa, que tendo outras occupações, ou officios, pertenda aproveitar-se destas lições.

Os dois Professores, e os seus Substitutos forão tão conciderados ante a nossa Soberana, e o são hoje pelo Nosso Augusto Principe Regente, Animadores das Belas Artes, que gozão dos privilegios de Nobres, incorporados em Direito Commum, e especialmente no Codigo, Titulo: *De Professoribus & Medicis*: E os Discipulos frequentando as Aulas com applicação, e louvavel procedimento são exemptos do Recrutamento.

Como a emulação he o mais poderoso estimulo para se fazer progressos, a fim de excitar esta entre os Discipulos ordinarios, em cada anno no fim de Agosto ha hum concurso para se adjudicarem Premios aos Discipulos, que mostrão haver feito maior progresso. Cada huma das duas classes distribue trez premios: o 1.° de trinta mil reis, o 2.° de vinte, e o 3.° de dez; e os Desenhos premiados ficão expostos nas Aulas até ao fim do anno seguinte. Forão premiados em Agosto de 1815, cujos desenhos existem patentes actualmente nas Aulas, os seguintes:

Em Desenho Historico:

1.° Premio. — O Senhor Francisco Firmino Soeiro: Copiou a estampa de Neptuno de N. B. Lepicié; gravada por J. C. le Vasseur.

2.° Premio. — O Senhor João Correa Botelho: Copiou a estampa de S. Gregorio distribuindo as esmollas pelos pobres, de Carlos Vanloo; gravada por A. L. Romanet.

3.° Premio. — O Senhor Nicoláo José Possollo: Copiou a estampa da Annunciaçãe de F. le Moine; gravada por L. Cars.

Em Desenho de Arquitectura Civil:

1.° Premio. — O Senhor Sergio da Costa Soares de Araujo: Copiou o desenho de hum Palacio de Paladio.

2.° Premio. — O Senhor Antonio Galdino da Costa: Copiou o desenho de hum Palacio da invenção do Professor actual da Aula de Arquitectura.

3.° Premio. — O Senhor Joaquim José de Santa Anna: Copiou o desenho de hum Palacete de Paladio.

Estes premios são pagos pelo Erario Regio, e o Prezidente deste Tribunal he Inspector nato destas Aulas.

O primeiro Professor de Desenho Historico foi Joaquim Manoel da Rocha, Pintor de muito credito. Existem delle, além dos muitos quadros em mãos de particulares, o de S. Paulo Eremita, e o da Conceição, aquelle na Portaria, e este na Sacristia dos Paulistas; o da Cea na Capella do Sacramento do Loreto; e delles o melhor o do Altar-mór da Freguezia de São Paulo.

Por falecimento deste Professor devia passar a occupar a cadeira seu substituto o Senhor Joaquim Carneiro da Silva, o melhor Gravador, e Desenhador Portuguez dos nossos tempos, como o attestão seus muitos, e optimos desenhos, e gravuras; mas como se achasse encarregado de ensinar o Desenho aos Pensionistas do Real Collegio dos Nobres, e dirigir os Discipulos da Aula da Gravura estabelecida na Typografia Regia, requereo, visto não poder encarregar-se do trabalho effectivo da Aula do Desenho Historico, se procedesse a concurso para o lugar de Professor. Entre os concurrentes distinguio-se o Senhor Eleutero Manoel de Barros, a quem foi conferido o lugar. Ignoro, que exista do seu pincel outro quadro além do de Elias arrebatado no carro de fogo, em huma capella interior do Convento do Coração de Jesus; além dos do's retratos do Senhor Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, e sua sobrinha em casa do mesmo Senhor Desembargador. Accommettido de huma grave molestia, que o impossibilita de continuar as lições da Aula, e em attenção á idade avançada do seu substituto o Senhor Joaquim Carneiro da Silva empregada toda no serviço do Estado, foi nomeado substituto com exercicio effectivo da Aula o Senhor Faustino José Rodrigues: e por haver sido

hum dos substitutos da Academia do *Nu* desde a sua creação em 1787, e o ser igualmente do excellente Estatuario Portuguez o Senhor Joaquim Machado de Castro na Aula de Desenho, e Escultura estabelecida ao Thesouro-Velho, e em todos estes estabelecimentos haver dado reiteradas, e plenas provas da sua sciencia, e circumspecção, não se procedeo a concurso. (1)

---

(1) Esta nomeação do Senhor Faustino José Rodrigues para substituto sem se proceder a concurso, não offende de nenhum modo a Lei dos Estatutos destas Aulas; porque se elles ordenão haja concurso nas promoções, e nellas prefirão os discipulos das Aulas, nesta não houve promoção para haver concurso, houve sómente passagem de lugar para lugar: e se na passagem de substituto a Professor não manda, que haja concurso, como o havia de haver na passagem de substituto para substituto; de leccionar na Aula do Desenho, e Esculptura ao Thesouro, a leccionar na Aula do Desenho de Figura aos Caetanos?

Os Estatutos ordenão haja só hum Professor, e hum substituto em cada huma das Aulas, e nenhum outro Lente mais; logo pela impossibilidade dos dois como se observaria mais exactamente a Lei, fazendo-se concurso admittindo hum novo Lente, ou chamando hum já habilitado, já de reconhecido prestimo, já substituto, e já pensionista do Estado para preencher aquelle lugar?

Para a nomeação dos Lentes das Aulas na creação destas não se procedeo a concurso; e porque o deveria haver para a nomeação do Senhor Rodrigues, sendo elle nomeado substituto na creação da Academia do *Nu* pelos votos dos Senhores Professores actuaes Joaquim Carneiro da Silva, Joaquim Machado de Castro, e Cyrilo Wolkman Machado, e pelos fallecidos Joaquim Manoel da Rocha, Pedro Alexandrino, e Antonio Fernandes? Como poderia attender-se á preferencia dos discipulos destas Aulas se quando estes aprendião, já o Senhor Rodrigues era o Lente do Desenho da Academia do *Nu*? Veja-se a seguinte participação:

,, Na conferencia, que se fez para augmentar o nu-
,, mero dos Directores, e Substitutos da Academia do *Nu*,
,, foi V. M.ce hum dos nomeados para Substituto da dita
,, Academia, o que participo a V. M.ce da parte do Se-
,, nhor Intendente Geral da Policia da Côrte, e Reino; e

O primeiro Professor do Desenho de Arquitectura da creação da Aula, he o Senhor José da Costa e Silva, hoje na Côrte do Rio de Janeiro. He do Desenho deste acreditado Arquitecto o Real Theatro de S. Carlos, e o Erario Novo, cujos desenhos, e o modelo da Salla principal se podem vêr na Casa do Risco da mesma obra. Da mesma creação he seu substituto o Senhor Germano Antonio Xavier de Magalhães, actualmente dirigindo os estudos desta Aula. Suas bellas miniaturas, alguns desenhos de Palacios de sua invenção, e a máquina que ideou para fazer moer dezeseis moengas por meio de huma só besta em gyro de atafona o constituem excellente nestes tres ramos.

,, sendo V. M.ce servido fazer acceitação do dito lugar,
,, rogo a V. M.ce queira achar-se nesta Real Casa Pia pe-
,, las quatro horas da tarde do dia 24 do corrente para to-
,, mar posse do seu lugar, e preparado para desenhar o
,, acto, que se puzer depois de ser recitada a Oração Aca-
,, demica. Para obsequiar a V. M.ce fico muito certo. Deos
,, Guarde a V. M.ce Real Casa Pia 19 de Dezembro de
,, 1787. ,,

De V. M.ce

Muito venerador, e Criado

Senhor Faustino José Rodrigues. José Rodrigues Lisboa.

Do que se conclue, que não se offendeo a Lei, nem aquelles, que se podião julgar habilitados para o concurso; ella, porque não houve promoção de lugar; elles, porque foi nomeado o que havia sido seu Lente, o que já desenhava, punha os actos, e esculpia, quando elles apenas davão os primeiros traços para copiarem hum braço, ou huma cabeça.

ANECDOTAS.

Hum Jesuita pertendendo insultar o Padre Antonio Pereira de Figueiredo, famoso Theologo no Reinado do Senhor Rei D. José I., por ter o cabello ruivo, lhe perguntou hum dia: ,, De que procede pintarem nos quadros da Cea do Senhor ao discipulo Judas de cabellos ruivos, quando não consta das sagradas Letras, que tal côr tivessem? ,, Tenho feito o mesmo reparo, lhe respondeo o Sabio Figueiredo, e por mais que tenha procurado nada achei sobre a côr ruiva dos cabellos de Judas; mas o que he de fé, por constar da Sagrada Escriptura, he, que o discipulo traidor era da Companhia de Jesus.

Hum Tabellião sendo chamado a casa de hum enfermo para lhe fazer o seu testamento, este lhe propoz qual era a sua ultima vontade, quaes as disposições, que julgava não poderem ter contradicções de futuro, quaes as clausulas, e seguranças para o seu inteiro cumprimento; e terminou dizendo-lhe: ,, Por este modo estou certo, que não ha de haver quem o impugne, nem delle se queixe, e será inteiramente cumprido, e executado. " A estas palavras ergueo-se o Tabellião, tomou o chapéo, e lhe disse: ,, Jesus Christo, Deos, Santo, e Sabio fez hum Testamento, e achou malvados que o impugnassem; e você homem, peccador, e pedaço d'asno, quer fazer hum que não tenha que se lhe diga! " Voltou-lhe as costas, e retirou-se.

Artigo Communicado.

Carta do Illustrissimo, e Excellentissimo Conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Mello dirigida ao Governador de Angola sobre o attentado de 3 de Dezembro de 1769.

HAvendo falecido meu Irmão o Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado de huma postema, depois de receber todos os Sacramentos, no dia 15 de Novembro proximo passado na Côrte de Villa-Viçosa, onde foi accompanhando Sua Magestade, me redusirei unicamente nesta a participar a V. S. huma noticia para o caso de quando por outra parte lhe chegue desfigurada, evite o maior cuidado a respeito de hum attentado, no qual a Bondade Divina nos livrou com huma especial Providencia.

No dia de Domingo 3 do corrente mez sahio ElRei N. S. do seu Palacio de Villa-Viçosa, para se divertir na caça da Tapada, accompanhado de toda a sua Côrte. No fim do Terreiro do Paço se acha huma Porta chamada do *Nó*, que pela sua estreiteza não admitte, que por ella possa sahir mais de huma carroagem, ou de hum cavalleiro. Apenas Sua Magestade hia sahindo a cavallo pela dita Porta, quando vio detraz do muro do lado esquerdo hum homem na figura de Mendigo, que com hum grande varapáo, ou cacheira armou, e procurou descarregar sobre a Real Cabeça do Mesmo Senhor hum sacrilego golpe, que seria mortal, se a Superioridade, e Presença do seu Real Espirito, em lugar de procurar desviar-se da pancada quebrando o cavallo sobre a mão direita, o não fizesse levantar sobre o lado esquerdo contra o dito malvado assassino; em

tal forma que o primeiro golpe armado contra a cabeça, apenas pôde offender a Mão da redea com huma leve contusão; e a segunda pancada, que ainda intentou descarregar o mesmo assassino, já não pôde ter espaço para offender senão o cavallo. Cahindo neste tempo toda a comitiva de Sua Magestade sobre o referido Monstro, foi tão obstinada a sua ferocidade, que maltratou algumas das Pessoas, que estavão mais perto em quanto não foi preso; principalmente porque o Mesmo Senhor com outra Presença de Espirito, que só na grandeza do Seu Real Animo podia caber, no meio de hum conflicto de hum inesperado insulto, ordenou, que ninguem matasse, ou ferisse o mesmo malvado assassino, mas que só o prendessem. E dada esta Ordem continuou Sua Magestade successivamente o seu caminho para a Tapada, onde se divertio até á noite na forma do costume dos mais dias, e se recolheo a esta Côrte no dia 16 do corrente: o execrando Reo, sendo com effeito tomado ás mãos preso, e attado foi condusido para segura prisão, em que se acha.

Deos guarde a V. S. Palacio de N. S. d'Ajuda 19 de Dezembro de 1769.

Senhor D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho. Conde de Oeiras.

Por esta Carta se vê, que falsamente foi attribuida a morte de Francisco Xavier de Mendonça Furtado ao desgosto de haver sido culpado neste horrendo desacato dizendo ao Rustico queixoso porque ElRei o não despachava = que lhe fosse dar com hum páo = o que este executára. A data do falecimento de hum em 15 de Novembro, e o attentado do outro em 3 de Dezembro não deixão a menor duvida sobre a falsa attribuição.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNÉMOSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. VI.

MEMORIAS.

A verdadeira Gloria.

„ A Gloria (segundo o sentir de hum grande Filosofo, e Politico) he hum sentimento, que eleva a nossa alma, e nos engrandece aos olhos dos homens illustres, e dos sabios. Esta idéa acha-se identificada, ou indivisivelmente unida ás idéas de huma difficuldade vencida, de huma utilidade conseguida, ou augmento de felicidade para o Universo, ou para a Patria.„

„ Eu attrahíra (diz o mesmo Author) huma bem merecida, e justa indignação se dissesse, que todo aquelle genio, que se distinguio pela invenção de huma arma mortífera, tinha tido a gloria de a haver inventado. A gloria segundo as idéas, que della tenho formado, não he a recompensa dos progressos, ainda os maiores, em materias de sciencia. Inventai hum novo cálculo, componde hum Poema sublime, excedei Cicero, ou Demosthenes em eloquencia, Thucydides, ou Tacito na Historia, conceder-vos-hei celebridade, mas não gloria. Ella igualmente não se obtem pela excellencia do talento nas Ar-

tes. Supponho, que extrahisteis de hum pedaço de marmore a estatua do Gladiador, ou do Apollo do Belvedere; que o painel da Transfiguração foi obra do vosso pincel; ou que o vosso canto natural, melodioso, e expressivo vos tem collocado a par de Pergolezzi; gozareis sim de huma grande reputação, mas não de gloria. Ainda digo mais; igualai Vauban na arte de fortificar as Praças; Turenna, ou Condé na de commandar exercitos; ganhai batalhas, conquistai Provincias; todas estas acções são famosas, e por ellas o vosso nome será transmittido á mais remota posteridade; mas estas ainda não são aquellas para as quaes está unica, e tão sómente a gloria reservada. Hum individuo póde muitas vezes aspirar á fama, e a immortalidade; mas sómente circumstancias raras, e huma feliz estrella, he que podem conduzilo á gloria. ,,

,, A gloria pertence a Deos no Ceo; e sobre a terra he o premio da virtude: não do genio, nem do talento; mas sim da virtude util, grande, bemfazeja, e heroica. He o premio do Monarca, que durante hum reinado procelloso se occupou de fazer a felicidade dos seus vassallos, e ditosamente a pôde concluir; he o premio do vassallo, que sacrifica a sua vida pela salvação da sua Patria; he o premio do Povo, que antes perferio morrer livre, do que viver escravo; he finalmente não o premio de hum Cesar, ou de hum Pompeo; porém o de hum Regulo, de hum Catão, ou de hum Henrique IV. ,,

Parece, que o Abbade Raynal, quando escreveo este paragrafo hum espirito sobrenatural lho dictava para com estas palavras tecer o elogio futuro do Soberano de quem temos a ventura de sermos vassallos, dos Homens illustres de quem temos a honra de sermos Concidadãos, e do Povo intrepido de quem temos a satisfação de nos julgarmos parte. Se a gloria he o premio das acções virtuosas, e heroicas daquelles dois singulares Cidadãos Romanos,

e de nunca esquecido Rei dos Francezes, por quantos titulos mais he ella o premio da heroica, e virtuosa Resolução de S. A. R. o Principe Regente N. S.? A differença de pessoas nos primeiros, e as circumstancias, e objectos que tinha a lucrar o terceiro, tornão ainda mais sensiveis as heroicas qualidades de S. A. R. Regulo, e Catão erão Senadores, não erão os Chefes da Nação, não punhão hum throno herdado em risco de o perder; expuzerão sómente as proprias vidas; e Henrique IV., se combateo os Francezes para os tornar felizes, tambem pelejava por adquirir huma coroa a que tinha direito: porém S. A. R. o Senhor D. João Principe Regente de Portugal, he hum Soberano, que ainda triunfando, como triunfou, não tinha a obter novos Estados; e não arriscou sómente sua preciosa vida, tambem expoz a de sua Augustissima Mãi, que tanto respeita, a de sua Augusta Esposa, e Serenissima Prole, que tanto ama; expoz-se a perder o muito que possuia: por isso suas Virtudes sublimes lhe grangeárão o amor de seus fieis Vassallos, a admiração dos Monarcas contemporaneos, e a Gloria perduravel, dignamente merecida pela mais nobre, e virtuosa Resolução.

POESIA.

METHAMORPHOSE.

Cinéo, Solina, e Déste.

INda existia a misera Carthago,
A malfadada Mãi da Patria minha,
Erão largos paizes onde he Brácada.
Quando á parte do aurífero Levante,
Donde Brácada elleva agora a côma,

Tres mil passos distante havia hum bosque
Digno de ser habitação dos Deoses.
Cinêo vivia alli, alli Solina
Esposa de Cinêo tambem vivia,
E o pequenino Déste, gloria d'ambos,
Mimoso filho seu, do Pai retrato.
Era Cinêo Pastor de alvo rebanho
De tresentas ovelhas todas suas;
Robustissimo em tudo; e se abanava
O grosso tronco d'hum Sobreiro antigo,
Toda a glande chovia em torno delle.
Era Solina, assombro de belleza,
Cultivadora d'hum vergel florido,
Que aos Idálios vergeis roubava o preço.
Bóreas mil vezes com furor violento
Dobrava os altos cedros circumstantes,
Mas sempre foi vedado a seus ultrajes
O mimoso trabalho de Solina.
Erão tão lindas as cheirosas flores,
Que a natureza se revia nellas:
E Juno, quando os zelos lhe delião
O coração frenético agitado,
Desejava com ellas enfeitar-se
Para attrahir o affecto do Consorte.
De espaço a espaço a divinal Solina
Hia sentar-se á saborosa sombra
Dos amenos rosaes, e unidas murtas.
Alli nos curvos melindrosos braços
Suas delicias, sua gloria tinha,
O primeiro penhor de seus amores,
A porção de sua alma, o tenro Déste.
Nelle de instante a instante reflectindo
D'hum amoroso frenesi se agita
Louca, estremosa, e céga de ternura

Nos olhos, e nos labios lhe empregava
Beijos! Beijos de Mãi! Celestes Beijos!
Depois incauta descobrindo os globos,
Que a Deosa casta recatar costuma,
Na rósea, breve, recendente boca
Com fagueiro querer, introduzia
O purpureo botão, que a rosa imita.
Estavão pelas arvores visinhas
Os altos Numes do celeste assento
Transformados em mil diversas aves,
Fartos só de desejos, contemplando
De hum corpo humano perfeições divinas.
Mas Jupiter, que a todos se avantaja,
Em subtil viração mudando a fórma,
Tocava as joias, que valião mundos;
E nellas, e nos labios de Solina
Delicias goza, que não tem o Olympo.
Assim passava os fugitivos dias
Do robusto Cinêo a meiga Esposa;
Té que dos ôcos, velhos castanheiros
Nocturnas aves a sahir começão,
E de alongadas veigas, que negrejão,
Cinêo trazia o candido rebanho.
Então no alvergue proximo, que habitão,
Hião pagar-se em languido repouso
Das differentes rusticas fadigas,
Em quanto a sombra maxima durava.
Huma noite fatal, ás horas quando
Começa dos antípodas a sésta,
Sobre o leito aromatico dormião
Os Consortes fieis a somno solto:
No meio delles o mimoso Déste
Virado para a Mãi tambem dormia.
Os ventos não sopravão, e tremêrão

Em torno do aposento altos Carvalhos;
E n'hum ramo sobre elle debruçado
(Antigo pouso de sonoras aves)
Hum Corvo infesto, huma agoureira Gralha
Travárão agastados ímpia guerra :
Batendo-se igualmente as azas quebrão;
Co' as unhas, e c' os bicos se rasgavão;
Quaes secas folhas, que despega o vento,
Sobre o misero alvergue as pennas chovem :
Em gotas desiguaes cahia o sangue,
E a traz do sangue os dois cahírão mortos.
Em quanto a lide acerrima durava
Funesto sonho revolvia a mente
Da presaga, miserrima Solina;
E no ponto da queda arqueja, e grita.
Anciosa esbracejando toca o rosto
Do espantado marido, que acordára.
Co' a sinistra, co' a dextra apalpa, encontra,
E abraça o filho, e diz : Cuidei, ó filho,
Que já não era Mãi, que te não tinha;
E que tambem teu Pai já Pai não era:
Mas indaque te afago, e que te abraço,
Ai mofina de mim! já poucos dias
Este collo infeliz será teu berço,
E estas fontes de nectar serão tuas.
Hum sonho precursor da tua morte
Agora me deixou. Eu vi sonhando
Alvo, louro menino, cópia tua,
Por desabrida féra lacerado :
Morrerás, morrerás; mas eu não vivo,
Que não posso deixar de acompanhar-te.
O' doce esposo meu, que horrido crime
Commetterias tu? Lembra-te acaso
Se ateaste algum dia em santo bosque

Com sacrilega mão faminto fogo ?
Perseguiste as Vestaes ? Entraste o Templo
Com profanos desejos na memoria ?
Mas que digo ! Tua alma destas nodoas
Nunca manchada foi , e inda que o fosse ,
Eu praguejára os Deoses , que pedissem
Pelos crimes do Pai , do Filho o sangue.
O nosso ajuntamento aprouve aos Numes ,
Surrio-se a Natureza aquelle dia :
Orvalho salutar nutrio as messes ;
E a terra evaporou cheiroso fumo.
Presidio Hymineo ás nossas nupcias
Com Tyrios Borzeguins , e o facho accezo.
Eu nunca desejei , ó caro Esposo ,
Manchar , ou desmanchar arrependida
O Laço conjugal , que nos aperta.
Sempre os Deoses amei ; e o nosso Déste
Se inda não sabe (coitadinho !) amallos ,
Offendellos tambem não sabe ainda
Para excitar-lhe ríspida vingança.
Eu deliro , enlouqueço , eu pasmo , eu creio ,
Que entre os Deoses ha barbaros , ha furias ,
Mas ou furias , ou barbaros , ou Deoses
Cumpre-se o seu querer , e Déste morre.
Tres vezes disse , morre ! e delirando
Deixa cahir a melindrosa face
No lugar onde as lagrimas cahírão :
Muda ficou , nem respirar se ouvia.
Atonito Cinêo do leito salta ,
Ignea pedra ferindo accende em breve
Pequena , esperta luz , e vai com ella
Indagar o semblante da Consorte.
Convulso chega ; observa , e vê , que as faces
Não erão rozas já , mas açucenas.

Cuida, que a morte lhe fexára os olhos,
Cuida . . . . porém não cré, e vai co' a dextra
Apalpar-lhe de manso o frio peito,
Sente batter-lhe o coração lá dentro.
Corre apressado, e busca, e traz, e queima
Mysteriosas Apollineas hervas:
Eis o fumo efficaz prodigios obra.
Tornárão para a face de Solina
As fugitivas rozas; e seus olhos
Tornou a abrir para chorar de novo:
Subito extingue com preciso dolo
O agitado Cinêo a luz, que brilha;
Apraz-lhe a escuridão, não quer que a Esposa
As borbulhantes lagrimas lhe veja.
(Mal póde hum triste consolar hum triste!)
Importunos soluços, que soffoca
Vão resoar, onde gerados forão.
Crédulo, mas incrédulo se finge.
,, Esposa, esposa, diz, ah! não, não creias
Em apparentes melindrosos sonhos.
Olha, que quem os cré os Ceos ultraja.
Talvez ouvisses perspicaz, attenta
Algum daquelles casos lastimosos,
Que transmittio a nós fecunda historia;
E guardando na mente o quadro horrendo
Depois em sonhos renovaste a scena.
Consola-te Solina, ah mais não lembrem
Quimeras, illusões, flagelos d'alma.
Recordemos, Esposa, aquella noite
Das graças, dos afagos, das ternuras
Do nosso conjugal ajuntamento,
E como foi vencido em breve espaço
Das fadigas de Amor, virgineo pejo. ,,
Calou-se, e os braços estendendo a abraça;

Nas forçadas caricias, que soárão,
O frouxo coração não teve parte.
Tu Hymineo alli chegaste a furto,
E tu tambem Amor; nunca teus mimos
Tão amargosos, tão escassos forão.
Inda no infausto alvergue entrava a medo
A luz primeira da manhã tardia,
Já se apresta Solina, ja carréga
Nos braços maternaes o doce pezo.
Já conduzindo-a vai Cinêo afflicto
(Afflicto o coração, alegre o rosto)
Por frescas balsas, por amenos campos,
Por onde possa consolar-lhe as mágoas;
De cousas triviaes fazendo espanto.
Mostra-lhe alli pyramidal Cypreste;
Da estreita rama, do gretado fructo
As virtudes, e o prestimo lhe conta;
Nunca porém lhe chama Cyparisso;
A historia cala do infeliz mancebo.
Mostra-lhe ao longe cavernosa gruta,
E dando hum grito harmónico lhe ensina
Como se fórma o Ecco, e retrocede,
E vai soando por extensos valles.
Até que o ar em ar o desvanece.
Tentou contar-lhe os risos, que soárão
Na salla ethérea do estellante Olympo,
Quando o çujo Vulcano entrou curvado
C'o pezo dos Adúlteros, que levá,
E desatando a rede aos pés de Jove
Della surgírão (vergonhosa scena!)
Córada Venus, descórado Marte.
A leda narração principio tinha,
Eis apparece em proxima vergontea
Ave de estranha côr, gorgeio estranho.

Grita Cinêo com subito alvoroço :
Olha Solina. Que prodigio raro !
Que lindo, que agradavel Passarinho !
Indaguemo-lo, Esposa; olha, parecem
As plantas de coraes, e o bico de oiro.
Das azas, e da cauda encanta a mescla.
Tão formosa não he, quando recebe
Iris Celeste os Apollineos raios.
Da lactea mancha da azulada esféra
Pequenina porção parece o collo.
Tem divino cantar, divina a letra.
Donde viria, carinhosa Esposa
Este remate de obra da Natura ?
Elle não veio do cheiroso Imeto;
Não o vírão nascer Idálias selvas;
Nem foi creado nos Jardins de Paphos:
Ou veio donde nasce o Santo Ganges,
Ou lá do Ceo cahio aos bosques nossos.
Vamos, vamos, Solina, a vêr se acaso
Doméstico será: sobre estas folhas
Deixa ficar o melindroso Déste;
Elle dormindo está, e sejão ellas
Berço do nosso amor: ,, calou-se, e forão.
Ah Cinêo infeliz, que errado segues
Occulto engano, que prever não pódes !
Ah misera Solina, que fizeste !
Que descuido fatal ! que pouco velas
O teu maior thesouro, o teu filhinho !
Mas divino poder te obriga, e céga.
Jove no teu vergel, mudado em aura
Invisivel a ti, gozou teus mimos.
Tudo a Juno contou, porque vio tudo
Chocalheira, loquaz, de Thaumas filha.
A Deosa quer vingar-se, e talvez creia,

Que he madrasta cruel da prole tua.
Triste vós a seguis mudada em ave.
Já distantes dalli corrião ambos
Após a sua barbara inimiga,
Que ora se facilita, ora se nega,
Rasteiros, curtos vôos mal formando,
Como que vinha de voar cançada.
Eis cá por entre espessa, antiga matta
Horrendo Javali raivoso rompe,
Entre as prêzas fortissimo trazendo
Troncos, raizes, que passando arranca,
Novo caminho atrás deixando aberto.
Na remendada fronte se lhe lia
Em letras naturaes da escura grenha
= Eu sou de Juno vingador terrivel. =
Ao tenro Déste rápido caminha,
Estampa-lhe no ventre as negras unhas,
Firmeza faz, e a victima lacera.
Foi saciar primeiro alvo bracinho
A'vida fome, que accendêra Juno.
Aos Pais não quiz levar piedoso vento
A noticia cruel envolta em gritos:
Mas o présago coração lho disse,
Correio pertinaz de infausta nova.
Com fadiga veloz em breve espaço
Vencêrão ambos a distancia longa,
Sentírão resmalhar a extensa matta,
E vírão (Ceos, que horror!) em vez do filho
No ensanguentado chão os restos delle.
Estático Cinêo afflicto, e mudo
No Sol, que já brilhava, os olhos fita.
Solina em tanto commovia as penhas
Com dolorosas queixas, que espalhava:
No candido regaço recolhendo

Do farto javali sobejos gratos.
As folhas tintas no amoroso sangue
Recolhia tambem ; rasgava os dedos
Escavando na terra em quanto achava
Rubricunda porção , que recolhia.
Sentou-se , e disse : ,, Oh Deoses poderosos
Hum prodigio fazei , tornai-me o filho
Tão formoso como era , e dai-lhe a vida ;
Ou permitti que no materno ventre
Estes despojos míseros recolha ,
E se torne a formar , e saia inteiro
O meu querido filho , os meus amores ;
Inda que nove luas padecendo
Nove vezes maior tormento eu sinta ,
Do que senti com elle a vez primeira.
Se Deoses sois , aos Deoses tudo he facil.
Se isto me não fazeis em vós não creio. ,,
Subito emudeceo , fugio-lhe o sizo ;
Dos seus olhos a luz tornou-se em trévas ,
E de repente o melindroso corpo
Em pequena colina foi tornado.
Rebentou-lhe do seio o filho em rio.
Assustado Cinêo sentio mover-se
Daquella parte hum pouco a terra , e logo
Com transporte fatal chamou a Esposa.
Ninguem lhe respondeo ; tentou debalde
Olhando investigar a selva inculta ,
Inda cégo co' a luz do fulvo Apollo.
Gemeo ancioso , e quando lhe foi dado
Objectos distinguir , indagou tudo.
Volvendo ao sitio da Tragedia infausta
Recordou-se que alli havia hum valle ,
Que era recente o rio , e nova a relva ;
E attento no lugar , que attrahe gemidos

Estas palavras misturou com choro.
,, Minha Esposa, meu Bem, meu Ceo, meu Nume!
Se a terra te engolio d' hum sorvo illeza,
Se lá n' alguma cavidade existes,
E os alentos vitaes conservas inda,
Dá-me hum grito de lá, que eu hei-de ouvir-te:
E dize-me se guarda o teu regaço
As amaveis delicias de meu filho.
Se não podes fallar, imprime os labios
Nestas, que de lá vem, argenteas aguas,
Que eu vou beijar os círculos, que forme
A pressão do teu halito divino. "
Foi-se a curvar o triste, e já não póde:
Eis olha para os pés, eis vê raizes;
Quiz os braços mover, e moveo ramos:
Ei-lo de casca desigual vestido:
Ei-lo sem movimento, ei-lo Carvalho.
Por longos tempos solitario fica
O amplo theatro, que respira amores,
E vingada a cruel, zelosa Juno.
A innocencia gemeo, surrio-se o engano,
Déste a fórma perdeo; mas inda o nome
Conserva o rio, em que mudado fôra,
E os malfadados Pais perdêrão tudo.
Mortaes, ah! quantas vezes folga o crime!

ANECDOTAS.

Hum General Estrangeiro ao Serviço de Portugal, dizendo a hum General Portuguez, que os nossos antigos tinhão muitos abusos, e que felizmente os via hoje destruidos, o que tornava mais luminosa, e acreditada esta Nação,

este lhe respondeo ,, Assim será ; porém quando os Portuguezes tinhão esses abusos , expulsárão os Mouros da Europa , conquistárão na Africa , vencêrão na Azia , e descubrírão a America ; e hoje com todos esses felizes , e luminosos desabusos fomos invadidos. ,,

---

O Excellentissimo Sebastião José de Carvalho e Mello presenteando sua Esposa com hum córte de baetão fabricado em Portugal , todos os circumstantes concorrendo a vê-lo , confessárão , que o achavão muito bom , e que já nos podiamos dispensar dos baetões de fóra do Reino. Hum dos circumstantes , ou para desdenhar da qualidade da fazenda , ou para ostentar de mais intelligente , tomando-o nas mãos , e cheirando-o disse ,, Ainda lhe acho certo cheiro de azeite do preparo das lãs. ,, Ao que respondeo o Grande Ministro ,, *Se tivesseis o nariz portuguez, não vos cheirára este baetão a azeite* ,,

Ah ! se não houvessem em Portugal tantos destes narizes , maiores progressos houverão feito não só as Fábricas, mas todos os outros ramos de industria Nacional !

Jantares de Caridade na Cidade de Lisboa.

Os Estabelecimentos de Caridade são tantos , e de tal amplitude em Portugal , que basta lembrar a Irmandade da Misericordia , que tem a seu cargo o infeliz desde que nasce até que sepultado seja , na creação dos expostos , nos dotes pecuniarios a fim de casarem as donzellas , no soccorro , e defeza dos encarcerados , no acompanhamento dos que soffrem pena ultima , e no enterro dos falecidos ; estabelecimento sem igual no mundo inteiro , para podermos denominar a Nação Portugueza a de maior Caridade.

Deste , e outros Estabelecimentos permanentes , com

edificios proprios, authorizados por Concessões Regias, com estatutos, e rendas proprias, etc., se tratará em outros artigos; este sómente he destinado a mencionar aquelles, cujo edificio he o coração dos individuos, que compõem estas associações caritativas, e cujas rendas são as esmolas avulsas, e incertas; associações, que felizmente para bem da humanidade se vão multiplicando nesta Capital.

O Povo Portuguez he naturalmente compadecido, e caridoso; o que se próva pela multidão de mendigos, que correm de porta em porta, e se sustentão a si, e a suas familias das esmolas; e pelo agazalho que encontra qualquer viajante, que tranzita pelas Provincias; mas nunca se desenvolveo esta virtude como na reconcentração dos Povos a esta Capital, quando o exercito Francez veio ás Linhas.

O Providente, e Generoso Governo convencido de que seria muito conforme as Benéficas Intenções do Nosso Augusto Soberano com huma limitada despeza salvar das garras da fome, e da penuria hum grande numero dos seus fiéis vassallos, foi o primeiro a dar o exemplo de Caridade, fazendo distribuir hum jantar todos os dias, no sitio do Cruzeiro de Arroyos, a todas as pessoas das Terras invadidas, que se apresentassem. A actividade, e zelo com que se apromptava, e a affabilidade com que se distribuia, parecia mais huma obrigação, do que huma graça. Poderosos Negociantes então abrírão seus cofres, e por avultadas esmolas mandadas a casa de familias de conhecida necessidade patenteárão a grandeza do seu coração generoso. Sobre a sepultura de Antonio Pires Leal ainda hoje vertem lagrimas agradecidas immensas pessoas, que sua ardente caridade arrancou á desgraça. Muitos outros existem, que gostoso nomeára por seus nomes se não temesse offender a sua modestia. Nunca distincções honrosas exaltão tanto hum Cidadão, como quando por serviços militares se premeão tambem as virtudes.

Mais fervorosa, e mais extensa, que nunca fôra nos anteriores tempos, a Sociedade Caritativa denominada = A Caridade do Largo do Loreto = naquelles tempos, e nos que até hoje se tem seguido, se empregou no jantar, que distribue todos os Domingos do anno pelas familias pobres recolhidas. Esta Caridade, a mais antiga das que existem, pois ha mais de trinta annos que teve principio, compõe-se de individuos de tão conhecida virtude, que bastaria nomear hum delles para fazer a apologia dos mais companheiros.

A mesma virtude he a distincção caracteristica dos individuos, que compõem a Sociedade Caritativa da Via-Sacra do Hospicio de S. Rafael, que no primeiro Domingo de todos os mezes distribue igualmente huma ração de meia libra de pão, meia libra de arroz em crú, meia libra de carne, e huma quarta de toucinho em dinheiro, a cada individuo das familias recolhidas pobres, ou enfermas em casas particulares. Em 3 de Abril de 1815 se distribuio o primeiro jantar, e forão 81 as pessoas, que recebêrão esta ração; e tem progredido em tal augmento, que no jantar de Maio proximo passado forão 716 as pessoas soccorridas. Corações bemfazejos, ide escrever os vossos nomes nas listas, que honrão o vosso ser, nas tabellas da Beneficencia, nos livros da Presidencia desta Sociedade. Desfrutai o prazer de poderdes dizer no primeiro Domingo de cada mez: *hoje concorro para matar a fome a alguns desgraçados.*

Tem tal generalidade esta virtude entre os Portuguezes, que não ha Festividade de consideração, que não finde por hum jantar aos prezos das Cadeias.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,
OU
MNEMÓSINE LUSITANA.
REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. VII.

MEMORIAS.

Sobre os protentosos recursos de Portugal na Guerra da Acclamação.

DEpois de sessenta annos de cativeiro, e de vinte e tres de huma guerra destruidora em que os Portuguezes gostozamente se empenhárão para conservar o throno ao seu legitimo Soberano o Senhor Rei D. João IV.; vendo-se Filippe IV. Rei de Hespanha constantemente vencido, e não sabendo donde procedião tantos recursos, quantos patenteava Portugal, nem acertando que conselho seguiria, mandou ouvir o célebre Doutor Salazar, famoso Jurisconsulto Hespanhol, o qual sem temer o desagrado do seu Rei, expressou quanto sentia no seguinte discurso, que pessoalmente entregou nas mãos do Soberano.

Como esta resposta he hum documento incontestavel, de que nas épocas de maior apuro, e tribulação o valor Portuguez se não extingue, e sómente se reconcentra para tornar maior, e mais destruidora a explosão, parece, que será agradavel a publicação desta resposta. A analogia das circumstancias dos Portuguezes em 1663 com as de 1810 faz bem apreciavel este testemunho da nossa antiga, e permanente gloria.

Resposta, que deo o Doutor Salazar a ElRei D. Filippe IV. sobre as cousas de Portugal.

Se conselho pede a afflicção, annos ha, Senhor, que V. M. devia pedir conselho; porque fôra então com elle tão facil o remedio, como agora he aspero o desengano. A verdade nasceo na terra, mas em pobre alvergue; não nasceo em Palacio; e huma vez que hum Santo alli a levou, tão pouco conhecida foi, que lhe custou a cabeça. Nenhuma cousa arruina tanto huma Monarquia como a peçonha da lisonja. Mais damnoso he hum lisonjeiro atrevido, do que hum inimigo declarado, e hum contrario poderoso; porque este dá cuidado, mas do cuidado nasce solicitar o remedio, e aquelle docemente me entrega ao descuido, e sem remedio me faz precipitar no perigo.

Mortifica-se o juizo do zeloso do bem da Patria vendo o appetite dominar a razão; á verdade subjugar a mentira; e á singeleza a malicia. Não he bem, que hum Rei dê credito a huma voz, que o engana porque o deleita, e não sôa quando engana; examine-se o coração d'onde sahe; saiba-se o mal d'onde vem; porque ha almas que não tem palavras, e ha palavras, que sahem da alma.

Não se escuta o que o zeloso desengana; só o que falla ao gosto do Principe se attende. Quão vergonhosa se retira a verdade do governo em que preside o engano! Chora-se o precipicio, e não se atreve o zelo; perde o valimento quem falla em justiça, e goza-o sómente quem lisonjêa. Mesmo agora não dissera o que entendo, se V. M. não dispertara a minha penna: temerosa vai a razão, porque sahe da alma o disvello; porém não recea a morte quem a seu Senhor obedece, e menos eu que estou no fim da vida: Digo pois ao meu Rei:

Quem facilita o que não sabe, não sabe o que facilita. Para ter experiencia de huma Nação não basta conhecer do presente; he preciso conhecer o passado para não chorar o futuro. Seria milagre acertar a ignorancia,

onde muitas vezes não acerta a prudencia. Portugal negou a V. M.; acclamou Rei; facilitárão lisonjeiros o remedio, e agora temerosos se retirão do perigo. Esta Nação, Senhor, conquistou no Oriente as Indias, viagem que só imaginada faz perturbar o animo, quanto mais emprehendella! Dominou barbaras Nações; adquirio com seu braço muitas coroas; sujeitou com assombro muitos Reinos; e fez seu Nome eterno, não só entre Gentios, e Pagãos, mas até no Mundo inteiro. Africa, que provou seu valor, lastimou seu estrago, e sempre vive temerosa, porque nella se crião as crianças com suas prodigiosas façanhas. Hollanda conquistou no Brazil pela sagacidade; mas não ficou com a ganancia, porque forão os Hollandezes expulsos por violencia; e isto quando o amor não ajudava o poder, que para Rei estranho muito se obrou com valor proprio.

Este foi o engano, que hoje se chora sem remedio. Com o jugo alheio parecião os Leões cordeiros; porém com o proprio (que he jugo suave) parecem os Cordeiros Leões.

Castella, com tantos Reinos, com tantos milhões, e com tanto exercicio nas armas, cobrou odio a esta Nação, porque desde seu primeiro Rei até hoje continuamente soffreo estragos, e o damno passando de idade em idade continúa a inclinação até ao presente: V. M. o tem ouvido com sobresalto, e talvez o está vendo sem remedio.

Estava adormecido o valor em Portugal, mas a ambição, e a tyrannia praticada com ignorancia o despertou. Por tempo de sessenta annos não póde V. M. adquirir-lhe a vontade, porque os Ministros forão tyrannos neste tempo. Castigo pedia o desaforo; porém criou raizes, porque se demorou o castigo. Estavão esquecidas as armas, e com a sujeição reprimidas; e as nossas lhas fizerão tomar. Não he esta gente, Senhor, a que se rende com ameaças; mais facilmente a vencêra com caricias. Se lhe chamamos rebeldes, porque se não determina a razão? Porque nos

não ajudamos do Direito? Porque se attende ao severo, e não ao catholico? Letrados dão direito a V. M., e a Portugal tambem lhe conferem direito os seus Letrados: Porque não se poz esta causa em Juizo? Verdade he que já agora não póde haver juizo nesta causa, pois ha vinte e trez annos, que se solicita com armas a sua decisão: já melhor aconselha o desengano do que a razão; já a razão se póde esquecer pelo remedio. Senhor, não dizem tudo a V. M., e hum Rei deve saber tudo: dizem o bem, e sem razão o dizem; calão o mal, e cresce porque o calão. A saude não padece com adversidades, e hum Reino desmaia com accidentes. A hum valor grande tudo lhe parece pequeno.

Dizem a V. M., que Portugal não tem dinheiro, não tem navios, e não tem gente: Traidores são os que o dizem; pois com que nos tem destruido? Sem gente nos tem tantas vezes desbaratado? Valha-me Deos, que farião se tivessem gente? Sem dinheiro choramos a nossa ruina? Que choráramos se tivessem dinheiro?

Senhor, Portugal nos desbaratou no Montijo; Portugal nos venceo em Elvas: Luiz Mendes de Haro fugio deixando Cavallaria, Artilharia, Infantes, e bagagens. Portugal em Evora destruio a flor de Hespanha, o melhor de Flandres, o luzido de Milão, e o grandioso da Estremadura. Sua Alteza o Senhor D. João d'Austria retirou-se vergonhosamente, deixando oito milhões, que tanto custou a empreza, oito mil mortos, seis mil prizioneiros, quatro mil cavallos, vinte e quatro peças d'artilharia, e o mais lastimoso foi, que de cento e vinte Titulos, e Cabos não escapárão senão D. Germano, e D. Diogo Cavallero, porque fugírão, deixando o Estandarte do seu Principe. Pois se nada tem, ha maior affronta do que vencer-nos sem nada? Isto ou he valor, ou milagre. Se he milagre a pertinacia vem a ser loucura: e se he valor, que maior prova da nossa fraqueza? Não he maior

que o seu poder a nossa cobardia ? Cada dia espera V. M. que se ganhe; e cada dia saiba V. M. que se perde, e que he mui grande a perda de cada dia. Quarenta mil homens levou o Senhor D. João d'Austria entre Infantes, Cavallos, e Gastadores; levou o maior numero que pôde juntar Hespanha; a maior carroagem que póde unir o poder; o maior apparato que póde aggregar a ostentação, e o maior parque de artilharia, que se vio em exercito na Hespanha: tudo isto nos ficou destruido. Voltárão acaso mais de 1500 cavallos, e 1000 Infantes ?

Se algumas das suas Praças possuimos, foi mais por cegueira sua, do que por valentia nossa. Ha Grande neste Reino, que não esteja pequeno ? Ha poderoso que não ficasse necessitado ? Ha rico que não se veja pobre ? E pobre que não morra de fome ?

Em que se despendem os milhões das Indias ? Em que se tem consumido as rendas de V. M. ? Onde se hão morto mais de cem mil homens em vinte e tres annos, se não em Portugal ? E Portugal sem dinheiro, sem gente, e sem navios atemoriza o mar, vence os exercitos, e até os Reinos estranhos sustenta ! Senhor, minha penna o diz, e as viuvas o chorão, dispertando em Palacio a compaixão de V. M. A minha lingua sem solicitar applausos, sem ministrar lisonjas, sem recear perigos descobre a V. M. os successos: falla o que sente, e sente muito o que escreve. Senhor, se não aproveitão traças; se os Traidores são descubertos (1); se os nossos segredos

(1) Allude a ter sido descuberto, prezo, e processado o traidor, que attentou contra a vida do Senhor Rei D. João o IV., quando hia a traz do pallio na Procissão do Corpo de Deos. A piedade da Senhora Rainha D. Luiza mandou edificar, por esta merce do Ceo, hum Templo no sitio das casas em que o infame traidor fizera a pontaria, e lhe deo a denominação de *Corpus Christi*, em memoria de haver sido neste dia, e na Procissão da Cidade, que seu Augusto Esposo escapou de tão eminente perigo. *Nota do Redutor.*

se revelão, nossas máquinas se desfazem, e tudo descobre Deos aos Portuguezes, he evidencia que Deos assim o quer. Os prodigios são manifestos, os milagres patentes; pois não he desatino oppôrmo-nos ao Ceo?

V. M. para esta guerra tira a Castella a sustancia, a Flandres o soccorro, a Milão a defeza, a Napoles o presidio, ao Imperio a saude, á Catalunha o remedio, e a toda a Hespanha a esperança: não se podem já prover as Praças, enfraquece o Reino, morrem os pobres, e alenta-se o inimigo. França, e Inglaterra não podem soffrer tão poderoso visinho, ajudão com cautella o necessitado, e se não he amor que tem a Portugal, he odio que tem a Castella.

Rei, e Senhor meu, de huma parte ha de ser justa a guerra entre Christãos, para que não pereção tantas almas na guerra. O Ceo mostra que he justa a delles pois tanto os favorece: logo he injusta a nossa. Se não he affronta para Hespanha o fazer pazes com Hollanda sendo herege rebellado, e tyranno: se não he desdoiro procurarmo-las com Bretanha: se he conveniencia fazellas com França; porque não ha de ser licito fazellas com Portugal? Se todos temem a Hespanha; e Portugal vence a Hespanha; mais temerão a Hespanha unida com Portugal. Mais crédito se perde nas armas, do que no brio; mais se interessa nos consorcios de casa, que nas esperanças de fóra.

Senhor, em nome dos Estados falla a minha penna. Não se governe V. M. por quem lhe diz o que não sabe; se não por quem sabe o que lhe diz. — *Si volueritis, et audieritis me, bona terræ comedetis; quod si nolueritis, et ad iracundiam me provocaveritis, gladius devorabit vos.* — Isto disse Deos, e ás vezes hum homem diz, o que Deos disse. Elle guarde a V. M., etc.

O Doutor Salasar.

DISCRIPÇÃO

Do Edificio da Real Fabrica da Seda.

O Edificio, em que se acha estabelecida a Real Fabrica da Seda e Gallões, no sitio do Rato, he de huma arquitetura propria, e conveniente, segundo as regras, e preceitos da Arte, que em edificios deste genero recommenda solidez, e singeleza: (Blondel, Cours de Architect. Tom. 1.°) — A distribuição das suas officinas, attendendo ao tempo em que foi edificado, e á extensão da laboração então projectada, parece não ser defeituosa, nem mesquinha; com tudo não deverá servir de modelo para qualquer outro estabelecimento deste genero, que se emprehenda hoje erigir, pois ha mesmo em Portugal mais perfeitos modelos, donde se póde copiar, e se deve aprender o acerto, e a intelligencia das distribuições relativas a huma Fabrica.

Tem este edificio na sua extensão trinta e cinco janellas, distribuidas pela maneira seguinte: tres janellas no frontespicio, ou corpo saliente, que serve de entrada unica da Fabrica, sobre o qual se achão esculpidas em relevo no tympano da cimalha as Armas Reaes Portuguezas; e sobre a porta no parapeito da janella do meio se lê esta inscripção = Real Fabrica de Seda =: quatorze janellas mais de cada lado nos dois corpos reentrantes, em cuja frente estão dois muros, a fim de evitar a distracção dos operarios pela cóncorrencia de huma rua tão frequentada de passagem; e duas em cada hum dos lados dos corpos salientes, que formão os dois angulos da frente do edificio.

A sua divisão interna compõe-se de Salla da Junta da Direcção, Casa da venda, e suas dependentes, etc., e de setenta casas com quatro teares cada huma, dois dos quaes estão em trabalho effectivo, e por conseguinte achão-se em actual exercicio 140 Officiaes, e 140 Puxadores, ou Aprendizes dentro desta Fabrica. Debaixo da mesma Direcção se achão igual numero de teares estabelecidos pela maior parte nas casas, que guarnecem os tres lados da Praça das Amoreiras, edificadas em 1759, para ampliação da Fabrica, e habitação dos Fabricantes. Estas casas, e o chafariz, que está no centro da Praça, são do desenho do Arquitecto, Tenente Coronel Engenheiro, Carlos Mardel.

Esta Fabrica de Seda principiou no Reinado do Senhor D. João V. por huma Sociedade de particulares, que mandárão vir de Leão de França os operarios, estabelecendo-se neste edificio para este fim construido. Achando-se em decadencia este estabelecimento no principio do Reinado do Senhor D. José I., e querendo este egregio Monarca elevallo ao maior grão de prosperidade possivel, encorporando-lhe a fabricação dos gallões de ouro, e prata, que até áquelle tempo todos vinhão de França, havendo absoluta necessidade delles para a tropa, e Culto Divino, o tomou por sua conta, nomeando-lhe Directores Negociantes, intelligentes do genero; confirmando-lhe os seus Estatutos pelo Alvará de 6 de Agosto de 1757; e applicando-lhe muitos fundos, não só para o fazer trabalhar com vigor no seu respectivo destino, augmentando-o com os novos teares, que estabeleceo dois annos depois nas casas da Praça das Amoreiras, que lhe annexou; mas para servir como de viveiro a outras Fábricas, e a muitas Artes, e Officios, de que o Reino se achava destituido. Deve-se a tão magnanima Providencia, e aos auxilios, que prestou a Direcção desta Real Fabrica a erecção da Fabrica de pentes de marfim, caixas de papel envernizadas, verniz de gomma copal, e lacre, de que foi o primeiro Mestre Gabriel La

Croix: da Tinturaria para as sedas da mesma Real Fabrica, Mestre Luiz La Chapelle: da Cutilaria, da Fabrica de louça, e outras muitas, que se estabelecêrão, e prosperárão naquellas immediações, algumas das quaes ainda existem.

Tem esta Real Fabrica o privilegio de preferir nas compras da seda crua vinda de fóra do Reino; porém a prática de comprar a prazos he hum estorvo á prosperidade deste ramo de industria nacional. O excesso do preço pela demora do pagamento, e os ordenados de hum grande numero de agentes, etc., torna mais cara a fabricação; e o particular, que não attende á bondade da fazenda, nem á prosperidade da Fabrica, compra as sedas estrangeiras por serem mais baratas: porém o Sabio Governo, que vigilante procura promover tão util ramo, annuindo ao que lhe representárão os Fabricantes, ouvindo em Consulta datada de 31 de Maio de 1815 a Meza da Direcção desta Real Fabrica pela Soberana Resolução de 5 de Outubro de 1815 Determinou fosse prohibida geralmente a introducção dos tecidos de seda de todas as qualidades, salvas as estipulações do Tratado de Commercio entre o mesmo Senhor, e Sua Magestade Britanica.

Nesta Real Fabrica, se tem tecido preciosas sedas de singular, e exquisito lavor, e basta para seu crédito a anecdota seguinte. Tendo o Senhor Rei D. Pedro III. em grande estimação hum córte de seda para hum vestido, vindo de França, aconteceo cahir-lhe huma nodoa. Hindo ao Paço Duarte de Sousa Coutinho, Presidente da Meza da Direcção desta Real Fabrica, honrou-o S. Magestade com a participação do seu desgosto, e lhe perguntou se seria preciso mandar a França o córte para se fazer outro igual, ou se bastaria mandar o panno da nodoa para por elle se fazer só o comprimento, que necessitava? Ao que respondeo Coutinho: ,, Nem huma, nem outra cousa, Senhor: na Real Fabrica da seda de Lisboa se fará o panno, que

falta. „ A difficuldade era grande não só pela delicadeza do lavor, mas tambem pela similhança, e igualdade do desenho, e côres; com tudo fez-se, e apresentou-o Coutinho a ElRei, e a quantos lhe fazião Côrte, e havendo tido a precaução de esconder em huma dobra a nodoa, ninguem se atreveo a dizer, qual dos dois era o fabricado em Lisboa. Com tanta perfeição se havia feito o panno do vestido, que em nada se differençou do outro panno do córte vindo de França. Actualmente se estão apromptando as sedas para o adorno, e armações das paredes, e bambinellas do Real Palacio da Ajuda, tão perfeitamente, e de tão ricos lavores, que cada covado se julga importar em duas, e mais moedas.

Os actuaes Directores, são

Os Illustrissimos Senhores
Desembargadores José Antonio de Sá.
José Accursio das Neves.
e o Senhor José Barbosa de Amorim.

Os quatro Mestres Inspectores dos Tecidos de Seda, são

Os Senhores Ignacio Moreira dos Santos.
Bartholomeu da Fonceca Freire.
João de Sampayo.
Victorino José Quaresma.

POESIA.

Sobre não haver merito se não na virtude, e boas prendas.

SONETO.

DO peito, que ignorancia, e orgulho inflammão,
Dos vicios a cohorte se apodera;
Se he nobre, ou rico o home', em crua fera
Inda mais o transformão, mais o infamão.

Ah! quantos, que o não são, grandes se chamão!
Julga-se grande hum Nero, porque impera?
Conde, Duque, ou Marquez tem baixa esfera,
Se acções indignas por abjecto o acclamão.

Titulos, Cargos, sim, aos máos dão pezo,
A lisonja os exalta, os dependentes
Admirão hum Platão no que he só Creso:

Mas quanto os faz mais soltos, e insolentes
A vil adulação, tanto o desprezo
Os vota ao Lethes dos mesquinhos Entes.

Advinhação.

SONETO.

EU não sou Creador, nem creatura,
E nem jámais fui visto entre os viventes:
Entre os Homens me vês, e não me sentes;
Sou morto, e nunca estive em sepultura:

No Mundo faço a principal figura;
Crer que sou fogo, ou ar tu nunca intentes:
Se dizes, que sou agua, ou terra mentes;
Mas entre os Elementos me procura:

Bem no meio do Tempo, e muito interno
Tu sempre me acharás, sem ser passado,
Presente, nem futuro, nem eterno:

Sou primeiro em morrer sem ser gerado,
Com o Demonio estou sem ser no Inferno,
E estou no Empyreo sem me haver salvado.

M.

He singular o artificio, com que foi glosado o seguinte mote, pela difficuldade dos consoantes. Neste genero póde servir de modelo.

MOTE.

Para amar não tenho tempo.

GLOSA.

EU com as moças do campo
Nem hum par de solas rompo;
Bem basta quantas estrompo
A' caça c'o meu Melampo:
Meto nos toneis, que tampo,
Vinho das vinhas, que eu empo;
A's vezes por passatempo
Do jardim as ruas limpo,
Depois a dormir me chimpo,
Para amar não tenho tempo.

ANECDOTAS.

Hum erudito conhecendo fundamentalmente as máximas das Beatas, ou Falsas Devotas, pela contínua convivencia com algumas, assevera, que encontrára em todas a mesma doutrina; e seguio-se disto classificar os seguintes

Votos mais essenciaes da Profissão do Beatismo.

1.° — Perguiça inteira.
2.° — Mentira opportuna.
3.° — Murmuração perpétua.
4.° — Hypocrisia absoluta.
5.° — Vangloria sem limite.
6.° — Golosina disfarçada.
7.° — Odio mascarado.
8.° — Vingança com excesso.
9.° — Intriga delicada.
10.° — Total abjuração do soffrimento.
11.° — Apologia dos crimes proprios.
12.° — Calumnia da virtude alheia.

Actos de Beneficencia.

O Navio Balsemão (diz hum impresso), de que era Capitão Estevão José Alves, achava-se carregado e prompto a sahir do porto de Pernambuco, quando em 23 de Janeiro do corrente anno se incendiou, tendo a polvora a bordo: a equipagem não podendo extinguir o fogo, que vinha da coberta; dasemparou o Navio, que se queimou totalmente com a explosão da polvora.

Como os officiaes e mais equipagem do Navio perdêrão tudo quanto tinhão, se fez huma subscripção a seu favor, e como este modo de pôr em prática actos de beneficencia, que requerem grandes quantias não he muito commum entre os Portuguezes (enganou-se quem escreveo este paragrafo), parecia justo que para exemplo se publicassem os nomes, e quantias, com que cada hum subscreveo.

Segue-se a Lista de 124 Subscriptores, entre os quaes se distinguem por grandes quantias.

Os Senhores	Manoel Ribeiro da Silva	500$000
	Gregorio da Silva Rego	320$000
	Hum Amigo	300$000
	Domingos José Martins	200$000
	Joaquim Antonio Baptista	100$000
	Manoel Francisco dos Santos Mend.ª	100$000
	Antonio Ramos Bello	100$000
	José Joaquim Carneiro Leal	100$000
	Charles Bowen	100$000

A somma total desta Subscripção subio a 3:142$400 reis, que se dividio pela equipagem segundo as circumstancias de cada hum, havendo só oito marinheiros que sofferão total prejuiso. *Divisão.*

Commandante	1:000$000
Capellão	150$000
Piloto	750$000
Cirurgião	750$000
2.º Piloto	150$000
Praticante	50$000
Contramestre	100$000
Carpinteiro	50$000
8 Marinheiros	142$400
	3:142$400

Disse, que se enganou o escriptor deste artigo, quando disse, não ser muito commum entre os Portuguezes este modo de pôr em pratica actos de beneficencia, que requerem grandes quantias, porque bastão os seguintes exemplos para nos convencerem do contrario.

Quando pelo incendio dos ultimos andares das casas do segundo quarteirão da Rua Aurea perdeo quanto possuia o Senhor J. P. M., alguns Negociantes não só lhe derão as suas contas de Despachos por justas, mas até o soccorrêrão com avultadas sommas, com as quaes novamente se estabeleceo, e poz decente casa. Quando outro incendio

devorou em sinco minutos a Loja, e habitação dos dois Irmãos os Senhores J. A., e P. A., Mestres Marcineiros na Rua direita do Loreto, muitos Negociantes, e Pessoas bemfazejas concorrêrão para a sua re-edificação, o que se conseguio em menos de hum anno, erguendo-se deste modo hum padrão, que attesta a efficacia dos soccorros devolvidos a estes gratos Artistas. Quando outro incendio reduzio a cinzas a casa, e Botica da Calçada d'Ajuda, pelas solicitações de hum virtuoso Negociante com Loja de Drogas se procedeo a outra subscripção, com o producto da qual se tornou a estabelecer aquella Botica, unico recurso de huma numerosa familia. Ultimamente havendo sido roubado o Senhor G. J. de M. com Loja de Retroz, tantos, e com tão avultadas sommas concorrêrão outros da sua classe, e alguns Negociantes, entre estes o já mencionado em outro N.° deste Periodico Antonio Pires Leal, com a quantia de 800$000 reis, que hoje existe com maiores fundos do que antigamente.

Todos estes actos de Beneficencia forão praticados antes que os Negociantes de Pernambuco o praticassem com a tripulação do Navio Balsemão, e por tanto não nos serve de exemplo huma acção, que primeiro praticámos: e se a publicação dos nomes he que torna o facto exemplar, deve-se advertir que se nestes actos de Beneficencia não se fez o mesmo, foi porque os Subscriptores das maiores quantias assim o recommendárão com plena conformidade ao espirito do Evangelho; e por isso se não fez público pela imprensa; faça-se o bem, e não importa que a vaidade dos que dão, ou a gratidão dos que recebem, o publiquem por este modo, e por isso em nome da Humanidade bemdiga-se a generosa beneficencia dos Senhores Pernambucanos, a quem o Ceo prospere para poderem repetir tão virtuosas acções.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

O U

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. VIII.

DESCRIPÇÃO

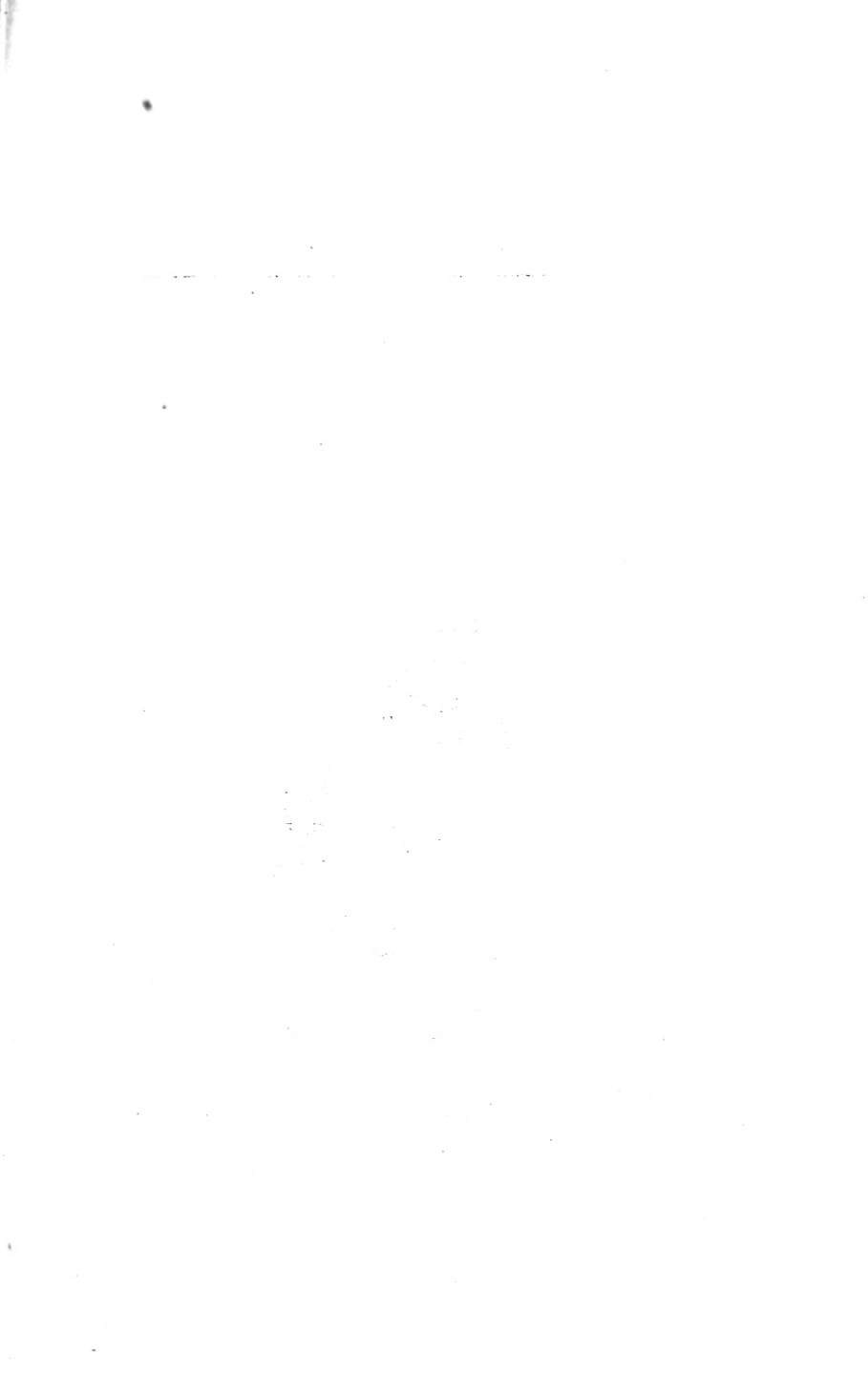
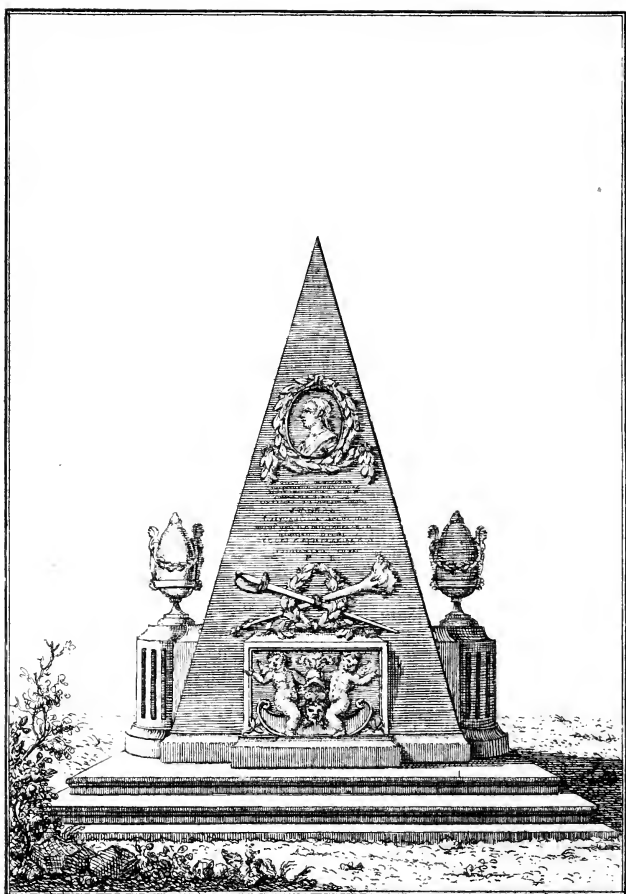
Do monumento sepulcral erigido no Cemiterio dos Inglezes ao Principe de Valdeck.

ENtre os tumulos erigidos na Cidade de Lisboa á memoria dos Grandes Homens, que falecêrão neste Reino, merece particular menção o que S. M. mandou erguer em honra do Serenissimo Principe de Valdeck, Christiano Augusto, General Alemão de grande credito, sobre tudo na arma de artilharia, que entrou ao serviço de Portugal para coadjuvar o Excellentissimo Duque de Lafões no commando do Exercito.

Este Principe faleceo em Cintra em consequencia das antigas feridas, que havia recebido no cerco de Thionville, onde perdeo hum braço. Era tão habil General, que o seu voto em ataques, e defeza de Praças tinha todo o pezo no conselho dos Generaes Alemães, que muitas vezes

cedêrão para seguirem a sua opinião, muitas vezes coroada por hum exito feliz. A sua affeição respeitosa ao Nosso Augusto Soberano, e a affabilidade com que tratava os seus subalternos lhe adquirirão a estimação geral de quantos tiverão a dita de conviverem com este Principe, e tornou saudosa por isso a sua memoria.

Este monumento he hum testemunho público de quanto S. M. toma em Sua Regia Consideração os serviços militares. Condecorações honrosas, e soldos avultados em vida, e distintas Lapidas, que attestem aos vindouros os relevantes serviços, e o merito do valoroso Guerreiro, que maiores, e mais poderosos estimulos para se arriscar a vida, por quem tão generosamente recompensa?

Este Principe, de Religião Protestante, foi a sepultar no Cemiterio dos Inglezes á Travessa dos Ladrões; e sobre as suas frias cinzas, depositadas á direita da rua dos Cyprestes a dois terços de distancia da sua entrada, avulta huma pyramide de cantaria sobre dois degráos da mesma pedra com huma tabella saliente, na qual se vêem esculpidos dois Genios segurando hum capacete. Por cima desta huma coroa de louro, e varios ramos enlação huma espada, e hum facho. Abaixo do vértice da pyramide em justa proporção, e distancia, em huma elipse guarnecida de mais louro, cahindo em festóes por entre duas argolas, se vê a efigie deste excelso General, e entre estes festóes, e os atributos militares se lê gravada na pyramide esta inscripção:

P. Ab. Carvé, desenh. *Fon.ca F.º exculp.*

Christiano Augusto
Caroli Augusti Frederici
Principis Waldechii Filio
Qui vixit an. LIIII.
Decess VIII Kal. Octobr. CIↃDCCXXXXVIII.
Joannes
Lusitaniae Princeps Regens
Qui ut viri rei militaris peritissimi
Opera uteretur
Eum a Germania vocaverat
Hoc monumentum
P. C.

Dois pedestaes convexos sahem dos dois lados da pyramide, e sobre elles estão colocados dois vasos sepulcraes, que por azas tem duas mumias, ou figuras egypcias, de cujas mãos pendem ramos de cypreste. O outro lado da pyramide he guarnecido de outros emblemas, e ornatos analogos ao motivo, com que foi erigido este monumento do desenho do Senhor Fabri, Arquitecto, hoje dirigindo as obras do Real Palacio d'Ajuda, cujo desenho se vê na Estampa em frente.

(Continuação do Artigo começado no N.° III. a pag. 44.)

Mappa Geral do que se gastou na Função, que o Senado da Camara de Lisboa nas casas da Alfandega de Lisboa fez pela Inauguração da Estatua Equestre d'ElRei N. S. D. José Primeiro, em 6 de Junho de 1775, sendo Presidente do mesmo Senado o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Oeiras.

Divisão dos Comestiveis, e Liquidos, os quaes forão comprados pelo Copeiro Braz Troiano.

Quantidade	Género	Valor
	A	
358 arrob. 2 arrat.	Assucar	1:018$510
726½ Canadas	Azeite	173$560
50½ arrob.	Arroz	49$520
19 arrob. 7 arrat.	Amendoas	41$010
5 Barriz	Azeitonas de França, e Sevilha	6$240
46½ Canadas	Aguardente	14$900
	Agua de flor	5$470
2292 Barriz	Agua de beber	44$890
	B	
55½ arrob.	Bacalháo	66$600
13 arrob. 8 arrat.	Batatas	15$970
16 arrat.	Baunilha	2$000
	C	
5 arrob.	Café	54$620
8 arrob. 1 arrat.	Cacáo	42$030

13 arrob. 12 arrat.	Canela	33$725
9½ arrob.	Chocolate	21$880
230	Cocos	9$700
39 arrob. 29½ arrat.	Carneiro	80$320
	Cidrão	5$440
	Café, e Canela coberta	24$680
156	Coelhos, e Lebres	4$200
	E	
	Especiarias	34$920
	F	
291	Frangas	62$760
194	Frangos	21$985
1 Moio	Feijão seco	28$480
79 arrob. 13 arrat.	Farinha	73$365
	Frutas	485$490
	G	
459	Galinhas	129$340
	Gomma de peixe	31$920
	Gronela de frutas	22$800
	Grangeias	10$430
	L	
952½ Canadas	Leite	117$670
132 Frasc. 50 Garaf.	Licores	51$120
28	Leitoas	24$120
	M	
62 arrob. 2 arrat.	Manteiga de vaca	144$350
16 arrob. 24 arrat.	Manteiga de porco	104$[illegible]10
	Marmelada	9$460
1 arrob. 19 arrat.	Macarrão, e Talharim	3$570
	N	
624 arrob.	Neve	999$450
	Natas	26$700
	O	
4154 Duzias	Ovos	337$025

	Obreias para doce	2$040
	Ostras	1$400
	Ortaliças, e mais plantas	253$840
	P	
24725	Pães de 20 reis	495$700
112 arrob. 1½ arrat.	Prezunto	333$545
170	Peruns	111$460
26	Peruas	16$050
62	Patos	21$000
312	Pombcs	50$970
18	Perdizes	1$800
4	Porcos	38$400
	Peixe	346$095
	Pistache	82$600
	Pastilhas para guarnecer os pratos	10$600
	Q	
	Quinta essencia	5$460
	Quejos	16$675
	S	
	Salsichões	25$640
9 Moios	Sal	17$300
	Sustento com engordar a Criação	81$415
	T	
	Trunfos	33$600
4 arrob. 20 arrat.	Toucinho	13$175
	V	
266 arrob. 28½ arrat.	Vaca	458$667
118 arrob. 24 arrat.	Vitella	234$312
	Vinagres de varias qualidades	60$390
	Vinhos Estrangeiros, e do Paiz	2:068$130

X

	Xá de varias qualidades	54$700
	Importe dos Comestiveis, e Liquidos	9:239$994

Divisão do trem, e outras despezas feitas pelo Armador Fernando Antonio, e pelo Copeiro Braz Troiano.

	A	
	Alugueres	2:739$985
	Arames	131$450
220 Varas	Aniagem	17$620
	Aparas de papel	37$460
	Aço, que se pôz nos vidros	1:268$800
	B	
253 Varas	Brim	63$250
24	Baldes de lata	38$400
2 arrob. 2 arrat.	Breu	2$210
	C	
146 arrob. 10 arrat.	Chumbo	246$719
122 arrob.	Cera	1:717$225
	Canivetes, tizouras, limas	16$735
	Carrões	12$680
	Cordeis, e barbantes	7$860
	Cordas	27$030
	Cristaes	29$900
734	Colherinhas para os copos de neve	17$350
	Colheres de páo	2$930

3	Crivos	$740
	Cotelas	1$840
	Cocharras	3$200
	Chaves de bronze	6$960
13 Peças	Crés	20$800
	Cartas de jogar	22$700
	Cobre, que faltou	42$220
	Conserto das Cadeiras, e Bancas	92$530
	Conserto dos Lustres	87$920
	Comedorias dos Armadores	192$000
434 Sacas	Carvão	267$090
	Caixas das Catimploras	2$830
	Carretos	256$950
	D	
	Drogas para as pinturas	409$601
	Despezas miudas	206$409
	Despezas grandes em diversas coizas	886$555
	E	
6 arrob. 28 arrat.	Estanho	34$320
	Estaminas	7$680
	Espetos	14$100
	Escovas	1$280
	Engomado da Roupa de meza	21$170
	Esteiras	80$640
	Enfeite do Cavalo, em que foi o Procurador da Cidade ao Bando	22$320
	Embarcações para o Lago	403$335

	F	
16 Caixas	Folha de flandres	194$400
31 arrob. 13 arrat.	Ferro em barra	35$450
	Flores para ornar os deseres	1:083$390
	Fitas, seda, linho, e nastro	54$370
	Feitio de panos, e aventaes	22$100
	Frocos	5$100
	Funis	3$000
	Facas	2$600
	Figura de Saxonia	2$880
	G	
	Grilandas de flores	49$400
8 arrob. 25 arrat.	Grude	42$140
	Garrafas ordinarias	116$820
	Gratificações	2:287$660
	Gastos extraordinarios	93$440
	H	
8 Varas	Holanda	16$000
	J	
	Jornaes	8:570$160
	L	
	Louça grossa das Olarias	255$835
	Louça da India, que se quebrou	266$330
	Lavage da ropa de meza	44$600
	Limpeza da Prata	7$200
	Lhamas	34$400
	Lenha	151$380
	M	
	Marcas, que se poze-	

	rão na prata para não se trocar	26$400
	O	
	Obra de prateados, e dourados	338$640
	Obra de torneiro	82$970
	Ouro, e prata em pão	239$130
	Obra de funiieiro	514$140
	Obra de Serigueiro	88$550
	Orquesta	3:636$220
	P	
	Papel	98$440
	Papelão	12$890
1 arrob. 25 arrat.	Pês	1$870
3 arrob. 10 arrat.	Polvilhos	6$360
	Pregos, e alfinetes	132$905
	Paz de ferro	6$160
	Passadores de baeta	2$370
	Peneiros, e peneiras	23$640
	Panellas de cobre	22$320
10073 Varas	Panno de linho	219$870
	Prata, que faltou	114$560
	Papagaio para a Casa do Baile	512$702
	Pinturas	648$000
	R	
	Roupa de meza, que faltou	121$530
	Retratos	32$000
	Redes para o doce	14$400
	Rolhas	2$400
	S	
56 arrob.	Cebo	163$665
	Sorveteiras	30$720

		Selhas	27$600
		Seda frouxa	12$595
		Serafina	23$040
		T	
		Taboado	109$120
4		Tinas	24$000
130		Talheres de latão	28$500
53		Torneiras	5$300
		Tamisas	3$400
		V	
		Vazilhas de vidro	308$325
		Vidros para espelhos	631$520
		Vidros para lustres	131$760
1063		Vidros para enfeites	117$240
		Vidros com aço	4$670
404	Covados	Volantes	84$060
113	Covados	Velilho	18$080
24		Verieiras de lata	57$600
		Vassouras	2$450

Importe de varios trens, e diversas despezas 31:483$621

Resumo de toda a despeza.

Pela importancia dos comestiveis, e liquidos	9:239$994
Pela dita de diversos trens, e despezas	31:483$621
	40:723$615

(Assignado) Leonardo José Teixeira de Carvalho, Tenente de Cavalleria do Regimento de Alcantara.

Descripções da dita despeza.

Officios, que vencêrão jornaes.

Carpinteiros
Calafates
Escultores
Empastadores
Fundidores
Ferreiros
Funileiros
Fabricantes de vidro
Floristas
Pastilhadores
Pintores
Pedreiros
Serralheiros
Soldados
Artifices
Formatores
Vidraceiros
Copeiros
Cozinheiros
Ajudantes de Copeiros, e Cozinheiros
Moços

Distincção da totalidade da despeza.

Importou	o Deser de S. M., e o da Côrte		3:986$274
Dito	o gasto da Copa		3:461$070
Dito	dito	da Cozinha	2:476$074
Dito	dito	da Comedoria da Familia	2:313$375
Dito	dito	dos Ornatos	5:965$812
Dito	dito	da Armação	2:847$415
Dito	dito	das Despezas grandes	19:673$595
			40:723$615

Distincção das gratificações.

Aos Officiaes, e Soldados, que assistírão á função	480$000
Ao Tenente Francisco Roberto do Regimento de Albuquerque por huma joia de valor	65$000
Ao Alferes João Pedro do Regimento de Peniche	48$000
Aos Guardas da Alfandega	384$000
A David Peres por huma joia de valor	412$800
A Estevão Antonio da Montes, em attenção ás quebras, que teve com o pagamento da despeza, para huma joia	400$000
A Manoel Rodrigues Bolonha	240$000
A Euzebio Francisco de Almeida pela revisão das Obras Poeticas	51$200
Aos Criados que servirão ás Mezas	206$660
	2.287$660

Divisão do sustento da criação.

32 alqueires de Trigo	17$760
39 ditos de Milho	13$280
25 arrobas¾ de Farinha de Arroz	32$585
53 alqueires de Semeas	7$410
De Alfaces	10$380
	81$415

POESIA.

Imprimindo-se sómente o Soneto, que Manoel Maria Barbosa de Boccage compoz em honra do retrato, que lhe fizera o Senhor Henrique José da Silva, parece acertado publicar-se as seguintes Poesias, que sobre o mesmo assumpto, e pela mesma occasião compozérão outros Poetas.

Ao insigne quadro do Senhor Henrique, e ao maravilhoso Soneto do Senhor Boccage.

SONETO.

LEvantado o pincel, a pluma erguida,
O loquace Pintor, o mudo Vate,
Por que hum se cante ao outro, e se retrate,
Hum, e outro ao Nume, que os influe, convida.

Debuxa Elmano em frase colorida,
Canta Henrino em enérgico escarlate;
Mas o Pintor sublime a voz abate;
Treme ao Vate a palheta esclarecida.

Phebo, seu Pai, seu Deos, seu Mestre ufano,
Que indecisos os vê no seu destino,
,, Valor, lhe diz, valor, ó Par sob'rano. ,,

Eis seu alto Poema acaba Henrino,
Seu Quadro portentoso finda Elmano,
Divino o Cantico, o Painel Divino.

T. A. S. S.

O D E.

Manca il parlar, di vivo altro non chiedi
Nè manca questo ancor s'egli occhio credi.
Tasso, Jer. Lib. Cant. 18.

EU o conheço; he elle que inda pensa! . . . .
Por olhos, e por face inda transpira
A santa inspiração, com que abundosas
As Musas lhe acudião!
Sim . . . és tu, ó Boccage! . . . (embora em cinzas
Urna apertada teu espolio encerre)
Vivem tuas feições nos rasgos mestres
Do alto pincel de Henrino.
Bem hajas, Phebo, que a zombar da morte
Ensinaste aos humanos! . . . não contente
De que a Lyra, ou Trombeta eternizasse
O espirito do Mundo.
Para o roubo vingar da Irmã de Clicie
(Porque Mortaes, e Deosas desdenhavas)
Inventaste a Pintura, que remisse
De seu imperio o corpo.

J. M. da C. e S.

ANECDOTAS.

Hum General estrangeiro ao serviço de Portugal indo a Elvas, vio em distancia o monumento erigido em memoria da batalha das Linhas d'Elvas, no sitio em que se deo a batalha; e perguntando o que era, respondeo-lhe hum Official General Portuguez, que lhe tinha vindo ao encontro, ser a columna, que attestava naquelle sitio haverem os Portuguezes vencido os Hespanhoes em 14 de Janeiro de 1659, fazendo-os levantar o sitio d'Elvas: = Commandados pelo Conde de Schomberg, disse o General Estrangeiro? = Não, Senhor (replicou o General Portuguez): commandados pelo Marquez das Minas, como se vê da inscripção. O Conde de Schomberg ainda não se achava em Portugal. = Os Portuguezes tambem sabem vencer commandados por Portuguezes. =

Hum cego de hum olho encontrando de madrugada a hum corcovado lhe disse: = Tão cedo já tão carregadinho! = Bem mostra, que he cedo em sua casa, respondeo o carcunda, pois só lhe vejo huma janella aberta. =

A advinhação do Soneto a pag. 116 *do N.° VII. he a letra M.*

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNÉMOSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. IX.

MEMORIA.

Sobre as demonstrações de prazer dos Portuguezes nos dias anniversarios dos seus Soberanos.

DEpois da feliz Restauração de 15 de Setembro de 1808, nenhum dia anniversario dos nossos Augustos Soberanos tem decorrido, que hum regozijo público, e geral não manifeste da maneira mais energica, e menos equivoca a pureza dos nossos sentimentos, e o amor que professamos a Suas Magestades, e Real Familia.

Somos entrados no oitavo anno desta ditosa época, e ainda continuão as illuminações por tão plausivel motivo. Em outro qualquer dia apparece o Militar na parada com garbo, e aceio; porém neste além disto ressumbra-lhe o prazer no rosto. O Povo em qualquer outra occasião reune-se; porém nesta apinha-se. Nos Templos ergue-se a voz ao Altissimo supplicando-lhe a dilatação de tão preciosa Vida: nos Banquetes se empunhão os copos em brindes á sua vigorosa Saude; e nos Theatros retinem palmas ao ap-

parecimento da sua Real Efigie. O Hymno Patriotico em toda a parte ressôa; não he a saudação usual dos Hymnos Patrioticos Estrangeiros, he a voz da saudade do Povo pela ausencia do seu Soberano, a quem supplíca ancioso o venha fazer feliz com a sua Presença, accompanhada dos sons maviosos de huma terna melancolia, mais tocante, e que interessa mais, a ponto de assomar aos olhos o doce pranto, que exprime este sentimento.

Não he unicamente em Portugal, que os Vassallos de tão bom Soberano festejão o seu anniversario: Em toda a parte onde ha Portuguezes patenteão-se as mesmas demonstrações de regozijo. Em Londres o Club dos Negociantes Portuguezes deo no corrente anno no fausto dia 13 de Maio hum jantar onde entre muitos illustres Estrangeiros se achárão Sir Home Popham, Commandante da Marinha Ingleza, o Consul da Russia, o de Dinamarca, etc. onde o primeiro brinde foi feito á Saude do Nosso Soberano, e com tal enthusiasmo, e acclamações correspondido, que por muito tempo não pôde a musica ter lugar para o acompanhar com os instrumentos. Hum dos brindes do Presidente (o Senhor Joaquim de Andrade, Consul Geral de Portugal) produzio tambem grande sensação pelo motivo, e engenhosa maneira, com que foi proposto: — Ao valoroso Exercito Portuguez, que conquistou a liberdade da sua Patria, e bem justificou por suas façanhas a divisa do nosso immortal Poeta:

E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do Mundo Rei, se de tal Gente.

Não foi menor a sensação que produzio o brinde do Vice-Presidente (o Senhor Antonio Martins Pedra): — Ao Commercio Portuguez, e a tudo o que póde fazer a grandeza de Portugal. — Eis como apparece o amor, e o res-

peito, que tributão os Portuguezes em toda a parte a Sua Magestade; o entusiasmo de que se apossão pelas proezas dos seus Guerreiros; e os desejos que tem pela prosperidade do Commercio, e Grandeza de Portugal.

Observações secretissimas do Marquez de Pombal sobre a collocação da Estatua Equestre de Sua Magestade o Senhor D. José Primeiro. (1)

I. A Grande cortina, que no felicissimo dia 6 do corrente mez de Junho de 1775 descobrio a regia Estatua d'ElRei meu Senhor, veio a manifestar nos dias successivos ao claro conhecimento de todos aquelles, que não parando na superficie dos objectos, que se lhes apresentão á vista, passão a investigar, e comprehender a substancia das coisas, que S. M. não só tem inteiramente dissipado e reparado as trévas, e as ruinas, em que achou sepultados os seus Reinos; mas que além disso tem feito apparecer outra vez em Portugal o seculo feliz dos Senhores Reis D. Manoel, e D. João III. para o exceder em os progressos das suas Paternaes, Magnanimas, e Infatigaveis Providencias.

---

(1) Ainda que estas Observações se achão impressas no Numero LX. do Investigador Portuguez, julgo-as tão interessantes, e honrosas á Nação, que para mais as vulgarizar entre nós as publico neste Jornal. A cópia, de que me servi, differe em algumas palavras da inserta no Investigador: não direi qual dellas he mais exacta; sómente o que posso affirmar he que, cotejando-a com a que se acha na Salla dos Manuscriptos da Real Bibliotheca Pública, Estante H, 11, 53, a achei conforme até na pontuação.

II. Pois que todos os principios, que a Economia do Estado, e a Arithmetica Politica estabelecêrão, para que por elles se possa formar huma completa idéa do Estado, da civilidade, da politica, da opulencia, e das forças de qualquer Nação culta se vírão apparecer em público com esta faustissima occasião na Côrte de Lisboa, causando assombro a todos os Nacionaes, e Estrangeiros.

III. He o primeiro dos ditos principios o caracter commum da letra. E quando até ao anno de 1750 era rara a pessoa, que escrevesse huma Carta legivel, ha hoje a mesma raridade de achar quem escreva mal em Lisboa, de sorte que em cada vez, que se quer nomear hum escripturario para qualquer das Contadorias do Real Erario, das Juntas da Fazenda, da Junta do Commercio, das Companhias Geraes, e das outras repartições públicas, apparecem resmas de papel inteiras em memorias, e petições de letras formosissimas.

IV. He o segundo principio o do estado das Artes, Fabricas, e Officios Mecanicos, que são os braços, e as mãos de todo o Estado. E quando antes, tudo o que elles costumão fabricar, entrava pela barra de Reinos estrangeiros, se vio agora, que as manufacturas nacionaes fornecêrão em obras de oiro, e prata, de lã, de seda, de ferraria, de marcenaria, de correaria, etc., tudo o necessario para os vestidos, e gallas de ambos os sexos, para ornatos das casas, e mezas, e para as ricas, e numerosas carruagens de huma tão brilhante função, sem que viesse de fóra coisa alguma; porque até os espelhos, e placas, e vidros de beber forão feitos nas fabricas dos vassallos de S. M.

V. He o terceiro principio o do estado das Artes Liberaes, e depois de se haverem manifestado as muitas, e boas pinturas do insigne Francisco Vieira, e dos seus muitos discipulos, e imitadores, em que hoje abundamos:

depois de haver a Aula do Commercio feito de tal sorte vulgar a Arithmetica, que para o lugar de hum Guarda-Livros, que antes se mandava buscar a Veneza, e Genova com hum conto de reis, e tres mil cruzados de emolumentos, succedendo agora vagar se apresentão hoje vinte, e mais oppositores habilissimos em todas as arrimações de Livros mercantis, e em todas as mais difficeis reducções de pezos, e medidas, de sólidos, e líquidos, de todos os cambios, e de todas as differentes moedas, que correm nas Praças da Europa: depois de terem os sumptuosos, e bem deliniados edificios de Lisboa acreditado tanto a Architetura, a portentosa Estatua Equestre, o soberbo, e delicado pedestal della, a elevação, e colocação daquelles incomportaveis pezos, e a primorosa estampa, que successivamente manifestou ao público os merecimentos daquellas dificilimas obras todas feitas por mãos dos Portuguezes, mostrárão bem vivamente aos Estrangeiros, que nenhuma inveja pódem causar a Portugal nem os seus Desenhadores, nem os seus Pintores; nem os seus mais famigerados Fundidores, nem os seus mais habeis, e peritos Maquinistas.

VI. He o quarto principio o do estado da Filologia, ou das Bellas-Letras, que servem de bazes a todas as Sciencias; e a multidão de prozas, e de poezias, que apparecêrão na Meza Censoria, compostas nas linguas Latina, Portugueza, Grega, Hebraica, e Arabica, com a pureza de estilo, e elegancia dos seculos dos Demosthenes, dos Homeros, dos Tulios, dos Virgilios, e dos Horacios em Roma, e dos Teives, Andrades, Gouveas, Rezendes, Barros, Camões, e Bernardes em Portugal tambem fizerão ver demonstrativamente que estes estudos preparatorios senão achavão mais florecentes ao tempo da invasão dos Jesuitas, do que hoje se achão.

VII. He o quinto principio o do estado das Sciencias

maiores. A restauração da Universidade de Coimbra pelo estabelecimento dos Régios, e novissimos Estatutos, pelo outro estabelecimento do seu opulento, e perduravel patrimonio, pelo outro estabelecimento de tantos, e tão eruditos Professores de todas as Sciencias, e dos estimulos, para animar os daquellas, cujos estudos são mais arduos, e mais escabrosos, pelo outro estabelecimento das sacrosantas Leis, que abolindo os Expurgatorios Romano-Jesuiticos fechárão aos Livros perniciosos as portas, que abrírão aos de sã, e util erudição, e enchêrão estes Reinos das clarissimas luzes, em que hoje abundão, e pelo outro estabelecimento da importantissima Meza Censoria, que com infatigavel disvelo vigia continuamente sobre a exacta execução das referidas Leis em commum beneficio: todos estes estabelecimentos constituem outros tantos testemunhos authenticos, não só dos rápidos progressos, que todas as referidas Sciencias tem feito nestes Reinos, e seus Dominios, mas tambem da justiça, com que todas as Universidades da Europa estão olhando com admiração, para a de Coimbra, e com que Portugal levantou hum tão excelso monumento ao seu Augusto Restaurador para perpetuar a seu illimitado reconhecimento até ao fim do mundo.

VIII. He o sexto principio o do estado do Commercio interior. E observando-se por huma parte, que tudo quanto se tem manifestado nas ruas, nas Praças, e nas janellas de Lisboa fôrão productos das manufacturas das Lojas dos Mercadores nacionaes, e dos trabalhos de Artifices Portuguezes: observando-se pela outra parte, que as Fabricas, e as Lojas se despejárão inteiramente até lhes não ficar coisa alguma, que podessem vender, que todos os Artifices não bastárão para supprir os trabalhos de que forão encarregados, sendo o número delles presentemente tal, e tão extraordinario como nunca o fôra: e observan-

do-se pela outra parte a importancia dos cabedaes, que por todas as referidas vendas, e obras de mãos girárão dentro em Lisboa pelas mãos dos habitantes desta populosa Capital, logo se comprehende o grande numero de milhões, que em si contém o mesmo Commercio interior.

IX. He o septimo principio o do estado do Commercio externo, e reflectindo-se tambem por huma parte no grande numero de milhões que tem entrado em Portugal por diamantes, que até ao anno de 1753 não tinhão extracção, nem consumo: por outra parte em assucares até ao ponto de faltar na Alfandega para o consumo do Reino este importantissimo genero, que até ao dia 27 de Janeiro de 1751 empachava todos os Armazens sem haver já na Cidade alguns em que se recolhesse: por outra parte o outro tambem importantissimo genero do Tabaco, que até ao regimento de 16 de Janeiro do mesmo anno de 1751 se achava igualmente inutil, e a Fabrica Real condemnada em quatro mil cruzados para a queima delle: por outra parte em Coiros, e Atanados, Sollas, e Vaquetas, cujo valor he notorio, que sóbe tambem a outros muitos milhões de cruzados: por outra parte no Sal, que se achava quasi aniquilado, em quanto S. M. não deo as Providencias, que trouxerão, e trazem sómente ao porto de Setubal mais de trezentos Navios de carga cada anno: por outra parte em vinhos, que sómente no Doiro fazem o gyro de mais de quatro milhões annualmente: por outra parte em frutas de espinho, que a frequencia dos Navios Estrangeiros faz extrahir; de sorte que sómente em Cintra, e Collares, qualquer Pomar de Limão se reputa huma mina de oiro: por outra parte em Cacau, Caffe, Arroz, Algodão, Gengibre, Cravo grosso, e fino, Urucú, e outros muitos generos do Pará, e Maranhão, de que antes das Providencias de S. M. não tiravão algum proveito os vassallos do dito Senhor: pela outra parte em Páo do Bra-

zil, e nos outros diversos, que tanto aproveitão para as tinturarias, e nas Userlas de que se tem tirado tanta utilidade: e pela outra parte na novissima, e utilissima restituição do Commercio da Azia aos vassallos do dito Senhor, que com as suas inexauriveis providencias abrio aos seus vassallos sem sugeição ao monopólio de huma companhia, e sem o desembolço da moeda nacional, de que antes nos privavão as Náos que hião a Goa, e o abrio, e franqueou de tal sorte, que neste ultimo anno despachou Portugal para o Oriente onze Navios, quando nelle Inglaterra não mandou mais de treze: de sorte que de tudo o referido vim a concluir por huma demonstrativa consequencia, que S. M. tem feito o seu Commercio externo mais feliz, e opulento do que o foi naquelle feliz dos Senhores Reis D. Manoel, e D. João III., porque as drogas da India, que os referidos dois Monarcas tiverão em monopolio no seu seculo, quando o Brazil lhes não produzia coisa alguma, que fôsse significante, se achão com muitas vantagens excedidas pelas referidas preciosissimas producções da America, que são proprias do Reino, quando ao mesmo tempo lhe não faltão as da Azia, que hoje se achão divididas por todas as Nações da Europa.

Continuar-se-ha.

POESIA.

A huma Senhora, que estava lendo a Tragedia de D. Ignez de Castro.

SONETO.

Não, suspirada Marcia, mais não lêas
Da triste Dona Ignez a infausta Historia;
Olha, que de seus males a memoria
Te ha-de o sangue gelar dentro das veas:

Chorão por ella os troncos, e as areas;
Só o maligno Amor, cheio de gloria,
Inda em signal conserva da victoria
As tranças da Infeliz de sangue cheas.

Ah! linda Ignez! aonde se escondia
Aos ternissimos ais, que estavas dando,
O teu Pedro; o teu Bem, que os não ouvia?

Mas tu, querida Marcia, estás chorando!
Se assim chorasse Ignez, quem poderia
Traspassar-lhe cruel seu peito brando!

SONETO.

FAmoso nome ter na longa Historia,
Mil Cargos exercer entre a Grandeza,
Qual Cresso possuir nimia riqueza,
Da mais feroz Nação ganhar victoria:

Sentar-me em Throno de brilhante gloria,
Honra, que o Mundo vão adora, e préza,
Dar Leis, qual Alexandre, á redondeza,
Ver meu retrato em colossal memoria:

Se até o mesmo Sol, que o mundo aclara
A carreira a meu mando suspendêra,
Se os Astros, e Elementos dominára;

Se a Natureza em fim me obedecêra,
Tudo, Marilia, tudo desprezára
E só nos olhos teus viver quizera.

CURIOSIDADES.

Bibliothecas Públicas.

A Real Bibliotheca Pública, estabelecida no segundo pavimento da arcada da Praça do Commercio do lado occidental, foi erecta em 1796, e se acha formada das Livrarias da Real Academia da Historia Portugueza, e Real Meza Censoria, que tinha sido formada das Livrarias dos Collegios, e Casas Professas dos extinctos Jesuitas.

A sua distribuição he a melhor, e a mais propria relativamente ao lugar em que se acha collocada. As suas sallas não são elegantes, mas são cómmodas; nem seus armarios, ou estantes são ricamente decorados, mas são decentes. Huma Bibliotheca dividida por sallas, e em armarios, onde sem o ministerio das escadas moventes se podem tirar os Livros, bem se deixa vêr que deve ser muito cómmoda para o uso dos Estudiosos, e serviço dos Officiaes Bibliothecarios.

Compõe-se de doze sallas, nas quaes se achão os Livros classificados da maneira, e na ordem seguinte: Historia; Bellas Letras; Sciencias Naturaes, e Artes; Sciencias Civís, e Politicas; Sciencias Ecclesiasticas; Polygrafia, e varia Erudicção; Manuscriptos; Museo, e varias Peças de Artes.

Possue Livros preciosos, e edicções rarissimas, e entre estas se distinguem a antiquissima Biblia Moguntina, em caracteres de madeira, e a Biblia Sextina. Em Manuscriptos he igualmente rica de huma singular Biblia em He-

braico, e outras em Latim com algumas passagens da Santa Escriptura pintadas com finissimas côres, e lindas tarjas, e arabescos primorosamente doirados; além de outros Manuscriptos Arabes, Chinezes, e outras Nações Orientaes.

O Museo he composto das medalhas antiquissimas, e rarissimas dos Reis de Macedonia, do Egypto, dos Imperadores Romanos, etc., grande numero dellas de oiro; da collecção completa das medalhas do reinado de Luiz XIV., e de muitas outras peças, e dinheiros, assim como de grande numero de artefactos delicados, e admiraveis de Artes, e Officios. Nesta mesma salla se acha a collecção completa da impressão de Bodoni, rica, e perfeitamente encadernada por Livreiros Portuguezes, e por ella se vê, que alguns são superiores, quando se exigem perfeitas encadernações, aos mais peritos Livreiros de Alemanha, Italia, Hespanha, etc., e mui pouco lhe falta para disputarem a preferencia aos Francezes.

Em huma salla decente, e analogamente pintada junto á salla da Polygrafia está collocada a Estatua Pedestre da Augustissima Rainha a Senhora D. Maria I., Fundadora desta Real, e Pública Bibliotheca, esculpida em marmore pelo Senhor Joaquim Machado de Castro. Em o seu pedestal se lê esta inscripção:

Mariæ I.
Bibliotheca Olisiponensi erecta
Marmoream hanc statuam
Joanne Brasiliæ Principe
Rem Publicam gerente
Thomas
Marchio Pontilimensis
Supremus ejusdem Bibliotheca curator
Anno CIƆIƆCCLXXXXIX.
Posuit.

Esta Regia Bibliotheca he franca ás pessoas de ambos

os sexos nas Segundas, Quartas, Quintas feiras, e Sabbados de manhã desde as nove horas até á huma da tarde; e nas Terças, e Sextas feiras de tarde desde as tres horas até ás sete de verão; e no inverno huma hora mais tarde de manhã, e huma hora mais cedo de tarde. Não seria desacertado, antes mui util, que esta Bibliotheca se mandasse conservar aberta nos dias feriados dos Tribunaes, excepto aos Dias Santos, ou de annos dos Soberanos; porque estando fechada, como se pratica em taes dias, priva muitas pessoas empregadas nos Tribunaes, de se utilizarem deste bem público.

He seu Bibliothecario Maior o Illustrissimo Senhor Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, que tem honrado a Republica Litteraria com optimas Composições, entre ellas merecem especial menção as suas excellentes Poesias, ha pouco impressas nitidamente na Impressão Regia; e a Traducção das Odes de Horacio. He seu segundo Bibliothecario o Senhor Doutor Agostinho José da Costa Macedo.

Franqueão tambem as suas Livrarias, os Religiosos do Convento de N. S. de Jesus, cuja selecta Livraria está collocada em hum grande sallão, em altas, e bem decoradas estantes, sobre cuja cimalha se vêem os bustos dos mais distinctos Sabios da antiguidade, e entre estes os dos Escriptores Portuguezes, de maior nome:

Os Padres da Congregação do Oratorio do Real Hospicio de N. Senhora das Necessidades, dadiva do Senhor D. João V., cujo busto em marmore, esculpido por Justi, se acha alli collocado:

Os Religiosos de S. Francisco da Cidade, em cuja entrada se vê o busto do maior Sabio da sua Ordem, Fr. Francisco de Macedo, esculpido primorosamente em marmore:

Os Religiosos de S. Domingos, e os de S. Vicente.

ANECDOTAS.

Estando Gomes Freire de Andrade, primeiro Conde de Bobadella, Governador do Rio de Janeiro, e Minas Geraes, separando d'entre os prezos para o recrutamento os que devião assentar Praça, hum destes se fingio surdo para se isentar. Era preciso gritar-lhe para dar demonstrações de ter ouvido; e mesmo tão bem soube fingir-se, que mandando-o o Governador embora deixou-se ficar, até que á força de lho repetirem a gritar se retirou. Hum Sargento, maliciando de tamanha surdez, o seguio até á escada, e chegando-se a elle lhe disse em voz baixa, e em tom de confiança: = De certo você não ouve nada? = Não Senhor, respondeo o fingido surdo. = Desta sorte descuberta a malicia, foi reconduzido á salla, aonde se lhe assentou Praça.

Na presença de hum Juiz demandava hum camponez hum seu visinho por certa quantia, que lhe havia emprestado; do que se defendia o Réo negando teimosamente tal emprestimo. O Julgador duvidoso da boa fé do devedor pela tenacidade com que se limitava a certas respostas, lembrou-se do seguinte estratagema. = Pois de certo ninguem vio, nem soube desse emprestimo; disse o Juiz voltando-se para o queixoso? = Como, Senhor, se lhe dei o dinheiro n'hum descampado, lhe tornou este! = Nesse mes-

mo descampado hão de haver arvores, ou plantas, lhe replicou o Juiz, e da mais proxima ao sitio do emprestimo tire hum ramo, ou folha, e traga-ma para servir de testemunha. = Partio o queixoso, e da futilidade de huma similhante prova vio o Juiz, que se surria o Réo. Passado algum tempo exclamou o experto Julgador = O homem demora-se, creio que he longe o sitio! = Não Senhor, he em tal parte, respondeo o Réo: = por este dito veio a confessar a dívida, em que foi condemnado a pagar.

Erratas.

No N.° I. pag. 11, linha 14, e 15 onde se acha Leça, lea-se Ponsul. No N.° II. pag. 27., linha 16 onde se acha ordem composta, lea-se ordem Jonica. No dito N.° pag. 30, linha 14 onde se acha Advertis, lea-se Adsertis, e linha 16 onde se acha orbem, lea-se urbem.

N. B. As Decimas do Padre Braz do N.° I. deste Jornal achão-se impressas (ignorava-o) no Almocreve de Petas, Parte XL, XLI, e XLII, com a seguinte differença. Faltão no Almocreve a 11, e 15 deste Jornal, e por estas se achão no Almocreve a 14, e 15, que supponho serem apócrifas. O Padre Braz não era Author, que começasse huma Poezia com exposição, e a terminasse sem huma conclusão, como a Decima: Vou dando por acabada a Carta, etc., cuja não se acha no Almocreve. Estou certo, que o erro não provem do jovialissimo Author do Almocreve; servio-se talvez de alguma cópia alterada, e sem o nome do Author: póde ser que, a de que me servi, ainda não seja a exacta: a estes erros estão sujeitos os que imprimem obras, cujos Authores são ignorados, ou falecidos. Algumas Poezias vão neste Jornal, que desejava saber, quem são os seus Authores não só para lhes pedir licença para as publicar, mas até para serem por elles revistas.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,
OU
MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. X.

(Continuação do artigo commeçado a pag. 139 do N.° IX.)

X. HE o oitavo principio o da sociabilidade entre os differentes estados, entre as ordens, classes, e gremios delles. E agora se tem manifestado a harmonia, e consonancia, em que se vírão concordes a primeira nobreza, com a civil, e ambas com a plebe, sem que no concurso de todas houvesse em tantos, e tão numerosos ajuntamentos a mais leve alteração. O mais foi porém concorrerem na Praça mais de cento e cincoenta mil pessoas da ínfima especie do povo miudo em confusão, e aperto sem que se ouvisse soar nem huma só voz de queixa, ou clamor, e sem que se visse atrever-se qualquer pessoa do sexo masculino a attentar nem levemente contra a modestia de qualquer outra pessoa do sexo feminino por palavras, ou obras, nem ainda daquellas, que a galanteria tolerava ha bem poucos annos nas portas, e concursos das Igrejas.

XI. He o nono principio o do estado da opulencia dos vassallos ; e todos os Estrangeiros , que vírão com a devida reflexão concorrerem ao mesmo tempo por huma parte os muitos milhões, que tem custado, e valem os edificios públicos, e particulares de Lisboa, levantados dentro em tão pouco tempo sobre as funestas ruinas do horroroso terramoto do primeiro de Novembro de 1755, que vírão por outra parte formar dentro em menos de seis mezes huma são magnífica Praça, que excede na grandeza, e formotura a todas as que conhece a Europa com tantas, e tão importantes despezas de materiaes, e de jornaleiros pagos, para trabalharem de dia, e de noite; que vírão erigir no centro da referida Praça hum tão custoso, e nunca até agora visto collosso, que vírão o Senado da Camara dar ao Público, não só humas tão custosas, e magníficas assembléas em hum Sallão tão amplo, e tão rico, e primorosamente guarnecido, qual nunca tinhão visto os viventes; mas tambem huma igualmente magnífica cêa em outro Sallão soberbo, e decorado com exquisito gosto, e extraordinario custo, com ornamentos feitos sómente para aquella funcção, sem que possão ser de uso para outra alguma, que se intente fazer, sendo a meza servida com grande exactidão, e delicadeza de pratos para quatrocentas pessoas, com copiosissima baixella de prata nacional, sem entrar nem huma só peça de estrangeiros; que vírão as Casas da Junta do Commercio tambem preciosamente armadas, e nellas outra abundante, e delicada cêa da mesma sorte servida com abundante baixella de prata, e allumiada com grande numero de castiçaes, e serpentinas do mesmo precioso metal; que vírão outra respectiva superabundancia delle em todos os Tribunaes em castiçaes, salvas, bandejas, e todas as mais peças com que fôrão servidos os seus respectivos refrescos; que vírão a Casa dos Vinte e Quatro, ou dos gremios das Ar-

tes Fabrís, fazer as mesmas apparatosas despezas em ornamentos de casas, comida, e serviços de prata; que vírão redundar a mesma abundancia de prata, e refrescos em todas as casas dos Negociantes Portuguezes, e até nas dos habitantes das ruas da passagem de huma tão augusta funcção; que vírão o mesmo Juiz do Povo, e os seus Deputados pôrem aos olhos do Público, á sua propria custa, e espontaneamente, em sinaes de amor, e de reconhecimento ao seu Augusto Bemfeitor sete carros triunfantes allegóricos tão bem entendidos, como dispendiosos; que vírão não só as janellas da primeira Nobreza, e todas as varandas da Nobreza Civil em hum até agora desconhecido numero cheias de custosissimas gallas, e de importantissimos diamantes, e pedras preciosas; que vírão outro respectivo, e extraordinario numero de carruagens novas, e de bom gosto, que as ruas da Cidade sendo tão amplas, não podérão conter em si, fazendo-se preciso mandalas accommodar em distancias remotas; que vírão todo o sexo masculino á mesma imitação ricamente vestido, e ornado, desde os individuos da primeira Nobreza, até aos da ultima plebe: Todos os Estrangeiros, digo, que vírão com a devida reflexão aquelle complexo de riquezas, que concorrêrão ao mesmo tempo em huma tão augusta funcção, não podião deixar de ficar convencidos, de que a Capital, e o Reino se achão constituidos na prosperidade da maior opulencia.

XII A união, e o complexo de nove observações, que deixo indicadas vierão pois a constituir-me na plausivel certeza, de que os effeitos dellas não deixarão de ter causado nos estrangeiros, que presenciárão huma tão magnífica funcção os effeitos seguintes:

XIII. Primeiro effeito. As Nações, que com arrogancia, vangloria, e superioridade olhavão antes para a Portugueza como bisonha, rude, inerte, e destituida de to-

dos os elementos, e principios das Artes Fabrís, e Liberaes, e dos verdadeiros conhecimentos das Sciencias maiores acabárão agora de ter o ultimo desengano de que a respeito das primeiras nos achamos com ellas igualados, e a respeito das segundas excedemos á maior parte dellas, como os Italianos, e Francezes não tem feito cerimonia de confessar muitas, e repetidas vezes, respeitando, e imitando as Leis, e resoluções de S. M., pedindo, e invejando os Estatutos da Universidade de Coimbra, e recommendando aos seus Correspondentes em Lisboa as remessas de todos os escriptos, que se tem publicado, e publicarem neste glorioso Reinado, até por esses mesmos Estrangeiros cognominado felicissimo.

XIV. Segundo effeito. O desprezo, que as mesmas Nações fazião do nosso Commercio interior, e externo tambem acabou agora não só de cessar, mas de se converter em outro incentivo da sua emulação; porque depois de terem visto, que em nenhuma Côrte da Europa se ensinou até agora o mesmo Commercio por principios em huma escola pública, e magnífica, de que sahem tresentos Negociantes peritos, e habeis no fim de cada triennio, vírão agora ocularmente por huma demonstração fysica, e innegavel consumados os progressos, que a referida aula tem feito na prosperidade brilhante do Corpo mercantil, que encheo de luzimento a Praça Real do Commercio, e Ruas de Lisboa.

XV. Terceiro effeito. Havendo sempre tido as referidas Nações a Portugueza por barbara, e feroz, e insociavel, se achárão tambem agora convencidos por outra demonstração, que os surprendeo com o maior assombro, vendo-do-se a este respeito não só igualadas, mas muito mais excedidas. He notorio, que na Corte de Londres commette a plebe a cada passo as frequentes desordens, que todos sabemos, logo que se ajunta em numero de tres, ou

quatro mil individuos. Em París vimos ha pouco tempo, que as festas do casamento do Conde de Provença causárão mais de tresentas mortes desastradas entre os disturbios da referida plebe. E todos aquelles Estrangeiros, que se achavão naquelle conhecimento, não podérão deixar de confessar, que estamos muito mais sociaveis do que elles, tendo visto por huma parte os differentes estados, ordens, classes, e gremios da parte superior da Capital de Lisboa na mais perfeita harmonia, e reciproco trato, e na mais suave consonancia nos camarotes, e Sallões das Assembléas, e das mezas; e tendo visto pela outra parte mais de cento e sincoenta mil pessoas de ambos os sexos da especie do povo miudo em confusão, e aperto na Praça Real do Commercio por tardes, e por noites inteiras, com a mesma tranquillidade, e socego com que podião estar em huma Igreja fazendo Oração, tratando-se huns aos outros aquelles numerosos individuos como se fossem outros tantos irmãos, e unindo-se todos ao fim de concorrerem, quanto nelles esteve, para as demonstrações do amor, e reconhecimento com que vião applaudir a Inauguração da Real Estatua de S. M.; facto, que não teve até agora exemplo, nem terá nas outras Nações facil exemplo.

XVI. Quarto effeito. Persuadírão-se as mesmas Nações de que entre ellas tudo era abundancia, e em Portugal tudo era pobreza; quando não ha quem ignore, que Inglaterra está implicada com a horrorosa divida de mais de mil e trezentos milhões de cruzados, e que em França depois de se exhaurirem o Real Erario, e o crédito público se fundírão as baixellas de prata da Corte, e dos particulares, e se passou ao excesso de se demolirem Palacios Reaes para se venderem os materiaes, e ornamentos delles. E a profusão, e redundancia, que manifestou a dita magnífica função de joias, baixellas, vestidos, carruagens, mezas, e desembolços de moeda corrente fize-

rão tambem mudar tanto de parecer aos ditos Estrangeiros, que publicamente confessão, que nunca havião entendido, que Portugal em tão poucos annos houvesse accumulado riquezas tão superiores á sua comprehensão.

XVII. Quinto effeito. Quando a consistencia do Governo da maior parte das Côrtes da Europa se acha enervada, e enfraquecida, ou com discordias, e divisões intestinas como está succedendo em França, e Inglaterra, ou com sedições clandestinas, e sisanias brotadas pelas venenosas raizes Jesuiticas, que não podérão arrancar até agora, como está succedendo em Hespanha, Saboia, Roma, e grande parte da Italia, e Alemanha, depois de terem visto os Estrangeiros pelo contrario, que em todo o Portugal, e seus Dominios não soão outras vozes, que não sejão as que baixão do Real Throno de S. M., que delles são ouvidas com summa reverencia, e executadas com a mais gostosa, e exacta observancia, por se acharem todos os vassallos do mesmo Senhor constituidos na firmissima fé de que elle só resolve, e determina, o que he mais util aos seus vassallos, e de que a todos os ama, e ampara como a filhos, e não como a subditos, acabão de ver agora, que antes de amanhacer o dia, em que se devia pôr em movimento a quasi incomportavel Estatua Equestre para se transportar, apparecêrão na Casa da Fundição o Juiz do Povo com todos os mais consideraveis artifices dos seus vinte e quatro gremios, vestidos de galla para serem elles os que preferissem, como preferírão, no transporte, levando a mesma Estatua como em triunfo tirada pelos fortissimos calabres, que o pezo della fez precisos; que assim continuárão pelos quatro dias, que esteve no caminho a mesma Estatua; que na collocação della distribuio dinheiro aos Soldados das guardas, e pipas de vinho, e carradas de comestiveis aos trabalhadores; que nos dias da Inauguração teve nas casas, em que se

fazem as suas Sessões Assembléa pública, e mezas abundantes, e delicadas para todas as pessoas dos referidos gremios, exultando á mesma imitação toda a universalidade da gente do povo de Lisboa, sem que houvesse nelle individuo, em cujo semblante senão vissem os signaes da maior alegria, e de maior amor ao seu Clementissimo, e Benignissimo Monarca.

XVIII. De tudo o referido vim a tirar por claras consequencias, que a estimação nacional está inteiramente restabelecida, que o crédito público se acha consolidado, que o concerto commum das forças politicas, de que depende a conservação das militares d'ElRei meu Senhor confirmará agora muito mais os Alliados na amizade, e união de Sua Magestade, e reportará os seus sempre figurados inimigos, vendo por huma parte, que hum Rei de Vassallos taes, que só por amor, e reconhecimento dispendem voluntariamente tantos cabedaes para o applaudirem, sacrificarão facilmente todos os que lhe restão á necessidade da sua defeza, se o virem atacado; e vendo pela outra parte o estado das tropas, e da marinha, e que não faltão os meios para o dito Senhor as manter quando for necessario.

XIX. Devo ultimamente protestar que não foi a vaidade, que nunca tive, o que me deo motivo para escrever estas observações; porque nas prosperidades do Reino, que ellas manifestão, e no gloriosissimo Governo, a que ellas se devem, reconheço, que não tive algum merecimento, mas sim, e tão sómente a incomparavel fortuna de S. M. haver confiado da minha fidelidade, zelo, e amor ao seu Real Serviço a execução das suas illuminadas, e providentes Resoluções, e Ordens, sendo aliàs o meu unico objecto deixallas escriptas aos meus Successores para recommendação do exactissimo trabalho, com que devem conservar tudo o que o dito Senhor tem estabelecido no

seu felicissimo Reinado ; porque em quanto se governarem pelos mesmos principios , e pelas mesmas maximas he certo , que terão sempre os mesmo felicissimos successos , fugindo das novidades com que ordinariamente costumão os que entrão de novo quererem emendar o que está bem , para que esteja melhor , quando a experiencia tem mostrado , que similhantes novadores em lugar de conseguirem o que cuidão que he melhor , arruinão assim o que estava bem com irreparaveis ruinas das coroas , a que servem , e dos Vassallos dellas.

Note-se,

Que tendo levado á presença do Senhor Rei D. José o papel acima escripto no dia oitavo depois da collocação da Regia Estatua , e havendo o dito Monarca tido a bondade de o ler , como era do seu costume , o depositou logo no armario contiguo á meza do seu despacho ; fazendo-me a honra de dizer-me : ,, que era justo , que alli ficas- ,, se perpetuado para memoria , e direcção dos futuros ,, Reinados , e Ministerios delle : honra pela qual lhe beijei logo os pés.

Sebastião José de Carvalho e Mello
Marquez de Pombal.

POESIA.

A Marcia.

ODE SILVIANA.

Dans le fond des forêts votre image me suit,
La lumiere du jour, les ombres de la nuit,
Tout retrace à mes yeux les charmes, que j'evite.
Racine. Phed.

ORa, que a Irmã de Phebo pela estrellada esphera
Rege o carro em serena magestade,
E nos puros regatos, que trépidos sussurrão,
Seu clarão melancolico rutila,
E o Zephyro adejando a custo abana, e treme
D'esperguiçadas arvores as folhas;
Quanto he delicioso vagar nesta campina,
Respirando os balsâmicos perfumes,
Que as flores, que os exhalão, traidoras, nos delatão;
Ouvir trinar saudosa Philomella,
Que inda da antiga injuria riscar não pode a idéa,
E solitaria a conta á noite, ás trevas..!
Aqui desopprimida minha alma se dilata,
Livre de inquietações, longe ao desgosto!
Doce tranquillidade no peito se insinúa,
E hum momento me esquece que sou homem!..
Mas que fatal lembrança de novo a paz desterra?..
Marcia!.. Oh! meu Bem!.. teu riso, teus encantos
Da torre da Esperança ao longe me allicião
C'o mágico fanal de outros prazeres!..

Oh ! como atropellado decorre o sangue as vêas ! . .
Que medonho ! . . . que lúgubre este sitio ! . . .
Adeos , oh Philomella , oh Bosques , oh Regatos !
Sem Marcia , para mim , nada he formoso !

J. M. da C. e S.

TRADUCÇÃO.

Ad Marciam.

ODE SAPHYCA.

(Lusitani Carminis Versio.)

DUm per immensi lucidas Olimpi
Incolas , claro , placidoque vultu ,
Et gravi passu bijugas refraenat
Cynthia bigas :
Rivulis quando , trepidante venâ ,
Emicat claris soror ipsa Phœbi ,
Et repercussos rutilans opacos
Maesta nitores :
Dulce quàm prato simili vagari !
Atque odoratos Zephiros anhelans ,
Flora quos myrthis , animas odorans
Nuncia prodit !
Suavis ó quantùm Philomela ramis
Concinit tristis memores querelas ,
Fortè quae nocti , tenebrisque semper
Sola reponit !
His in alternis vicibus beatis ,

Non fatigatis animus catenis,
Se se propagat, posito timore,
Et sine curis.
Suavitas quaedam refugos labores
Corde dimittit, fugit atra nubes;
Me puto humani immemorem parumpèr
Esse laboris.
Schema quod dirum, variante scenâ,
Jam novum surgit, laceratque mentem!
Marcia, ó Lux, deliciae meae que!
Risus, et una.
Philtra, quae longè speculis amorum,
Spes ubi est, spargis, magico veneno,
Me ligant certè illecebris, ut optem
Gaudia plura.
Sanguis ó quantùm rarefactus intùs
Aestuat venis, agitat que motus!
Et locis istis residere visi
Luctus, et horror!
Vadat ah tristis Philomela, vadant
Sylvae obumbratae, rivuli que vadant!
Marciâ solùm gratiae refulgent,
Atque venustas.

Doct. Ant. Gom. de Sep.

CURIOSIDADES.

Gabinetes de Historia Natural, e Jardins Botanicos.

O Gabinete da Historia Natural de Sua Magestade, no sitio d'Ajuda, merece ser visto. Aindaque não póde competir com o de París, ou mesmo com o de Madrid, tanto por ser pequena a Salla em que está collocado, como por não estar completa parte alguma dos differentes ramos de que se compõe, e faltar-lhe aquelles objectos relativos ao Brazil, que era de esperar tivesse; comtudo encontrão-se alli varias peças importantes.

O pedaço de mina de cobre virgem, que se acha no centro da Salla da Mineralogia, achado em hum valle a duas leguas de distancia da Cachoeira no Brazil, he de hum tamanho, e de hum valor extraordinario. O seu pezo, segundo o Senhor Vandelli, he de 2666 arrates, e tem tres pés e duas pollegadas na sua maior altura, dois pés huma pollegada e seis linhas na sua maior largura, e 10 polegadas na sua maior grossura: por algumas partes está coberta de malachita, e de ochre de ferro; a sua superficie he aspera, e sómente polida no espaço em que se lê esta inscripção:

MARIA I. et PETRO III.
Imperantibus
Cuprum nativum
Minaræ ferri mixtum
Ponderis lib. MMDCLXVI.
In
Bahiensi Præfectura
Prope
Caxoeiræ Oppidum
Detectum
Et in
Brasiliensis Principis
Musœo
P.
MDCCLXXXII.

Os mineralogistas por isto podem conhecer quanto esta peça deve ser interessante, e curiosa no seu genero. Além deste objecto acha-se tambem nesta collecção huma pedra elastica de arêa, coberta de cristal de spatho-calcareo. Por detraz deste Gabinete está o Jardim Botânico superiormente situado. Dalli se goza huma vista encantadora: descobre-se ao mesmo tempo o rio, o Oceano, e grande parte da Cidade de Lisboa como no jardim das Plantas em París. Não he vasto, e as estufas são pouco espaçozas, porém tem hum excellente lago para as plantas aquaticas: a sua distribuição he elegante, de maneira que não póde deixar de interessar a hum Botânico. (Até aqui copiado de Link, Voyage em Portugal, pag. 299.)

A collecção completa dos marmores differentes do Reino de Portugal, que se acha na mesma Salla da Mineralogia parece-me ser digna da attenção dos curiosos, e não menos as duas toscas estatuas, que estão á entrada do Jardim Botânico, huma das quaes tem este letreiro no seu pedestal:

Estatuas Militares,
que se achárão no Outeiro
Lesenho, perto da Villa de
Montalegre, no anno de
1785

O Gabinete de Historia Natural, e o Museo, denominado Maynense, no Convento de N. Senhora de Jesus, he igualmente digno de se vêr.

O da Academia Real das Sciencias, ao largo do Calhariz; o do Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja, na Junqueira, e os de outros particulares merecem ser contemplados.

Os outros Jardins Botanicos são o do Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja, ao Lumiar, e o do Excellentissimo Senhor Marquez de Abrantes, a S. Domingos de Bemfica, e tem este jardim a singularidade de fazer parte da Quinta do mesmo Excellentissimo Senhor, a mais agradavel no genero do novo gosto francez nos suburbios de Lisboa.

ANECDOTAS.

Hum homem de huma fortuna immensa querendo casar sua unica filha com quem não fosse capaz de lhe estragar a riqueza, entre o grande numero de pertendentes escolheo dois, que lhe parecêrão mais conformes com os seus intentos, e lhes perguntou o seguinte, = Quando comprão V. M.ces as cousas para casa? = Eu, disse o primeiro, quando as preciso. = Pois eu, respondeo o segundo, compro-as quando me não são precisas. = Escolho-vos por meu genro, disse o dinheiroso. Quando se não precisão as cousas, he que se compra barato. =

Hum mofino, mais que milionario, querendo fazer testamento procurava eleger hum herdeiro igual aos seus sentimentos, e para o descubrir valeo-se da seguinte maxima. A todos quantos conhecia, armava-lhes conversação, na qual, sem que viesse arrastada, coubesse esta pergunta: = Se V. M.ce se visse herdeiro de huma fortuna maior do que hum milhão em boas peças de seis mil e quatro centos, que faria? = Deitava sege, tomava hum camarote effectivo no Theatro, comprava huma casa para habitar, e huma quinta para me recrear, respondeo hum. = Não me serve, dizia com sigo o mofino. = Eu, respondia outro, comprava Navios, dava dinheiros a risco para a Azia, punha fundos no Banco de Inglaterra, e torna-

va-me hum Negociante de fama. = Não me serve, dizia comsigo o mofino. = Eu respondia outro, empregava todo o dinheiro em prédios, e em foros, de modo que tivesse certa a minha subsistencia, e o que me sobrasse annualmente servir-me-hia para augmentar os meus fundos, e rendas. = Tambem não me serve, dizia comsigo o mofino. = Até que finalmente achou hum que lhe disse o seguinte: = Se me visse herdeiro de tão grande fortuna, deixava estar todo esse dinheiro nos mesmos cofres, e não faria mais do que, quando me sentisse melancolico, e triste, abri-los, olhar para as loiras, brincar com ellas, e depois de haver dissipado a tristeza, fecha-los, e ir-me deitar contente, e satisfeito. = Este he o que me serve, disse comsigo o mofino. = E com effeito, a este foi que deixou toda a sua riqueza, por seu fallecimento.

N. B. A Methamorphose, inserida no N.° VI. deste Jornal, he producção do Estro admiravel do Senhor Miguel Antonio de Barros, e acha-se alli com alguns erros, procedidos da copia, de que me servi. Como o mesmo Senhor vai publicar as suas Composições, então se encontrará expurgada esta sublime Poezia. Quando assim ella tanto agrada, que succederá sendo correcta pelo seu proprio Author!

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

O U

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XI.

MEMORIA

Sobre as acções dos Portuguezes notadas por alguns de exageradas pelos Escriptores, e Chronistas Nacionaes.

„ NÃo ha Chronica, ou Historia de Portugal escri„ pta por Portuguez, que não seja fabulosa, ou exagera„ da. „ Isto dizia hum Portug. . . , digo, hum homem nascido em Portugal a outros que taes, que o rodeavão: huma inclinação de cabeça foi o signal da approvação de tão judicioso Areopago. „ Quem por tal não terá a narração „ historica da batalha nos campos do Ourique, onde treze „ mil Portuguezes vencêrão duzentos mil Mouros? Quem „ a acção façanhosa nos mares Indicos de Mem Lopes Car„ rasco, que com huma só fusta desbaratou parte, e dis„ persou o resto da esquadra do Achem, composta de du„ zentas embarcações? „ Aqui não se abaixárão sómente as cabeças dos Socios, tambem se exaltou a bilis á Sucia.

Tem razão os Sabios do Areopago que tal dizem; tudo, mesmissimo tudo quanto se acha nas Chronicas Portu-

guezas, he não só exagerado, mas falsissimo. Quem ignora que os Portuguezes tem sido huma gente desconhecida no mundo? Em que parte se ouvio huma palavra em abono desta Nação? Quanto possuírão, e possuem, forão offertas da generosidade alhêa, e não fructos do valor proprio. Os Mouros, que dominavão Portugal erão huns poucaxinhos, e esses mesmos sem armas; de modo que vindo o Senhor Conde D. Henrique, e seus Successores até o Senhor D. Affonso III. de passeio desde Traz os Montes até aos Algarves, já de aborrecidos deste paiz, cujo terreno não recompensava as fadigas da sua cultura, estimárão muito que estes Senhores lhes viessem occupar as suas possessões; e civís, e generosos se retirárão para Africa sem huma vez se quer se enfadarem com a pressa, que lhes derão, deixando ficar muitos delles o fato.

Quando o Senhor D. João I., e seus Successores até ao Senhor D. Affonso V. desembarcárão na Costa d'Africa, os descendentes dos Mouros generosos, e civís, que tinhão feito presente de Portugal aos Predecessores destes Monarcas, não querendo ficar somenos lhes mandárão perguntar o que pretendião; e como se lhes respondesse, que fazião gosto de se apossarem das Praças de Ceuta, Tangere, Arzila, Tetuão, e outras daquella costa, estes muito lhanos, e cortezes lhas entregárão: E tiverão razão, porque o ar do mar os crestava; o commercio os incommodava; as riquezas os opprimião; e por isso preferírão entranharem-se no Certão, clima mais temperado, e saudavel, para se entregarem a huma vida tranquilla na cultura dos campos: e mesmo assim esta posse foi tão momentanea, que lá nem lembrança existe de huma familiazinha muito pacata chamada Marzaganista, quanto mais de que lá estivessem Portuguezes.

Pelo que respeita á Azia, e America com bons fundamentos se duvida, que alli fossem os nossos. As Ilhas,

Enseadas, Estreitos, Portos, etc. que até hoje conservão nomes Portuguezes, e de Portuguezes, não he porque estes as descobrissem, ou navegassem, he porque os Navegadores das Nações Estrangeiras, quando por alli passárão, pozerão-lhes aquelles nomes para nos fazerem favor, e acreditarem.

Pois a quem devemos o ser restaurados em 1640? Não foi á bondade, com que Filippe IV. quiz tratar o Serenissimo Senhor D. João, Duque de Bragança, elevando-o á graduação, e jerarquia de Soberano? A entrada dos seus exercitos capitaneados pelos seus melhores Cabos, não foi por guerra que nos declarasse, foi escolla, que abrio para nos ensinar o jogo das armas, o que nós não aprendemos bem; porque vindo D. João d'Austria por curiosidade a Evora para vêr as suas antiguidades, em obsequio deste Principe corrêrão-se justas na sua presença tão assalvajadamente, que dando ao demo os Portuguezes, que não quizerão receber docilmente as lições, como os Turcos tinhão recebido em Lepanto, de outro do seu nome, (1) foi-se.

---

(1) D. João d'Austria, filho natural do Imperador Carlos V., hum dos melhores Generaes do seu tempo, foi o que commandou as forças navaes da Christandade na batalha de Lepanto, a mais sanguinosa, que se havia dado na Europa, na infancia da Marinha Militar moderna. A sua esquadra compunha-se de duzentas galés, e a dos Turcos de duzentas e sessenta. „ Os Christãos, e os Musulmanos, dizem „ os Authores do novo Diccionario Historico, vierão ás „ mãos no dia 7 de Outubro de 1571 com hum encarni- „ çamento sem exemplo D. João pelo seu valor obrigou „ a victoria a declarar se em seu favor; apoderou-se da ca- „ pitania inimiga, e poz os Turcos em fugida. Os vence- „ dores tomárão 130 galés, e queimárão, ou mettêrão a „ pique 55, matárão 25$000 Turcos em cujo numero en- „ trou Hali-Pacha seu General, fizerão 10$000 prizionei- „ ros, e livrárão 15$000 escravos Christãos. Esta insigne „ victoria custou 10$000 homens á esquadra vencedora,

No actual Seculo que tem os Portuguezes feito? Não nos achou indignos de merecermos a sua *legitimissima*, e *paternalissima* Protecção o Dominador então da França? Vendo que o espaço de huma gravidação natural não era bastante para nos *desbarbarisar*, não nos deixou pela nossa inopia entregues ás ridicularias do Commercio, Fabricas, Agricultura, Sciencias, e Artes? Não se retirárão de seu motu proprio, de livre, e espontanea vontade? Quem contra elles disparou hum tiro?

Não fomos atrás dos Francezes pela Hespanha dentro a carpirmos, e a chorarmos para que voltassem para fazerem a nossa felicidade? Vio-se acaso hum Portuguez armado? Não abandonárão as Praças de Badojoz, e S. Sebastião por se acharem desmanteladas, sem guarnição nem defeza? Se entrárão alguns Portuguezes nos Hospitaes foi em consequencia das sezões, que pilhárão com a soalheira das estradas, e não das feridas, que recebessem nos assaltos! Em Albuera, Victoria, Tolosa, etc. só consta ser Portuguez o vinho que se bebeo á saude dos triunfos. As peças, e obuzes, que vierão para o parque do Arsenal Real do Exercito, não foi partilha dos despojos, que nos coubesse pela parte que tiverão os Portuguezes nas batalhas em que se ganhárão, foi presente do *generoro José Rei d'ambas as Indias, ambas as Hespanhas* para por ellas aprendermos a fundir bocas de fogo. Nem existe huma testemunha, que atteste haverem os nossos entrado em Bordeos, e alli acclamarem primeiros a Luiz XVIII. Hum exercito da Es-

---

,, e fez que se applicasse a D. João d'Austria este texto ,, da Sagrada Escriptura: *Fuit homo missus a Deo, cui* ,, *nomen erat Joannes.* ,,

Em tempos mais proximos tambem cá veio por valentão o chamado *Anjo da Victoria*, e aconteceo-lhe o mesmo que ao outro D. João d'Austria, (filho bastardo de Filippe IV.) que conquistára Napoles, &c.

candinavia foi quem o praticou; porque, os *Portuguezes são capazes de fazer cousa alguma boa ?*

Estarão agora contentes, e satisfeitos? Então não sou amigo, não sou tambem da Sucia? = *Nem tanto, nem tão pouco, queremos a verdade nua, e crua, sem exagerações, nem embace.* = Ora meus Senhores isso he serem injustos. Não me concedem o que usão! Querem exagerar, e não me permittem que eu exagere, se he que eu exagero! Os seus gabadinhos merecem-lhes acaso mais do que me merecem os meus. Compatriotas?

Lembra-me, se a memoria me não falha, ouvir-lhes dizer, quando o exercito Francez atravessou os Alpes pelo grande S. Bernardo, que este feito era hum singular heroismo de constancia, e de valor. E que he este feito para comparar-se com o descobrimento, e conquista da India? Lembra-me, quando os Francezes conquistárão Malta, e penetrárão no Egypto, ouvir-lhes exclamar: ,, Que profunda politica! Lá vai extinguir-se o dominio dos Inglezes na Azia, lá vamos perder pela alliança destes Insulares o que possuimos. ,, Quaes forão as possessões que ficárão aos Francezes desta expedição? Nenhuma. Ora alonguem a vista, e vejão depois de tantos Seculos as que conservamos. Lembra-me igualmente ouvir-lhes appellidar enfaticamente Grande a Nação Franceza, porque com massas enormes de duzentos a seiscentos mil combatentes havia quasi reduzido á sua sujeição a Europa inteira, sabe Deos, com que maximas, e occultos manejos; e porque hão de ser censurados por suas mercês os que denominão Grande a Nação Portugueza, que sujeitou mais extensas regiões, com menos da vigessima força? Onde se achárão antigamente mais de vinte mil Portuguezes em huma expedição, ou combate? Lembra-me ultimamente, quando as Gazetas relatavão triunfos Francezes, ve-los nedios, e rubicundos galrar por esses Lyceos de Bacco, e Flora; e porque hão de

hoje entisicar-se tomando tanto a peito a exageração dos Chronistas Portuguezes ? Acaso julgão, que se desconhece o alvo, a que dirigem a pontaria ? Ora pois será o que V. M.ces quizerem : porém para que se não julgue que com huma ironia pretendo fazer huma retirada airosa, ahi vão Escriptores da sua Nação, e dos gabadinhos muito do seu peito, para vêrem nelles a verdade nua, e crua, sem exageração nem embace.

Raynal no Tomo I. Cap. XVIII. da Historia Philosof. e Polit. das duas Indias pag. 175, diz o seguinte : ,, Se causa espanto o numero das victorias, e a rapidez ,, das conquistas de Albuquerque, que direito não tem á ,, nossa admiração os homens intrépidos, que elle teve a ,, honra de commandar ? Tinha-se visto até então huma Na- ,, ção com tão limitado poder fazer cousas tão extraordi- ,, narias ? Não havião quarenta mil Portuguezes em armas, ,, e elles fazião tremer o Imperio de Marrocos, todos os ,, Barbaros d'Africa, os Mamelucos, os Arabes, e todo o ,, Oriente desde a Ilha de Ormuz até á China. Elles não ,, chegavão a hum contra cem, e assim mesmo atacavão, ,, e vencião tropas, que muitas vezes com armas iguaes ,, defendião os seus bens, e a propria vida até á extremi- ,, dade. Que homens devião ser então os Portuguezes ! Que ,, recursos extraordinarios os havia constituido hum Povo ,, de Heróes ! ,, Esménard no seu Poema da Navegação Tomo II. pag. 58, diz tambem esta bagatella : ,, Hum ,, paiz de tres milhões de habitantes dictou as Leis a toda ,, a costa da Azia, e fez tremer trezentos milhões de ho- ,, mens. A Historia não offerece exemplo de huma tão vas- ,, ta conquista executada em tão grande distancia com tão li- ,, mitados meios. ,, Olhem, meus Senhores, que fomos hum contra cem, que fomos huma Nação de Heróes, e que as nações da Europa apossando-se do premio dos nossos trabalhos não podem iguala-los, como diz o citado Author a pag. 26.

O' combien de héros guidèrent leur audace !
Que de faits immortels ont signalé leur trace !
L'Europe a su depuis ravir dans les combats
Le prix de leurs travaux, qu'elle n'égala pas.

Se não lhes agradão estas citações, então nada me resta a dizer se não, por concluir como principiei, que hum Poeta vendo hum teimoso, da familia dos teimosos, a quem nenhuma razão convencia, lhe fez esta

D E C I M A.

Em teimas ninguem me iguala,
Ao maior teimoso tópo;
Não será de barro o cópo
Em quanto Deos me der falla:
He de páo. Quão me regalla
Ser nas teimas infinito!
He de páo; e bem bonito
Era o páo de que foi feito.
He de páo, e com effeito
He de páo, e tenho dito.

POESIA.

A Revolução da França.

Escripta na Lingua Latina pelo Eruditissimo Senhor Felix d' Avellar Brotero em 1798. (1)

ODE SAPHICA.

MOrte pleni quò ruitis, Tyrani?
Quas adhuc hæc tela petunt cruenta?
Ora Vulcani horrisona, hæcce quorsum
Fessa necando?

Heu Padus Rhenusque cruore tincti
Innocenti sunt quoties! domique
Quanta strages! mitis et æquus ipse,
Proh scelus atrum!

Impio irarum cecidit sub æstu
Rex: ruit celsum solium, inque casum
Cuncta secum Gallia tracta tandem est
Turbine vasto.

(1) *N. B.* O Author escreveo esta Ode na persuasão de que a Caza de Bourbon tornaria em fim a recobrar o throno da França.

Sunt necì addicti, exilioqus justi,
Plectitur quod jura sinunt ubique,
Ipsa Libertas stupet esse sævis
Arcta catenis.

Nihil refert clarus titulis Avorum
Sive Regum sanguine, nihil verendæ
Esse virtutis decus; omne nomen
Crimen acerbum. (2)

Condidere atro Pietas Themisque
Mœsta nec non et Ratio ora luctu,
Nec tamen Discordia liquit ignes
Cæca per oras

Exteras ferre exitiis onustos:
Nihil scelesti jam superest inausum;
Cæde tantá, cui ea, criminumque
Parta cohorte?

Gentium sic sanguine, sicque raptis
Aucta tot Romana fuit Potestas
Donec alto pondere tracta civi
Paruit uni.

Quas replerant bella, fames, luesque
Libera Urbes conditione Græcas
Rursus uni denique subdidere
Nummus et arma.

---

(2) Trop heureux le Mortel
Que l' eclat de son nom n' a renduderimincl
Dellille

Ah! miser Terræ inquietus hospes
Mente semper, ludibriumque sortis
Stat sub uno machina vasta mundi
Numine toti

Syderum Rex sæcula ducit unus,
Non ab uno est opprobrio regi ulli
Fata sic naturaque tale in orbe
Velle videntur.

Non diu æquales resoluta vinclis
Mens feret legum: lacerabit aurum
Vincla, venalis populus, simulque
Curia Patrum

Perditis tunc moribus, ibit audax
Orci contemptor, superumque Miles
Quo dolosæ et Barbariæ et Rapinæ
Signa vocarint.

Tunc novæ clades, iterum sub uno
Gallia ut sit denique? . . . Musa! non plus
Horrida . . . . est mortale malis genus tot
Multa dolendum.

Non sibi sic bella scient feroces
Caucasi Tigres, animalque nullum
Sic suum evertit genus, ad quid ergo
Gloria mentis?

Sat superque insana Febris Manusque
Dira morborum, assidui labores,
Undique, et terra, pelagoque cincta
Vita periclis.

Qui sinistris alterius movetur
Lenis, et fert auxilium, nec ullum
Dat neci insontem Imperium tametsi
Hacce redemptum;

Hic mihi Heros verus erit colendus,
Non ii autem, qui Patriam tumultu
Exterosque implent, spoliant iniqui,
Cunctaque vastant.

TRADUCÇÃO

Na Lingua Portugueza, pelo Senhor José Maria da Costa e Silva:

ODE.

DE mortuoso furor eivada a mente
Onde correis, Tyrannos!
Onde ides encravar cruentas lanças?
Quando os Vulcaneos Bronzes
Cansarão de exhalar a morte envolta
Em medonho estampido?
Ai! quantas vezes de innocente sangue
Enrubecêrão ondas
Do Rheno, e Pó? Que estragos alastrárão
Da propria Gallia o seio!
Oh! attentado enorme! alli submerso
Na alluvião nefanda
Da popular mania extinto expira
O Rei benigno, e justo.
Baquea o Throno excelso, e a Gallia em pezo
Na quéda traz comsigo!
O Justo alli só tem desterro, ou morte;
Quanto geral consenso

Permitte em toda a parte, alli se pune:
A propria liberdade
Pasma de vêr-se entre asperas correntes:
Extracção de Monarcas,
De preclaros Avós brazões lustrosos,
Té da intacta virtude
Nada vale o decoro! he qualquer nome
Delicto atroz, e horrendo!
Em luctuoso véo seu rosto envolvem
A Razão, a Piedade
Themis imparcial! Discordia céga
Por estrangeiros climas
Discorre em tanto, e barbaras ruinas
Solta do Estigio facho!
Nada d' improbo resta a commetter-se:
E a pró de quem tornárão
Taes sacrilegios, morticinio tanto?
Subio, cresceo dest' arte
Engrossando co' a vida, e rico espolio
Nas Nações opprimidas
O Romano Poder, té que cedendo
Ao pezo seu, curvar-se
Veio a hum só Cidadão! Gregos Emporios,
Que supportando affoitos
Guerra, fome, contagio, conseguírão
Da Liberdade os foros,
Marte, e Pluto outra vez os sujeitárão
Ao jugo d' hum Monarca!
Ai! sempre inquieto habitador da Terra
Baldão sempre da Sorte!
Do vasto Mundo a máquina operosa
Unico Deos sustenta;
He dos Astros o Rei quem só dirige
Dos seculos o gyro;

De que nos reja hum só não vem desdouro;
Isto o Fado, e Natura
Parece em todo o Orbe estão prégando!
Iguaes por longo tempo
O Homem não soffrerá, mal lhe desatem
Das Leis o nó proficuo;
Ha-de o ouro cortar os laços todos,
Venal volver-se o Povo,
Ser a Curia venal! aos pés calcados
Da moral os dictames:
Ceos desprezando, e Inferno o audaz Soldado
Correrá, onde o chamem
Da Barbarie dolosa, atroz Rapina
Os Pendões detestaveis:
Novas pugnas virão, destroços novos
Porque de hum Rei ao sceptro
Gallia curve outra vez . . . ah' não prosigas! . . .
Não mais de horror, ó Musa! . . .
Assas tem que doer-se a Humanidade
Em meio a tantos males!
Huns com outros assim não se encarnição
Sobre o Caucaso os Tigres!
Fera alguma não ha, que a propria especie
Com tal furor destrua! . . .
De que serve a Razão! . . . Assáz bastavão
A insana Febre, e o resto
Da morbosa atrocissima cohorte;
Os assiduos trabalhos;
E os horridos perigos, que rodeião
A vida em solo, em aguas! . . .
Aquelle que benigno se commove
Co' a desventura alheia,
Que socorre o infeliz, e que inda a troco
De salvar hum Imperio.

Não condemnara á morte huma innocente,
Eis o Heroe verdadeiro,
A quem eu curvo a fronte, e voto a lyra;
Não aos que a ferro, e fogo
Mettem primeiro a Patria, em que nascêrão;
E logo estranhas Gentes
Vão roubar, destruir, e involver tudo
Em perdição funesta!

ANECDOTAS.

Hum pobre pedindo esmolla a hum avarento, este a final compadecendo-se tirou dés réis para lhe voltar cinco. = Como voltar cinco réis se nem esses tenho, lhe disse o pobre. = Pois então não lhe dou esmolla, lhe tornou o avaro. = Valha-me Deos! exclamou o desgraçado, que mesmo para ser pobre se precisa ter dinheiro! =

Hum Clerigo não ouvia dizer cousa alguma que não dissesse logo *distingo*. Hum Bispo, a cujo Palacio ia vezes repetidas, e onde era por isto mesmo muito festejado, ajustou hum dia, com os que lhe fazião Côrte, apenas vissem entrar o Clerigo lembrar-se alguem de perguntar-lhe alguma cousa que não admittisse distincções, para vêr se elle vinha com o costumado *distingo*. Appareceo o Clerigo, e apenas entrou, lhe disse o Bispo: = Estamos aqui com huma dúvida á sua espera para ouvirmos o seu voto. Hum caldo fará perder o jejum? = *Distingo*: (disse immediatamente o Clerigo, e seguio-se huma rizada geral; mas elle sem perturbar-se continuou), se o caldo for da Portaria de qualquer Convento não fará perder o jejum, porém se for da panella de V. Excellencia, então de certo o fará perder. =

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES, OU MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XII.

MEMORIA

Os Reis de Portugal são huns perfeitos modelos da Arte de Reinar.

,, A Historia de Portugal (diz o Conde José Gorani: *Recherches sur la Science du Gouvernement*, Tom. II, pag. 51.) apresenta huma serie de Reis, que podem servir de modelos na Arte de Reinar. Affonso Henriques foi generoso, e económico: d'entre o tumulto das armas soube favorecer a Agricultura, o Commercio, e a Industria. Sancho I. soube curar as feridas, que huma guerra contumaz, a peste, e outras calamidades havião espalhado no Reino: conteve nos seus deveres a Nobreza, e o Clero; e mudou de hum modo tal a face do Estado, que de Aldeas, e Lugares, que erão, tornou-as em Villas, e repovoou os campos de novos vassallos, que attrahio de fóra do Reino. Falleceo cheio de gloria, chorado como Pai da Patria.

,, Sancho II., e Affonso III. seguírão seus passos, e fizerão o seu Povo rico, e venturoso. Diniz, seu Successor moderou todos os impostos, e foi mais rico do que seus

predecessores, e comtudo foi tão generoso, que depois ficou em proverbio em Portugal = Generoso como ElRei Diniz. =

,, Pedro I. teve a agudeza de reconhecer, que a unica origem das riquezas de hum Reino, cujo territorio póde fornecer os artigos da primeira necessidade, procede da producção deste mesmo territorio; e para estabelecer a prosperidade da Agricultura do Reino, aliviou-a muitos mezes de todos os tributos: elle sabia, que a generosidade exercida com os cultivadores produz o centuplo de quanto se lhes dá; e quando lhe notárão esta generosidade respondeo; que o Principe que sabia governar sabiamente, e ser economico em suas despezas, tinha sempre meios de espalhar beneficios sem se empobrecer.

,, João II. foi tão justo, firme, prudente, e tão intelligente em todos os ramos da administração, que elle formou os alicerces de todas as grandes cousas, que fizerão admirar o reinado de D. Manoel, seu Successor, do qual todos os Monarcas do seu tempo procurárão a amisade. Fez conquistas, mas em proveito do seu povo, que izentou da metade dos impostos: nunca a justiça foi melhor administrada que no seu reinado, até nas Provincias mais remotas: nunca os Portuguezes forão mais ricos, nem mais felizes do que sob este grande Rei: elle dizia muitas vezes, que a boa ordem nas finanças era a principal mola de hum bom governo. Manoel ainda he venerado dos Portuguezes. Quando eu (Mr. Gorani) viajei neste paiz, ouvi contar muitas, e bellas anecdotas do reinado deste Principe.

,, João III., seu Successor, continuou a prosperidade do Reino por seus talentos, intelligencia, sabedoria, e amor para com os seus vassallos. ,, *Os Reis desta primeira linha, parece, tinhão previsto, que este Reino poderia tornar a entrar hum dia debaixo da dominação Hespanhola; porque elles seguírão constantemente hum plano de engrandecimento*

nas Colonias, como se tivessem querido preparar hum azy-lo áquelles, que a tyrannia constrangesse a sahir de Portugal. ,,

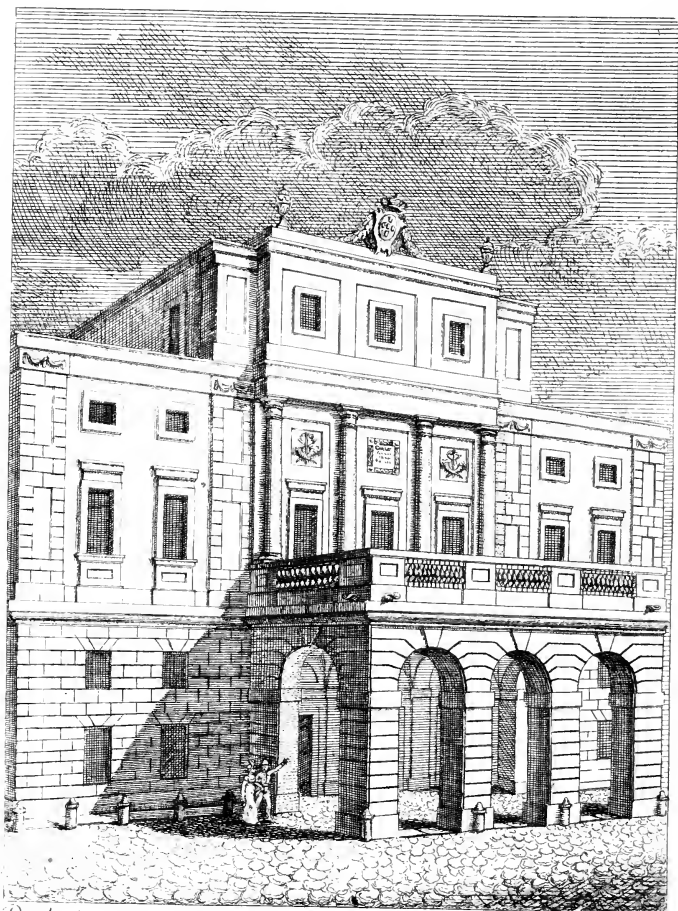
,, Estes antigos Monarcas jámais nas guerras tiverão em vista a destruição: elles dérão aos vencidos estabelecimentos nos seus Estados: a baze do seu Commercio foi sempre fundada na prosperidade da Agricultura, sem a qual elle não póde subsistir. Estes Principes souberão tambem recompensar os Sábios, os Artistas, os Guerreiros, e proporcionar as recompensas ao merito; tiverão sempre as melhores forças de terra, e mar; em fim souberão sempre ligar a affabilidade com a dignidade; e podem ser citados no numero daquelles, que em Estados limitados se cobrírão de gloria, adquirírão hum grande poder, e tiverão huma grande influencia sobre os reinados dos seus contemporaneos. ,,

Duas cousas muito singulares ha a notar neste extracto do Cap. VI. — *Alguns modelos de hum bom governo* — deste Sabio Escriptor Italiano: a primeira he, que de huma Dynastia trezentos annos mais antiga, que a de Portugal, qual a dos Reis de França desde Pepino, apenas achou este, seu Filho Carlos Magno, Carlos VII., Luiz XII., e Henrique IV., ao todo cinco Monarcas, que devessem ser considerados como modelos da Arte de Reinar, quando em Portugal menciona oito Soberanos, a quem faz o seu particular elogio: a segunda he, (Note-se que este Livro foi impresso em 1792, e que já he huma traducção do Original Italiano) que antevio o que se verificou quinze annos depois, isto he, que S. Magestade o Senhor D. João VI. foi fundar no seu vasto Reino do Brazil hum Throno, que seus Sabios, e Providentes Antecessores havião preparado, com o plano de engrandecimento, que tinhão dado ás suas Colonias.

He necessario que se convenção, os que nos reputão menos conhecidos no mundo, que Portugal he por muitos

lados, e talvez por mais do que muitas Nações, com quem nos estrugem os ouvidos, digno objecto das illustres pennas dos mais conspicuos Escriptores, e por isso me animarei em devido lugar, e tempo a fazer huma recopilação de todos os Artigos já publicados, e que se forem publicando, a fim de provar evidentemente, que Portugal tem sido governado por hum numero superiormente maior, que os de nenhuma outra Nação, de bons Soberanos; que sempre os Portuguezes tem sido os mais distinctos Heróes em valor, e em fidelidade; e que não cedem em Artes, Sciencias, e muitos outros diversos ramos, guardadas as proporções da extensão do territorio, preponderancia estrangeira, e vicissitudes dos tempos, aos mais preconisados Estados da Europa. O atrevimento he grande, e o edificio ainda he maior; mas eu lanço huma pedra cada semana no alicerce, e quem he assiduo no trabalho, e não esmoreçe no meio da empreza, póde hum dia ter a satisfação de haver concluido a obra.

Ao Senhor Joaquim José Pedro Lopes agradeço a remessa destes Livros, dos quaes extrahi este Artigo; e no seu competente lugar, quando tiver de copiar o que me convier para embelecer esta Publicação, tambem agradecerei aos Senhores José Ignacio de Andrade, e Illustrissimo Francisco Soares de Araujo, aquelles que se dignárão enviar-me, no emtanto porém antecipo-me, para patentear o meu reconhecimento.

P. A. Carreé copiou. Fonca Filho exculp.

DESCRIPÇÃO

Do Real Theatro de S. Carlos.

NEnhum dos edificios erigidos modernamente póde disputar preferencia com o Real Theatro de S. Carlos desta Cidade, tanto pelo que respeita á sua arquitectura, genero grandioso, e analogia dos ornatos, que embelesão a sua fachada, como pela conveniente distribuição das suas Officinas, escadaria, e respectivas accommodações interiores.

Tem este bello edificio na sua frente tres pavimentos. O primeiro consta do sallão da entrada, que dá serventia á Platéa, corredores das Frisuras, e escadaria dos outros andares, ou ordens de Camarotes, para cujo sallão se desce por tres degráos das tres portas do frontespicio, ás quaes hum corpo saliente de tres arcos na frente, e hum de cada lado, offerece huma passagem coberta pela sua abobada para as carroagens, a fim de não serem encommodadas as pessoas, que dellas se apeião em tempo chuvoso, e desabrido. No tecto deste sallão se acha em pintura o Precipicio de Phaetonte, do pincel do Senhor Cyrillo Wolkman Machado. De hum lado deste sallão se achão as Casas da venda dos Bilhetes, e das Sortes, concedidas em beneficio da manutenção deste Real Theatro, e do outro lado estão as Casas, que servem de venda das chaves dos Camarotes, e de Botequim: cada huma destas casas tem sua janella para a frontaria. Como estas casas não tem a altura do sallão, achão-se por cima dellas de hum lado a Casa do Bilhar, jogo de Ga-

mão, etc., e do outro lado outra, da qual ignoro o ministerio, cada huma com duas janellas para a frontaria.

O segundo pavimento comprehende a grande salla do Theatro, que serve pára os Concertos de Musica, e aonde pela primeira vez se executárão nos coretos as primeiras Oratorias neste Theatro: hoje executão-se sobre a Scena. Foi nesta salla, que se preparárão as mezas para o jantar, que a Feitoria Ingleza deo a Mr. Canning, Ministro de S. Magestade Britanica, nas vesperas da sua partida desta Capital, a que assistírão os Excellentissimos Senhores Governadores do Reino, Marquez de Borba, e Ricardo Raymundo Nogueira, e os Excellentissimos Senhores Secretarios do Governo, D. Miguel Pereira Forjaz, e João Antonio Salter de Mendonça. Tres janellas rasgadas communicão esta salla com a varanda, que está por cima do corpo saliente já descripto. Quatro columnas da Ordem Dórica, com sua competente cornija, que corre por toda a frente deste edificio, ennobrecem este corpo central, e sobre as duas janellas, em huma tabella reintrante se veem esculpidas duas cornucopias, com o caducêo de Mercurio no meio, e sobre a do meio se lê a seguinte inscripção:

CARLOTÆ
Brasiliæ Principi
Quod Felicem Statum Rei P.
Regia Prole confirmarit
Theat. Auspicato Exste
Auct. Did. Ign. Pin. Maniq. P.P.
Olysiponenses Cives
Solic. Amore et Longa Fide
Erga Domum Aug. Probati
In Mon. Publicæ Lætitiæ
C.
Anno MDCCXCIII.

Contiguos a esta salla se achão dois gabinetes, com duas janellas de peitos cada hum para a frente do Theatro.

O terceiro pavimento, que só se eleva sobre este corpo do centro, he a espaçosa Casa de Pintura das Scenas Theatraes; tem tres janellas sobre as da varanda, e huma segunda cimalha com dois grandes vasos de cantaria nos extremos, e as Armas Reaes no centró coroão este frontespicio.

A salla do Expectáculo he de figura oval; tem declive a Platéa, ao qual corresponde outro igual no Tablado, o que dá hum perfeito ponto de optica ao centro da Platéa, e offerece de qualquer lado em que o expectador esteja espaço sufficiente á vista para disfrutar quanto se executa no tablado. Cinco ordens de Camarotes, por banda em numero de doze, guarnecem os lados da salla; e fronteiro ao Theatro se vê a magnífica Tribuna de S. Magestade, que occupa na altura a ordem Nobre, terceira, e quarta ordem dos Camarotes. Por cima desta Tribuna estão as varandas, que deixão de se alugar nos dias, que S. Magestade se digna honrar com Sua Augusta Presença este Regio Theatro. Duas chariathides sustentão o pavilhão da Tribuna, sobre cuja cornija estão as Armas Reaes, guarnecidas de festões de flores, que de hum, e outro lado duas serpentes, (timbre da Nação Portugueza) deixão cahir das bocas. Duas columnas da Ordem Composta sustentão o arco do Proscenio, e entre ellas de hum lado se vê a estatua da Virtude, e do outro a do Costume, ambas esculpidas, e doiradas primorosamente.

Tem a seu cargo a empreza deste Theatro a Sociedade dos Actores do Theatro Nacional da Rua dos Condes, e de que he Director o Senhor Manoel Baptista. Actualmente os Artistas mais distinctos deste Theatro são:

Em Canto = as Senhoras =	Neri, Primeira Dama Seria.	
	Vergé, Idem	Idem
	Favini, Primeira Dama Buffa.	
	Fensi, Idem.	Idem.
e os Senhores =	Mary, Primeiro Tenor.	
	Martinelli, Primeiro Buffo.	

Em Dança = a Senhora = Coralli, Primeira Bailarina.
e o Senhor = Gerard. Primeiro Bailarino.

Os mais distinctos, e famosos Artistas em Musica, que se conhecem na Europa, tem estado ao serviço deste Regio Theatro. As Senhoras Catalani, Bertinotti, Gaforini, Sessi, Eckart, e outras; e os Senhores Crescentini, Mombelli, Tremesani, Naldi, e outros, patenteárão aqui os seus talentos, e recebêrão as homenagens, e os applausos, que os Portuguezes sabem conferir ao verdadeiro mérito.

Para que se não julgue, que nesta nobre, e difficultosa Arte não tem havido ninguem da Nação Portugueza, que haja merecido entrar na Lista das Primeiras Cantoras; o grito da verdade, e a gloria da Nação nesta parte, me obriga a fazer especial menção da Senhora D. Luiza Todi, hoje residente nesta Capital. Esta célebre Cantora mereceo distinctos elogios em Italia, e França, e nas mais Cidades, onde foi ouvido o seu canto; e muito particularmente na Russia, onde teve a honra de ter por discipulas as Serenissimas Princezas daquelle Imperio. A modestia desta Senhora, hoje de provecta idade, não consentirá, que se lhe forme hum maior elogio; porém não póde estorvar que se relate, o que o buril publicou do seu distincto mérito na Cidade de Veneza, em consequencia dos talentos, que patenteára na representação dos Dramas — Dido — e Cleofide — do grande Poeta Cesáreo, Pedro Metastacio. Nesta

estampa, gravada em Veneza no anno de 1791, se vê o retrato desta Cantora com os trajes do Theatro, representando a Rainha Dido, com esta legenda em baixo = Luigia Todi =; e a par da mesma estampa estes versos abertos a buril:

A Lei, mentre rappresenta Didone.

Tu di Didone il core
Sì bene a noi dipingi,
Che da stupir non è,
Se quell' ardente amore,
Che per Enea tu fingi,
Noi lo sentiam per te.

A Felo, mentre giace ammalata.

E come inferma ancor langue costei,
Se dio del canto e medico tu sei?

A Lei, mentre rappresenta Cleofide.

Quando Prometeo colla man ardita
Prendere il foco osò dal firmamento,
Ei non diede ai mortali che la vita;
Tu loro infondi, o Elisa, il sentimento.

Eis como na Italia, donde sahem os grandes Cantores para os principaes Theatros da Europa, forão apreciados o merecimento, e as qualidades de huma Portugueza, insigne no Canto, e na Arte da Representação Dramatica.

O desenho em perspectiva deste Real Theatro, que se acha em frente, he do Senhor Henrique José da Silva: mas como era em ponto maior, o copiei reduzindo-o a menor para regular com os mais já incertos neste Jornal.

MAPPA

Dos Chafarizes da Cidade de Lisboa, que recebem agua do Aqueducto das Aguas Livres, numero de suas bicas, aguadeiros, criados de servir, e pipas, que ha nos mesmos.

Chafarizes.	Bicas.	Companhias.	N.º dos homens por Companhia.	Aguadeiros do Numero.	Aguadeiros dispensados.	Criados de servir.	Pipas.
Loreto	4	3	60	180	23	476	8
Carmo	4	4	60	240	15	216	. . .
Rua Formosa	3	3	60	180	24	150	. . .
S. Pedro d'Alcantara	5	3	60	180	16	107	6
Esperança	5	2	60	120	27	122	2
Boa-Vista	3	2	50	100	14	68	. . .
S. Bento	2	2	70	140	23	120	. . .
Travessa do Arco	2	Anexo	Anexo	Anexo	Anexo	Anexo	. . .
Rato	3	2	50	100	20	29	6
Amoreiras	4	2	40	80	10	74	9
Estrella	2	2	40	80	9	160	4
Buenos-Ayres	2	2	30	60	9	127	. . .
Alegria	5	3	60	180	27	79	12
Campo de Santa Anna	4	3	60	180	25	157	6
S. Sebastião	2	1		50	9	114	. . .
Cruz do Taboado	2	Anexo	Anexo	Anexo	Anexo	Anexo	. . .
Janellas Verdes	4	2	60	120	22	112	4
Necessidades	4	2	35	70	12	40	3

Outros Chafarizes de Lisboa.

Chafarizes.	Bicas.	Companhias.	N.º dos homens por Companhia.	Aguadeiros do Numero.	Aguadeiros dispensados.	Criados de servir.	Pipas.
Chafariz d'ElRei.		5	60	300	57	150	Huma Barca de 60 pipas, outra de 40 cada semana.
De dentro		3	60	180	43	130	13
Praia		3	55	165	37	100	12
Bica do Çapato		2	35	70	23	70	. . .
Ajuda		2	30	60	6	40	. . .
Bellem		1		30	1	46	. . .

O cano do Aqueducto recebe agua da Fonte do Salgueiro pequeno das Religiosas do Convento da Estrella.

O dito recebe agua da Fonte do Coxo dos Frades de Jesus.

O dito recebe agua da Fonte da Rascoeira do Bandeira.

O dito recebe agua de outra Fonte do mesmo sitio dos Frades Mariannos.

O dito recebe agua de outra do mesmo sitio de José Antonio Pereira.

O dito recebe agua da Fonte do Casal do Pelão de José Antonio Barbosa de Araujo.

O dito recebe agua da Fonte do Casal da Reboleira dos Padres das Necessidades.

O dito recebe agua da Fonte da Serra dos Cardaes, junto ao Casal da Quintã de Francisco Antonio Ferreira, e dá agua em tres lugares, a saber, ao Illustrissimo Barão de Quintella, ao Illustrissímo José de Seabra, e ao dito Francisco Antonio Ferreira.

Enche-se hum barril de aguadeiro, que leva 18 Canadas em hum minuto sendo de verão, e sendo de inverno em minuto e meio. (1)

---

(1) Por este Mappa se emende o que vai dito no N.° IV. pag. 67 sobre o numero dos Chafarizes, que recebem agua do magnífico Aqueducto das Aguas Livres, e sobre o tempo que se gasta em encher cada barril de aguadeiro. O meu engano procedeo de me haver governado por huma Memoria impressa nas Memorias da Academia Real das Sciencias, quando pela demora deste Mappa, que me fôra promettido, me vi obrigado a concluir o Artigo. Mil graças rendo á bondade de quem mo facilitou, pois que com interessantes Artigos, como este, he que poderá ter algum merecimento este Jornal.

Bicas, que ha na mesma Cidade de Lisboa.

Bica dos Anjos	Agua de gasto.
Dita do Desterro	Dita de dito.
Dita da Guia	Dita de dito.
Dita do Pelourinho	Dita de dito.
Dita do Campo de Ourique	Dita de beber.
Dita da Triste-feia	Dita dita.
Dita da cerca das Necessidades	Dita dita.
Dita da Tapada	Dita dita.
Dita do Marquez na calçada d'Ajuda	Dita dita.
Dita do Pateo das Vacas em Bellem	Dita dita.
Dita do Pateo dos Bixos em Bellem	Dita dita.
Dita da cerca dos Frades Jeronimos	Dita dita.
Dita da Samaritana ao Grillo	Dita dita.

Além de muitos Poços, que ha pela Cidade, onde enchem os aguadeiros os barriz com o distinctivo de agua de gasto, que vendem ao Povo.

POESIA.

A Manoel Maria Barboza do Bocage, pela occazião da sua enfermidade.

Non omnis moriar: maxima pars mei vitabit Libitinam .... *Horatio.*

ODE.

FOnte antiga dos Mundos, e dos Entes,
Oh' tempo! Oh' Ser incognito! Tu podes
Co' a vencedora planta
Pizar dos Homens a Soberba, o Fausto.

No fabuloso Egypto inda disputem
Comtigo a duração, comtigo a força,
Pyramides excelsas,
Que vem passar os seculos intactas:

Não do Braço Immortal parecem Filhas,
Da Natureza só parecem obras;
De teu ferro cortadas
Hum dia hão-de ser pó, ser nada hum dia.

De teu poder veloz descubro o trilho,
Onde inda guarda o Fausto, e nutre orgulho
A soberana Roma,
Que hum sceptro novo nos seus montes sente.

Thermas, Theatros, Monumentos, tudo
He cinza, he frio pó, e entre ruinas
Teus pendões levantados,
Que existio Roma, aos seculos publicão.

Mas são obras mortaes: c' os Homens passão,
Insaciavel Tumulo dos Entes,
He na tua presença
A duração de hum Mundo, hum dia apenas.

Dos Astros a tranquilla magestade
Ante o teu solio passa, e alli se murcha,
Como a flor delicada,
Que de syrio o fervor no campo abraza.

Só pára o giro da voluvel Roda,
Só tua Foice estalla, e immóvel ficas,
Quando das Musas sôa
A voz, que Eternidade acolhe, e guarda.

Inda de Mantua o Cisne intacto existe
No Oceano dos Tempos, e dos Mundos,
E apar delle voando
Esta victoria obtens, fadado Elmano.

Embora vejas negrejar de perto
Para os côncavos Ceos triste Cypreste,
Que á tranquilla Virtude
Mostra a Patria primeira, e azilo extremo.

Entre as sombras do Tumulo deviza
A inextinguivel Lampada, que brilha,
E que em volume eterno
Mostra teu Nome sobranceiro aos Evos.

Tire embora do carcere terreno
Substancia etherea, que teu corpo anima,
A fria mão da Morte,
Co' a duração de hum Sol teus Versos vivem.

Ouvio-te o Ganges, coroou-te o Tejo,
E em quanto ufanos para o Mar correrem
Ha-de durar teu Nome,
E em quanto o Polo apascentar Estrellas.

Sobre a terra hum Depósito já deixas,
Que os seculos aos seculos transmittão,
Qual do Cantor de Achilles
Passada Idade deo, futura espera.

Entre os Mortaes, Elmano, eterno vives,
Doce consolação, que vale o golpe
Thé dos Heroes temido
Mas grato a Horacio só, a Elmano, a Elmiro.

Do Nada universal entrem no Abysmo
Os Arbitros do Mundo, e Heroes de Marte:
Quando lhes abre a campa
A Morte imparcial, a Terra folga.

Do Nada zombão teus cadentes versos,
E a sombra do Sepulchro em luz convertem:
Para si tambem guardão
A Fama perennal, que aos outros derão.

Se Elmiro póde tanto, e se atrevido
Das mãos da Natureza as chaves tira,
E o seu Thesouro immenso
Seus Quadros, e seus Dons consagra em versos:

Aceita, aceita Elmano a ingenia offerta;
Teu Nome alli publico, e mais hum brado
Pela voz da Justiça,
E antigo Amor, á tua Fama ajunto.

De José Agostinho de Macedo.

ANECDOTAS.

Hum Sujeito vendo huma criança muito experta a chamou, e lhe fez varias perguntas, ás quaes vio que respondeo com acerto, e promptidão. O sujeito admirado, voltando-se para hum seu Amigo lhe disse: = Commummente as crianças, que são muito espertas, á proporção que vão crescendo, se vão tornando estupidas. = Então era V.mce muito esperto em pequeno, lhe disse a criança. =

Hum Poeta de agua doce foi consultar outro ja bixaço, e lhe propoz o seguinte = Amigo, eu namoro huma Senhora para cazar, e bem sabes, que nestas circumstancias devo ter toda a modestia nos versos, que lhe faço. Succede, no outro dia encontrala a dormir, e sobre este respeito queria fazer-lhe humas Decimas. Eu bem sei que a fraze poetica, quando se falla de hum homem, he dizer que estava nos braços de Morpheo; mas isto he huma indecencia para huma Senhora, que destino para tão honestos fins. A Senhora D. Fulana nos braços de hum homem, que não seja eu, e a seu tempo, bem vês que he immodestia! Neste cazo aconselha-me hum arbitrio decorozo, que eu possa seguir. = Nada ha mais facil de remediar, lhe disse o Poetaço, poem-na nos braços da mulher de Morphêo, e ahi fica salva a indecencia. = Dizes bem, lhe tornou o primeiro; e correndo foi descrever a sua amada nos braços da *Morphéa*.

Outro Aprendiz de Poesia, querendo pôr hum titulo aos versos, que havia composto aos annos de huma Senhora, sabendo que os dirigidos a hum homem se chamavão Elegio, quiz dar-lhe terminação femenina por serem dirigidos a huma Senhora, e poz-lhe = Elegia. =

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

O U

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XIII.

MEMORIA

Apresentada na Academia Real das Sciencias de Lisboa pelo seu Sócio o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. José da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de Elvas, em outro tempo Bispo de Pernambuco.

EU não pertendo sahir a campo a disputar o terreno, que Mr. Thomás tem ganhado com tanta gloria na carreira da eloquencia, tecendo o elogio dos seus Heroes, entre os quaes apparece o de Renato Du-Guay Trouin, Tenente General das Armadas da França, que disse vencedor da inconquistavel Praça do Rio de Janeiro; este elogio, em que Mr. Thomás ajuntou ao mesmo tempo á elevação, e á nobreza dos pensamentos a grandeza, e o sublime das imagens, a correcção do estilo, e a força das expressões; a pezar de ver nelle tão desfigurados os factos, algumas vezes me encanta, e me arrebata. Eu não pertendo tão pouco escurecer, nem ainda diminuir a gloria do Gene-

S

ral da França, o do seu Heroe: eu só venho defender a honra da minha Patria, e do nome Portuguez, a fidelidade, e o valor dos meus concidadãos tão injustamente offendido no meio da França, e á face do Mundo.

Se Du-Guay Trouin não tivesse tido outra gloria mais do que a de vencedor da minha Patria, nem toda a força da eloquencia de Mr. Thomás o faria transmittir á posteridade no throno dos seus Heroes: elle só passaria por hum intrigante, que sabe comprar huma Praça a hum indigno Official, que degenerado do tronco dos seus Avós, se esquece do que deve a si, a seus Pais, á sua Nação; a hum infame Governador, que achando-se encarregado de a defender, sacrifica a honra da Nação á insaciavel cobiça do seu vil interesse.

Eu não tenho outras armas mais do que o fogo, que me abraza para a defeza da minha Patria; este fogo abrazador fará sem dúvida que eu balbuciente não acerte a formar hum só periodo, mas elle não fará que eu perca jámais de vista o inimigo, que ataca a honra dos concidadãos, e da minha Patria: as minhas forças são a justiça da minha causa, e a verdade dos acontecimentos: esta por si só he tanto mais eloquente, quanto ella se apresenta mais simples, e menos ornada.

Mr. Thomás pinta as fortificações do Rio de Janeiro no anno 1711. em que Du-Guay Trouin entrou naquelle porto, como no estado, e ainda mais, em que ellas se achárão cincoenta annos depois no de 1761, em que elle apresentou o seu discurso á Academia Franceza: este anacronismo he imperdoavel; a data só do estabelecimento de cada huma daquellas fortificações (1), ou ao menos dos novos fortes,

---

(1) A fortaleza da Ilha das Cobras foi melhorada pelo Brigadeiro José da Silva Pais, que em 1736. partio de Lisboa para deliniar as fortificações daquella parte da America.

que se lhes accrescentárão depois (1), he mais que bastante para mostrar a exageração de Mr. Thomás; elle confundio as fortificações da natureza com as da arte; á sombra daquellas exagerou estas: mas aquellas são pouco, ou nada fortes, quando não são auxiliadas por estas: eu me callo por hum pouco para ouvir a Mr. Thomás (2) exagerar a conquista do seu Heroe: ,, Eu vejo, diz Mr. Thomás, hum porto, cuja entrada estreita, e ainda apertada por hum rochedo, he defendido por ambas as partes por hum grande numero de fortalezas. Trezentos trovões dispostos sobre a sua passagem, e combinados na sua acção, cruzão os seus fogos: no meio da entrada, sete náos de guerra apresentão huma barreira formidavel (3): além dellas se elevão novas obras, torres, parapeitos, bastiões, ilhas fortificadas. Depois de tantas barreiras está a Cidade do Rio de Janeiro situada no meio de tres montanhas, que a defendem, e que a cobrem: cada huma destas montanhas he coberta de baterias, cuja artilheria parece trovejar do alto dos Ceos. Por toda a parte eu vejo fortes trincheiras, fossos, canhões, e dentro do recinto das muralhas hum exercito de doze mil homens disciplinados na Europa. (4)

,, Du-Guay Trouin deo o signal para forçar a entrada do porto: trezentas peças de artilharia vomitão a morte ao redor delle. De tres partes o raio vem bater as suas náos; Du-Guay Trouin inabalavel entra de hum passo sempre igual pelo meio das torrentes de fogo. O inimigo se admira, e a entrada he forçada (5). O dia alumiou este

(1) Souz. Histor. Gen. da C. R. tom. 8. pag. 129.
(2) Eloge de Du-Guay Trouin. pag. 126.
(3) Veja-se a conta da Câmara no §. 2.°
(4) Nunca o Rio de Janeiro teve tanta Tropa de Linha ao menos até o anno de 1711, em que foi saqueada aquella Praça.
(5) Veja-se dita conta no §. 2.°

,, triunfo, e a noute ouvio trovejar suas bombas, que voão
,, aos ares, e que vão esmagar os Cidadãos debaixo dos seus
,, téctos. Hum novo combate começa com o dia. Huma
,, Ilha (1), posto importante, he atacada, e levada por as-
,, salto. Os Portuguezes com suas proprias mãos pozerão
,, fogo ás suas náos (2). Tudo está prompto para o desem-
,, barque. Movimentos complicados, e falsos ataques enga-
,, não o inimigo: e o exercito francez saltou em terra...

,, Mas a victoria ainda he incerta. Os inimigos jun-
,, tárão as suas tropas dispersas: poderosos soccorros se apres-
,, são a soccorrelos; Albuquerque (3) se aproxima á testa
,, de hum exercito: Albuquerque famoso pelos triunfos, o
,, seu nome he entre os Portuguezes o signal da victoria.
,, Du-Guay Trouin tem tudo prevenido para se defender....
,, Os Soldados formados em batalha apresentão hum aspecto
,, formidavel, e ajuntão a intrepidez dos Francezes, á so-
,, soberba dos vencedores. Esta audacia do Heroe lhe va-
,, leo huma batalha (4). Os inimigos subjugados pelo ter-
,, ror vem tratar do resgate da Cidade, e offerecer-lhe to-
,, do o ouro da sua colonia. Já elle tem dictado a Lei,
,, e recebido os refens. *Em vão Albuquerque chega* (5)
,, *no dia seguinte na frente de hum exercito de quinze mil*

---

(1) A Ilha de que se trata aqui, se denomina a Ilha das Cobras.

(2) Veja-se a Carta da Camara no §. 3.°

(3) Confessa Mr. Thomás, que Albuquerque chegava com soccorros, e que a victoria ainda era incerta. Veja-se a Carta da Camara no §. 14.

(4) Mr. Thomás confessa, que o seu Heroe venceo sem dar batalha. Veja-se a Carta da Camara no §. 11, e seguintes.

(5) Confessa Mr. Thomás, que Albuquerque no dia seguinte ao da entrega dita chegou com quinze mil homens a socorrer aquella Cidade, e que os Portuguezes seguros de vencer instavão para virem ás mãos com o inimigo. Veja-se a dita Carta no §. 14.

„ *homens; em vão alguns Portuguezes desejosos de vir ás*
„ *mãos, por que elles se crião seguros de vencer, sustentão*
„ *que a victoria justifica tudo*, e que a perfidia feliz deixa
„ logo de ser hum crime. Du-Guay Trouin não permitte
„ a estes inimigos praticar tão perniciosa maxima. Sem-
„ pre prompto a combater faz acabar a execução do Trata-
„ do (1), e os Soldados com o ferro em huma mão levão
„ com a outra violentamente as riquezas do Brazil. „

Basta já de ouvir a Mr. Thomás, que excedendo os limites de hum Orador passou aos excéssos de hum Poeta; he tempo de o obrigar a que, ou diga a verdade nua, e simples, ou confesse á face do mundo, que elle foi enganado por quem lhe referio a historia da supposta conquista do Rio de Janeiro por Du-Guay Trouin. Confessa Mr. Thomás, que a victoria estava ainda duvidosa, quando o seu Heroe saltou em terra; elle diz que o só aspecto formidavel, que apresentárão os seus Soldados formados, e a audacia do seu Heroe lhe valeo huma batalha; elle diz que hum exercito de doze mil homens disciplinados na Europa, cobertos de fossos, trincheiras, e baluartes, subjugados pelo terror, forão tratar com elle do resgate da Cidade, e offerecer-lhe todo o ouro da sua Colonia: quem jámais poderá crer tantas patranhas! quem não vê que aquella Praça, ou não estava tão guarnecida, como diz Mr. Thomás; ou que ella foi entregue de proposito por aquelle mesmo, que encarregado de a defender, tinha todas as forças fechadas na sua mão! Mr. Thomás vai já confessar que ella foi entregue de proposito; que os Cidadãos perdêrão as suas fazendas, e que forão sacrificados a pezar do valor com que se mostrárão.

Confessa Mr. Thomás, que no dia seguinte ao Tra-

(1) Confessa Mr. Thomás, que o Tratado ainda não estava concluido, quando chegou Albuquerque. Veja-se a dita Carta nos §§. 14, e 15.

tado, que o Governador tinha feito com Du-Guay Trouin, chegou Albuquerque na frente de hum exercito de 15$000 homens: he crivel, que Albuquerque indo a socorrer aquella Praça não tivesse avisado ao Governador della da sua proximidade, e da sua marcha? he crivel que Albuquerque com 15$000 homens fizesse tão pouco estrondo, e se aproximasse com tanto segredo áquella Praça, que o Governador della não tivesse a mais leve noticia da proxima chegada daquelle grande socorro, para debaixo de qualquer pretexto demorar hum dia a conclusão daquelle Tratado? (1) a grande precipitação com que o dito Governador fez aquelle Tratado seria talvez pelo grande aperto em que se achava aquella Praça? não certamente; porque diz Mr. Thomás, que a só formidavel frente que apresentárão os Soldados, e a audacia do seu General lhe valêrão huma batalha, e por consequencia, que sem dar hum só tiro doze mil homens disciplinados na Europa bem entrincheirados recebêrão a Lei de Du-Guay Trouin. Seria talvez pela fraqueza daquelles moradores? não certamente; porque Mr. Thomás he o mesmo que confessa, que elles estavão desejosos de vir ás mãos, por que elles se crião seguros de vencer (2). Logo he necessario que Mr. Thomás, ou confesse que estava sonhando quando fez o seu elogio, ou que a entrega daquella Cidade tinha sido huma venda já muito dantes convencionada entre aquelle Governador, e Du-Guay Trouin, para repartirem entre si o rico espolio daquella grande Praça de Commercio.

Continuar-se-ha.

---

(1) Veja-se a dita Carta da Camara no §. 14 no fim das palavras = E como chegárão noticias de que este se avisinhava = etc., e no §. 15. no fim das palavras = era tão grande o empenho que tinha o dito Governador de concluir a dita Capitulação etc. =

(2) Mr. Thomás concorda com o que diz a Camara na sua Carta aos §§. 10, 11, 12, 13, 14.

ARTES, E OFFICIOS.

Da Estatuaria, e Escultura em pedra em Portugal.

DEsde as mais remotas idades se introduzio em Portugal o gosto da Escultura: os monumentos antiquissimos, que ainda hoje existem em diversas partes do Reino, attestão esta verdade.

Ainda que o terramoto do primeiro de Novembro de 1755, e o incendio, que se lhe seguio, lançou por terra, e reduzio a cinzas a maior parte dos Templos, e Palacios de Lisboa, authenticos testemunhos do gosto, e perfeição, a que havia chegado a Estatuaria, e a Escultura nesta Capital, relativamente áquellas épocas, comtudo ainda conserva quanto baste para se poder provar esta asserção.

Onde plenamente se póde comprovar a verdade do expendido, he na Cidade de Evora. Alli hum genio indagador talvez possa determinar pelos edificios daquella Cidade o gosto, que reinára em cada Seculo, desde Quinto Sertorio até ao presente, tanto em Escultura, como em Arquitectura. Poderão existir outras, ou mais provas em outras quaesquer Cidades, ou Villas deste Reino; porém duvido, que existão tantas em hum só lugar; porque poucos Monarcas houverão em Portugal, que naquella Cidade não edificassem hum Templo, Capella, ou Collegio.

Os Capiteis Corinthios do Templo de Dianna, (se me quizerem conceder, que não forão mandados vir de Athenas, ou de Roma, onde unicamente dominava o bom gos-

to, e se seguião os preceitos da Arquitectura, e a boa execução da Escultura, nem que de lá viessem os Escultores, que os fizerão,) patenteão, que na Lusitania havia bons Escultores. Os troços de cimalhas, frisos, estatuas, e lapidas achados nas escavações de Béja, mandadas fazer pelo Excellentissimo e Reverendissimo Bispo daquella Diocese, o Sabio D. Fr. Manoel do Cenaculo, são outros testemunhos de haverem bons Escultores, e Estatuarios Lusitanos. O Mosteiro de Alcobaça, fundação do Senhor D. Affonço Henriques, Primeiro Rei de Portugal, o seu adro magestoso, e os mausuleos do Senhor D. Pedro I., e da Senhora D. Ignez de Castro, feitos no tempo deste ultimo Soberano, patenteão a existencia, e o gosto da Escultura, e Estatuaria daquelles tempos. O Convento da Ordem de Christo em Thomar o do Senhor Rei D. Diniz. O Convento da Batalha, fundação do Senhor Rei D. João I., e o de Bellem do Senhor Rei D. Manoel, talvez no genero gothico os melhores do mundo (1), mostrão a perfeição a

---

(1) Servir-me-hei das palavras de dois grandes Arquitectos, ambos Membros de Academias, como Londres, París, Edimburgo, etc. Murphy: Royal Monastery of Batalha. ,, The architecture is of that style called Modern Nor-
,, man Gothic, and may be justly considered one of the
,, most perfect and beautiful specimens of that style exis-
,, ting. In the construction of the church, we observe none
,, of those trifling and superfluous sculptures, which but
,, too of ten are seen to crowd other Gothic edifices;
,, whatever ornaments are employed in it, are sparingly,
,, but judiciously disposed; particularly in the inside, which
,, is remarkable for a chaste and noble plainness: and the
,, general effect, which is grand and sublime, is derived,
,, not from any meretricious embellishments, but from the
,, intrinsic merit of the design. ,,

Murphy: Royal Monastery of Bellem ,, On te banks
,, of the Tagus is situated the magnificent church and Mo-
,, nastery of Bellem ... Providence fortunately saved this
,, beautiful structure from the destructive effects of the me-
,, morable earthquake. ,,

que chegárão as duas Bellas-Artes nestes reinados. O Mosteiro de S. Vicente de Fóra em Lisboa, e o Claustro denominado dos Filippes em Thomar a indicão igualmente pelos annos de 1580 a 1640: mas nunca tão brilhantes, e honradas forão como nos reinados dos Senhores Reis D. João V., D. José I., D. Maria I., e S. Magestade o Senhor D. João VI. Alexandre Justi, Estatuario Italiano, vindo de Roma para collocar a Capella de S. João Baptista na Igreja de S. Roque, foi mandado, que estabelecesse huma Escolla em Mafra, e do seu Ajudante, o Senhor Joaquim Machado de Castro, e discipulos Portuguezes se admirão os bellos gruppos, baixos relevos, e estatuas adiante mencionadas.

Os Estatuarios Portuguezes existentes são:

Os Senhores Joaquim Machado de Castro,
João José de Aguiar,
Faustino José Rodrigues,
Joaquim José de Barros.

São producções do Senhor Machado de Castro, além do referido da Estatua Equestre, no N.° II. deste Jornal, o baixo relevo, e as estatuas dos Santos, e das Virtudes personalizadas do Frontespicio, e Atrio do Convento do Coração de Jesus, e a Estatua da Senhora D. Maria I. na Real Bibliotheca Pública.

São do Senhor Aguiar (que tem a honra de haver sido discipulo do Senhor Marquez de Canova, o maior Estatuario hoje do Mundo) a Estatua em marmore de S. Magestade o Senhor D. João VI., collocada no Real Hospi-

---

Fresier: ,, On peut remarquer dans les anciennes Egli-
,, ses et cloitres Gothiques, une varieté admirable de com-
,, partimens; ce que j'ai vû de plus beau et de mieux exé-
,, cuté dans ce genre, est au Monastere de Bethlem, au-
,, près de Lisbonne en Portugal, tant à l'Eglise qu'au
,, Cloitre, où la plûpart des nervures sont de Marbre. ,,

tal da Marinha , e hum Busto do Excellentissimo Senhor Duque da Vittoria. Por Decreto de S. Magestade foi nomeado igual ao Senhor Machado de Castro, e provido em igual pensão.

São do Senhor Rodrigues os dois bustos em barro de Virgilio, e Camões, que possue o Excellentissimo Senhor Marquez de Borba, e a Estatua de Venus, que existe no Palacio do Excellentissimo Senhor Marquez de Bellas, no sitio da Bemposta.

São do Senhor Barros a figura em marmore da Fama, e os Retratos dos Nossos Augustissimos Soberanos, collocados no obelisco da Quinta de Bellas do mesmo Excellentissimo Senhor Marquez, e o baixo relevo do tympano do Frontespicio da Capella Real da Bemposta. Do mesmo Senhor Barros he hum excellente presepio, que possue o Senhor José Joaquim de Castro; igualmente o são muitas Imagens perfeitamente esculpidas em madeira, que ennobrecem o Oratorio do Senhor Luiz Mendes de Araujo, e outros. Todos estes quatro Senhores recebem pensões do Estado.

Devo fazer neste lugar, posto que não seja Portuguez, honrosa menção do Senhor Amatucci, tambem pencionista do Estado, por insigne modelador em cera, e bello Estatuario. São obra sua o Busto em marmore do Excellentissimo Senhor Duque de Vittoria, que possue o Illustrissimo Senhor Barão do Sobral, e hum presepio com figuras de cera, cousa mui singular neste genero.

As outras obras dos Estatuarios Portuguezes já fallecidos são as seguintes:

São de José de Almeida as Estatuas em marmore dos Santos da Real Capella da Bemposta, e a de S. Paulo, que fica correspondente á de S. Pedro, de Alexande Justi, no atrio da Igreja das Necessidades: as outras Estatuas humas são de Justi, outras de Almeida. Este Artista estudou em Roma.

São de Alexandre Gomes os dois optimos Rios, as duas Serêas, e os dois Tritões, que se achão em hum tilheiro ao Campo de Santa Anna para servirem no Chafariz, que deve ennobrecer aquelle campo.

São de Francisco Leal Garcia as duas Estatuas sentadas na empena do frontespicio do Palacio do Excellentissimo Senhor Marquez de Pombal, no sitio de Quéluz, e hum gruppo de Anjos em adoração na Igreja do Hospital de Runa.

São do famosō Antonio Ferreira (tambem Estatuario Portuguez, cujas obras são muito estimadas) os singulares presepios em barro da Cartuxa, e da Igreja da Madre de Deos.

Porém de todos os nossos Estatuarios o mais famoso he o immortal Manoel Pereira. He do seu insigne, e inimitavel cinzel a Estatua em marmore de S. Bruno, que existe na Rua de Alcalá em Madrid. Filippe II. mandava ao seu cocheiro, que andasse muito devagar, quando por alli passava, para ter mais tempo de a contemplar, e admirar. Depois de cégo pelo tacto emendava as obras dos seus discipulos. Em Italia he tão conhecido o seu nome, como entre nós póde ser o de Bernini. Dizem, que na Igreja de S. Domingos de Bemfica ha hum Christo deste célebre Estatuario.

POESIA.

Traducção de hum Idilio de Gesner.

EM bosque apanhou d'Abetos,
O joven Milon hum dia,
Ave de formosas plumas,
De mais formosa harmonia.

Das mãos no côncavo a fecha,
Doido de gosto o Pastor,
E a condnz onde o seu gado
A' sombra evita o calor.

Lá o chapeo de palhinha
Geitoso em terra emborcou,
E prisioneiro na cópa
O passarinho deixou.

Corre a hum proximo salgueiro
Flexiveis vimes colhêr,
Para huma linda gaiola
Com elles entretecer.

,, Linda Avesinha, (dizia)
,, Quando a tiver acabada
,, Nella te metto, e correndo
,, Levo-te a Clóe, minha amada.

,, Em premio deste presente
,, Hum bejo lhe hei de rogar;
,, Minha Pastora tem ciso
,, Nisso não ha de hesitar.

,, Se ella hum bejo me concede
,, Então estou como quero,
,, Logo dois, e tres lhe roubo,
,, E a quatro chegar espero.

(Assim dizendo) de vimes
Grosso molho sobraçou,
E foi de carreira ao sitio,
Aonde o chapeo deixou.

Que mágoa! hum pérfido vento
Fazendo o chapeo voltar,
Com o passaro fizera
Tambem os bejos voar!

De José Maria da Costa e Silva.

A' necessidade de beber.

ODE ANACREONTICA.

BEbe a negra Terra, e della
Bebem Arvores, e Flores;
Bebe ao Vento o Mar, e o Sol
Bebe do Mar os vapores.

Ao mesmo Sol bebe a Lua,
E para que ha de essa gente
Querer, quando todos bebem,
Deixe eu de beber sómente.

De José Maria da Costa e Silva.

ANECDOTAS.

Empenhava-se com certo Magistrado hum seu Collega, a fim de proferir sentença contra hum sujeito, a quem n'outro caso identico tinha dado sentença a favor. ,, Ficai certo, lhe voltou com semblante risonho o integro Magistrado, que vos hei de servir do mesmo modo, que o fez a Senhora Rainha D. Luiza, mulher do Senhor D. João IV. ao Arcebispo de Lisboa. ,, Ficou muito contente o Collega com esta agradavel resposta, e despedindo-se foi direito a casa, correo onde tinha alguns Livros, e lançando a mão á Revolução de Portugal do Abbade Vertot, pressuroso corre as folhas para vêr como a Rainha tinha servido o empenho do Arcebispo, e topando com a pagina 179, qual foi a sua confusão, quando lêo o seguinte: ,, Confirmada a ,, Sentença do Marquez de Villa Real, do Duque de Ca- ,, minha, e mais conjurados, o Arcebispo de Lisboa se ,, propoz a livrar hum dos seus amigos, solicitando-lhe o ,, perdão da Rainha, confiado em que nada seria recusa- ,, do a seus grandes serviços: porém a Rainha, que co- ,, nhecia a necessidade de fazer justiça, lhe disse: *Arce- ,, bispo, a maior graça, que podeis esperar de mim sobre ,, o que me solicitais, he esquecer-me de que me haveis fal- ,, lado em tal.* ,,

---

Para o livrar de huma queréla pedia certo agente avultada quantia ao querelado, promettendo-lhe com ella fazer com que sahisse absolvido. O querelado, que lhe pareceo muito dinheiro o exigido, lhe disse: = Que razão tem V. M.ce para exigir tão grande somma? = Querêla, respondeo o agente. =

LISTA DAS PESSOAS,

Que se dignárão honrar com seus Nomes esta Subscripção.

O Illustrissimo Excellentissimo Senhor Principal D. José Antonio de Menezes e Sousa.
O Illustrissimo Excellentissimo Senhor Ricardo Raymundo Nogueira.
O Illustrissimo Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.
O Illustrissimo Excellentissimo Senhor João Antonio Salter de Mendonça.

Os Excellentissimos Senhores Nuncio Apostolico.
Principal Freire.
Conde de Palmella.
Condeça de Rio Maior.
D. Fernando Soares de Noronha.

Os Ill.mos Snr.es Dezembargador João de Mattos de Vasconcellos Barbosa de Magalhães.
Conselheiro Antonio José Guião.
Dezembargador José Vicente Caldeira do Casal Ribeiro.
Dezembargador Faustino José Lopes.
Dezembargador José Acursio das Neves.
Dezembargador José Pedro Fialho de Mendonça.
Bento Paes do Amaral de Menezes.
D. Francisco Augusto Cesar de Menezes Cabral Freire de Andrade Brito Alarcam.
D. José Maria Salgado de Noronha, Abbade de Cortegaça.
Francisco Soares de Araujo.
José Joaquim Paes de Sande e Castro.
João Augusto da Cunha e Mendonça Mattos Mexia Feio.
Antonio José Vaz Velho.
João Pinto de Mendonça Arraes.
José Maria Trener.

Os Ill.mos Snr.es Diogo João Mascarenhas Neto.
Antonio Moreira Dias.
Francisco Antonio de Sousa Cambiasso.
Affonso de Sousa.
D. André Durieu.
Doutor Antonio d'Almeida.
Doutor Antonio Jacinto Vidal.
Antonio José da Costa Sousa.
Antonio José da Cruz.
Antonio Joaquim Dias, por 2 exemplares.
Antonio José Maria de Brito.
Antonio José Nunes.
Antonio Maria Monteiro.
Antonio de Sá.
Augusto Gonzaga.
R.mo Fr. Antonio das Sete Dores Cunha.
F. Borel, Consul da Russia.
Bernardino Pedro de Araujo.
. . . . . . Branco.
Anonimos, por 6 exemplares.
Caetano José do Nascimento.
Carlos Sahmeyer.
Carlos Kaiiffmans.
Carlos Kunhartd.
F. Cruz.
Custodio Manoel Almeida de Macedo.
Curiosos, por 2 exemplares.
Daniel Cordeiro de Araujo Feio.
Domingos Chiappory.
Eugenio Francisco Lartigue.
Ezequiel da Graça.
Filippe José Pereira Fortuna.
R.mo Fr. Filippe de N. S. da Conceição.
Francisco Antonio Lodi.
Padre Prior Francisco Correia de Pina.
Francisco Dias de Almeida.
Francisco Gonçalves Chaves.
Francisco José da Rocha.
Francisco José Urbano.
Francisco José de Serpa.
Francisco Jorge Pinto de Brito.
Francisco Maria Barreto.
Francisco Maria de Mendonça.
R.mo Fr. Francisco da Motta.
Francisco de Oliveira Guimarães.

Os Ill.^{mos} Snr.^{es} Francisco de Paula Ferreira de Castro.
Francisco de Paula de Sousa Baptista.
Francisco Xavier de Carvalho, por quatro exemplares.
Jacob Pedro Lartigue.
João Alves Marques.
João Antonio Murta.
João Baptista Canal Murta.
João Baptista Leite, Conego Evangelista.
João Baptista dos Santos.
João Christovão Sagerman.
João Ferreira de Moura, por dois exemplares.
João Joaquim.
R.^{mo} Conego João Joaquim de Andrade.
João José Pereira.
João Lourenço.
João de Mello Lobo.
João Marques da Silva.
João Miguel d'Andrade.
João Soares.
Doutor Ignacio Antonio da Fonceca Benavides.
Joaquim Januario Machado.
Joaquim José Pedro Lopes.
John Hollingworth.
R.^{mo} Padre José Agostinho de Macedo.
José Aniceto Raposo.
José Antonio de Albuquerque.
José Antonio Branco.
Capitão José Antonio Madeira.
R.^{mo} Beneficiado José da Cruz e Silva.
José Francisco Sardinha.
José Gaspar.
José Gregorio de Sousa.
Doutor José Homem de Figueiredo Freire.
José Ignacio de Andrade.
José Joaquim Dias.
José Joaquim Valverde.
José Lino.
R.^{mo} Fr. José de Mendonça.
José Maria d'Abreu.
José Maria Gomes.
José Maria Lopes de Faria.

Os Ill.mos Snr.es José Maria de Vasconcellos, Juiz de Fóra da Chamusca.
José Mouzinho de Sousa Zuzarte da Silveira.
José Pedro Soares.
José Pereira Fagundes.
Padre José Portelli.
José Rodrigues Soeiro.
José Rodrigues Velloso.
José Silvestre de Macedo.
José Virissimo da Silva.
Beneficiado Izidoro José da Veiga.
Ladisláo Manoel.
Capitão Lasaro José Lobo.
Doutor Lourenço Luiz de Sousa Silveira.
R.mo Fr. Luiz Fragoso.
Luiz José Ribeiro.
Manoel Alves de Mello.
Manoel Antonio de Carvalho.
Manoel Caetano de Seixas.
Manoel Caetano Soares.
Manoel Dias Azambuja.
Manoel Firmino d'Abreu.
Manoel Joaquim Cordeiro.
Manoel José da Silva Serva.
Manoel Marques da Cruz.
Manoel Pedro Gomes de Carvalho.
Padre Manoel Rodrigues d'Abreu.
Manoel Tavares.
C. Meyners.
Miguel José Rodrigues.
Paulo Avellar Telles.
R.mo Pedro José Gonçalves.
Pillaer, Consul da Hollanda.
Quintino José dos Santos Pinto.
Ricardo Luiz Antonio Raposo.
Doutor Romão José Nunes.
T. R. Sahmeyer.
Sebastião da Cunha de Azeredo Coutinho de Sousa.
Silvestre Alexandre Leite Palhares.
Theodorico Cerveira Alves.
Thomás Felix Tomasini.
Thomé de Avellar, Major do Regimento N.° 10.

Os Ill.mos Snr.es Capitão Valle.
Victor Jorge.
Padre Vigario de S. Camillo.
R.mo Padre Vigario de S. Domingos.
Urbano José dos Santos.
S. M. Wart.

N. B. Os Senhores, que se dignarem continuar na Subscripção deste Jornal por outros tres mezes, o podem fazer nas Lojas já annunciadas da Gazeta, João Henriques, e Francisco Xavier de Carvalho, pelo mesmo preço de 1440 réis entrando 1200 em moeda papel.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XIV.

MEMORIA

Dos beneficios, que a Nação Portugueza deve á Augustissima Rainha, a Senhora D. Maria I. (1)

RAiou no nosso Hemisferio o dia 17 de Dezembro de 1734, e a par do Astro luminoso, que preside ao dia, hum novo Astro veio diffundir, e espalhar as luzes da Sapiencia sobre o ditoso solo Portuguez, e presidir á felicidade desta benemérita Nação.

O Ceo havia feito em o nascimento do Senhor Rei D.

---

(1) Tendo a ventura de haver nascido vassallo desta Excelsa Rainha, e por consequencia sendo-o hoje d'ElRei meu Senhor, seu Successor, e Filho tão amado, e tão amante, como testefica a eleição que fizera do dia do Nascimento do mesmo Augustissimo Senhor para ser o da sua Coroação, e tendo a honra de redigir hum Jornal público, julguei da obrigação de vassallo obediente, e fiel dever engrossar o clamor da saudade pública, fazendo recordar as Virtudes, que possuio em tão eminente grão esta Augustissima Senhora. Para dignamente ser pranteada a sua Morte, solicitei as Poezias dos dois Genios singulares, que se dignárão concorrer para tão digno fim; sentindo não poder mais cedo dar este testemunho da mágoa, que punge o meu peito pela morte de tão Virtuosa Soberana.

José I. hum precioso presente aos Portuguezes, dando-lhes na Pessoa deste Augusto Monarca, quem d'entre as ruinas de hum espantoso, e horrivel terramoto fizesse ressurgir Lisboa mais nobre, bella, e magnífica; porém estava reservado para a Augustissima Pessoa da Senhora D. Maria I., dar alma a este corpo, enriquecendo esta Capital com os Estabelecimentos Scientificos, que honrão as Nações civilisadas, e promovendo todos os ramos, que formão a riqueza de hum Estado.

A reforma da Universidade de Coimbra, a creação do Real Collegio dos Nobres, o estabelecimento das Escolas Públicas, são monumeutos dos Paternaes disvellos daquelle Monarca Excelso; mas os resultados dos Estabelecimentos, e Providencias desta Incomparavel Soberana, são mais amplos, mais uteis, e mais gloriosos a toda a classe de Cidadãos.

Com o estabelecimento dos Estudos nos Conventos Regulares, augmentou o conhecimento das humanidades: com a creação das Aulas de Desenho Historico, e de Arquitectura Civil abrio a estrada ao bom gosto das Artes Liberaes, e Mecanicas: com a das Aulas de Fortificação, Desenho, e Arquitectura Militar, deo ao Reino grande cópia de Defensores, no ataque das alheias, e defensa das proprias Praças: com a das Academias Reaes da Marinha, e Guardas Marinhas procurou emular a preponderancia das Potencias Maritimas: finalmente, com a creação da Academia Real das Sciencias, Bibliotheca Pública da Côrte, e franqueza com que expôz ao Público o seu Regio Gabinete de Historia Natural, e Jardim Botânico diffundio as luzes daquellas Sciencias, antes mui pouco cultivadas em Portugal.

A sua alma generosa não se satisfez sómente com abrir as fontes da sabedoria, e do bom gosto das Artes: seus Póvos, a quem amára como filhos, merecêrão-lhe outras muitas sabias providencias. O projecto de hum canal, que cortando desde o Sul do Téjo, tornasse navegavel aquella Provincia até ás raias da Hespanha; o encanamento do rio Mondego, as estradas que mandou abrir, e marcar com lápidas, na distancia de cada legua, e para indicar os caminhos aos viajantes; a abolição do imposto do Pescado secco, etc., bem patenteão quanto procurou favorecer, e animar a Agricultura, a Pescaria, e a Policia interna dos seus Estados.

Quanto augmento, e riqueza não deve o Commercio, e a Navegação Mercante a esta Augustissima Rainha, pela Neutralidade, que obteve, para os seus vassallos francamen-

rem commerciarem na época, em que a America Ingleza forcejava por se subtrahir ao Dominio da sua Metropole? Quanto não deve tambem á Neutralidade de 1789, quando principiou a pasmosa Revolução da França? Quanto á sabia Alliança com a Russia, onde abrio hum novo mercado, para a extracção dos vinhos do Alto Douro, e generos da Colonia Portugueza em via recta? A quem, se não a esta luminosa Alliança se deve, pela exaltação do Imperador Paulo I., o dispensar este Monarca dois annos de direitos aos mesmos vinhos, fosse qual fosse a extensão da sua introducção, que importassem os Portuguezes naquelle Paiz?

Quem mais solícita pelo augmento, prosperidade, e credito da Marinha Real Portugueza? Quando se vio em Lisboa no mesmo dia sahir do seu Estaleiro tres vasos de guerra construidos de novo? No seu feliz Reinado escava-se o Dique para concerto das Náos, avulta a Cordoaria para o fabrico das amarras, cabos, e massame feitos no proprio Paiz; cria-se o Almirantado, e Brigada Real da Marinha para regime, e guarnição dos mesmos vasos de guerra.

Ah! isto sendo muito, he ainda pouco para o seu Regio Animo. A mocidade ao desamparo fere aquelle coração de Mãi. Estabelece a Casa Pia do Castello, e com ella as Aulas para o ensino das Artes Liberaes, e Mecanicas, e o moço perdido, volve-se Cidadão proveitoso. Hum asylo tambem se estabelece para as orfãs desamparadas, e alli se instruírão naquellas Artes compativeis com a delicadeza do sexo. Nada esqueceo a bem da mocidade incauta a esta, dada pelo Ceo, illustrada Senhora: huma Casa de correcção tambem mandou crear para aquellas, que ajuntando a impudencia a todo o genero de crimes, são o flagelo, e a peste mais funesta da sociedade.

A Jurisprudencia, e as Ordens Religiosas tambem fórão objectos dos seus ardentes disvellos. Para a reforma das Leis creou huma Regia Junta, a fim de formar hum novo Codigo, e para o melhoramento, e refórma das Ordens Religiosas formou outra mui conspicua Junta. Oh! gloria de todas as providencias, oh! Monte Pio! a tua creação basta para fazer memoravel o seu Reinado! No meio de tão complicados trabalhos, e amargas fadigas, o seu Coração ainda não se acha satisfeito, derramando tantos bens sobre os seus fieis, e felizes Vassallos. = *Tenho feito quanto em minhas forças cabe pelos Homens* (diz a Excelsa Rainha); *mas ainda não hei feito quanto devo*

pelo meu Deos. = He o Coração de JESUS, que inflamma o seu Regio Coração, e he a esta Sacratissima Invocação, que se eleva o mais perfeito monumento da mão d' obra, neste genero, dos Artifices Portuguezes.

Portugal tem sido feliz todas as épocas, que as suas Soberanas tem tomado as rédeas do Governo. A Senhora D. Catharina na menoridade do Senhor Rei D. Sebastião soube sustentar, e conservar a gloria, e o nome, que os Portuguezes tão dignamente tinhão sabido adquirir com as espantosas conquistas, e descrubimentos d' Africa, Azia, e America: A Senhora D. Luiza, na menoridade do Senhor Rei D Affonso VI., nas circunstancias tão melindrosas de huma Monarquia, arrancada das garras de hum vizinho poderoso, com a sua luminosa politica soube manter a Dignidade, e a Independencia do Throno: porém estava destinada pela Providencia a Augustissima Senhora D. Maria I.ª para que Portugal, no meio dos abalos Politicos da Europa, e America, experimentasse todos os bens rezultantes do seu feliz Reinado, pelos fructos das Sciencias, e Artes, que promoveo; do Commercio, e Navegação, que facilitou; da Industria, e Agricultura, que favoreceo; e pelo Exemplo das Egregias Virtudes, que adornárão o seu Grande Coração.

Sumio-se no Hemisferio do Brazil o Astro, que tão brilhantes luzes espargio, e a nossa saudade, e mágoa será eterna, quanto eterno será seu Grande Nome!

Augustissimæ MARIÆ I. Portugaliæ Reginæ

Carmina ad obitum facta.

A Domino lata est Regina Augusta Maria,
Tollitur e medio Spiritus, astra petit:
Dum steterit Regno isto magna exempla reliquit,
Virginibus, nuptis omnibus, et viduis:
Spes, fides, et amor nímius splendebat in illa,
Omnis inops testis; testis et omnis homo:
Cor JESU amplectens Monialibus extruit ædes,
Magnificum templum par struit illa Mafræ.
Gens inimica invadit, confugit, urbe relicta,
In mare: Brasiliam Navita portat eam:
Brasiliæ vivens aliquot dominata per annos.
Ætatem clausit; fecit ad astra Viam
Sic tantis meritis, virtutibus exit onusta;
Penetrat, et scandit sidera clara Poli:
Cum turba Angelica canet hæc cœlestia Verba:
„ Solum danda Deo Gloria, Laus, et Honor. „

A Joanne Rodrigues das Neves.

EPICEDIO
NA SENTIDA MORTE
DE
SUA MAGESTADE FIDELISSIMA
A SENHORA
DONA MARIA PRIMEIRA.

AUTHOR

JOSE' MARIA DA COSTA E SILVA.

'Tis just to give applause where 'tis deserv'd :
Thy virtue , *Queen*, has stood the test of Fortune,
Like purest Gold , that tortur'd in the Furnace ,
Comes out more bright and brings forth all its weight.
Ad. Cat. Act. 4. *Scen.* 6.

QUão certo a morte ! quão precaria a vida !
Oitenta annos, que são ? hum curto adejo
Do Tempo velocissimo , que vôa
A sepultar no golphão do passado
Imperios , Gerações , e Monumentos ! . . .
Doutas Sciencias , engenhosas Artes
Tentão debalde desarmar da Morte
O braço destructor ! . . . ah ! nem perdoa
A' candida virtude ! . . . Envolta em lucto ,
Soltas as tranças , lagrimas em fio
A infausta Lysia , que por terra prostra
Seu pomposo laurel ! . . . o Téjo afflicto
Abatendo de mágoa as fartas ondas ,

Das Tagides o canto emmudecido.
Rotos Escudos, e quebrado hum Sceptro,
E a tristeza pintando os rostos todos,
Tudo diz, que a virtude não se exime
Da Lei Universal! . . . tudo . . . Não póde
Minha voz exprimir quanto a alma sente,
Tudo dizendo está, que a Mãi dos Lusos,
Que MARIA expirou! . . . e quem mais digna
De huma vida sem fim, se a Lei precisa
De o Nascido morrer soffresse aresto! . . .
MARIA de Heróes cento a prole eximia,
Que todos emulou, que excedeo todos! . . .
MARIA, que hum diadema dispensára
Para obter rendimentos do Universo! . . .
A Rainha de Lysia, ah! no sepulchro
Se escondeo para sempre! Echoão Montes (*)
Valles echoão, e as desertas praias
Com flebiles gemidos da orfandade,
Da triste viuvez, que nella achárão
Sempre o amparo seu, e o seu refugio! . . .
Oh quadro de ternura, e mágoa acerba!
Em America, em Asia, Africa, Europa,
Onde hum Luso se encontra, corre o pranto,
E punge os corações fatal saudade!

Musa de Young, a cithara me afina,
Em que o Vate Bretão com voz solemne
Narciza lamentou, carpio Phylandro! (1)

Nem sempre da mentira a frente infida
A Poezia ornará, nem vil Lisonja
Para seus quadros lhe tempere as cores! . . .

Nada curo de vós, de vós me affasto
Insanos Vates, que aos umbraes de Pluto
Prostituís sem pejo os dons do Pindo! . . .
Vós, que a nescia ambição deslumbra, e céga
H.de incensar o titulado Vicio

(*) ,, Do Gallo o asp'ro clarim, ou trompa echoante ,,
O Excellentissimo Senhor Antonio de Araujo na Traducção da Elegia de Gray.

(1) Consulte-se o nunca assaz louvado Poema das Noites, obra prima de Young, o mais assombroso Genio, que tem produzido a Inglaterra.

Em seus aureos Palacios ! lédas scenas
Deleitosos jardins, amores, jogos
Embora procurai ! alli se escutem
Ao sorrir da manhã, da noite á vinda
Canticos de prazer nas Lyras vossas.
Eu que livre nasci, que me apavoro
Da servil Dependencia ao nome odioso,
E de Sóphia Cultor, só á Virtude,
E ao Mérito consagro os meus cantares,
Pago-me de habitar negras Florestas,
Fujo dos homens o doloso tracto,
Chóro as perdas fataes da Humanidade,
Chóro as perdas da Patria ! . . . Ah ! quando o Mundo
Outra igual vio suster de hum Sceptro o pezo ? . . .
Quanto nos conta exagerada Fama
De Artemisias, Semiramis, Thomiras
De MARIA ás acções se desvanece ! . . .
Grande sem fausto, maridar sabendo
A Piedade, a Justiça, a Magestade,
De Rainha, de Mãi, de Esposa, e Filha
Sacros Deveres rígida cumprindo,
Dos seus exemplo, admiração da Terra,
Era dos Ceos o Amor ! . . . Onde meus olhos
Volverei, que hum Padrão da Gloria sua
Não descubra immortal ? . . . Seu Genio eximio
Dos beneficios seus circumvertia
O proficuo clarão ! . . . Assim de Phebo
A productora chamma difundida
Pelo seio da vasta Natureza
Tudo acalora, vivifica tudo.

Tímidos Cervos de Leões não nascem,
D'Aguia a Prole inda implume a fito encara
Do Sol o resplendor, e aos Astros sóbe !
De preclaros Heroes, Heroes só brotão,
E revive José na Regia Filha !
José, da Patria Pai, que d'entre estragos
Ulysséa arrancou co' a Mão potente,
Fazendo-a levantar melhor, mais bella
Do medonho sepulchro, onde entre cinzas
Aterrador Phenómeno a sumíra :
(Tal á voz de ADONAI do Cahos fundo,
Desfeita a confusão primeva, escura,
Em extasi, surgindo os Anjos vírão
Lúcidos Astros, nítidas Estrellas,

Terras, Mares, e a mixta variedade
Dos Habitantes seus!) José, que ao Mundo
Fez de novo escutar de Lysia o nome
Com respeito, e temor! . . . ao seu influxo
Foragida Sciencia, Artes, Policia
Do Téjo as praias a adornar corrêrão!
Vãs Preoccupações, vetustos Erros,
Fanatismo cruel, que embrutecendo
Os miseros mortaes, ao pé das Aras
Com sagrado punhal degola o Justo
Batendo as azas, a bramir, fugírão!
Quão soberba, e tranquilla a Náo do Estado
Sobre mares de gloria, e de ventura
Salva de escolhos, de parceis, naufragios,
A dextra de José regendo o leme,
Ovante navegou! ,, Onde (dizião
Cheios de admiração da Terra os Povos)
,, Onde Lysia achará novo Piloto,
,, Que possa deste Regio Palinuro
,, As vezes sustentar? ,, e as Gentes vírão
Veneravel Matrona, reunindo
Do sexo encantador belleza, e graças,
Piedade, e compaixão, do viril sexo
A' madura Prudencia, ao Siso, ao Genio,
Firmeza, Robustez, Saber, Constancia
Mostrar do Augusto Heroe os dotes todos
De mais brandas maneiras revestidos! . . .
Tal na Estoa a Virtude assombro excita,
E em vergeis de Epicuro amor promove!

Seculo de MARIA! hão de saudosos
De ti sempre lembrar-se os Luzitanos! . . .
Seculo de MARIA! . . . eu da existencia
Em teu grémio encetar me congratulo! . . .
Que inimigo cruel da Humanidade,
Desertor da Razão, ousou primeiro
A mais bella porção da nossa especie
A agulha, ao fuso condemnar iniquo? . . .
Não anima a Mulher celeste efluvio
Do ethereo fogo, que aviventa os Homens?
Perde a Virtude, quando a Graça a enfeita?
Quantas, atropellando altos empeços,
Que o viril Despotismo oppõe de encontro
A seus vôos magnanimos, ousárão
Da Sciencia tocar remota esphera? . . .

Inda em grutas de Lesbos retumbando
Da ternissima Sapho os doces versos,
Alta noite, as Oreades escutão ! . . .
Inda Olympia se lembra, que entre applausos
Da Grecia inteira, a Pindaro arrancada
Foi por Corinna a palma da Poesia !
A par de Newton, Chatelet, marchaste ! . . .
E entre Leibnitz, e Loke estás brilhando
Erudita Stael ! Quantas corrêrão
Seguidas de victoria os Marcios Campos ?
Que injusta a Lei, que da feminea frente
A Coroa remove ! . . . Delirante,
Submergida no horror da civil guerra
A si propria as entranhas lacerava
Frenética Britania . . . eis sóbe ao Throno
A sublime Isabel, discordias cessão,
A meiga Tolerancia a Paz revoca,
Os Potentosos Reis de longe a temem,
E dá principio á Marcial Marinha,
Com que o soberbo Inglez domina os mares !

Mas céga opinião do vulgo errado
Sóbra, oh Rainha, a emmudecer teu Genio,
Teu Genio, que patente põe ao Mundo,
Que teu sexo não cede ao viril sexo !
Do terceiro João, sabio Duarte,
Magnanimo Diniz, Manoel ditoso
Tempos, Virtudes resurgir vio Lysia
Quando teu Astro lhe raiou propicio !

Por caracter Piedosa ao desgraçado
Sempre tens promptas lagrimas, e auxilio.
Sorrindo a Liberdade a hum teu aceno
Das lugubres Prisões franquea as portas :
De subterraneas, horridas cavernas
Onde não chega a luz, á luz já volvem (1)
Soltando os ferros miseros captivos,
Victimas da Politica oppressora,

---

(1) Hum dos primeiros cuidados da nossa Augustissima Soberana, apenas subio ao Throno, foi a soltura dos prezos de Estado, ou fosse, como se affirma, recommendação de seu Augusto Pai, ou (o que he mais provavel) hum movimento espontaneo da sua natural benignidade.

Da varia Opinião, da Intriga, e Odio,
Que de zelo do Estado affecta ás vezes.

Trémulo o passo, encanecida a grenha,
Olhos sumidos, pallido o semblante,
A voz cançada o venerando velho
Com lánguido suspiro o Sol sauda,
E nos braços da Filha, ou terna Esposa
Bemdiz tua piedade, e se deslembra
De tantos, que passou, trabalhos longos! . . .

Fitando attenta a gloria verdadeira,
Vês que debalde entre montões de estragos,
De humano sangue pélagos sulcando,
Fero Conquistador ancioso a busca,
Que ella he premio do Rei, que, a bem dos Povos,
Pacíficas virtudes exercendo,
Dos homens busca o Bem, dos Ceos o Culto,
Eis o Culto dos Ceos, e o Bem dos homens
Procuras sem cessar! . . . em aurea Nuvem
A teu chamado o Throno teu procura
A bemfazeja Paz! . . . repella as tranças,
E aos Infernos, bramindo, a Guerra desce! . . . (1)
Volve-se em foice a destructora espada,
E se as Hostes prostrou, derruba as messes,
Foi Ministra da morte, e serve á vida!

Solto o Mondego, recebendo ufano (2)
Aquosos Esquadrões, que as serras mandão,
Margens transpunha, e túrbido, espumoso,
Por alqueivados campos descorrendo,
Do fertil anno as gratas esperanças
Destruia feroz! Tu lhe quebrantas
A indómita braveza, e já murmura
Prezo em teus ferros o Tyranno undoso!

Salutifero fructo jámais brota
De venenosa planta, e jámais póde

---

(1) Allusão á paz com Hespanha, consolidada pelos casamentos do Senhor D. João, hoje Nosso Soberano, com a Senhora D. Carlota, e da Senhora Infanta D. Marianna com o Senhor Infante D. Gabriel.

(2) Encanamento do Mondego, cujas inundações tanto detrioravão a Agricultura.

O Imperio prosperar sem bons costumes,
Quem na infancia bebeo do vicio á fonte
Bom vassallo será crescendo os annos? . . .
Primeiro julgarei que o cerval Lobo
Guarde fiel as tímidas Ovelhas,
Ou que em seio de candida Donzella,
Torpe de frio, acalorada a Cobra
Nelle não crave o venenoso deute! . . .

Eis a mão do Poder a hum teu aceno (1)
Tomando a si o desvelado Infante,
O corrompido Joven, hum conduze
Da instrucção pela senda, outro corrige
Com preciso rigor! . . . Em sacro Alvergue
A taça do saber já lhe apresenta
Trabalhosa Doutrina! . . . Oh! com que applauso
Inertes Membros, que chorou perdidos,
Dalli não vê sahir com gloria sua
Jubilosa a Nação! . . . este na télla
Meneando o pincel emula os Rubens!
Aquelle anima os Marmores, e Bronzes,
De Lysippo aspirando ao Nome honroso! . . .
Hum movendo o Geometrico compasso
Vitruvio excede, e com Palladio hombrea! . . .
Outro das plantas a virtude indaga,
E ao moribundo misero soccorre! . . .
Quantos ás Armas, aos Altares quantos
Devotão seu valor, e os seus talentos! . . .
E quantos por teus cofres sempre francos
Munidos com Real Magnificencia
Vão ao longe buscar em terra alheia
Preciosas noções, que á Patria faltão! . . .
Quaes transmarinas aves, que deixando
Do Patrio Clima os Hibernaes rigores,
Mares transpondo, e Ceos, entre nós buscão
Sorrisos de amoravel Primavera,
Mais ubertoso pasto, e, enriquecidas
Co' a Prole já robusta, á Patria volvem.

Mas Costumes sem Leis são como a Hera, (2)

---

(1) Estabelecimento da Casa Pia, que foi de tão importantes resultados para a Nação.

(2) Se a multiplicidade das Leis extravagantes (pela maior parte contradictorias) produzem hum direito precario, e in-

Que nasce, onde não póde unir-se a hum tronco !
Selva enredada, lugubre sem termo,
Onde a espaços, e a custo o Sol penetra,
Abstruso laberyntho, em que, perdida
Nas meandrosas voltas, não depara,
Porque saia, a Verdade hum tenue fio;
Cahos, onde de oppostos elementos
Acervadas particulas pugnavão,
Era o Foro de Lysia! Alli marchando
Dubia entre o Patrio Jus, e o Jus Romano,
Contradictorias Leis de varios tempos,
Quantas vezes debalde a pura Astrea
Procurava evadir fataes ciladas,
Equilibrando imparcial Balança!...
De atilados Varões conspicua Junta
Já de hum Código novo assenta as bases,
Triunfante a Razão de abusos tôrpes
Vê surgir formosissima fachada
Do brilhante edificio!... Ah! porque a serie
De imprevistos successos completar-se
Não deixou, oh Rainha, a grande Empreza?
Ella fora o maior dos teus portentos,
Dos beneficios teus!... Evos, sobre Evos
Rolando sem cessar, d'entre as ruinas
De Estatuas, Templos, Marmores, e Bronzes
Teu Códico surgíra, obedecendo
Netos dos Netos, e os que nasção delles, (1)
A's tuas justas Leis, propicio Escudo
Delles, e haveres seus: assim nos campos
Que livre habita, o Arabe ditoso
Folga de recostar-se á grata sombra

---

certo, o abuso, filho dos seculos barbaros, de lhe applicar o Direito Romano, nascido de huma Religião, costumes, e circunstancias tão diversas dos nossos, produz hum cáhos de Jurisprudencia, que mais augmentado ainda com as arbitrarias Glosas, e commentarios dos Doutores, e Expositores, abre a porta ao eternisamento das demandas, e á impunidade das corruptellas. Para remediar este abuso formou a Soberana huma Junta, que devia occupar-se de organizar hum Codigo novo para a Nação: mas successos impensados embaraçárão o seu cumplemento.

(1) Et Nati Natorum, et qui nascentur ab illis.
Virg.

Da frondosa, fructifera Palmeira,
Que a mão plantou do Patriarcha Augusto
Da Tribu, em que nasceo, e possuido
De pura gratidão bemdiz seu nome!

Bemdiz teu Nome, oh Soberana excelsa,
O honrado Genitor, que já não teme (1)
Vêr de indigno Hymineo nos torpes laços
Enredado cahir o ingénuo Filho,
De seu rico solar formoso esteio,
Por ti distincta a seducção dolosa
Do laço armado á candida innocencia!

Da Pública Instrucção caudaes perennes (2)
Amplissimos diffundem-se! troveja
Pelas vastas abobadas dos Templos
De Demosthenes Lusos, Lusos Tullios
A convincente voz!... Roupas trajando
De variado matiz, co' a Lyra em punho,
A Divina Poesia ao Genio ensina
Como Flacos, e Homeros se transcendão,
E o nome dos Heroes se roube ao Lethes!

Desprezando Escolasticas argucias,
Barbaros modos do Arabismo indouto,
Ergue a Philosophia a frente augusta,
E proficuo clarão desparge em torno:
Tal do Ganges se eleva a rubra Aurora,
Rompe da Noite o nebuloso manto,
Em coche esmeraldino os ares corre,
A tudo volve a côr, desperta o Mundo!
Com olhos de ciume estranhas Gentes
Sobre as margens do Téjo, e do Mondego
Newtons, Kants, e Bufons, Linneos contemplão!

Eis a elles, e a todos, se franquea
Rico Erario, Deposito opulento (3)

---

(1) Allusão á prudentissima Lei, que determina os casos, em que as donzellas podem querellar de seducção, evitando as amiudadas fraudes, que até alli em taes casos acontecião.

(2) Estabelecimento das Escolas Públicas, e gratuitas nos Conventos, etc.

(3) Real Bibliotheca Pública, que nestes ultimos tempos

De quanto produzio Sciencia, e Genio
Em todas as Nações, nos tempos todos.
Tu lhe presides, eloquente Elpino,
Honra da Religião, Gloria do Douro,
Philosopho sublime, util Poeta,
De Horacio Traductor, rival de Horacio! (1)

Para Marte, e Nereo Gymnasio sabio (2)
Cria Lusos Vaubans, Gamas cultiva!
Folgão os Mares de outra vez sulcalos
Lusitanos Baixeis, e os tempos volvem
De explendor, e ventura, em que, zombando
Dos furores de Eolo, e de Neptuno,
Forão de Lysia intrépidos Guerreiros
Procurar novos Mundos, e abarcando
Do Commercio Oriental as aureas fontes,
Emporio Universal dos Bens do Globo
Ullissea tornárão! Sabios Nautas (3)
Cubrindo honradas cãs com verdes louros
Ganhados por maritimas fadigas,
Em recto Tribunal, assiduos zellão
Promovem, amplificão, perfeiçoão
Nossa Navegação: fitos os olhos
No farol da Equidade, que os regula,
Premio na dextra, na sinistra a penna,
Punem o crime, o merito engrandecem,
E fazem respeitar do Téjo o raio
Da tumba occidental ao berço Eoo!

Mas quem tanto feliz na curta vida, (4)

---

tem sido cuidadosamente opulentada com as melhores obras, tanto antigas, como modernas. Tem huma boa collecção de Medalhas, e huma ampla salla de Manuscriptos.

(1) O Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, Primeiro Bibliothecario, profundo Philosopho, e elegante Traductor de Horacio, e que por suas Epistolas, e Odes occupa hum distincto lugar entre os nossos melhores Lyricos.

(2) Real Academia de Fortificação, e Marinha.

(3) Estabelecimento do Regio Almirantado, Brigada Real da Marinha, etc.

(4) Happy the Babe, who privileg'd by fate
To shorter labour, and a lighter Weight,
Receiv'd but yesterday the gift of breat
Order'd to morrow to return to Death. *Prior.*

Que aos labios não chegasse a taça infausta
Da amargosa desgraça ! O Ceo mil vezes
Folga de desprender fataes procellas (1)
Sobre a frente integerrima do Justo,
Porque tenha lugar de expôr ao Mundo
Sua constancia indómita ! Sentada,
Entre as adorações de hum Povo amante,
Em Throno avito, á magestosa sombra
De viçosos Laureis, que prosperárão
De preclaros Heroes com sangue honrado,
Vendo a teus pés chegar tributos, votos
De remotas Nações, ah ! tu devias
Suspirar, e gemer, Rainha excelsa ! . . .
Sim, no mais fundo d'alma tu deveras
Acceitar do infortunio a hervada séta ! . . .
Exemplo de Piedade a teus vassallos,
No serviço dos Ceos toda esmerada,
Era o empenho teu, delicias tuas
Em respeito manter teu patrio Culto ! . . .
Eis sacrílega mão . . . que horror ! . . . que insania ! . . (2)
Eis sacrilega mão profana as aras,
Desveste-as, sem temor, dos moveis sacros,
Ao Santuario augusto, onde reside,
Onde se occulta hum Deos . . . ao Santuario
Ante o qual feixa as azas, baixa os olhos
O ardente Seraphim ! . . chega . . . abalada
Nos fundamentos seus vacila a terra,
Forrão-se os ares de espantosas trévas,
Relampagos fuzilão, cruzão raios,
E do centro das frias sepulturas
Hum brado universal vingança implora ! . . .

O magestoso rosto a nado em pranto,
O terno coração de dor pungido,
Longas trajando fluctuantes roupas
Da côr de que sua alma está tingida,
O diadema por terra, em terra o sceptro,
Aquella, a quem o Mundo antigo, e novo
Curva a frente, aos Altares abraçada,
Com súpplicas, com ais, offertas, votos,

---

(1) Ecce spectaculum dignum ad quod respiciat, intentus operi suo, Deus, vir bonus eum mala fortuna compositus ! *Seneca.*

(2) Allude-se ao horrendo desacato de Palmella.

Pede perdão aos Ceos, e a mão suspende
Do Anjo Exterminador, que, á voz do Eterno,
Hia a destruição soltar em Lysia! . . .
Tanto póde a Virtude! . . . em desagravo,
Do abominando Réo já corre o sangue,
Fendem-se as Rochas, prostrão-se as Florestas,
E das Artes a turba industriosa
Lida incessante, e quanto póde empenha! . . .
A golpes de cinzel Marmores broncos (1)
Parecem respirar! obedientes
A' poderosa mão da Arquitectura,
Surgem columnas, curvão-se as arcadas,
E Templo sumptuoso aos ares sobe! . . .
Rasgão-se as nuvens no Zimborio altivo,
Religioso Terror lhe pousa em cima!
E dentro, onde competem, sem vencer-se,
Grandeza, Magestade, Arte, Opulencia,
Candidas Virgens de singello peito
Com súpplica incessante os Ceos applacão!

Mas novos de desgosto acerbos tiros
Da Augusta Soberana a dor renovão! . . .
Vio o Esposo morrer, vê morto o Filho! . . . (2)
O Esposo, o seu thesouro, a gloria sua! . . .
O Filho, em quem sua alma se revia! . . .
Quantos dons aos Mortaes o Ceo dar póde,
Quantos lhe pode dar gentil cultura,
Quantos devem formar hum Rei, e hum Chefe,
Belleza, Discrição, Bondade, Esforço,
A Prudencia, o Saber, e o Trato affavel,
Tudo havia em José! amalo, e vê-lo
Huma acção era só! . . . quem desgraçado
Procurava os seus pés, ditoso vinha!
Se, esporeando o rispido Ginete,
Em Jogos Marciaes brandia a espada,
Ver julgavas de Tróada nos campos
As armas floreando o bravo Achilles!
Se em prudente conselho, e rodeado
De sisudos Anciões, a voz erguia,

---

(1) Fundação do Real Convento do Coração de Jesus.
(2) Levou a cruel morte, sem ter pejo,
Aquelle bello Moço, a quem tributo
Esperavão pagar o Indo, e o Téjo.
Bernardes.

Juraras, que torrentes de eloquencia
O trevo Nestor lá derramava!
Da bilingue Politica os enredos,
A Fraude, que a seu lado sempre existe,
A Illusão, sua agente, desarmadas
Do Real Orador aos pés cahião!

Ah! quando deparou mais digno objecto
A materna Ufania? e quando hum Filho
Carpio com mor Saudade Amor materno?...
Mas por muito que a Mãi suspire, e gema
Mais não geme, e suspira do que hum Povo
De quem elle era o Idolo!... Quizera (1)
Sumir-se de José na sepultura
Inteira Lusitania, e o raro quadro
Vio o Universo do Monarca, e Povo
Unanimes carpindo igual desdita!...
Assim, na solidão de estiva noite,
Dois ternos Rouxinoes, em varios ramos,
Consolão, lamentando, a dor, que os punge,
E o tranquillo Silencio absorto os ouve!

Ah! fujão olhos meus do fio horrendo
De immeritas fataes calamidades,
Que seus ultimos dias turvejárão!...
Mas por mais que desvio a mente, a vista
Evadir-me não posso á Scena infausta,
A amarga despedida lastimosa
Cujos sentidos éccos inda soão
Na saudosa Belem!... As proprias Pedras
Estalavão de dôr vendo arriscar-se
Dos ventos ao furor, e a verdes mares,
Morbifica, e curvando ao pezo enorme
Dos desgostos, e idade, a veneranda
Filha de tantos Reis, e que aos Reis déra
Lições de bem reinar tão longo espaço!...
Lysia inteira embarcar-se desejava,
E com ella voar ao novo Mundo!...
Bramindo de furor, jurava o Moço
Com sangue dos perversos invasores

---

(1) Poucas vezes terá huma Nação dado tão evidentes provas de mágoa como deo Portugal pela morte do amavel Principe D. José, em quem tinha fundado as mais lisongeiras esperanças.

A injúria castigar da Dama excelsa! . . .
Chorando recordava o Velho honrado
Suas grandes acções, virtudes suas,
E as Mãis, apresentando-lhe os Filhinhos,
A derradeira benção lhe imploravão! . . .

Sim, não mais a verás, saudosa Patria! . . .
Debalde a chamarás, saudoso Téjo! . .
No gélido sepulchro em paz descança
Seu despojo mortal, e em quanto vérte
Sobre a lápida sua amargo pranto.
A Lusa Gratidão, sua Alma, livre,
Entre os Coros Angelicos triunfa,
E no seio de hum Deos, de que emanára,
Em perenne contento á flux se embebe! . . .

Tu de Lysia frondífera Esperança,
Tu, que de avita Gloria o brilho escusas,
Bem que só por Avós Heroes numeres,
Tu, que a Patria elevára ao Regio Throno,
Se ao Throno não te erguesse o jus da Herança,
Magnanimo JOÃO, Tu que transcendes,
Sem ter seus vicios, de Alexandre os brios,
Nem, como elle, invejar de Homero a Tuba, (1)
Com benigno sorriso estes acolhe
Cándidos Versos, que, em Britana Lyra, (2)
Patriotica Musa me inspirára
No centro do pezar, que me lacera!

---

(1) Alusão á Brasiliada, Epopéa cheia do verdadeiro Espirito de Homero, em que o eximio Poeta, Thomás Antonio dos Santos e Silva, cantou a retirada d'ElRei, e da Familia Real para os Estados do Brazil.

(2) Por serem escriptos no estylo de Young.

Hum dia de Audiencia, respondendo esta excelsa Rainha á importunação de huma requerente, que o seu peditorio era contra a Lei, lhe replicou a importuna: = Vossa Magestade bem póde, se quizer. = *Não*, lhe tornou a Soberana. = *Eu nada posso fazer contra a Lei. A Lei he superior aos Reis.* =

Apresentando o Arquitecto do Real Convento do Coração de Jesus a planta, e prospecto daquelle edificio, houve quem temerario dissesse, que para a execução de tão magnifico desenho seria preciso consumirem-se muitos milhões; ao que respondeo a Augustissima Senhora: *Com Deos quanto se gasta he pouco; por que de Deos tudo nos provêm.* = Esta egregia Resposta acha-se memorada em huma Estampa da invenção, e desenho de Jeronymo de Barros, gravada por Gregorio Francisco de Queiroz, na qual se lê esta inscripção:

Scientia ac Virtus,
Sola quæ non possunt hæc Monumenta mori.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XV.

MEMORIA.

Continuação da Memoria do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Elvas, inserta no Num. XIII. a pag. 201.

DIz Mr. Thomás que Du-Guay Trouin querendo restaurar a perda de Mr. Duclerc, que no anno de 1710 indo atacar a Praça do Rio de Janeiro ficara nella prisioneiro, se apresentára á sua Côrte para tomar vingança, porém que o Estado exaurido de meios por dez annos de guerra, por tantas batalhas perdidas, pela fome, e pela esterilidade, que seguio o horroroso inverno de 1709, não lhe podendo dar algum soccorro, huma companhia de Negociantes fez, o que o Estado não pôde fazer (1): eis-aqui, o Heroe de Mr. Thomás com pouca differença de hum Pirata a soldo de huma companhia de Negociantes, constituido executor das suas ordens, como seu Cai-

(1) Mr. Thomás d. Elog. tom. 1. part. 1. not. 1. pag. 125.

seiro. Ora todo o mundo sabe, que hum dos primeiros objectos do Negociante he o seu inseresse: Mr. Thomás he o mesmo que confessa, que o interesse veio a ser o Ministro da gloria (1). Todos sabem, que he da natureza do interesse do Commerciante não arriscar o seu dinheiro sem huma esperança bem fundada do ganho.

Aquella Companhia de Negociantes fez huma despeza, e hum armamento tão grande, e tão formidavel, que só a sua vista valeo huma batalha, como diz Mr. Thomás; encheo de terror, e fez render as armas a doze mil homens de tropas disciplinadas na Europa, a quinze mil homens do centro das Minas, commandados por Albuquerque, e mais de seis, ou oito mil homens de tropas Milicianas daquella Cidade, e seus contornos: he crivel pois, que hum armamento desta natureza, que despezas de tantos milhões se fizessem por aquelles Negociantes sem huma quasi certeza dos seus grandes lucros, e interesses? Huma grande Companhia de Negociantes pelos sens interesses está ligada com todo o mundo: seria por ventura difficultoso áquelles Negociantes metterem nos seus interesses aquelles mesmos que devião defender aquella rica Praça (2)? Mr. Thomás confessa que Du-Guay Trouin fez os seus primeiros estudos na escolla do corso, e da pirataria; quem pois poderia ser melhor escolhido para huma empreza de ganho, e de interesse?

Todos sabem que nos ataques de mar, e de terra, em que ha desembarques, ha sempre dois Generaes, hum do mar, outro de terra, pelas diversas combinações a que estão sujeitos os dois corpos atacantes pelas variedades das respectivas circumstancias; e desta tão grande, e tão arris-

---

(1) Mr. Thomás d. Elog. pag. 126. = l' interet devient le ministre de la gloire. =

(2) Veja-se a Carta da Camara no §. 13.

cada empreza diz Mr. Thomás, que Du-Guay Trouin era unico General de mar, e de terra (1); quem não vê que tudo isto foi hum fingimento para enganar o Soberano, e aquelles miseraveis Povos sacrificados pela sua mesma obediencia? quem não vê que Du-Guay Trouin foi hum mero recebedor daquelle rico espolio, que já muito d'antes estava contratado, e vendido?

Eu deixo já a Mr. Thomás envergonhado de ter manchado a honra da sua Nação, mettendo hum Corsario no numero dos seus Heroes: eu vou já apresentar a esta respeitavel Assemblea hum monumento, que serve de chave para a intelligencia dos encantamentos, com que Du-Guay Trouin conquistou o Rio de Janeiro, encantamentos pelo meio dos quaes apenas Du-Guay Trouin se apresentava com audacia, milhares de Soldados bem disciplinados abatidos de terror cahião a seus pés: eu não farei mais do que repetir as palavras, com que em 28 de Novembro de 1711 se queixou o Senado da Camara da Cidade do Rio de Janeiro ao Senhor D. João V. contra o Governador, que então era daquella Capitanía, que tendo ás suas ordens todas as forças daquella Praça, só se servio dellas para mais facilmente a entregar ao saque dos seus sócios, e dos seus companheiros na partilha. Veja-se a Copia da Carta que se segue.

Copia da Conta que a Camara da Cidade do Rio de Janeiro deo ao Senhor Rei D. João V. da entrega que o Governador della N. fez ao Almirante Francez Du-Guay Trouin em 1711, *extrahida do Livro do Registo das Contas da mesma Camara a* fol. 179.

§. I.

Senhor = Não bastou, nem o risco, em que esta Pra-

---

(1) Mr. Thomás d. Elog. pag. 127.

ça se vio o anno passado com a primeira invasão do inimigo, nem as advertencias de pessoas principaes, e particulares deste Povo, para que o Governador N. (1) cuidasse na prevenção das Fortalezas, em que consistia a segurança, e defeza desta Praça, devendo reservar para ellas o consideravel cabedal que consumio na reedificação do Palacio dos Governadores, nem foi bastante o aviso que V. Magestade foi Servido mandar da Armada, que em França se preparava contra esta Cidade, para que o movesse a dispôr os meios necessarios para os incidentes, que se offerecessem, como são obrigados os vassallos, a cujo cargo estão similhantes lugares.

§. II.

Em o ultimo de Agosto deste anno chegou a este Porto o paquete, em que V. Magestade foi Servido mandar o aviso da Armada, que em França se preparava contra esta Cidade; e já em 5 do mesmo mez tinha feito José de Moura Côrte Real outro Aviso, de Cabo Frio, (donde he Sargento Mór) ao Governador N., que sobre as Ilhas de Santa Anna apparecião dezaseis Náos (2): com esta noticia mandou o Governador tocar a rebate, guarnecendo todas as Fortalezas de gente; e o Sargento Mór de

---

(1) Ainda que nesta Conta se declara positivamente o nome do Governador, que então era do Rio de Janeiro, comtudo como delle existem alguns descendentes, que se portão como homens honrados, de proposito occulto o seu nome para não os mortificar com a lembrança do nome daquelle seu Ascendente; mas esta consideração não deve ser bastante para deixar eu de dizer a verdade, nem consentir que por mais tempo continue a deshonra da minha Patria, e dos meus Concidadãos tão injustamente offendida por aquelle Portuguez degenerado.

(2) Antes de chegar o Aviso de Lisboa, já em Cabo-Frio se vião as Náos inimigas: a demora daquelle Aviso não acredita muito a fidelidade, e vigilancia dos que o passárão, ou mandárão passar.

Batalha Gaspar da Costa mandou pôr na barra as quatro Náos de V. Magestade, duas Inglezas, e algumas mercantes Portuguezas, e com ellas as preparações, que parecião fazer inconquistavel a terra (como na verdade o fora se continuára:) mas com o motivo de que fora falsa a noticia, se mandárão retirar as Náos particulares, e as de V. Magestade, com o pretexto do muito gasto, que fazião; e com o mesmo fundamento mandou o dito Governador retirar das Fortalezas a guarnição, que lhes havia mettido, deixando-as tão destituidas de gente, como não costumão estar, nem ainda em tempo de paz. (1)

§. III.

Com sessenta homens (entrando neste numero os remeiros de huma, ou duas lanchas da armação das baleias, que acaso passárão) se achava a Fortaleza de Santa Cruz da barra, e a de S. João, ainda com menos, no dia 12 de Setembro, em que appareceo, e entrou a Armada Franceza, que constava de dezaseis Náos de guerra, e dois Burlotes de fogo; e se lhes fez tão pouco das Fortalezas, que mais parecia salva, do que peleja, vencendo todas as Náos por esta causa os riscos, que poderião ter, se estivessem as Fortalezas prevenidas, como fazia preciso a obrigação de quem governava. Com este principio de victoria entrou o inimigo a barra ás duas horas do mesmo dia, em que appareceo; e para nós se accrescentou a desgraça pela perda das Náos de V. Magestade, que tendo sido mandadas encalhar se impossibilitárão para a peleja, sendo necessario no dia seguinte mandar-lhes o Sargento Mór de Batalha Gaspar de Atayde metter fogo, pelos motivos de que elle dará conta a V. Magestade.

§. IV.

He inexplicavel a ommissão com que se houve o Go-

---

(1) As Fortalezas da barra estavão sem guarnição.

vernador N. na defeza desta Cidade, dispondo desde o principio a sua entrega, de tal fórma que ainda o Francez não tinha recolhido toda a sua Armada, quando mandou desamparar a Fortaleza da Ilha das Cobras, sendo hum dos lugares que serve de padrasto á Cidade, e que com a sua artilharia podia destruir a mesma Armada depois de ancorada (1). E vendo o Sargento Mór de Batalha Gaspar da Costa desamparada esta Ilha, e considerando os damnos, que della podiamos receber, nomeou trezentos homens, e os offereceo ao Governador para os fazer servir na defeza desta Praça; o que se desvaneceo por pretextos, que não podemos averiguar, e nesta fórma achando o inimigo a Ilha, e seu Forte sem guarnição, na manhã do dia seguinte 13 de Setembro a occupou, montando-lhe logo trinta e duas peças de artilharia que havia tirado da Náo Barroquinha, que o mesmo inimigo havia livrado do incendio, e quatro morteiros com que começou a bater, não só a fortaleza de S. Sebastião, que serve de Castello á Cidade, e onde está o armazem da polvora; mas tambem o Mosteiro de S. Bento, que fica em outra ponta da Cidade, e em que havia hum Forte feito, e guarnecido de artilharia pela industria dos Religiosos do mesmo Mosteiro, no qual pelejava com a sua infanteria o Sargento Mór de Batalha Gaspar da Costa de Atayde.

§. V.

Estando o inimigo já de posse da Ilha das Cobras, dispoz senhorear-se de hum sitio chamado do Pina; e achando-se junto a elle hum Patacho, de que era Mestre João Martins de Almeida com nove homens, que sómente tinha, lhe impedio o desembarque (2); mas vendo o dito

---

(1) Nota bene.
(2) Nota o Mestre de hum Patacho com nove homens impedio ao inimigo o desembarque.

Almeida que o inimigo voltava com dobrada força, estando já rendidos ao trabalho os poucos, que tinha comsigo, mandou pedir ao Governador N. o soccorresse com vinte homens ; e sendo esta paragem huma das em que o dito Governador devia ter particular vigilancia, porque juntamente podia o inimigo dalli impedir a principal entrada da serventia da Cidade para toda a terra firme, e fazer-se senhor de huma fonte, em que as Náos fazem as suas aguadas, e acabar de dominar toda a bahia, que serve de ancoragem aos Navios, não só lhe não mandou soccorro algum, antes lhe ordenou que se retirasse, deixando o passo franco ao inimigo, que sem dilação occupou o sitio, que pertendia, em que montou logo a artilharia. (1)

Continuar-se-ha.

---

(1) Nota bene.

POESIA.

(Artigo communicado.)

ALCIPPO DURIENSE

A'

ELMANO COLIMBRIENSE. (1)

Epistola.

CA' das ribeiras do sereno Rio,
Onde as Musas teus dias bafejárão,
Teus dias inda tenros, aonde ellas,
Aonde Amor, e a Formosura imperão,
A Ti saudoso Elmano a Lyra envio.
Filhos d'amor, e da saudade filhos,
Possão meus versos despertar-te n'alma
Doce paixão porque se anhela a Patria!
He tempo de tornares, caro Elmano,
Do teu Mondego ás venturosas margens:
Esses campos que orvalha o turvo Doiro,
Meu berço, minha Patria, inda que bellos,
São menos bellos que os do teu Mondego.
As Nymphas deste Rio trajão luctos
Depois que te ausentaste; estes Salgueiros,
A cuja sombra nas amenas tardes,

(1) O Senhor Manoel Ferreira de Seabra.

Entoavas teus cantos, se murchárão;
As aguas que paravão para ouvir-te
Hoje vagão sem freio pelos campos;
Os Amorinhos despontando as settas
Se ressentem da ausencia do seu Vate.

Tudo, tudo por ti suspira Elmano:
Destes Pastores ao ditoso gremio
Vem mil abraços receber saudosos,
E as heras que destinão p'ra croar-te;
Elles por mim te chamão, não lhes negues
Tua presença que desejão tanto.
Todos clamão por ti, por ti suspirão:
Não te demores mais, Elmano volta.
Vem tambem entre nós gosar prazeres
Que a Amizade, e que as Musas nos franqueião.

Suave te ha de ser do tenro Alcino (1),
A mim por amor caro, a ti por sangue,
Ouvir o canto que desmente a idade.
Verás, e o digo com prazer immenso,
Quem ha de como tu pulsar a Lyra
Consagrada aos amores, ou á gloria.

Do Luso Ménalo os demais Pastores
Gozar he doce, he doce ouvir seus versos,
Quando nas margens deste brando Rio
Juntos pela amizade vem sentar-se.
Mas entre as vozes que impõe freio aos ventos,
Que as Nymphas vem ouvir deixando as grutas
Das ondas a través, que ellas amansão,
Pela tua suspirão não a ouvindo,

---

(1) O Senhor Antonio Luiz de Seabra.

Porém se lá te prendem rijos laços
(Que inda quando nos pézão nos são doces)
Se meigas Lilias, se travêssas Marcias,
Que embellecem tambem do Doiro os campos,
Endeozando-te a essencia lá te prendem,
Com desprazer escutarás meus rogos.

Ai! quanto péza do adorado objecto
Cruel separação, cruel ausencia!
Quanto sois enfadonhos ó momentos,
Perdidos longe da Belleza amada!
Vós sois mais longos que prolixos annos,
Sois tão funestos como a mesma morte!
Sois mais funestos do que mil infernos
Se o ciume fatal vos envenena.
Assás, assás o sabe, caro Elmano,
Minha alma por desgraça tão sensivel.

Goza, goza dos mimos da Belleza,
Se a Belleza teus dias deviniza,
Mas foge de provar o fel que vérte
Nas almas, como a minha, sem ventura.
Inconstante, infiel, 'té mesmo ingrata
Paga, não raras vezes, nosso extremo
Com desdem, com rigor, senão com zelos,
Accesos pelas mãos d'Estygias Furias!!
Dize-o tu, dize-o tu, perjura Annalia,
De meus amores malogrado objecto...

Quanto são puros, quanto são gostosos
Prazeres da Amizade, elles não trazem
Barbara escolta de que Amor se arreia!
Porém reger o coração quem póde,
Se huns olhos, como os olhos que me inflamão,

Vivos cellestes olhos, são as armas,
Com que o peito asseteia o Deos de Gnido?
He só do tempo, Elmano, he só do tempo,
Que o balsamo virá, que cure o Amante....

Se comtudo das almas o Tyranno
Lá te não prende, não te liga os pulsos,
O terno coração não te agrilhoa,
Torna ao Mondego, que te anhela ha muito.

Eu, entre tanto que não tenho a gloria
De te vêr, e abraçar, saudoso envio,
Estes grosseiros mal polidos versos,
Que te affiancem minha pura estima.

ELMANO COLIMBRIENSE

A

ALCIPPO DURIENSE. (1)

Resposta.

De ton epitre enchanteresse
J'ai respiré le pur encens.
De já mes esprits languissaus
Ont senti le feu de l'ivresse;
Oui; le charme de tes accens
Est l'aiguillon pour ma paresse,
Et la volupté pour mes sens.
Colardeau, Reponse a M. de Pezay.

QUando das margens do Mondego claro,
Onde o meu dia amanheceo primeiro,
Teu verso magestoso, ameno, e facil,
Prezado Alcippo, me enviaste ao Douro;
Minha saudade hum pouco adormecida
De novo me cravou pungentes ancias,
Mandou-me ao coração mortaes cuidados.

Oh quanto, oh quanto devo á Lyra tua!
Deposta a languidez de meus esp'ritos,
Na idéa me assomárão mais que nunca

(1) O Senhor José Pinto Rebello de Carvalho.

Virentes os salgueiros desse rio,
Verdes os prados, que matizão sempre
Mil boninas, a rosa, e a violeta,
Do que nunca mais bellas, mais affaveis
Essas Nymphas louçãs, esses encantos
Out'rora enlêvo meu, verdugos hoje.

Lembrão-me Alcippo os dias fugitivos,
Que a par de ti vivia satisfeito;
Lembra-me Alcino, o moço (1), e o Gracio Alcino, (2)
O bom Fernandes, o Cardoso, e Almeno, (3)
E o meigo Ozorio (4), c'os demais pastores.
Agora mesmo cuido que estou vendo,
Agora que já volta a Primavera,
A ti, e aos outros, (deleitosa scena!)
Pelos annosos troncos assentados
Cantando ao som da Lyra, e ao som da Frauta
Raras feições das Lilias, das Natercias
Os dourados cabellos, que se ondeião
Do Zéphiro a sabor, ou já cantando
Os magicos jardins do Numen cégo,
Em que espinhos abundão mais que as flores:
Ou do campo os prazeres innocentes,
E o doce emprego, que premeia Ceres,
E os plumosos cantores, e os regatos,
E as que prézas melificas abelhas,
A quem teus versos dás que o mel mais doces.

Mas quer meu fado, mas ordena a sorte,

---

(1) O Senhor Antonio Luiz de Seabra, primo do A.
(2) O Senhor Antonio Pereira Zagalo.
(3) O Senhor José Fernandes de Oliveira Leitão, João Eloy Nunes Cardoso, e Manoel Joaquim Borges de Paiva.
(4) O Senhor Doutor José Maria Ozorio Cabral.

Que viva nestas serras onde apenas,
Quando as converso, das profundas grutas
Tristes magoados éccos me respondem.
Aqui, prezado Alcippo, longos dias,
Aqui noites eternas triste vivo.
Vou vendo a minha Lyra desmontar-se
Das cordas, que eu pulsava out'rora ledo,
E a cujos sons alguma vez nas margens
O meu Patrio Mondego se detinha.
Aqui, se o meu Josino não tivera, (1)
Aqui, se os versos teus me não servissem
De aguilhão salutar, em breve fôra
De chronica preguiça atassalhado,
Que em rude estupidez meu ser mudára.
E que não póssa com ligeiras azas
Voar aos campos, onde as Graças brincão,
Onde Palas, as Musas, e os Amores
De seus Vates as frontes engrinaldão!

Nem cuides, que enganosas Formosuras
Em laços de ouro, ou antes duros ferros
Do teu Elmano incauto os pulsos ligão;
Tão bellas como as Nymphas do Mondego,
Do turvo Douro, e Tua não famoso
Nos campos, e nas serras Nymphas vivem.
Mas o mesmo não sou que d'antes era;
Sagrado ante-mural ergui no peito
Contra os dardos subtis do Deos Vendado;
Sagrado ante-mural . . . Oh Ceos! que engano!
Ardo, suspiro ainda . . . e nos altares
De divina Belleza incensos queimo.
Quatro lustros contava, quando n'alma

(1) O Senhor José Diogo Machado Panketa Tubal.

Mortal veneno huns olhos me lançárão;
Desde então sempre amante, e sempre triste,
Da vida o pezo inutil supportando,
Vendo esmerar-se a ingrata em desprezar-me,
Quanto Annalia não for tudo aborreço.
Perjura, e ingrata! . . . e nem assim do peito
Posso banir a imagem peregrina!
Batendo as leves azas meus desejos,
A cada instante vão de amor sedentos
Os sitios demandar, que Annalia habita.
Ai! que viver não possa longe della! . . .
Nem com ella viver Elmano possa! . . .

Que a ingrata me escutava, caro Alcippo,
Neste instante julgei; perdôa os erros,
Que arrastão facilmente a quem adora.
Só tentava pintar-te o mal da ausencia,
As ancias da saudade, que supporto
Longe de ti, dos outros apartado.
Póssa meu pobre verso na tu' alma
Inda mais estreitar, se isto he possivel,
A eterna estimação, que me affianças.
Iguaes na idade, iguaes no soffrimento
De Amor na lida infausta, ambos Pastores,
Ambos das castas Musas Sacerdotes,
Quaes laços desejar podemos inda?

Alcippo; em quanto o Fado não consente,
Que eu volte á Patria, e volte aos teus abraços;
Tuas Canções envia ao triste Elmano,
Que outras heras não quer, outros loureiros,
Que a Fama, que teu verso lhe assegura.

ANECDOTAS.

Hospedando-se D. João Mendes de Tavora, Bispo de Coimbra em casa de hum Cavalheiro de Provincia, este lhe mandou dizer pelo seu Escudeiro, que na visita, que hia a fazer a S. Exª., esperava receber o tratamento de Senhoria, que posto a não tivesse, todos lha davão naquella Villa, e que se o Ex.mo Bispo não lha desse padeceria no seu brio detrimento. Ouvida pelo sabio Prelado a mensagem, respondeo o seguinte: = Diga a seu amo, que assim como o negar Senhoria, a quem a tem de juro, he injúria; assim da-la a quem não a tem he injuriar aos outros. = Retirou-se o Escudeiro, e voltou com este recado: = Meu Amo manda dizer a V. Exª., que se não receber Senhoria, tambem não, lhe conferirá o tratamento, que lhe compete. = Pois diga-lhe, que havendo algum de nós de fazer parvoice, melhor será que a faça elle, do que eu = lhe tornou o Bispo.

Hum Curioso em Poesia compôz dois Sonetos á sua amada, e levou-os a hum Poeta, seu Amigo, para lhe dizer qual delles era o melhor, leo o Poeta o primeiro Soneto, e entregando lhe disse: = O outro he o melhor. = Como sabe que he melhor o outro, se ainda o não leo? lhe tornou o Curioso. = He por que não póde ser peor do que este, lhe replicou o Poeta. =

N. B. No N.° XIII. pag. 201 onde diz o *Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. José da Cunha de Azeredo Coutinho*, lea-se o *Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.*

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

O U

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XVI.

MEMORIA.

Continuação da Memoria do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Elvas, inserta no Num. XV. a pag. 241.

§. VI.

E Vendo o inimigo que havia occupado dois lugares tão importantes sem opposição alguma, com mais confiança se deliberou a occupar outro em que podesse dominar a Cidade pela parte do Certão; e com effeito em a noite de 14 de Setembro quiz lançar gente na praia chamada do Valongo, e sendo sentido das sentinelas se retirou; e vindo estas dar parte ao Governador, respondeo muito socegado, que o que havião visto fôra hum pedaço de mastro acezo; e chegando-nos esta noticia, mandámos examinar por Officiaes de Justiça a certeza deste incidente; e achando-se ser verdadeiro, fomos em corpo de Camara advertir ao dito Governador, o qual respondeo o mesmo que já havia dito. Com semelhante dissimulação deo o Governador tem-

po a que o inimigo naquella noite lançasse na mesma paragem (achando-a deserta) duas lanchas de gente, e dando-se disto noticia, e de que o inimigo vinha, e com mais lanchas, se offereceo o Sargento Mór Domingos Henriques, e Capitães do seu terço a ir impedir o desembarque ao inimigo, e desalojar o que estava em terra; e alcançando licença, destacou com o seu regimento: mas logo que sahio fóra das trincheiras, em distancia de mais de mil e quinhentos passos, lhe sahio ao encontro o Mestre de Campo João de Paiva (1) ordenando ao Cabo não passasse adiante sem nova ordem; e voltando para o alojamento do Governador tornou com ordem que se retirasse.

§. VII.

Com estas desordens teve o inimigo tempo para se senhorear do monte, e o fôra de toda a campanha, se não estivera Bento do Amaral Coutinho, huma das pessoas principaes desta Cidade, com cento e cincoenta homens, que sustentava á sua custa, aquartelado na Bica dos Marinheiros, que he a fonte onde as Náos fazem aguadas, para impedir que a não fizessem os inimigos, nem nos tomassem aquella entrada, que he a unica, pela qual se communica a Cidade com o paiz; e impaciente o dito Coutinho de vêr o inimigo tão socegado, atacando a Cidade sem resistencia alguma, marchou a ir desaloja-lo do monte; e avisou ao Governador para que o soccorresse, e investindo ao monte, o fez com tão bom successo, que estando o inimigo ao pé delle aquartelado em huma casa, a largou, e se foi retirando para o alto, mostrando que queria descer para a parte do mar, e a tempo em que o dito Coutinho seguia o inimigo, mandou o Sargento Mór de Batalha Gaspar da Costa hum troço de gente a encorporar-

---

(1) Note-se que este Paiva era o principal Agente do Governador.

se com elle, e o mesmo fez o Governador; mas logo depois mandou este retirar a todos: e vendo o dito Bento do Amaral Coutinho esta desordem, mandou dizer ao Governador, que visto entender não convinha se investisse o inimigo, ao menos mandasse arrasar aquella casa para que não se fortificasse nella: ao que respondeo o Governador, que era desnecessario demolir-se a casa; e que elle se recolhesse logo.

§. VIII.

Na noite do mesmo dia tendo Bento do Amaral Coutinho noticia pelas sentinellas, que trazia, que o inimigo com mais poder se fortificava na mesma casa, mandou pedir soccorro ao Governador, para na madrugada seguinte torna-lo a investir, e com effeito estando Bento do Amaral Coutinho pelejando já com hum corpo de gente do inimigo, que teria oitocentos homens, mandou o Governador soccorrelo com dois troços, e o Sargento Mór de Batalha Gaspar da Costa com outros dois; mas logo que o Capitão Manoel Gomes, e o seu Alferes Balthazar Rodrigues montárão as trincheiras do inimigo, a toda a pressa lhes mandou o Governador tocar a recolher, a tempo em que da parte do inimigo havião dezoito mortos, e mais de trinta feridos, como se soube por huma sentinella que na noite seguinte foi prêza por Bento do Amaral Coutinho; não havendo da nossa parte mais damno do que o de dois mortos, e sete feridos.

§. IX.

Na Sexta feira seguinte que se contárão 18 do mesmo mez, tendo-se o inimigo fortificado no monte, de que se trata, e com tres batarias de artilharia na Ilha das Cobras, e mais quatro morteiros, e na Ilha do Pina com outra bataria bem artilhada, com que até este tempo brandamente, e sem effeito, atirava para a Cidade, e Fortalezas; mandou ás nove horas da manhã hum Boletim com

huma carta que em summa pedia se lhe rendessem á obediencia d'ElRei de França, e lhe entregassem os seus prisioneiros, estranhando o máo tratamento, que lhes havião feito, e os matadores do seu General, porque os queria castigar como merecia o seu delicto: ao que se respondeo, que aos seus prisioneiros se tratou conforme o estado da terra; e que dos matadores do seu General se não soubera; e quanto á entrega da terra, se achava com muita gente, polvora, e balla para a defender; e recolhido com esta resposta o Boletim, começárão a jogar com todas as baterias, e bombas.

§. X.

Vendo Bento do Amaral Coutinho que se não fazia operação alguma com que se frustrassem os intentos do inimigo; no mesmo dia foi ter com o Governador, pedindo-lhe gente para poder atacar em roda o monte, em que estava o inimigo; e supposto o Governador lhe disse mandaria mil homens repartidos em quatro trossos, de que erão Cabos o Sargento Mór Pedro da Azambuja, Antonio Correia Barbosa, Cidadão, e natural desta Cidade, e o Sargento Mór Martim Correia de Sá, e o Capitão Pedro de Sousa; comtudo começando a vanguarda a marchar ás oito horas da noite, com taes pretextos a foi o Governador demorando, que passava de meia noite, e não tinha chegado ao lugar determinado, estando este á vista da Cidade em distancia de tiro de peça; e não tendo ainda a esse tempo principiado a marchar a retaguarda, mandou o Governador recolher a todos com o falso pretexto de que podia investir o inimigo pelo lugar do Morrinho; e desta sorte se frustrárão todas as occasiões, que se intentárão. Amanheceo o dia 19 do mesmo mez tocando o inimigo arvorada com toda a artilharia, tanto das baterias, que tinha em terra, como de huma Não de linha, que avisinhou ao Mosteiro de S. Bento, dis-

parando quantidade de ballas, e bombas, não só contra a Fortaleza de S. Sebastião, mas avulsas, e sem ponto fixo para toda a Cidade sem cessar até ás tres horas do dia seguinte 20 de Setembro; sem fazerem mais algum damno, do que ao Mosteiro de S. Bento, que arruinárão, por lhe ficar mais visinho, e ser a parte donde se pelejou com conhecido damno do inimigo.

§. XI.

Na manhã do mesmo dia chamou o Governador a Conselho os Mestres de Campo João de Paiva, e Francisco Xavier, e Balthazar de Abreu Cardoso Coronel de hum Regimento de Ordenança, e o Juiz de Fóra Luiz Forte Bustamante e Sá, e votando os ditos dois Mestres de Campo, João de Paiva, e Francisco Xavier, que se devia largar a Praça, por dizerem não termos partido com o inimigo, se oppozerão o Juiz de Fóra Luiz Forte Bustamante, e o Coronel Balthazar de Abreu; mas forão tão mal acceitos os seus votos, que passárão a palavras descompostas o Coronel Balthazar de Abreu Cardoso, e o Mestre de Campo Francisco Xavier; e não se podendo elles concordar em cousa alguma, mandou o Governador pelas cinco horas da tarde do mesmo dia lançar hum bando pelas trincheiras, que nenhuma pessoa de qualquer qualidade, que fosse, sahisse do seu posto, pena de morte; e tornando a fazer novo Conselho ás sete horas para as oito da noite, depois de haverem votado os Mestres de Campo João de Paiva, e Francisco Xavier (1), e alguns Capitães dos seus terços, em que se devia largar a Praça; foi então chamado o Sargento Mór Domingos Henriques, e os Capitães do seu terço, e pedindo-se a estes os seus votos, todos a huma voz respondêrão, que se não devia

---

(1) Note-se que estes dois Mestres de Campo erão os principaes Agentes do Governador.

largar a Praça, pois não havia ainda causa para isso, antes se conhecia fraqueza no inimigo, o qual naquella tarde se havia retirado para as suas Náos, deixando livre o monte em que havia estado fortificado; e fazendo-lhe o Sargento Mór Domingos Henriques, e todos os seus Capitães, e alguns dos outros terços varios requerimentos em Nome de V. Magestade para que não desamparasse a Praça; remetteo o Governador a decisão deste parecer ao Sargento Mór de Batalha Gaspar da Costa, o qual lhe respondeo obrasse na fórma do parecer, que lhe havia dado por escrito, e sem outra conclusão ficou determinada a resolução do que se havia fazer, e sahindo com isto todos para fóra, mandou o dito Governador por hum Ajudante dizer ao Sargento Mór Domingos Henriques, que se havia conformado com o seu parecer, e que da sua parte agradecesse aos Capitães do seu terço o zelo com que havião votado na defensa da Praça de V. Magestade; e passado pouco tempo, que serião dés para as onze horas da noite lhe mandou outro recado por hum Ajudante, que sahisse fóra das trincheiras, e se formasse.

§. XII.

Ao Tenente General Antonio Carvalho Lucena mandou o dito Governador, que fosse correr a Marinha, e vêr a gente se estava toda em seus postos; e indo com effeito o dito Tenente General, ignorando a cavilação, com que se dispunha este negocio, encontrou parte da gente do Regimento do Coronel Balthazar de Abreu, que se vinha retirando; e mandando-os o dito Lucena tornar para o seu posto, lhe disserão, que o Governador os mandára retirar; disto deo conta o dito Lucena ao mesmo Governador, o qual lhe ordenou que os formasse, e dando-lhe parte de que estavão formados, e perguntando-lhe se havião ir á Marinha, lhe respondeo com descompostas palavras, chamando-o de bribante, e o mandou que fosse para

a Marinha, mas deixou ficar comsigo a gente que mandára formar; e correndo a Marinha o mesmo Tenente General encontrou os outros Regimentos, que se vinhão retirando; e querendo-os fazer tornar para os seus postos, dizendo-lhe que advertissem, que aquillo era traição conhecida, que não desamparassem a Praça, lhe respondeo o Ajudante Manoel de Macedo Pereira, que aquella gente marchava com ordem do Governador; e levando o mesmo Ajudante ordem a Francisco Viegas de Azevedo, Tenente Coronel da Nobreza, para que se retirasse, foi este fallar ao Governador, e requerendo-lhe da parte de Deos, e de V. Magestade não largasse a Praça, respondeo-lhe o Governador, que não tinha remedio por haver já mandado retirar o resto da gente; e dizendo-lhe o dito Viegas (1), que elle se obrigava a sustentar a Marinha até amanhecer, para então se prover melhor, respondeo o dito Governador, que já era tarde.

§. XIII.

Tendo disto noticia o Padre Antonio Correa, Religioso da Companhia de Jesus, lhe foi fazer huma prática, expondo-lhe os damnos, que se seguião a V. Magestade, e a este Povo de tão inesperada resolução; e não obstante isto mandou o dito Governador pelo Ajudante Manoel de Macedo Pereira hum recado a José Correa de Castro, Governador que foi de S. Thomé, e nesta occasião tinha a seu cargo a Fortaleza de S. Sebastião, que largasse a dita Fortaleza, e duvidando-o elle fazer a primeira vez, lhe repetio segunda ordem, dizendo convinha assim ao Real Serviço de V. Magestade, e da mesma sorte mandou retirar ao Capitão Manoel Vaz Moreno, que duvidando-o fazer se foi ratificar pessoalmente do seu Sargento Mór, Domingos Henriques, que se achava forma-

(1) Nota bene.

do no campo fóra da trincheira; e mandando ambos saber do Governador o que devião fazer, já o não achárão; e indo em seu seguimento sem saberem para onde, (assim como os outros) forão parar sendo já manhã no Engenho novo dos Padres da Companhia tres leguas distantes da Cidade, fazendo mais lastimoso este retiro os Religiosos, mulheres, e meninos, sendo a noite a mais tormentosa de trovões, relampagos, e agoa (que parece chorava o Ceo a nossa desgraça) e no mesmo tempo ardião duas moradas de casas na Cidade, a que dizem se pozera fogo para se conseguir melhor o effeito da nossa ruina, sendo huma destas a do Thesoureiro do Fisco (1) Salvador Vianna da Rocha, onde se queimárão todas as fardas, e matalotagens, que se achavão feitas para os Judeos prisioneiros; e desta sorte se retirárão todos, deixando quanto tinhão, sem saberem de que, nem para onde, nem haver razão com que se desculpar tão lamentavel successo; porque as ballas do inimigo não tinhão feito mais ruina, do que no Mosteiro de S. Bento, e os mortos não chegárão a vinte, sendo os mais delles por dezastres, estando a Cidade com bastantes mantimentos, e guarnecida com mais de oito mil homens de armas se retirou o Governador vergonhosamente, sem deixar polvora, nem balla, nem munições, deixando ao inimigo todos os seus prisioneiros; e a nós chorando sem remedio algum esta nossa desgraça.

§. XIV.

Não satisfeito o Governador com haver entregue a Cidade, querendo entregar tambem todo o paiz nas mãos do inimigo, se retirou para o rio de Agoassu, distante desta Cidade dés leguas; e vendo o Sargento Mór de Batalha Gaspar da Costa, o Tenente General Antonio Carvalho, Bento do Amaral Coutinho, e o Sargento Mór

(1) Nota bene.

Domingos Henriques (1) o desamparo em que tudo estava, começárão a formar hum corpo de tropa para sahir ao encontro do inimigo; mas ao sahir fóra da Praça se achárão sem polvora, nem balla para fazerem operação alguma, e sem os Mestres de Campo João de Paiva, que se havia retirado para a Freguezia de Irajá, e Francisco Xavier para Maxambomba, e Martim Correa para Agoassu com o Governador (2). Attendendo a esta falta o Sargento Mór de Batalha Gaspar da Costa, e ao zelo com que se empregava no Real Serviço de V. Magestade Bento do Amaral Coutinho, o proveo no posto do dito Mestre de Campo, Francisco Xavier, mandando-o logo que fosse vêr se estavão ainda as Fortalezas debaixo do dominio de V. Magestade, e se tinhão munições bastantes com que se proverem os Regimentos: e voltando elle com a noticia de que a Fortaleza de Santa Cruz estava ainda com gente nossa, e a de S. João sem guarnição alguma nossa, nem do inimigo, mas com bastantes munições: quando o dito Bento do Amaral Coutinho dispunha a gente com que havia ir guarnecer a Fortaleza, e mandar vir munições, chegou o Governador, e demorando meio dia esta diligencia, se achou já a Fortaleza guarnecida pelo inimigo (3); e vindo-se recolhendo Bento do Amaral Coutinho, em distancia já de meia legoa da Cidade, achou ao inimigo com tres emboscadas de cem homens cada huma, e investindo a primeira a derrotou, e poz em fugida, e sahindo a segunda, e terceira o matárão, não levando elle comsigo mais do que vinte homens, por haverem ficado os outros mais atrás; e foi tão estimada a sua morte pelo inimigo, que a chegou a festejar com luminarias, e outras demons-

(1) Eis-aqui os fiéis, e honrados.
(2) Nota bene. Eis-aqui os Traidores.
(3) Nota bene.

trações públicas : e o grande sentimento de todos estes moradores mais se augmentou pela noticia, de que para esta morte concorreo o mesmo Governador N., e seus parciaes com avisos ao inimigo (1), e como era já público ser elle o instrumento da nossa ruina, tanto que elle Governador chegou, e foi morto Bento do Amaral Coutinho, se forão retirando mais de duas mil pessoas (que já se lhe havião aggregado, e outras que ião chegando) a esperar pela vinda do Governador das Minas Geraes, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho; e como chegavão as noticias de que este se avisinhava, tratou logo o Governador N. de dar ordem á compra da Cidade.

§. XV.

Para o que intentando capitular com o inimigo, tendo já convocado algumas pessoas suas parciaes, nos mandou huma carta, pedindo lhe quizessemos assistir por necessitar então mais que nunca do nosso parecer; e indo com effeito o Vereador Manoel de Sousa Coutinho fallar-lhe, e sabendo o fim para que pertendia a nossa assistencia, respondeo-lhe o dito Coutinho, que antes de se ajustar aquelle negocio era necessario communica-lo com algumas pessoas da governança da terra, para o que era necessario alguns dias, e pedio ao Juiz de Fóra Luiz Forte Bustamante e Sá, que na quinta feira que se contavão 30 de Setembro se achasse na fazenda do Procurador do Conselho Francisco de Macedo Freire, que fica visinha, e onde estavão os outros Vereadores, e alguns homens nobres, e se esperava outros, por se não poder aquelle negocio tratar na presença do mesmo Governador, com quem morava o Juiz de Fóra; comtudo era tão grande o empenho que tinha o dito Governador de concluir a capitulação, que impaciente com a pequena demora de dous dias,

(1) Nota bene.

que se lhe pedião, antes de chegar o dia aprazado, despedio ao Mestre de Campo João de Paiva, e o Juiz de Fóra para a Cidade a fazer os ajustes com o General Francez, sem sermos ouvidos, nem se nos assignar termo para se determinar naquelle negocio o que fosse mais util ao Serviço de V. Magestade, e destes moradores.

§. XVI.

E não resultando effeito algum desta primeira vista, mandou o General Francez fallar com o Coronel, Francisco do Amaral Grugel (que havia chegado de Paraty com quinhentos homens á sua custa, e oitenta escravos, a soccorrer esta Praça) quizesse tomar á sua conta o ajuste das Capitulações; e mandando o Coronel Francisco do Amaral noticiar ao Governador esta commissão que se lhe entregava; e dando-lhe o Governador permissão para fazer os ajustes, se escandalizou de sorte o Mestre de Campo, João de Paiva, que logo se começou a queixar, que não era justo que hum homem de Paraty viesse concluir hum negocio, que elle havia principiado (1); e como havia noticia, que o Governador, e seus parciaes se tratavão com o inimigo fóra dos estilos militares, suspeitando-se que nessa noite havião alguns avisos, mandou o dito Coronel, Francisco do Amaral pôr na estrada huma ronda avançada, de que era Cabo o Capitão Antonio Correa Barbosa; este pela meia noite apanhou huma carta do General Francez para o Governador N., remettida por hum negro, e com hum passaporte, a qual senão abrio, e a remetteo o mesmo Coronel ao Governador.

§. XVII.

E logo na manhã seguinte veio o inimigo á campanha com onze bandeiras, em que vinhão mil e quatrocentos

---

(1) Nota bene.

homens, pouco mais ou menos (2); e sahindo-lhes ao encontro o Coronel Francisco do Amaral com a sua gente, fez o inimigo signal de paz, e lhe mandou dizer que elle não vinha a pelejar, e lhe pedia mandasse suspender as suas armas, porque vinha sómente a tratar do resgate da Cidade, e que este ajuste desejava fazer com elle, para o que sahirião ambos do corpo da sua gente; ao que lhe respondeo o dito Coronel Francisco do Amaral, que elle não podia sahir da companhia dos seus, que como erão montanhezes podião levantar algum motim, que désse a ambos em que cuidar; demais de que similhantes ajustes não se costumavão fazer debaixo das armas, que para isso não faltaria occasião. Vendo o inimigo que nada concluia com o dito Amaral, mandou outro Aviso ao Governador N., o qual não duvidou fazer-lhe a vontade em tudo, sem contradicção alguma. E feitas as Capitulações se retirárão para a Cidade, e forão dados em refens, em

---

(2) Quem jámais poderá persuadir que sem toda a certeza da entrega da Praça do Rio de Janeiro se atreverião a sahir dos Portos de França 1400 homens, a conquistar no meio de hum novo mundo, na distancia de quasi duas mil leguas, huma Praça, em que se dizia haverem mais de 12000 homens de tropas disciplinadas na Europa, mais de mil e quinhentos auxiliares, commandados por Albuquerque, e mais de seiscentos, ou oitocentos homens de tropas Milicianas dos contornos do Rio de Janeiro? e quem jámais poderá acreditar que trinta e cinco mil homens bem armados, e bem disciplinados consentissem desembarcar nas suas praias mil e quatrocentos homens, e que sem se dar huma batalha só o aspecto, e a audacia deste miseravel corpo os fizesse abaixar as armas, e entregarem as suas honras, vidas, e fazendas, e todas as riquezas do Brazil? e foi por estas patranhas, e imposturas, que Mr. Thomás mereceo o premio do elogio de Du-Guay Trouin seu Heroe? miseravel França, se todos os seus Heroes fossem desta qualidade, ou se todos os Historiadores da vida, e acções dos Heroes da França fossem tão verdadeiros como Mr. Thomás.

quanto se não mandava dar o dinheiro, o Mestre de Campo, João de Paiva, e o Juiz de Fóra, Luiz Forte Bustamante e Sá, e forão juntamente com passaportes Christovão Pereira, e José de Torres, hum amigo, outro criado do Governador N. a tratar com o inimigo a compra de Navios, e muitas fazendas, que havião saqueado, em que entrou o mesmo Mestre de Campo, João de Paiva, e só as partilhas destes se publicou passarem de quatrocentos mil cruzados, querendo por todos os caminhos entregar quanta moeda tinha esta terra nas mãos do inimigo; e por este, e outros motivos está este Povo certo, que a entrega da Praça foi huma mera negociação.

§. XVIII.

Neste tempo em que o Governador N., e seus parciaes só cuidavão no seu negocio, e a seu exemplo outros muitos, huns levados da necessidade, e outros da conveniencia, esquecidos da honra; não se differençando no trato mercantil os Francezes dos ditos degenerados Portuguezes, lhes não podemos dar remedio, por nos acharmos impedidos para o recurso, e tendo nós a noticia da chegada do Governador, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o fomos buscar ao Convento dos Religiosos de S. Bento no dito de Aguassu, onde lhe fizemos o requerimento, que a V. Magestade remettemos, para vêr se de algum modo se podia atalhar, que não passasse todo o ouro, e moeda ao inimigo, e se não desencaminhassem as fazendas, e pessoas dos culpados na entrega da Cidade, porque a distancia desta Cidade aos Pés de V. Magestade não permitte outro recurso; e entendemos que de outra sorte não podiamos aquietar este Povo de modo que se houvesse V. Magestade de dar por mais bem servido.

Continuar-se-ha.

POESIA.

Traducção livre da segunda Elegia do Livro III. de Tibullo.

QUem primeiro arrancar ousou cruento
Ao fiel amador a terna amante,
E dos braços d'amada hum terno jóven,
De bronze o coração forrado teve.
Que bárbaro, e feroz não fôra aquelle,
Que resistir podesse á dôr pungente
De ver que se lhe rouba hum doce objecto,
Que a existencia aprasivel lhe tornava.
Não tenho tal valor. — Igual desdita
Faria succumbir minha alma terna.
Similhantes pezares dilacêrão
Os mais robustos, mais valentes peitos.
Não me envergonho, não, quando assevero,
Que de huma terna amante a perda ingente
Sobre minha existencia attrahiria
Males, e males, que extinguir sómente
He dado á negra mão da Morte escura.
Ah! quando em ténue sombra for mudado,
E quando a voraz chamma da fogueira
Meus ossos branquear, venha Neéra
Com seus longos cabellos desgrenhados,
E c' os olhos em lagrimas submersas,
Da lúgubre fogueira andar em torno!
Venha da terna Mãi na companhia,

Igual mágoa sentindo: huma lamenta
O seu terno amador, outra seu genro.
Ambas então pungidas de saudade,
Os meus Manes pacificos invoquem;
Chamem ainda a si a alma d'aquelle,
Que amárão ternamente; e as mãos piedosas
N' agua sagrada purifiquem tristes!
De veste luctuosa ambas cingidas,
Bem como em urnas, nos regaços guardem
Gelado resto de insensiveis cinzas:
Primeiramente n'ellas se disparza
A grata libação de annoso vinho;
Depois hum puro leite as banhe todas;
E por fim, nos véos fúnebres envoltas,
Descancem minhas cinzas resequidas
Em marmóreo sepulchro, onde se entornem
Os mimósos perfumes da Panchaya,
Da ardentissima Arábia, e rica Assyria;
De mistura co' as lagrimas, que vertão
Os bellos olhos do meu bem amado.
Estes versos no túmulo se gravem,
Que n'outras eras á memoria tragão
De meu fim desastroso a triste origem:
,, O mui terno Lygdâmo aqui descança:
,, Da desleal Neéra, sua amante,
,, O rigor, e caracter inconstante
,, N'este jazigo prematuro o lança.

Por João Augusto da Cunha Feyo.

ANECDOTAS.

Havendo falecido D. Henrique de Menezes, Governador da India, com grande fama de valor, e de justiça, fallando-se de suas acções na roda de varios Fidalgos, sahio hum notando-o de certo defeito, que o Governador não havia tido. Acudio Heitor da Silveira, dizendo: = Outro defeito maior tenho eu sabido de D. Henrique de Menezes. = E qual he, perguntou o primeiro? = Foi não desterrar da India, quantas más linguas havião, concluio Heitor da Silveira.

Chegando quatro Estudantes a huma estalagem a pedirem de jantar, lhes disse o Estalajadeiro, que só tinha tres postas de pescada; e pondolhas na meza em hum prato côvo com parte da agua em que havião sido cozidas, lançou-se á primeira posta hum dos Estudantes, e tirando-a para o seu prato, disse = *In principio creavit Deus cœlum, et terram.* = Outro tirando a segunda, disse: = *In medio consistit virtus.* = Prestes lançou-se outro á terceira, exclamando: = *In finem dilexit Deus.* = O quarto não vendo posta em que fazer prêza, tomou o prato com agua quente, e disse = *Asperges me hisopo et mundabor* = e entornou-a pela cabeça dos tres.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

O U

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇĂO PATRIOTICA.

NUM. XVII.

MEMORIA.

Continuação da Memoria do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Elvas, inserta no *Num. XVI. a pag. 257.*

§. XIX.

Receoso este Povo de que continuando no governo desta Praça o Governador N. padecesse outra insolencia similhante á presente, tanto á custa da fazenda, como do crédito de cada hum, attendendo nós á sua conservação como á importancia do serviço de V. Magestade, fizemos ao mesmo Governador, Antonio de Albuquerque segundo requerimento, cuja copia remettemos a V. Magestade, e esperamos delle, que em virtude da Ordem de V. Magestade de 26 de Novembro de 1709, continue no governo desta Praça até nova Resolução de V. Magestade, a quem pedimos prostrados aos seus Reaes Pés, ponha os olhos neste miseravel Povo, em mandar consultar para o governo

delle pessoas de toda a satisfação, como tambem Ministro capaz de poder averiguar os desconcertos da entrega desta Praça, para que com toda a severidade se castiguem os culpados nella; pois que de outra sorte terá V. Magestade sempre arriscada, não sómente esta, mas todas as mais Praças do Brazil.

§. XX.

Parece-nos preciso lembrar a V. Magestade, que Duarte Teixeira Chaves, vindo a reedificar a nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata, vendeo em seu proveito ao Castelhano muitas munições, armas, e outros materiaes, que hia a receber, e nesta Cidade se houve com tão exorbitantes negocios, como consta da residencia, que delle se tirou, e do Mestre de Campo N., e já terão chegado aos ouvidos de V. Magestade repetidas queixas deste Povo contra o dito Mestre de Campo N., e seu Irmão N., e seu Filho N. (1) assim como tambem nessa occasião as que temos repetido, e o Prior Duarte Teixeira ainda sendo hum homem Sacerdote, tanto que se entregou a Cidade, se metteo logo com os inimigos a contratar, e dar-lhe parte de todos os movimentos do paiz, e foi o primeiro que levou ao inimigo a noticia da chegada do Governador, Antonio de Albuquerque, e do soccorro das Minas, e por não perder meio algum de negociação, até dos meios illicitos se valia, chegando a mandar ao inimigo para seu divertimento . . ., pelo que attendendo ao serviço de Deos, e de V. Magestade, e quietação deste Povo, pedimos mande recolher desta Praça para esse Reino toda esta parentella, que achando V. Magestade são convenientes para o Real Serviço, melhor o farão na assistencia das campanhas á vista de V. Magestade.

---

(1) Todos estes erão parentes do dito Governador N.

§. XXI.

He o que nos pareceo preciso fazer presente a V. Magestade pela obrigação, e zelo de Vassallos, que tanto desejão empregar-se no seu Real Serviço, e porque he impossivel expressarem-se mais circumstancias dos particulares, que tem succedido até ao presente, mandamos procurador para que o faça de tudo a V. Magestade, cuja Real Pessoa Deos guarde por muitos, e felizes annos para amparo de seus Vassallos. Rio em Camara vinte e outo de Novembro de 1711 = Antonio de Albrinos Veiga = Sebastião Martins Coutinho (1) = Manoel de Sousa Coutinho = Francisco de Macedo Freire. =

Mas porque talvez se poderá dizer, que a Camara do Rio de Janeiro, pela Conta, que deo ao Soberano na sua dita Carta, quiz defender a fraqueza daquelles Habitantes, e imputar toda a culpa ao Governador, que então era daquella Praça, eu vou apresentar a copia da Conta, que deo o mesmo Governador no anno de 1710, em que narrou a verdade dos factos, e de tudo quanto se fez por ordem delle, mas como nem o Soberano, nem talvez os seus Ministros tinhão algum conhecimento do local dos combates, e o inimigo então ficou vencido, não se tratou de mais alguma averiguação, e só sim de premiar ao Governador, ao qual se atribuia toda a victoria, e de fazer imprimir na Historia Genealógica da Casa Real de Portugal, aquelle notavel acontecimento em honra, e louvor do vencedor; mas a quem conhece o local daquella Cidade, e os lugares em que desembarcou o inimigo, e houvêrão os encontros com os Paizanos, he bem facil de vêr, que todas as disposições, e ordens

---

(1) Bisavô Paterno do Coronel Sebastião da Cunha de Azeredo Coutinho, actual Administrador do Morgado dos Azeredos Coutinhos do Rio de Janeiro, e Fidalgo Cavalleiro da Casa Real.

do dito Governador já no anno de 1710 se encaminhavão a entregar aquella Praça ao inimigo, como passo a mostrar por algumas breves reflexões, e notas correspondentes aos lugares da conta, que deo o Governado: veja-se o seguinte Capitulo, copiado da Historia Genealógica da Casa Real Portugueza, Tomo 8. pag. 97., e seguintes.

No porto de Brest no Reino de França se preparou com grande segredo huma Esquadra, que se compunha de cinco Navios de guerra, e huma balandra com mil homens de desembarque (1) de Tropas escolhidas, com muitos Guardas Marinhas, de que era cabo Mr. Duclerc, com o destino de darem sobre a Cidade do Rio de Janeiro, e chegando ás suas costas em 6 de Agosto deste mesmo anno de 1710, foi vista a Esquadra pelas vigias, que o participárão ao Governador N. (2), que com cuidado repartio os postos, e augmentou a guarnição das Fortalezas; e as da Barra avistárão no dia 17 as seis embarcações com bandeiras Inglezas; da Fortaleza de Santa Cruz se lhe fez signal com huma peça sem balla, a que a Capitánia respondeo com outra por sotavento colhendo a bandeira, e começando a Fortaleza a acanhoala, se vírão obrigados os Francezes a dar fundo em distancia, que ficassem seguros. Neste tempo entrava huma sumaca da Bahia, e enganando-se com a bandeira Ingleza se foi metter entre os navios, que a tomárão. No outro dia se fizerão á vela pela parte do Sul, e o Governador man-

---

(1) Esta pequena força de mil homens de desembarque, com que se pertendia conquistar a Praça do Rio de Janeiro no anno de 1710, mostra bem que, ou a dita Praça no anno de 1711 não era tão forte como a pintou Mr. Thomás no seu Elogio de Du-Guay-Trouin, ou que já no anno de 1710 estava tratada a entrega daquella Praça a Mr. Duclerc.

(2) Este Governador era o mesmo que governava a Praça do Rio de Janeiro no anno seguinte de 1711.

dou guarnecer as Praças da Pescaria, e Pedra, e avisou a Santos, e a Ilha grande para se previnirem. Porém os Francezes a 27 forão dar fundo na Ilha Grande (1), onde estiverão ancoradas até o ultimo mez, saqueando algumas fazendas. que defendêrão muitos poucos moradores, em quanto tiverão munições de guerra, matando seis Francezes, e ferindo muitos. Depois já a 5 de Setembro lançárão gente em terra com seis lanchas na Ilha, que chamão da Madeira (2), e com trezentos homens roubárão sem resistencia hum Engenho, em que achárão poucos Escravos. Da Ilha Grande despedírão dois navios com a balandra, e sumaca, e os que ficárão chegando-se mais á terra acanhoárão dois dias a Villa com pouco effeito; por que só os Conventos do Carmo, e Santo Antonio recebêrão algum damno. Governava a Villa o Capitão de Infantaria, João Gonçalves Vieira (3), e não tendo mais guarnição que as Ordenanças, e sem embargo de ser aberta desprezou as propostas dos inimigos, e os obrigou a retirarem-se, sem mais perda do que a de hum Alferes. Os dois Navios que sahírão com a balandra, e sumaca da Ilha Grande sondárão a Costa nas praias de Sacopenopan, e da Lagôa, e na noite de 10 intentárão desembarcar, duas legoas distantes da Cidade de S. Sebastião, e tinha já o Governador unida toda a gente,

---

(1) A Ilha Grande está ao Sul, distante da Barra do Rio de Janeiro 25 legoas.

(2) Esta Ilha da Madeira está 17 legoas ao Sul da Barra do Rio de Janeiro.

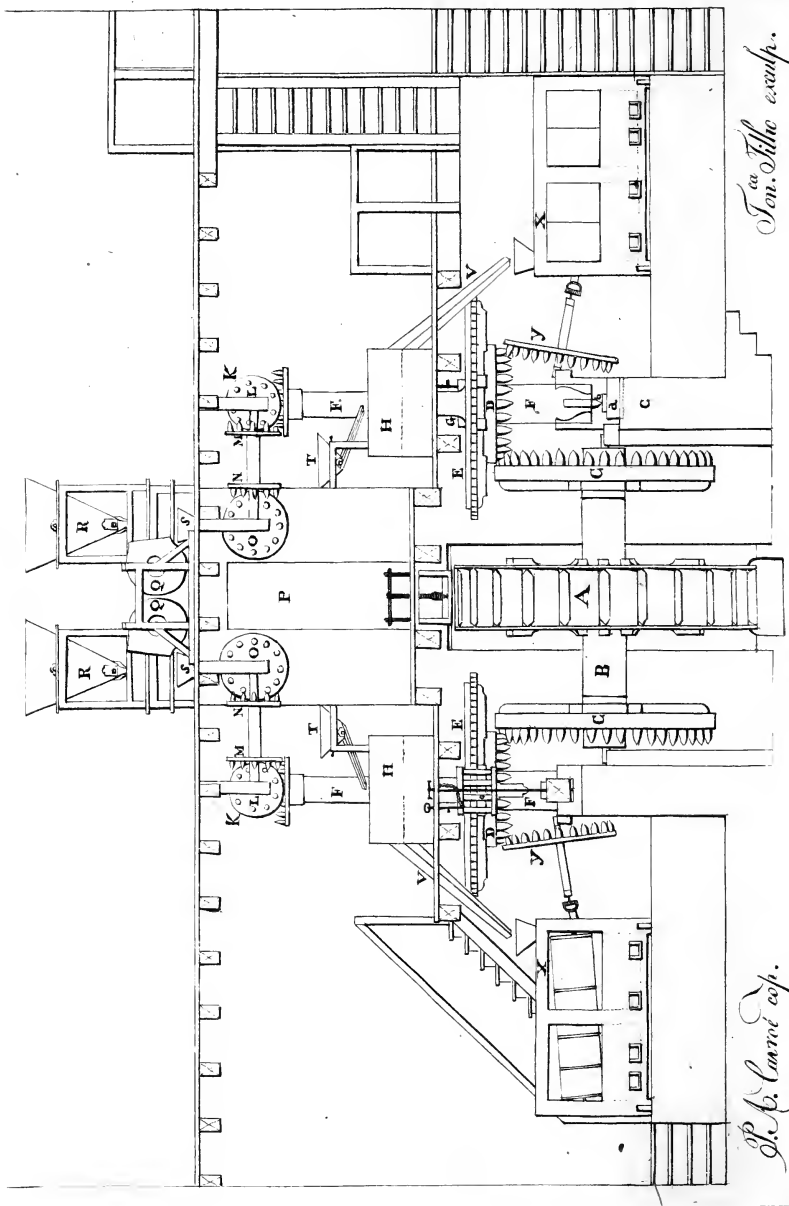
(3) Por este facto se prova, que os Francezes no anno de 1710 só hião receber o saque do Rio de Janeiro, para o repartirem com os que lhe tinhão já vendido aquella Praça; pois que tinhão levado tão poucas forças, que não podérão tomar a pequena Villa da Ilha Grande, que então se achava aberta, e sem mais guarnição do que a de hum Capitão de Infantaria, com algumas Ordenanças.

forão rechaçados só pelas Ordenanças (1), que logo o Governador reforçou com dois destacamentos dos Regimentos dos Coroneis, João de Paiva Soto-Maior (2), e Gregorio de Castro de Moraes; porém quando estes chegárão, já os defensores tinhão obrigado os inimigos a se retirar, a quem a aspereza do sitio não favorecia.

Continuar-se-ha.

---

(1) Note-se que o Governador tinha separado a Tropa de Linha das Ordenanças, e que só por estas foi rechaçado o inimigo; o que prova que o inimigo não era muito forte, e que as Ordenanças, compostas de Paizanos se mostravão com valor, e coragem apezar de estarem desamparados da Tropa de Linha.

(2) Note-se que todos estes soccorros erão sempre mandados tarde, e commandados pelo célebre Paiva, que no anno seguinte de 1711, mais concorreo para a entrega daquella Praça. Veja-se a dita Carta da Camara no §. XVI, e XVII.

R
R
Q
Q
S
S
K
L
M
N
O
O
N
M
L
K
P
T
T
F
F
H
H
V
V
E
E
G
D
D
F
F
Y
Y
X
X
C
B
A
C
a
c
P.A. Carré cop.
Fr.ca Ton. Tilhe exculp.

DESCRIPÇÃO

De hum Moinho movido por agoa, inventado por Filippe Arnaud, mandado executar pelo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. José Antonio de Menezes e Sousa, Principal da Santa Curia Patriarcal, e Governador do Reino.

O novo arranjo do Moinho inventado por Filippe Arnaud, offerece vantagens consideraveis, não só na máquina de limpar o trigo, e peneirar a farinha, mas ainda em economisar a quantidade de agoa, que tanto pela fórma da construcção da roda d'agoa, como por ser huma só, que dá movimento ás quatro mós, poupa os desperdicios, que deveria haver em tres rodas d'agoa mais, que serião necessarias segundo o methodo ordinario das azenhas, empregando cada huma pedra huma roda d'agoa.

A facilidade que tem de poder parar qualquer das mós para se picar, sem interromper o trabalho das outras mós; poder parar qualquer movimento dos peneiros, ou crivos, sem que para isso seja necessario embaraçar o trabalho do Moinho; e o modo de proporcionar a quantidade de agoa, segundo o esforço que a roda d'agoa deve fazer, movendo mais ou menos pedras, farão o uso desta máquina de huma grande vantagem, sendo muito mais consideravel em todos os lugares pouco abundantes de agoa.

A estampa mostra o interior do moinho visto de frente. A, roda de agoa, ou de cubos, fixa no eixo B, que

tem nas suas extremidades as dentrosgas CC, que endentando nos rodetes DD, dão movimento ás rodas dentadas EE, que estão fixas nos eixos perpendiculares FF; estas rodas dão movimento aos carretes GG, que fazem mover as mós HH. Os eixos perpendiculares FF, tem na sua extremidade superior as rodas JJ, que endentão nas rodas KK, põem em movimento as rodas L, M, N, de hum e outro lado, e communicão o movimento ás rodas OO, fixas nos eixos dos crivos, que estão dentro do repartimento P: os crivos communicão o movimento por meio de cordas aos ventiladores QQ, e com o sopro, que produzem, expellem todas as materias ligeiras do trigo que corre das moegas RR, nos funís SS, dos quaes por meio de hum canudo interior vai correr nos crivos, onde se separa a alimpadura, e corre o trigo limpo nas moegas TT, donde se reparte para cada huma das mós o trigo, que devem moer. A farinha moïda corre pelos canudos de madeira VV, nos funís dos peneiros XX, onde se separão as differentes farinhas dos farellos: o movimento dos peneiros he ado pelas rodas YY, que endentão nos rodetes DD, e por meio dos gonzos WW, communicão o movimento aos peneiros independentemente da rectidão do eixo do peneiro como eixo da roda Y.

Por cima da roda d'agoa fica a levada Z, construida de madeira, que conduz a agoa acima da roda, e descança em hum supporte de pedra, que tendo interiormente hum descarregadouro de agoa vai sahir ao escoante da levada. Por cima da levada Z, fica hum cotovelo de ferro, que por meio de huma corrediça se regula a porção de agoa que deve correr na roda: o que melhor se percebe-ria nas explicações em ponto maior das differentes partes deste moinho, senão excedesse as necessarias estampas as forças deste pequeno Jornal; porém quem melhor as quizer consultar dirija-se á Casa do Risco das Obras Públi-

cas, ao Terreiro do Paço, onde se acha o modelo em madeira deste tão util moinho.

Para mostrar a corrediça de madeira aa, em que assenta a rella de bronze b, sobre que trabalha o ferrão do eixo F, se figura cortado a parte do muro c, em que trabalhão os eixos, e hum dos carretes fóra de seu lugar: a corrediça a, tem hum encaixe na pedra do muro c, indicado pela linha de pontos, que lhe fica por baixo, na qual póde sahir, e entrar com facilidade, tendo-se por este modo a possibilidade de mudar a rella, quando o ferrão tenha feito grande cavidade, em que augmenta consideravelmente o roço, ou esforço.

N. B. As escadas de communicação de hum para outro andar, ainda que parecem estar arranjadas com a maior commodidade, comtudo a fórma do edificio, e o local em que for construido decidirão do seu arranjo: sendo só necessario conservar o arranjo que he pertencente á máquina.

Como era necessaria huma grande despeza para por meio de outras muitas estampas se demonstrar a planta, o lado, e as secções, ou espacatos deste Moinho, e suas diversas rodas, e peças dependentes, (em grandeza tal, que se podesse construir hum igual Moinho,) limitei-me a dar sómente huma idéa delle; pois para os que intentarem emprehender a sua construcção, lhes he mais facil ainda alcançar os necessarios conhecimentos por meio da observação, e dimensões do modelo, que se acha na Casa do Risco das Obras Públicas, do que por meio de estampas.

Este Moinho he utilissimo nas Provincias faltas de agua, e fartas de trigo, como a do Alemtéjo: por quanto os trigos, que fornece esta Provincia á Capital podião vir já reduzidos a farinha, pois nisto se pouparia muito

nas despezas da conducção, e ficaria na Provincia o farelo, e a sêmea, com que se poderia ajudar a criação dos porcos. Replicar-se-me-ha, que só a bolota os engorda; mas eu vejo, que nos Paizes do Norte, onde não ha a lande, nem a castanha, se crião, e engordão com o farelo, e a sêmea; e que he tal a abundancia, que lhes sobrão milhares de presuntos, que se introduzem neste Paiz: logo que contradicção póde haver, em que tambem em Portugal se procure augmentar esta criação com mais este auxilio?

Este Moinho foi executado em grande, no tamanho natural, e esteve público no sitio d'Alcantara, onde trabalhou, e moeu trigo, e se vio, que plenamente correspondia aos fins, para que foi inventado: e tão interessantes resultados promette, que foi remettido á Corte do Rio de Janeiro, para ser apresentado a S. Magestade Fidelissima, ElRei Nosso Senhor; e se espera mereça a Sua Regia Approvação pela utilidade que póde resultar de adoptar-se esta nova máquina.

Mappa da Despeza feita com a construcção da Náo = D. JOÃO VI. = desde o 1.° de Março de 1806, dia, em que começou o seu fabrico até 24 de Agosto de 1816, em que foi lançada ao mar, com separação da despeza anterior á sahida de Sua Magestade, despeza feita pelo Governo Intruso, e que se fez depois da feliz Restauração até ao dito dia 24 de Agosto de 1816.

Importárão os Generos - - - - - - - - - - - - - -	158:818$645
Dito os Jornaes - - - - - - - - - - - - - - - -	102:668$940
	261:487$583

Objectos.	Anterior á sahida de Sua Magestade.	Pelo Intruso Governo.	Depois da Restauração.	Total.
1.ª Classe: Madeira - - - - - - - -	44:512$487	6:269$529	67:330$781	118:112$797
2.ª Dita: Ferragem - - - - - - - -	3:230$565	1:452$537	30:038$485	34:721$587
3.ª Dita: Enxarcia - - - - - - - -	765$636	314$764	4:834$099	5:914$499
Despezas miudas - - - - - - - -				69$760
JORNAES.				
Carpinteiros, Serradores, etc. -	12:746$820	6:144$385	60:248$000	79:139$205
Calafates, etc. - - - - - - - - -	1:713$295	825$720	20:881$400	23:420$415
Pintores - - - - - - - - - - - -				109$320
	62:968$803	15:006$935	183:332$765	261:487$583

POESIA.

A
SUA ALTEZA REAL
O
PRINCIPE REGENTE
NOSSO SENHOR.

ODE.

O' Lúcido Monarca,
Com teus raios agora me allumia,
Pois do PRINCIPE Excelso
As Virtudes cantar quero sublimes,
Porque ao Mundo inteiro
Respeito, e amor infundão verdadeiro.

Esta Ode foi feita no tempo da invasão dos Francezes, por Antonio José Xavier Monteiro, Tenente Secretario que foi do Regimento de Infanteria N.° 18; actualmente Secretario do Real Collegio Militar da Luz.

Mas tantas, por qual dellas
Começarei o novo, e alegre Canto,
Se todas reunidas
Hum composto já formão excellente,
Que dizello não póde
Inda o que ás Musas com seus dons acóde?

Coração Magestoso,
Sob'rano, e compassivo juntamente
No Regio Peito existe
Desse, que tem mais altas qualidades,
Como a Fama publíca,
Sua Presença Augusta o testifica.

A prudencia, e inteireza
Com que huns premêa, outros já castiga
No tempo competente,
Sem faltar á Justiça, e á Clemencia,
Louvão as Creaturas,
Que sabem que estas são Virtudes puras.

De seus leaes Vassallos
A dôce liberdade desejando,
Já desvelado mostra
Quanto bem lhes augúra, e segurança,
Livres da tyrannia,
Que o Côrso infame a toda a parte envia.

Do Reino assás distante,
Assim mesmo sollícito procura
Felicitar os Povos,
De que a Providencia o encarregára,
Largas Mercês fazendo,
Seus Paternaes Cuidados extendendo.

A' Sua Prespicacia,
E Vigilancia todo o bem se deve
Em dias horrorosos,
Para o socego havendo concorrido
De tão fieis Vassallos,
Porque quer na verdade preservallos.

Alliança perpétua
Com a Nação Britânica firmada,
Combater não recusa
O inimigo cruel, que nos opprime,
Vindo com força ingente
Libertar-nos do jugo impaciente.

Não céssão taes esforços
Em dar constantes provas de amizade
Aos nobres Lusitanos,
Já com tanta efficacia ministrando
O preciso armamento,
Bem como á Tropa o soldo com augmento.

Louvores sejão dados
A esse Inclito Rei, Jorge Terceiro,
Que Lusos, e Hispanos
Por Defensor Heroico hoje o acclamão
Da Patria opprimida,
Mandando em seu favor gente aguerrida.

Acclamado em fim seja
Nosso Principe Augusto, JOÃO Sexto,
A quem saudosa Lysia
Beijar a Real Mão hoje cubiça,
Bemdizendo as acções,
Que presentes estão nos corações.

Oh quem já feliz víra
A Soberana Excelsa, e a Régia Stirpe
Aqui restituidas,
Dando o maior prazer á gente Lusa,
Que de contínuo chóra,
Por não poder gozar o bem que adóra!

Hum dia venturoso
A nós outros de certo chegará,
Em que contentes vamos
Nossas humilhações fieis render-lhes,
Pois agora no emtanto
Ao longe o écco resôe deste meu Canto.

Mas onde, debil Musa,
Subir tentas com teu rasteiro vôo?
Abate, abate as azas,
Que do Grande, e Immortal PRINCIPE Augusto
As Virtudes Sob'ranas
Cantar só podem vozes mais que humanas.

Em láminas de ouro
O seu Governo egrégio descrevendo,
D'assumpto servirá
A' penna mais enérgica, e eloquente,
Onde para memoria
O Nome de JOÃO lêr-se-ha com gloria.

ANECDOTAS.

No excesso dos aprestos para a expedição d'Africa, Muley com razões mui prudentes aconselhava ElRei D. Sebastião, que se não precipitasse n'huma empreza de tanto risco. Huns Fidalgos moços, que se achavão presentes, entrárão a persuadir ElRei, que desprezasse o perigo. ElRei voltando-se para o Mouro disse: = Os Bárbaros fallão como Christãos, e os Christãos como Bárbaros.

D. Manoel Caetano de Sousa, Padre Theatino, da Familia Illustre dos Calharizes, indo para Roma, no caminho foi vêr a Bibliotheca do Grão-Duque de Toscana; e o Bibliothecario della, dizendo-lhe os Authores dos melhores Livros, de que se compunha a Livraria, D. Manoel Caetano lhe disse todas as materias, do que os ditos Authores tratavão.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XVIII.

MEMORIA.

Continuação da Memoria do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Elvas, inserta no Num. XVII. a pag. 273.

NO dia seguinte pela manhã chegárão á barra de Tojuca (1), quatro legoas da Cidade, e á de Guaratiba, quatorze distante: neste districto, que pela altura dos montes, e pelo tempestuoso dos mares he difficil o desembarque, e estava sem sentinellas (2), lançárão gente em terra; porém o Governador tendo esta noticia pelo Capitão de Cavallos José Ferreira Barreto, a cujo cargo estava a

(1) Note-se que a barra de Tojuca, onde desembarcou o inimigo em 1710, está distante da Cidade do Rio de Janeiro 4 legoas, e o dito Governador della só teve a noticia do dito desembarque por aviso, que lhe fez o Governador de Guaratiba, que está distante do dito lugar do desembarque 14 legoas.

(2) Note-se que a dita barra de Tojuca, onde desembarcárão os Francezes em 1710, se achava sem sentinellas,

guarnição de Guaratiba até Santa Cruz, observou não poderem ser mais de mil e duzentos homens, que caminhavão para a Cidade (1). O Governador conhecendo o terreno áspero com desfiladeiros, e serras altissimas se contentou com mandar alguns práticos do paiz com pequenas partidas (2) para os embaraçarem, e nos passos estreitos os maltratarem; ordenando ao mesmo tempo ao Tenente General Engenheiro José Vieira, que com hum corpo mais grosso, junto das guarnições, que os inimigos deixavão nas costas, lhes picasse a retaguarda, e lhes embaraçasse a retirada, mas não pôde executar tudo, o que lhe poderia ser facil a não o impedir a aspereza do terreno (3). Continuárão os Francezes a marcha, não deixando de vencer muitos embaraços no caminho, e chegárão ao Engenho dos Padres da Companhia huma legoa distante da Cidade (4). O Governador havendo guarnecido os quarteis do mar com alguma gente passou com os mais ao campo de N. Senho-

---

(1) Note-se que os Francezes só tinhão mil e duzentos homens de desembarque, sem artilharia, pois não consta que a desembarcassem: ora será crivel, que esta pequena força com as mãos quasi abanando sahisse sériamente dos portos da França para ir conquistar a Praça do Rio de Janeiro! quem não vê que já no anno de 1710 aquelles poucos homens ião receber o espólio daquella Cidade já vendida, e não a pelejar.

(2) Por este facto se vê que o dito Governador do Rio de Janeiro tudo fazia, ou mandava por mero formulario para impôr, e enganar ao Povo, que de nada sabia.

(3) He digno de notar-se que os Francezes ainda enjoados de huma tão dilatada viagem de mais de 1500 legoas, e com os pés ainda mal seguros dos balanços do mar podérão vencer hum terreno aspero com desfiladeiros, e serras altissimas, que os práticos do paiz não podérão vencer.

(4) Note-se que os Francezes ião atacar a Cidade pela parte da terra, e o Governador mandou guarnecer os quarteis da parte do mar.

ra do Rosario (1), e se formou em batalha, dispondo tudo em ordem que pudesse disputar aos inimigos o atacarem a Cidade para onde continuárão a marcha pelo mais alto dos montes, quasi impraticaveis aos mesmos moradores. O Governador mandou destacar trezentos homens (2) do Regimento do Coronel Crispim da Cunha a occupar o caminho do Outeiro de N. Senhora do Desterro, para entrar na Cidade por N. Senhora d'Ajuda; e porque poderião atacar o Forte da Praia Vermelha (3), mandou ao Coronel João de Paiva Soto-Maior com o seu Regimento para que neste caso lhe disputasse o caminho, e sendo para a Cidade lhe carregasse a retaguarda, não executando esta segunda ordem porque o Official, que a levou, a não deo com distincção (4). O Capitão de Cavallos Antonio de Ultra da Silva avançado do campo observava a marcha entre o Desterro, e N. Senhora d'Ajuda. Finalmente foi o primeiro encontro tão valorosamente disputado, que soffrendo hum grande fogo de huma, e outra parte se augmentou

---

(1) Note-se mais que os Francezes entravão para a Cidade pelo caminho de N. Senhora d'Ajuda, e o Governador se formou em batalha no campo de N. Senhora do Rosario, em parte opposta, e muito distante do inimigo.

(2) Este Crispim da Cunha era Coronel de Milicias, e o dito Governador o mandou com 300 homens oppor-se a hum inimigo, que atacava com 1200 homens segundo o aviso que tinha feito o Capitão, que guarnecia a Guaratiba: não era isto vontade de sacrificar aquelles pobres paizanos?

(3) He necessario advertir que o Forte da Praia Vermelha he na entrada da barra do Rio de Janeiro, e que N. Senhora do Desterro, e d'Ajuda he já na entrada da Cidade, e pela parte da terra muito distante do dito Forte, e o dito Governador mandou o seu famoso Paiva guarnecer o dito Forte, deixando livre ao inimigo o caminho, que entrava para a Cidade.

(4) Assim havia succeder, porque o dito Paiva, e o Governador bem se entendião; o que se queria, era enganar aos habitantes daquella Cidade.

este com os tiros de artilharia de balla miuda do Forte de S. Sebastião (1), que estava ao cargo de José Correa de Castro, que havia acabado de Governador de S. Thomé, que com valor mostrou bem nesta occasião a sua capacidade.

Os Francezes vendo (2) que o Governador estava postado no seu campo com nova guarnição, e que o Forte da Praia Vermelha estava tão guarnecido de artilharia, que por todas as partes os offendião, intentárão com estranha resolução entrar na Cidade para capitular dentro em alguma Igreja. Conseguírão este intento ainda que valorosamente lho disputou o Tenente General José Vieira, que se achava com mui pouca gente por aquella parte (3), formárão-se junto do Convento do Carmo, e não podendo forçar-lhe as portas, já com perda de muita gente pelas ruas, e retaguarda, forão em demanda da casa dos Governadores, e sendo-lhe por muito tempo defendida a entrada com mortes de huma, e outra parte por huma Companhia de Estudantes (4); mas mettendo-se alguns Fran-

---

(1) E porque não atiravão com balla grossa? Estes tiros de artilharia com balla miuda do Forte de S. Sebastião, que está no alto do monte do Castello, não podião alcançar os Francezes, que marchavão por entre o Desterro, e N. Senhora d'Ajuda: isto só podia impôr a quem não tinha noticia do local.

(2) He digno de notar-se, que os Francezes vião o Governador para fugir delle, e o Governador não via os Francezes para os atacar, e perseguir com a Tropa, que tinha debaixo das suas ordens.

(3) Note-se, que sempre a defeza era feita com pouca gente.

(4) Huma Companhia de Estudantes era a que defendia a Casa dos Governadores, e a que a final aprisionou os Francezes. Perguntará talvez alguem, e que fazia o grosso do exercito? Note-se que estava debaixo das Ordens do Governador, que se tinha formado em batalha no Campo de N. Senhora do Rosario, como acima se disse, donde não via o inimigo, e só teve noticia da entrada delle na Cidade depois de já estar prisioneiro dos Estudantes.

cezes no Palacio, e Corpo da Guarda, vierão todos a ficar prisioneiros, e mortos.

Assim que o Governador teve noticia (1), que os inimigos entrárão na Cidade, fez marchar o Mestre de Campos Gregorio de Castro com o seu Terço, e por outra parte o Capitão Francisco Xavier de Castro de Moraes, filho primogenito do Coronel, a quem tambem acompanhava outro filho seu Alferes, governando este Troço o seu Sargento-Mor Martim Correa de Sá. Chegárão estes Corpos á rua direita, onde ainda os Estudantes embaraçavão os inimigos, e os nossos os atacárão tão vigorosamente, que desamparando o Corpo da Guarda se retirárão por huma travessa para a parte da praia, e entrárão em hum armazem, a que chamão Trapiche, e ainda que se lhe disputou a entrada, ganhárão seis peças de artilharia, que alli estavão para defensa do Rio (2), que já lhe havião no principio feito grande damno, aqui matárão o Mestre de Campo Gregorio de Castro de Moraes com duas ballas, e com outra ferírão nos peitos, e em huma ilharga com huma baioneta a seu Filho Francisco Xavier, e tambem recebeo algumas feridas o Capitão José de Almeida havendo procedido com valor em toda a occasião.

O Governador intentou pôr fogo ao Armazem; mas como se podia atear ás cazas visinhas, e se havião recolhido a elle sessenta mulheres, mandou da Ilha das Cobras, e de outras visinhas conduzir artilharia (3), havendo já feito conduzir algumas peças para as bocas das ruas, mas o Capitão Antonio de Ultra da Silva que com a Ca-

(1) Note-se, que o Governador se achava em parte tal, que não via, nem tinha noticia do inimigo.

(2) Não se poz artilharia alguma no caminho por onde marchavão os Francezes, nem nas bocas das ruas, e só se pozerão na borda do Rio da parte do mar, quando os Francezes entravão pela parte da terra.

(3) Sim Senhor a boas horas.

vallaria havia acudido ao conflicto, querendo diante de todos entrar no armazem, foi morto: o Commandante Duclerc, vendo-se neste aperto determinou capitular, e o Governador lhe concedeo só as vidas, se no mesmo instante se rendessem, no que o Commandante veio, ficando prisioneiro de guerra no dia 19 de Setembro do referido anno; porém os Francezes, que marchárão no ultimo Troço experimentárão differente fortuna; porque havendo marchado por differentes ruas quazi todos forão mortos: achárão-se os corpos de trezentos, e depois apparecêrão muitos pelos matos, e rios, ficando seiscentos prisioneiros, entre elles duzentos feridos: morrêrão cincoenta dos nossos, e ficárão outenta feridos, e sendo mais de mil os Francezes, que desembarcárão, não escapou (1) mais do que hum negro fugitivo, que lhe havia servido de guia, e levou esta funesta noticia aos navios, que estavão na Ilha Grande. Depois a 21 de Setembro apparecêrão na Barra os dois navios, e a balandra, e lancárão seis bombas sem nenhum damno; o seu Commandante Duclerc, com permissão do Governador, lhe mandou participar a fortuna, em que estava, e a passárão aos navios que estavão na Ilha Grande. Com esta noticia suspendêrão as operações, com que nos pertendião offender, e depois de restituirem os vinte e oito prisioneiros, que tinhão tomado na Summaca, e mandarem para terra alguns vestidos dos Francezes se fizerão á vélla para Martinica. Ficárão prisioneiros o Commandante da Esquadra Duclerc, hum Coronel Commandante dos Guardas Marinhas, hum Sargento Mór, hum Aide de Campo, o Provedor da Armada, dois Tenentes, e hum Alferes, sete Guardas Marinhas, onze Cavalleiros voluntarios, dois Capelães; e feri-

(1) Escaparião todos se não fossem os Estudantes, e os Paizanos, que andavão dispersos.

dos, e prisioneiros hum Coronel, dois Tenentes Coroneis, hum Sargento Mór, seis Capitães, sete Tenentes, dois Alferes, e dois Guardas Marinhas; e mortos hum Capitão de artilharia, dois de Granadeiros, hum de Infantaria, outro de Guarda-Marinha, dois Tenentes de Granadeiros, hum de Infantaria, e tres Guardas Marinhas. Esta noticia trouxe a Lisboa o Capitão Francisco Xavier de Castro a quem ElRei fez mercê do Posto de Mestre de Campo, que vagára por seu Pai Gregorio de Castro, e ao Governador seu Tio deo huma Commenda, e aos mais Officiaes, e Pessoas, que se distinguírão fez proporcionadas mercês ás suas Pessoas, e Postos.

Com esta Memoria, pela qual bejo humildemente os Pés ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Dignissimo Bispo de Elvas pela generosa condescendencia, com que permittio se imprimisse neste Jornal, não só fica refutado Mr. Thomás no seu Elogio, como tambem Mrs. Beauchamp, e Esménard, o primeiro na sua Histoire du Bresil; e o segundo no seu Poema La Navigation, e outros Escriptores, que tanto louvão Du-Guay-Trouin pela prudencia, e talentos que desenvolvêra na Campanha do Rio de Janeiro. As provas, que o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Elvas produz, são tão convincentes que nada deixão a desejar; e tornão esta Memoria hum documento mui precioso para quem tiver de compôr a Historia daquelle tempo. Habitantes da Côrte actual de S. Magestade Fidelissima, agradecei a este Sapientissimo Prelado, que tomando a vossa defeza, soube restaurar o vosso crédito, e convencer, e aterrar os vossos émulos, e inimigos.

ARTES, E OFFICIOS.

(Artigo communicado.)

Do estado, em que se acha a Cirurgia Portugueza, tão perfeito como o das outras Nações.

HE hum prejuizo, talvez demasiadamente espalhado pelas Nações Estrangeiras, e seguido até por muitos Nacionaes, de que a Cirurgia entre nós se conserva ainda naquelle estado de barbaridade, e ignorancia, em que por tanto tempo existio em toda a Europa. A falsidade desta opinião se fará vêr sem difficuldade, nem serão necessarias grandes paginas para convencer os, que della estão preoccupados. A quantidade de homens célebres, proporcionalmente á extensão do paiz, que com tantos créditos exercem esta faculdade, seus talentos, e destreza, com que executão todas as operações Cirúrgicas; os bons Estabelecimentos em fim em que os Alumnos encontrão todas as proporções necessarias para se fazerem perfeitos nesta Arte, são provas sufficientes pelas quaes se verá, que os Portuguezes são, e devem ser tão bons, como os do resto da Europa. Comtudo não basta dizer, que existem em Portugal bons Cirurgiões, e bons Estabelecimentos Cirúrgicos, convem igualmente mostrar, quaes sejão huns, e outros: he o que justamente vamos a fazer.

Sem tratar de todas as Escolas, em que a mocidade Portugueza póde adquirir os principios necessarios para o exercicio da Arte de curar, fallaremos sómente da que se

acha estabelecida no Hospital Real de S. José, nesta Cidade de Lisboa.

Este Hospital he hum edificio espaçoso, e magnífico pelas grandes salas, em que se acha dividido. Posto que inferior na extensão a alguns de París, e d'outras grandes Cidades estrangeiras, a sua superioridade comtudo se deixa bem conhecer na bella distribuição das enfermarias, sua vastidão, e asseio, com que são tratados os doentes. A propria confissão de varios Estrangeiros, que nelle tem entrado, e que o tem admirado, nos authorisa a dizer que he, senão o melhor, ao menos dos melhores que ha; principalmente depois que o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Antonio da Camara, actual Enfermeiro Mór, tem procurado, pelos seus disvellos, fazer-lhe todos os melhoramentos possiveis, começados já em grande parte pelos seus Antecessores.

He neste Hospital, que se acha erigida a Escola Cirurgica de Lisboa, que tão distincta se tem feito pelos grandes homens, que tem produzido. Esta Escola fundada pelo Senhor Rei D. Manoel, augmentada, e aperfeiçoada pelo Senhor D. João V., em nada cede ás dos outros paizes. Achão-se nella todas as Aulas necessarias para o ensino da Cirurgia, e os seus differentes Cursos são arranjados de maneira, que nada deixão a desejar.

O primeiro, que se compõe de Anathomia e Fisiologia está a cargo do Senhor Manoel José Teixeira, hum dos primeiros Cirurgiões desta Côrte. Este dignissimo Lente acompanha os muitos talentos, e instrucção, de que gosa, com hum bellissimo methodo de ensinar. He este hum dos Cursos o mais completo, e rigoroso, sendo todos os Estudantes obrigados a demonstrar as lições theorica, e praticamente. Elle se tem tornado ainda mais perfeito, depois que o actual Enfermeiro Mór fez construir para este mesmo fim hum novo edificio, cujas differentes casas são

distribuidas da maneira seguinte : no pavimento inferior huma salla espaçosa, onde está collocado o amphitheatro anathómico; no meio deste ha huma meza de demonstrações, construida de tal sorte que se póde voltar para todas as partes, elevar-se, e abaixar-se já sobre as extremidades, já sobre os lados; invenção tão nova, que alguns Estrangeiros, que a tem examinado dizem não ter visto outra tão bem, e idoneamente construida. Além das janellas, que dão a luz a esta casa, ha ainda huma claraboya, que a conduz directamente sobre o meio do amphitheatro. As outras casas são hum quarto para as dissecções particulares, com hum bem acabado fogão para as preparações anathómicas, e outro quarto com armarios, dentro dos quaes estão guardadas as caixas dos ferros, que servem para as operações Cirúrgicas; tudo no maior asseio possivel. O pavimento superior he occupado pela enfermaria dos operados, que serve exclusivamente para aquelles doentes, que tem soffrido operações. Todos estes meios, que acabâmos de vêr, juntos a huma grande abundancia de cadáveres, e ao infatigavel zelo do Lente deste Curso concorre para que em tudo seja completo.

O segundo, de que a Higiena, e Pathologia geral fazem o objecto, he dirigido pelo Senhor Francisco Luiz de Assís Leite. Os conhecimentos deste insigne Cirurgião são tão notorios, que julgâmos escusado demorar-nos muito tempo no seu elogio. A clareza, e elegancia, com que instroe os seus discipulos, torna esta Aula de tal sorte interessante, e agradavel, que aquelles mesmos que nestas materias não são versados, encontrão prazer em ouvilo. O bello ornato, com que o seu discurso he tecido, as comparações, e estillo sublime, de que as suas expressões abundão, fazem, que com razão lhe possamos chamar o Celso Portuguez.

O estudo da Therapeutica he comprehendido no ter-

ceiro anno das materias Cirúrgicas. Não he só o tratamento das molestias, impropriamente chamadas cirúrgicas, que fórma o objecto desta Aula; a parte correspondente da Pharmacologia, e a Pathologia particular, onde se discrevem as causas, signaes, e symptomas das enfermidades, fazem ainda huma das suas partes principaes. O Lente deste anno he o Senhor Jacinto José Vieira, Cirurgião do mesmo Hospital, Membro da Real Junta dos Exames dos Cirurgiões Militares, e igualmente bem conhecido nesta Còrte pelos seus grandes talentos.

O quarto anno em fim versa sobre as differentes operações, que se executão no corpo humano, e de que a Arte Obstetricia faz parte. Para se poder julgar da perfeição deste Curso bastará dizer-se, que elle he dirigido pelo Senhor Antonio de Almeida, que tão distincto se tem feito, não só neste Reino, mas até fóra delle. Todos sabem o grande acolhimento que este Cirurgião teve em Londres, e os créditos que alcançou entre esta Nação, naturalmente altiva, e que se gaba de ser a primeira em dar leis ás outras neste ramo da Medicina, admittindo-o na sua Sociedade, de que he Membro? Os seus talentos não são unicamente conhecidos pela prática das operações cirúrgicas, em que elle, e alguns dos seus nacionaes disputão a igualdade com os mais célebres da Europa; elles o são tambem pelas obras que tem dado á luz, bem diversas em tudo de algumas que ha pouco tem apparecido em Portugal, e que bem longe de fazer honra á Cirurgia Portugueza a desacreditão; sendo humas destas traducções muito mal feitas, em que não só se vê perdida a belleza do original, mas até mesmo o verdadeiro sentido do Author transtornado; outras querendo passar por originaes não são mais que pedaços bons de alguns Authores mutilados, e dispostos em tão má ordem, que causa fastio, e indignação o lêlas. Porém não he aqui o lugar de examinar es-

tas cousas, e por isso que alguns homens sem dados se deixárão preoccupar da manía de escrever a torto e a direito, isso nada decide dos que tem escrito bem, e daquelles que podendo-o fazer se não deliberão, por motivos que nos são desconhecidos.

Eis-aqui, creio, no que temos visto, meios sufficientes e capazes de fazer bons Cirurgiões? Accrescentemos agora a tudo o que acabâmos de ver huma famosa Bibliotheca destinada exclusivamente para os Alumnos desta Escolla, em que annualmente se empregão seiscentos mil reis para a compra de livros, que a devem enriquecer; além disso a prática, que os Estudantes são obrigados a frequentar com os seus respectivos Lentes nas enfermarias do Hospital, lhes offerece reunidos todos os differentes cazos Cirúrgicos: vantagem, que nem em todos se encontra.

Ora á vista de taes estabelecimentos, e de tão bons Mestres, quem poderá ainda duvidar de que os Portuguezes tem todas as proporções para ser bons Cirurgiões? Seria necessario julgar os nossos nacionaes, ou mui estúpidos, ou mui perguiçosos para que não aproveitassem tão bons meios; porém ainda ninguem até hoje tem duvidado da propensão, e capacidade natural de que somos dotados para as Artes, e Sciencias: as mesmas Nações Estrangeiras de commum acôrdo o confessão, e seria hum absurdo duvidar do que a experiencia nos está mostrando a cada passo.

Por tanto parece que já não deve restar dúvida alguma no que temos até agora pertendido provar, e se nada do que se tem dito basta, examinemos por hum pouco os Cirurgiões, que actualmente existem entre nós, e vejamos se são em alguma cousa inferiores aos Estrangeiros.

Com effeito creio, que todos estão persuadidos dos merecimentos de todos os Lentes de que já se fallou, assim como de outros, que se poderião ainda ajuntar-lhes, taes

como o Senhor Antonio Joaquim Farto, Cirurgião do mesmo Hospital, actualmente incumbido da instrucção prática dos Discipulos do segundo anno, igualmente distincto pelos seus conhecimentos, que se deixárão ver muito bem quando substituio a Cadeira de Operações durante parte da ausencia do Senhor Antonio de Almeida; o Senhor Francisco José de Paula, primeiro Cirurgião do Hospital Militar do Beato Antonio, e Membro da Real Junta dos Exames dos Cirurgiões Militares; o Senhor Clemente Monteiro, e alguns mais existentes nesta Côrte, sem fallar dos que se achão n'outras partes do Reino, e fóra delle, como o Senhor José de Oliveira Perdigão, em Setubal; e os dignissimos Cirurgiões, que acompanhárão a Sua Magestade para o Brasil, como o Illustrissimo Senhor José Correa Picanço, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cirurgião Mór do Reino, Primeiro Cirurgião Médico da sua Câmara, etc.; o Senhor F. Custodio, Cirurgião Mór das Armadas; o Senhor Manoel Alves, Delegado do Cirurgião Mór do Reino etc, etc. Concluiremos pois, que a razão porque os Estrangeiros, e alguns Nacionaes fazem pouco apreço dos Cirurgiões Portuguezes, he sem dúvida, porque ignorão o estado actual desta Sciencia entre nós. He igualmente para lhes fazer ver quanto se enganão na sua maneira de pensar, que nos deliberámos a inserir aqui este pequeno Artigo, que seria mais extenso se a natureza desta obra o permittisse.

POESIA.

(Artigo communicado.)

Traducção de huns Versos de Gallo.

A Gencia, e Chloe.

O' Par encantador, Irmans formosas,
Delicias minhas, e da Mãi delicias!
Não mais se agite a frìvola disputa
Sobre qual de vòs tenha, sendo bellas,
Pelle mais fina, mais trigueira, ou branca.
He melhor disputar qual mais o amante
Com seus encantos dominar se atreve;
Ou qual a palma do louvor merece,
Se huma pela belleza dos cabellos,
Se outra pela magia de seus olhos.

Por ventura não tens, Gencia engraçada,
Louros cabellos que parecem d'ouro?
Sim; tão louros cabellos são por certo
Finissimas porções de ouro brilhante.
Se a trança que adornava Berenice (1)

---

(1) Berenice, mulher e irmã de Ptolomeu Evergete, que amava ternamente, prometteo aos Deoses o sacrificio de seus cabellos, se seu marido voltasse vencedor de Azia. Foi acceito o seu voto; voltou Ptolomeu triunfante depois

Por Conon Grego transportada fôra
Para a Celeste Abóbada luzente
Onde, Constellação, hoje fulgura;
Da mesma sorte teu cabello, ó Gencia,
Em astro brilhe n'azulada esfera
Que dirija melhor, que o de Ursa fria,
Baixeis Illirios, que perdidos vaguem
Pela vasta extenção de argênteos mares.

Quando a Ave a Juno consagrada, move
Lustrosa cauda, não divisas, Chloe
Quantos mil olhos, quantos mil brilhantes
Della vaidosa desenvolve ufana?
Pois mais luzeiros vezes mil despregão
Teus olhos, quando nos mortaes s'empregão.

---

de haver submettido parte da Persia, da Média, e da Babilonia. Pendurou a Princeza as suas madeixas no Templo de Marte; e segundo Callimaco, imitado por Catullo, em o de Venus Zefyride, donde foi tirada a madeixa logo na primeira noite. O Rei que tinha ficado mui sensivel a este signal de ternura de sua mulher, encolerisou-se assim que soube tal noticia. Porém Conon de Samos, não menos habil Cortesão, que famoso Astrónomo valeo-se deste successo para lisonjear Ptolomeu, e Berenice, asseverando que Zefyro por ordem de Venus tinha trasladado para os Ceos esta madeixa. Acreditou-se isto; e o nome de Côma de Berenice, que elle deo ás Sete Estrellas, que ficão junto da cauda de Leão, ainda hoje tem aquella Constellação.

ANECDOTAS.

Hum Camponez sonhou huma noite, que víra dois filhos, que tinha, empunhando huma vara. Acordando recorda-se do sonho, e lembra-se que talvez seja aquillo hum vaticinio de que seus filhos algum dia viessem a ser Ministros. Ergue-se, e trata de os mandar á Capital, sem se lembrar, que sendo adultos, e não tendo os necessarios estudos não poderião ser o que julgava prometter-lhe o sonho. Chegárão os rapazes á Cidade, e vendo-se ambos sem auxilio algum, hum metteo-se com trapasseiros, e o outro poz-se á gandaia; de modo que aprendendo letra, e giria o primeiro obteve ser Juiz da Vintena, quando o segundo apenas pôde chegar a vender peixe pelas ruas; porém, ou fosse por indole, ou por costumes adquiridos, o Juiz era trapasseiro, e o pexeiro honrado. Neste estado se achavão ambos os filhos, quando o Camponez os veio visitar, á vista dos quaes exclamou: Agora conheço que os sonhos se verificão; e que os presentimentos são os que nos illudem. Ambos os meus filhos empunhão vara; hum atravessada ao hombro (a recoveira); outro a prumo na mão. Mas quão differentes se apresentão ellas aos meus olhos! A atravessada, porque o dono he recto, torna-se-me recta, e a aprumada, como o dono he atravessado, torna-se-me atravessada.

Hum Negociante da Nação, que he muito sujeita a fallências, pedio a filha de outro Negociante Portuguez para sua Esposa. = Quantas vezes tem V. M.ce fallido? lhe perguntou este. = V. M.ce insulta-me? (lhe replicou o pertendente) Eu sómente huma vez pedi espera aos meus crédores; mas hoje estou restabelecido de crédito, e tenho riqueza, com que possa tratar com decencia vossa filha. = Ainda não o julgo bem sólido; (lhe tornou o Portuguez) quando V. M.ce tiver fallido tres vezes, procure-me, que então lhe darei minha filha para Esposa. =

LISBOA: Na Impressão Regia. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XIX.

MEMORIA.

A Cidade de Lisboa vio-se ameaçada de eminente perigo na occasião do exército de Massena achar-se fronteiro ás Linhas.

NInguem duvida, que a populosa Cidade de Lisboa se achou em huma perigosa, e terrivel crise, na occasião em que o exército Francez, commandado por Massena, se postou em frente das Linhas de defeza desta Capital.

Não forão então sonhos de espiritos timoratos, nem o são hoje de imaginações ardentes, que em tudo vem precipicios, ou maquinações, como alguns dizem. A situação foi crítica, o perigo foi real, e esteve eminente, se não vejão-se os mesmos Escriptores Francezes, e nelles se encontrará a evidencia, e a prova.

Não me servirei de Author, que achando-se duzentas, ou trezentas leguas distante do sitio se diga, que ima-

ginára quanto escrevêra, ou se guiára pelo testemunho de pessoas ignorantes da materia, ou pelas narrações de viajantes superficiaes: a authoridade de que me sirvo he de hum Escriptor intelligente, por ser da profissão das armas; e testemunha presencial, por se achar no mesmo exercito invasor, no Quartel General; he de Mr. A. D. L. G.**** Official Superior, empregado no Estado-Maior de Massena, no Livro intitulado = Campagne de l'armée française en Portugal dans les années 1810, et 1811 = onde a paginas 87 a 90, depois de tratar das tres linhas da defeza de Lisboa, dizendo que não havia exemplo de outras tão formidaveis, e guarnecidas de tão numerosa artilharia, continúa:

,, A primeira linha tinha mais de doze leguas de ex-
,, tenção pelos rodeios motivados da natureza do paiz; e
,, todos sabem a quantos ataques falsos está exposta huma
,, frente tão extença para defender. O inimigo (isto he,
,, o exercito Anglo-Luso) não poderia ser illudido, sur-
,, prehendido, e desalojado em hum ponto? Seria a pri-
,, meira vez, que se visse os bravos Granadeiros France-
,, zes marchar contra hum reducto, e apoderarem-se del-
,, le apezar de todos os obstaculos? Supponde dez mil sol-
,, dados escolhidos, havendo forçado a primeira linha n'hum
,, ponto, abrindo entrada franca a todo o resto do exerci-
,, to para chegar á segunda, ainda que o inimigo se re-
,, tire em toda a boa ordem para a sua segunda linha, não
,, he de esperar que o exercito Francez, electrizado pela
,, primeira vantagem, se torne capaz de emprehender tu-
,, do, por quanto adquire huma superioridade incontesta-
,, vel, pois que neste momento póde voltar contra o ini-
,, migo toda a artilharia grossa da primeira linha, de que
,, ha pouco se apossára? *A aproximação de huma grande,*
,, *e terrivel catastrofe faz fermentar todos os espiritos.* He
,, possivel, que, á vista de hum tão eminente perigo, *dei-*

,, *xe de reinar alguma confusão na esquadra , e entre os*
,, *Cidadãos agitados por tantas opiniões , e interesses diver-*
,, *sos ?* Huns aterrados querem fugir sem saberem para on-
,, de , nem como ; *outros contidos até então por huma ri-*
,, *gorosa policia , começão a manifestar livremente os seus*
,, *sentimentos , e invocão a entrada dos Francezes.* E que
,, será , se , depois de outro novo ataque , o exercito ini-
,, migo for acantonado na extremidade do isthmo , e cons-
,, trangido a buscar precipitadamente hum asylo nos seus
,, navios ? ,, E a paginas 127 prosegue. ,, Nós não sabia-
,, mos o que se passava em Hespanha se não por infor-
,, mações as mais das vezes suspeitas. Não tinhamos noti-
,, cias de França senão pelas Gazetas Inglezas , que as nos-
,, sas communicações com os postos avançados inimigos nos
,, permittião procurar-mo-las. (1) ,,

He possivel , que o inimigo contasse com haver nesta Capital Cidadãos agitados por opiniões , e interesses diversos ? e que não contidos estes já por huma policia violenta manifestassem livremente os seus sentimentos , ao ponto de *invocarem a entrada dos Francezes* ? Ah ! quem erão os , que lhe procuravão as Gazetas Inglezas ? . . . Quem esses , que os convidassem a entrar em Lisboa ? . . .

---

(1) ,, L'approche d'une grande , et terrible catastrophe
,, fait fermenter tous les esprits. Est-il possible , qu' à la
,, vue d'un danger si iminent , un peu de confusion ne
,, regne dans la flotte , dans l'armée , dans cette capitale
,, si populeuse , et parmi les Citoyens agités par tant d'
,, opinions , et d' interets divers ? Les uns fremissent d'
,, effroi , et veulent fuir , sans savoir où , ni comment ;
,, d'autres , contenus jusque-là par une police violente ,
,, commencent à manifester librement leurs sentimens , et
,, invoquent l'arrivée des Français. ,,
,, Nous n'avions de nouvelles de France que par les
,, gazettes anglaises , que nos communications avec les
,, avant postes ennemis nous permettaient de nous procu-
,, rer. ,,

De todo o deduzido se prova, pela confissão de hum Escriptor Francez, que o exercito inimigo entretinha relações com esta Capital, e que se fiava tanto da adhesão que nesta por elle havia, que contava com a invocação da sua entrada. Esteve Lisboa, ou não, em terrivel crise? Ameaçou-a, ou não, eminente perigo? Foi real, ou foi ficticio?

Mil louvores sejão dados ao Sabio Governo, que soube evitar o perigo, e estabelecer a tranquilidade pelas medidas da mais acertada precaução. Os que gritão de tão judiciosas, e adquadas providencias nesse momento executadas são conhecidos. Desde o principio da Monarquia, que se vio Egas Moniz entregar-se a huma morte certa para salvar o seu Rei; e os verdadeiros Portuguezes, os que blazonão de Compatricios deste Heroe, bemdizem o encommodo momentaneo, que soffrêrão, porque delle resultou ser salva a Patria.

MEMORIA

Dos successos de Macáo em 1808, do desembarque das Tropas Britanicas em auxilio desta Colonia, e do reembarque das mesmas; parte que tomárão os Chinas neste negocio, etc. com documentos justificativos.

EM vão pertende a malevolencia sepultar no esquecimento a honra, que alcançárão os Portuguezes nas perigosas lidas, e apuros politicos, em que se encontrárão Guerreiros valorosos, e conspicuos Varões na pouco ha terminada luta do despotismo de hum homem, que o temor da sua raiva, e o encarecimento dos meios, de que dispunha, tornava grande, e respeitado.

Não erão só os Reinos em contacto com a França, que se receárão deste então denominado incomparavel Genio, até dos confins do Imperio da China foi levado este receio; mas assim como em Portugal não teve lugar o temor da sua raiva fazendo-se face aos seus exercitos, do mesmo modo em Macáo não teve lugar em peitos Portuguezes o medo dos seus ataques. O sangue dos Heroes da Azia gira nas veias de muitos dos seus habitantes; tinhão em seu auxilio as forças de hum Alliado de duzentos e tantos annos, que só permitte aos Portuguezes a graça de possuirem aquella parte do seu territorio; e que se as reunio para expulsar as Tropas de outro Alliado de Por-

tugal de quem desconfiou, melhor o fizera para combater o inimigo, que tentasse alli accommetter-nos (1).

Havendo-se retirado S. Magestade, o Senhor D. João VI. com a Sua Real Familia do seu antigo para o seu novo Imperio, em consequencia de se descubrirem as intenções do Chefe então da França contra a Sua Sagrada Pessoa, e Estados; e tomando á sua conta o seu intimo, e antigo Alliado ElRei da Grã Bretanha auxiliar as Possessões Portuguezas nas quatro partes do mundo, mandou para a Azia huma Esquadra, que certificando a Lord Minto, Governador e Capitão General de todas as Possessões Britanicas na India, as vistas hostis da França, a retirada de S. Magestade Fidelissima, e as ordens d'ElRei Jorge III., seguio-se o desembarque de huma forte guarnição de Tropas Inglezas em Goa, a fim de a defender de qualquer insulto, ou meditado ataque inimigo.

Ignoravão-se em Macáo estes successos, quando apareceo naquelles mares huma Esquadra Ingleza composta de huma Náo, huma Fragata, e hum Brigue de Guerra, commandada pelo Almirante Wm. O. B. Drury, o qual pelas participações proprias, pela Carta de Lord Minto dirigida

---

(1) Julgo, que mui poucas pessoas estão ao facto destes acontecimentos, e por isso reputo mui interessante este Artigo. Não sei como heide agradecer ao Senhor José Ignacio de Andrade os documentos, que me ministrou para poder escrever esta Memoria: os amantes da Nação por mim lhe agradeção, por se dignar que por este modo se torne pública a honra, que aos Portuguezes cabe pela Politica, e boa Fé, com que se portou o Governo de Macáo nas melindrosas circumstancias, em que figurou com tanta dignidade entre os Inglezes, e os Chinas, não dando lugar ao ressentimento de nenhuma das duas Nações. Sinto, pela restricção deste Jornal, não poder introduzir toda a correspondencia entre o Almirante Inglez, e o Governador de Macáo; e entre este, e os Mandarins do Imperio: com tudo persuado-me que não omitti nenhuma circumstancia, ou Carta, essencial para a elucidação da materia.

ao Governador de Macáo Bernardo Aleixo de Lemos e Faria, datada do Forte William aos 4 de Julho de 1808, lhe participava os successos da Europa, e a Ordem de S. Magestade Fidelissima de pôr as Possessões Portuguezas debaixo da protecção de S. Magestade Britanica, em consequencia da qual devião desembarcar Tropas Britanicas para guarnecerem Macáo: porém o Governador cingindo-se ás instrucções, que tinha, e aos pactos antigos ajustados com o Imperio da China lhe significou, que não podia admittir na Cidade maior força de Tropas Inglezas, do que a de que se compunha de Tropa Portugueza a sua garnição, e como o Almirante não lhe apresentava ordem formal de Authoridade Portugueza, a quem devesse obedecer, apezar da convicção em que estava da intimidade, e alliança das duas Coroas de Inglaterra, e Portugal, elle Governador se via obrigado a declarar, que qualquer acto commettido em violação do Territorio, que pozesse em desasocego o Público, o dava como hostil, e o manifestaria ao Governo Chinico, applicando todos os meios da natural defeza. Estas solidissimas razões não forão acceitas pelo Almirante Drury, o que deo lugar ao Governador remetter-lhe, e fazer publicar o seguinte Protesto.

Bernardo Aleixo de Lemos e Faria, Cavalleiro da Ordem de Aviz, Fidalgo Cavalleiro de S. A. R. o Augusto Principe Regente N. S. Capitão de Mar e Guerra da Armada Real no Departamento da Marinha de Goa, e Governador, e Capitão General da Cidade do Nome de Deos de Macáo na China, etc.

Faço saber, que no dia 10 de Setembro do corrente anno, surgindo em franquia hum Brigue de Guerra de S. Magestade Britanica, e no seguinte huma Náo, e huma Fragata, trazendo o Excellentissimo Admiral Drury, Com-

mandante em Chefe das Forças Navaes do mesmo Soberano, me foi neste ultimo dia apresentada huma Carta pelo Primeiro, e Segundo Sobre-Cargas da Honoravel Companhia Ingleza J. Wm. Roberts, e T. Patlle, remettida por segunda via pelo Excellentissimo Lord Minto, Governador, e Capitão General das Possessões Britanicas na India, em a qual depois de me haver referido os desastres acontecidos na Capital de Lisboa, com declaração de protecção, que a consentimento de S. A. R. o Principe Regente N. S. havia prestado S. Magestade Britanica a todas as restantes Possessões Portuguezas no Ultramar; sciente destes successos mandára Tropas a Goa, onde se havião arranjado os meios de defeza contra as intenções da França, faltando este Estabelecimento, que sendo conciderado de summa importancia para os interesses mercantís da mesma Nação, se achava em iguaes circumstancias de ser guarnecido para opposição de quaesquer vistas do inimigo; e que por isso S. Excellencia Lord Minto enviava hum Destacamento a esta Cidade requerendo-me pelos laços de antiga amizade, que existem entre as duas Coroas Britanica, e Portugueza, a sua admissão, e o necessario arranjo para verificar-se a segurança projectada com protestação de ficar subsistindo a influencia desta Governança em todos os outros Ramos no seu antigo estado. Nesse mesmo acto tive occasião de observar aos referidos dois Encarregados, e distinctos Membros da Honoravel Companhia Ingleza, que reconhecendo os effeitos dos desastres verificados no Continente da Europa, e não menos a confidencia, que S. A. R. tinha justamente formado da antiga, e constante Alliança de S. Magestade Britanica para confiar-lhe a protecção de todos os seus Estabelecimentos Ultramarinos; sendo-me ao mesmo tempo bem firme a idéa, de que tão antigos, e leaes vinculos, não permittindo esforços, que possão distruir aquella mesma independencia, que se busca pôr em segu-

rança, não admittirião acto algum, que me violentásse a huma permissão maior, que a minha authoridade, lhes declarei, que sem ordem superior eu não podia admittir huma guarnição, que ainda na justa idéa da verdadeira amizade, fica sendo maior que a colonial, não podendo determinar-me a nenhum arranjamento, porque pela falta de poderes ficaria sendo nullo, assim como opposto ás Convenções que esta Governança tem firmado para com o Governo Chinico, além de outras antigas, a mesma de 1802 por igual occasião da vinda de Tropas Britanicas, que os Superiores Governos tendo mandado respeitar, seria abusivo interrompelas do meu proprio arbitrio, esperando que satisfeitos desta resposta, bem accommodada ás actuaes circumstancias, mudassem de hum plano, que longe de trazer o socego, e segurança do Porto da China tão util ao Commercio Britanico poderia trazer perturbações em prejuizo de ambas as Nações pelo caracter firme, e constantemente seguido pelos Chinas de não admittirem novidades, com que possão julgar menos segura a sua independencia, e maior influencia em hum paiz, a que dão o nome de parte dos seus Dominios.

Novos actos com tudo me dissuadem desta persuação que eu julgava tanto mais firme, quanto mais apoiada em principios obvios, e justissimos; por quanto pelo mesmo Chefe da Honoravel Companhia J. W. Roberts me foi apresentada huma nova instancia da parte do Excellentissimo Admiral Drury para admittir as Tropas Britanicas julgando-as necessaria Guarnição para preservar a S. A. R. este Estabelecimento contra o poder da França compromettendo-se a mais segura protecção do Commercio da Praça, e suas maritimas operações, com a final intimação de ser differente o seu procedimento quando aquella admissão não tivesse lugar, ou se promovesse alguma intriga para com o Governo Chinico, chamando hostil qualquer igual comportamento.

Firme nos mesmos principios de não poder alterar as mesmas instrucções lhe assegurei a immutabilidade do meu modo de pensar conforme as mesmas responsabilidades, e deste Público, que eu não suppunha désse causa a ser atropelado no socego que goza neste continente desde duzentos e tantos annos, principalmente por huma Nação cuja Alliança he designada pelo mesmo Soberano o Principe Regente N. S. a mais antiga, e leal; porém que a ter lugar, não esperado aquella intimação ameaçadora, não seria de admirar em mim hum procedimento contrario, mas conforme á defeza, que a todos permitte o Direito Natural, e constantemente seguido pelas Nações Civilizadas, por mim applicado até aos limites das possibilidades de hum Estabelecimento, que sempre gozou a paz, e o socego, e mereceo ser respeitado na sua Politica por todas as Nações, que tem delle carecido para suas proprias utilidades, descançando á sombra da Bandeira Portugueza, a quem sómente devêrão hum tal abrigo; parecendo-lhe suaves as durezas, que então admittindo, agora chamárão insupportaveis; concluindo que o meu sacrificio pela execução da Lei do meu Soberano o Principe Regente me era menos sensivel o formarem-se idéas de concurrencias para algum procedimento, que possa trazer comsigo a restricção dos seus Direitos Magestaticos.

Continuar-se-ha.

POESIA.

Quando os Francezes na Villa das Caldas mandárão arcabusar seis individuos do Regimento de Infanteria Num. 18., segundo do Porto.

SONETO.

Essa Nação, ha pouco sublevada,
Que a Lusa terra piza impaciente,
Exhibindo com animo insolente
A substancia para outros reservada.

Com indómita mão, de força armada,
Tincta a vimos no sangue do innocente;
Q'rendo roubar á valorosa gente
A gloria que lhe estava destinada.

Monstro ferós, que o corpo mais luzido
Separar o fizeste em hum instante,
Porque delle não fosses perseguido.

Mas ah! que hum coração nobre, e constante,
Em Amor Patriotico incendido,
Mostrará seu valor inda distante.

SONETO.

JA' a pérfida Nação foi debellada
Por invenciveis braços valorosos;
Já tempos não veremos clamitosos,
Nem tanta gente afflicta, e magoada.

Agora a Lusitânia libertada
Desses monstros cruéis, e horrorosos,
Gozará doces fructos numerosos
Ao abrigo da Paz tão suspirada.

Enganos, roubos, mortes só se avistão
Commetter esses Gallos insurgentes,
Que por compras em fim he que conquistão.

Mas eis que amigas, e alliadas gentes,
Para que na traição mais não insistão,
Expellir os vierão deligentes.

SONETO.

Estrondoso écco ao longe resoando
Das Alliadas Armas bellicosas,
O inimigo combatem valorosas,
Já o Exercito seu desbaratando.

Pela Fé, Patria, e Rei a voz alçando
Contra as Aguias infames, e orgulhosas,
Ao campo da honra correm generosas,
Gentes fiéis, os Gallos dissipando.

Perde a victoria o *Côrso* envilecido,
E vendo as suas forças arruinadas,
As azas abateo esmorecido.

Graças, ó GRANDE DEOS, vos sejão dadas,
Por nos haver agora soccorrido,
Animando as Nações confederadas.

SONETO.

ACabou *Bonaparte* surprendido
A's mãos de fiéis braços valorosos;
Heróes da Patria vencem gloriosos
Da Gallia o grande Exercito aguerrido.

Então o Mundo todo ressentido
Dos crimes mais horrendos, e aleivosos,
Ao Ceo envia já votos piedosos,
Por vêr o feio monstro destruido.

Correm Nações inteiras á porfia,
Os parabens prestando mutuamente,
Com as faces banhadas de alegria.

Agora em dôce paz o Continente,
Seguro não receia a tyrannia
Desse, que se invocava *Omnipotente.*

Estes quatro Sonetos são do mesmo Author da Ode a Sua Magestade, publicada no N.° XVII., e compostos pela mesma occasião.

(Artigo communicado.)

Senhor Redactor da Mnemósine Lusitana.

No N.° XI. em o Artigo = *Memoria sobre as acções dos Portuguezes notadas por alguns de exageradas pelos Chronistas Nacionaes* = a paginas 173, li, que fôra por esses, a quem V. M.ce dirige aquelle Artigo, louvada como singular heroismo de constancia, e de valor a passagem dos Alpes pelas Tropas Francezas. Sobre isto desejava accrescentar duas palavras. Aquella passagem não foi tão assombrosa como a proclamão os Panigiristas dos Francos, e que só amão tudo o que he Franco. Em tempos bem remotos forão aquelles sêrros devassados por Anibal; e em 1700 pelo Principe Eugenio de Saboia, com artilharia grossa, e teve além dos precipicios, que de huma e outra parte se apresentavão, a combater as tropas Francezas, que guardavão as suas gargantas, e que fiadas nas fortes posições, que defendião, e na difficuldade do trânsito de forças, que as podessem desalojar, mofavão da temeraria empreza do Principe dizendo = *que não podião crêr, que os soldados do Imperio tivessem azas para intentarem o caminho pelas nuvens* = mas a prudencia do Principe Eugenio, e o valor dos seus soldádos tendo vencido ós obstaculos da natureza do terreno, qual trovão que estalla sobre a cabeça de incautos, a cujo inesperado estampido amedrontados fogem, assim cahio sobre os Francezes, e os fez em postas. Tudo isto deo assumpto aos seguintes versos Latinos, que pouco depois se espalhárão pelas ruas de Milão :

Alpibus Italiam penetrant Germania fractis:
Cæsareæ incassum Galle resistis Avi.

Julgo, com esta remessa não estimulalo, na consideração de que não offende dar huma pitada, a quem tem a caixa de tabaco na mão.

Seu Venerador.

O Inimigo dos Franc.

ANECDOTAS.

Certo Fidalgo de Lisboa de conhecido valor sendo desafiado por outro, respondeo: = Eu prézo-me mais de Christão, que de valente; mas eu costumo recolher-me pela meia noite em ponto para minha casa. = E dalli em diante se recolheo sempre áquellas horas, e sem criado.

Hum homem ouvindo certa musica pouco concertada foi correndo embuçar-se no seu capote; e perguntado que razão tinha para o fazer, respondeo: = Quando as rãs cantão, está eminente a chuva. =

Entrando certo sujeito em huma casa de pasto a merendar, sentou-se defronte de hum individuo conhecido por grande bebedor. Vendo que este bebia por hum cópo muito pequeno, lhe disse admirado: = He possivel, que V. M.ce beba por similhante cópo! = Não lhe olhe para o corpo, repare-lhe para a andadura = lhe respondeo o bebedor.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XX.

MEMORIA.

Continuação dos successos de Macáo, na Memoria inserta no Num. XIX. a pag. 309.

NEm assim cessárão as instancias, porque no dia 13 depois de vêr, que as Forças Navaes de S. Magestade Britanica compostas de huma Náo, huma Fragata, e hum Brigue, além de huma Galera, e outro Brigue armados, e pertencentes á Companhia, aqui introduzidos com a declaração de empregados em descubertas, mudando do ancoradouro de Lentão se tinhão aproximado, buscando pôrse em parallelo com a Praia Grande, me foi apresentada huma Carta do Excellentissimo Admiral Drury, em que depois de se fazer cargo das minhas respostas me declarava quasi impossivel a recepção de noticias Officiaes do Brazil, resolvendo-se comtudo a esperar as de Goa, que julgava acompanharião os seus primeiros Officios de Bengala, fazendo-me mais vêr, que só pertendia segurar o Estabelecimento das Forças Francezas, mas ainda de quaesquer

vassallos rebeldes, que não conheção a Regencia de S. A. R. estante no Brazil com a Sua Real Familia; concluindo com a declaração de querer ter comigo huma conferencia sobre assumptos tão importantes.

Reconheci-me grato ás suas intenções, e do seu Governo, protestando-lhe pela lealdade minha, e desta Cidade inteira ao Nome, Real Pessoa, e Regencia do Principe Regente N. S. em qualquer parte onde as suas circumstancias, por infelicidade da Nação Portugueza, o tenhão arrastrado; não me negando á intervista com S. Excellencia o Admiral Drury, menos que fosse para entrar em qualquer negociação para que me não achava authorisado, salvo por violencia, cujos effeitos me não serião imputaveis pela falta de livre arbitrio, mas devidas á mesma coacção não esperada da parte de S. Excellencia pelo conhecimento dos vínculos, que atão esta Governança ao Poder do Imperio, que augmentando o seu escrupulo de 1802, renovado presentemente, será indefluivel a qualquer interrupção dos seus estilos em perjuizo de ambas as Nações contra o fim da mesma expedição, que garantir o seu gyro, e a independencia da Real Casa de Bragança nesta parte do Mundo, onde eu tenho o mais lisongeiro prazer de observar amada, e reconhecida a mesma Real Casa desde a sua restauração em 1640, merecendo ao Senhor Rei D. João IV., de gloriosa memoria, o Epiteto, que se conserva em seus principaes edificios = De Cidade mais leal para Gloria dos Descendentes daquelles antigos Moradores, que até enviárão seus navios, dinheiros, e munições de guerra pelo indefectivel zelo de alcançarem a Regencia de tão Real Casa, atropelado por tão grande espaço de tempo.

Continuar-se-ha.

POESIA.

TRADUCÇÃO DE PARTE DO CANTO 8.º

DA

IMAGINAÇÃO,

Poema de Mr. Dellile.

VO's de horrores mais tétricos manchados
Mexicanos tremei ! . . . o Ibero chega.
Quem contar póde horrificas matanças,
Que exigião alli bárbaros Deoses ? . . .
Alli brônzeos Leões, que o fogo inflamma,
Recebião Mortaes nas igneas fauces.
Alli de largo sangue eterna offerta
Fazia eterna offensa ao Ceo, que invoca !
E ninguem póde entrar no Templo inmane,
Sem que lhe manche as mãos fresco assassinio.
Não tens na terra abrigo, oh Natureza ? . . .
Fere-te o Fanatismo em toda a parte.
Ah ! tão culpados Cultos detestando
No seio maternal foste esconder-te : . . .
Não, que esses Deoses crus delle a desterrão,
E seu ultimo asilo ella abandona.
Mãis ante as aras dos nefandos Numes . . .
C'os Filhinhos nos braços . . . parai Monstros ! . . .
Santamente inhumanas deslembrastes
Juramentos, Amor, Gostos, Pezares ? . . .
Que Furia condemnou tão lindas flores ? . . .

Ah ! vede-lhe o sorrir, vede-lhe o pranto,
Não immoleis a barbaras Chymeras
Santo Nome de Mãis, de Hymen os fructos.
Ai ! onde os tempos, em que os Ceos rendia
Hum só favo de mel, fructos, e leite ? . . .
Ao menos destes Cultos deshumanos
Ao Tártaro ferós, ao duro Scytha,
Qualquer que seu Deos fosse, indole, ou usos,
Huma idéa adoçava o quadro odioso,
E he que em roda do Altar, junto á Vingança
Sempre o Arrependimento acha a Indulgencia,
Sempre excelsa Razão consoladora
Os Remorsos acolhe ; e o Deos, que pune,
Religião mostra a par do, que perdoa.
Sem elle cégo Crime vôa ao Crime,
Perdido sem remedio o Desespêro,
Que o Delicto gerou, gera os Delictos.
A quadros tão fataes se feche a vista,
Musa, a ethérios prazeres admittida,
Dize como a esperança de indulgencia
Trouxe á dita, ao dever alma culpada,
Falla : o Impio as blasfêmias esquecendo
Da pathética Historia se enterneça.

A Hespanha produzio gentil Donzella,
Cuja alma impetuosa, ha muito izenta,
Ao mais intenso affecto em fim cedêra.
Apezar de seu Pai, Alvaro amára,
Seu Pai que n'hum frenético despeito
O Amante assassinou da Filha aos olhos,
E c'o mesmo punhal a Filha insana
O Pai sacrificou ao caro Amante.
Hum momento cortou com dois delictos
Os vínculos mais santos, e os mais doces.

Amor sempre foi bárbaro em vinganças.
Mas quem da terna Moça as ancias pinta ? . . .
Seu hórrido segredo ninguem soube :
Sepultou n'hum casal pejo, e saudade.
Alli huma Mulher (recurso extreme)
Via seus males ignorando a causa.
Nunca vio o Universo em peito humano
Tal contraste de oppostos sentimentos.
Em profundo silencio envolta ás vezes
Do Remorso a violencia reprimia ;
Mas fadiga cruel, com que constrange
O coração, de horror lhe enluta o rosto.
De subito mudava, e qual se escapa
De nuvem procelosa hum brando raio,
Nas feições, que lhe altéra a mágoa acerba
Mesto sorriso lânguido brilhava.
Ousava prantear ? . . . dor sem feitiços
Só lagrimas penosas lhe ministra.
Eis, oh novo supplicio ! oh pena acerba !
Quadro invejando da innocencia antiga
Lembra-lhe o tempo, em que os maternos bejos
Aos osculos paternos a cedião.
Negra perturbação logo a domina,
Gira, arrastra-se, torna, e dá mil gritos, . . .
Por montanhas, campinas, densos bosques
Com precípite fuga ia vagando,
Té cançada cahir sem côr, sem forças ! . . .
Mas ao menos girando a dôr calmava.
Mas voltava sozinha ao negro alvergue ? . . .
Com menor destracção, com mais descanço
Mais sobre ella pezava então seu crime.
Com prolongo tormento alli sentia
No solitario coração pingando
O sangue de seu Pai, do Amante o sangue.

Ora no braço, com que ao Pai deo morte,
O sangue a reverter com ancia apaga.
Já crê, que hórrido Espectro irado a segue;
,, Alvaro! Alvaro! (clama) ai! vão matar-me!...
,, Olha o ferro assassino!... O Pai raivoso!...
,, Ai! o ferro he, meu Deos! com que o matára!...
,, Onde o achou? ,, Perto a morte então julgando
Como fugindo o golpe a fronte inclina.
Mas de si fugirá? dos seus Remorsos?...
Vê em tudo seu Crime, e hum Deos, que o pune.
Troa... expande-se o Inferno... e hum Deos fulmina.
Nem se Deos perdoar, seu peito a absolve.
Quer ás vezes rogalo esperançosa,
Genuflecte,... mas ergue-se, e não ora.
Tanto hum Deos vingador dos Parricidios
A faz estremecer!... vagando ás vezes
Via ao longe avultar da Aldêa o Templo
Que sombrêa hum Cypreste, e annoso Ulmeiro.
Parece, que invisivel força a impelle
Para o consolador, e horrendo sitio.
Chegava,... porém no ânimo sentia
Com susto repelila hum Deos irado.
Hum dia, que mais próxima da Igreja
Incerta rodeava o seu recinto,
Vinha hum simples Aldeão no sitio augusto
De, ao Ministro de Deos, abrir seu peito.
A paz, que tem no peito, o rosto indica.
Tranquilidade tal a assombra, a anima,
Chega-se, entra, caminha a passo lento,
Súbito aos olhos trémulos lhe assoma
Tribunal, que ao contricto he sempre franco.
,, Ai! (diz chorando) o Tribunal severo,
,, Onde os Máos, do Senhor ás Leis se humilhão,
,, Tem perdão para todos, e o não guarda

,, Para mim! ,, Venerando Velho chega;
Era o Santo Pastor daquella Aldêa,
Que o bem faz, serve a Deos ha quarenta annos,
Tudo dá, pouco acceita, e nada pede.
Respeitado no Templo, grato ao Povo,
Préga em suas acções, e instrue de exemplo.
Dos filhos, e dos Pais estreita os laços,
Té o adora o Menino, que em seus jogos
A's vezes com mão tímida suspende
O Velho, que ao passar sorri, voltando.
Que melhor confidente dos Remorsos! . . .
Elle os vicios escuta, e puro he sempre.
Tal de nuvens cercado hum monte augusto
Vê por baixo expirando as tempestades,
E serena nos Ceos conserva a fronte.
Apenas hum com outro se arrostára,
Hum profundo silencio ambos conservão:
Apromptão-se a fallar, e ambos hesitão.
Ella, com olhos na mudez facundos,
Dizer parece a hum tempo, e callar tudo.
Elle sem perguntar (que o Generoso
Os segredos respeita aos Desgraçados)
De hum Ministro de Deos mostra a piedade,
Que anima a confissão de hum crime occulto.
Ao Tribunal Sagrado ambos já chegão.
Ella ajoelha então, vacilla, e treme.
Tres vezes quer soltar do crime o pêzo,
Que tres vezes recáe no fragil peito.
Impaciente em fim de que elle a opprima,
Deixa escapar a confissão temida,
E, no rosto o rubor, do Sacerdote
Consulta os olhos trémula, e contricta.
Tanto mal, e remorsos o compungem,
E da consolação desprende as frases.

Ella respira, e do estancado pranto
Já dos olhos lhe escapa a terna enchente.
Lagrimas já não são, que a raiva solta,
E o rosto em ígneas ondas lhe sulcavão.
Mas lagrimas benéficas, gostosas,
Que influe no arrependido o Ceo piedoso.
Que semelhão correndo ao meigo orvalho,
Que as ressequidas Terras refrigera,
Ora fitando os Ceos, ora a Donzella
Perdoa o Padre em fim do Eterno em Nome!

Ah! quem póde pintar tão ledo instante?...
Pranto, súpplicas, alma a Deos offerta,
Sente, que expira a dôr, finda o remorso,
E, absolvida dos Ceos, a si se absolve.

Quam outra desde então Natura encontra!
Cobra o Sol resplendor, brandura os ares;
Qual da Terra arrancado arbusto esteril
Seu coração murchava no abandono,
E de gosto, e ventura o regão ondas.
Já para o Mundo, e para os Ceos renasce,
E, certa que depára hum Deos piedoso,
Ousa a seu coração descer sem susto.
E, tanto póde o Numen, que a conforta!...
A voz da Natureza ouve, e não treme.
Fida caixa no seio lhe guardava,
Já tão doces, feições de Pai, e Amante.
Ebria de Amor, de susto, e de esperança
Quiz o cofre adorado abrir mil vezes,
E mil vezes, terror sentindo occulto,
Horrorisada súbito o fechára.
Já, com mor confiança, a mais se atreve,
De Christo, que adorava em seu Tugurio,

Aos pés ella colloca os dois Retratos.
Trémula ensaia supportar-lhe a vista ! . . .
E na Cruz protectòra parecia
Que o Senhor congraçava o Pai, e Amante.
Já se esperança em vêlos mais ditosos,
Já se atreve a chegar-lhe, e os entremeia.
Renascia-lhe a dita, quando as forças
Cançadas por seus longos sofrimentos
Succumbírão em fim: vem soccorrêla
O virtuoso Pastor no ponto extremo.
Do amigo, que a pranteia a mão tomando:
,, Vòo á mansão, em que o remorso expira,
,, Desventura descança; adeos ! . . . o Eterno,
,, Bem que he meu crime atroz, de mim se apiada ! . . .
,, Fez meu crime hum Delirio ! . . . a hum Deos irado
,, Por victima offereço hum Deos piedoso ! . . .
,, Vou surgir a seus olhos vingativos
,, Banhada em pranto meu, tinta em seu sangue !
,, Tu, de quem perturbei familia infausta ! . . .
,, Mais que elle á Filha rígido não sejas ! . . .
,, Causa de tantos males, caro Amante ! . . .
,, Oxalá todos tres ! . . . ,, Assim dizendo,
Olhos fitos nos Ceos, a que aspirava,
Sem dôres, sem pezar, de manso expira,
E os Coros Celestiaes seu Nome entoão ! . . .
Oh ! da Religião sublime encanto,
Que dos fracos Mortaes Mãi compassiva,
Mais indulgente ao Homem, do que os Homens,
No crime, que pranteia, outra vez gera
Virtudes, e Esperanças, que perdêra !

Havendo Manoel Maria de Barbosa de Bocage enriquecido a Poesia Portugueza com a Traducção dos Jardins, Poema de Mr. Dellile, e sendo a *Imaginação* o mais acabado Poema deste Poeta Francez, e talvez o mais difficultoso de se traduzir, empregou-se nesta tarefa o Senhor José Maria da Costa e Silva, que vem de a ultimar.

Pessoas intelligentes, e de gosto, cujo voto he de grande pezo neste genero de Poesia, julgão esta Traducção não inferior á dos Jardins; e persuadidos ser hum serviço feito á Literatura Portugueza o ennobrecêla com a nacionalisação deste Poema, solicitão a sua impressão. Seria hum desar para huma Nação tão amante das Bellas Letras, e cuja linguagem tanto propende para a Poesia, não possuir a Versão de hum Poema de tanta voga na Europa, e do qual possuem os Inglezes huma traducção, e duas os Italianos.

Para se julgar do merecimento desta Versão se produz esta parte do 8.º Canto: possa ella merecer a approvação pública, a fim de, por meio de huma subscripção, ser impressa em igual papel, e typo ao deste Jornal, formando dois volumes em oitavo, e em brochura, pelo preço de 800 réis para os Senhores Assignantes.

Recebem-se as Assignaturas nas Lojas da Gazeta; dos Senhores Carvalho, aos Martyres; e Henriques, Rua Augusta.

A Nota do Artigo = Curiosidades = do N.° V. deste Jornal he minha. Quando transcrevo Artigos alheios, designo-os com esta legenda (*Artigo communicado*). O Senhor Queixoso daquella Nota não me julgue parcial nem no ataque, nem na defeza. Estimo todos; porém muito mais a verdade para deixar de a dizer onde ella cabe, e onde possa desmentir asserções falsas publicadas nos Jornaes impressos fóra do Reino em desabono de Pessoas respeitaveis pelas suas luzes, e Empregos. Quem lêr este Jornal não deve ignorar o fim, com que o publíco, que he louvar os beneméritos da Nação Portugueza: logo ninguem deve estranhar que, sem atacar individualmente pessoa alguma, exponha o merecimento do Artista alli elogiado, e a razão porque não se procedeo a concurso na substituição da Aula do Desenho Porém dado caso, que eu cahisse em erro, que tem este com o singular Artista para ser por esta causa vituperado?

(Do Redactor deste Jornal.)

ANECDOTAS.

Huma Personagem edificava hum palacio fronteiro a certo chafariz, e deste (dizia-se) havia tirado agoa para o seu uso domestico da cozinha, e jardim. Hum Beneficiado, célebre pela agudeza das suas respostas, passando por aquelle sitio parou, e se pôz a olhar para as differentes partes de que se compunha o edificio. O Mestre da obra, que o conhecia, para o ouvir lhe perguntou, que

lhe parecia aquelle palacio: = O que acho nelle de mais singular são as agoas furtadas, respondeo o Beneficiado. =

Hindo aos ouvidos da Personagem o dito do satírico Beneficiado, estimulado do equivoco passou ordem para que fosse prêzo em sua casa, ficando em custódia até segunda ordem. A Pessoa encarregada de executar esta ordem dirigio-se a casa do Irmão do dito Beneficiado, em cuja companhia habitava, e participando-lhe a commissão de que vinha encarregado, se expressou desta maneira: = Por ordem do Excellentissimo Senhor Fulano fica V. M.ce prezo em custodia nesta casa até segunda ordem. = Em custodia, exclamou o Beneficiado! Acuda cá meu Mano: Accenda trinta lumes, e ponha pano á porta, que temos Lausperenne em casa! =

(Artigo communicado.)

Carta de hum Religioso ao Excellentissimo Bispo do Pará, D. Fr. Miguel de Bulhões.

Se esta confiança se não encaminhara, não só ao serviço de V. Excellencia, mas a mostrar-lhe, que nem o tempo, nem a distancia, nem os mais accidentes tem feito de mim separavel aquella escravidão, que sempre consagrei á Preclarissima Pessoa de V. Excellencia; não me animára a pôr na sua Presença, que participando-me a gostosissima ambição de continuar no serviço daquella a noticia da Graça, que agora da Curia Romana veio ao Excellentissimo Arcebispo de Lacedemonia, com que não só a Côrte, mas ainda as Magestades ficárão muito satisfeitas por ser cousa que nunca se concedeo aos Excellentissimos Senhores Bispos por ser a especial com que os costumão

honrar, quando aquelles hião á mesma Curia e por isso só lográo esta Primasia o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. João de Mendonça, da Casa de Val dos Reis, que foi da Guarda, e o actual Bispo do Porto, por ambos terem ido á dita Curia Romana: e como os Excellentissimos Prelados assim predicamentados tem a preferencia aos Bispados do Reino, no caso da sua vacatura, e se acha vago o do Algarve, e o do Porto, e Lamego proximos a isso, sendo do agrado de V. Excellencia o obter estas Graças, e Prerogativas, que constão dos Authenticos, que remetto, tenho meios para que no termo de quatro mezes lhe alcance hum Motu-proprio do Papa, em que lhas faculte; custa esta na Curia 600$000 reis além do premio do Agente, que esse fica ao livre arbitrio de V. Excellencia, e quando lhe mereça esta acceitação para o referido expediente, póde V. Excellencia noticiar-me; porque supposto seja da Provincia dos Açores, resido no Hospicio do Marquez Mordomo Mór, e no serviço de V. Excellencia quizera desempenhar as obrigações de reverente Criado de V. Excellencia, que Deos Guarde. Lisboa o 1.° de Junho de 1751.

Ex.^mo^ Senhor Bispo do Pará. De Vossa Ex.^a^

O reverente, e humilde súbdito

Fr. José de Santo Antonio de Padua.

Resposta do Excellentissimo Bispo.

Antes de principiar a lêr esta Carta de V. P. vendo pela assignatura do nome, que era dictada por hum Filho do Grande Patriarca S. Francisco, e escrita a hum Bispo Missionario, julguei que acharia em cada expressão huma Máxima Evangélica, que instruindo-me no meu Apostólico Officio me inspirasse Celestiaes Dictames, com que podesse cabalmente desempenhar as duas obrigações do alto

Ministerio, de que indignamente me vejo encarregado; mas continuando a lêr a mesma Carta acabei de convencer-me, que tinha sido errado o meu pensamento, vendo que V. P. querendo constituir-se meu Procurador na Curia Romana se offerecia a alcançar-me nesta todos aquelles Titulos, e Privilegios, com que a mesma Curia por hum Breve, a que V. P. dá o titulo de Graça, tinha premiado as heroicas virtudes do Excellentissimo Arcebispo de Lacedemonia, sem concorrer da minha parte outro algum merecimento que o gasto de 600$000 reis além do prémio do Agente, que V. P. deixava pendente do meu arbitrio.

A mesma causa, e as mesmas razões, com que V. P. depois de reflectir na grandeza desta honra se empenha em persuadir-me a aceitação, me movem para a repulsa.

Lembra-me V. P. que neste Reino só merecêrão a especialidade desta Graça o Excellentissimo Bispo da Guarda o Senhor D. João de Mendonça, e o Excellentissimo Bispo do Porto o Senhor D. José Maria da Fonceca e Evora; e que diria o mundo vendo que eu tinha a presumpção de igualar a estes Dignissimos Prelados nos Titulos, sendo tão inferior a elles nos merecimentos; distinguindo este mundo velho deste mundo novo, parece-me que neste caso hum se faria Heráclito, outro Demócrito, este rindo-se da minha loucura, aquelle chorando a minha vaidade; o mundo velho olharia para mim com os olhos cheios de pranto compadecido, o mundo novo com a boca cheia de rizo admirado; Portugal ficaria compadecido vendo que me transformára de Bispo Diocesano em Titular; o Pará ficaria admirado reflectindo que em tão pouco tempo me augmentára tanto, que chegára a merecer a pósse de tão honrosos Titulos.

Meu Padre Fr. José não creia em Titulos, porque algumas Casas conheço eu na Europa, que sendo Titulares

não são as mais Illustres ; e se não diga-me V. P. , que o consulto agora como Religioso , e Theologo , que acção reputaria V. P. por mais louvavel nos Prelados da Igreja dispenderem o Patrimonio de Christo em remediar os Pobres , ou em comprar Titulos ? Mas diga V. P. o que quizer , que eu sempre devo julgar que o mais nobre , e authorisado Titulo dos Prelados he ser Pai , e Protector dos Pobres.

Em fim Padre Fr. José acabemos de nos convencer , que Honras sem fundamento sólido das Virtudes , Titulos sem a baze fundamental dos Merecimentos , mais infamão , que acreditão : Esta he a nossa illusão , entender que com a preciosa capa dos Titulos ficão dissimulados os nossos defeitos ; mas vimos a experimentar o que succedeo áquelle Filósofo antigo , que posto aos raios do Sol coberto com huma Capa rota , tantas erão as roturas da Capa , tantas as janellas pelas quaes estava vendo o mundo todo a vaidade do Filósofo , donde venho a persuadir-me que Titulos sem merecimentos são Capas rotas , que expostas aos raios do Sol só servem para manifestar com evidencia a vaidade de quem se cobre com ellas.

Pondere V. P. que os Prelados assim Predicamentados tem preferencia aos Bispados do Reino , noticiando-me acharse vago o do Algarve , e proximos a vagar o do Porto , e o de Lamego , e assim do pé para a mão V. P. de seu motu-proprio faz vagar tres Bispados , querendo facilitarme por esta Graça , ou por meio della , o conseguilos , como se o conseguir Bispados fosse Graça , e se o he , custando 600$000 reis he mui pezada.

Não sei como V. P. me possa livrar do escrupulo de Simonia , obrigando-me a comprar outro Bispado por tão alto preço , quando eu de muito boa vontade dera a V. P. outro tanto , se me livrára deste em que me acho : Sabe V. P. muito bem , que nós os Ecclesiasticos não podemos

contratar por nenhum titulo, e muito menos em Fazenda de Contrabando, como são os Bispados para mim.

Entre os Titulos de que faz menção a authêntica, he conferir os Privilegios de Conde, e as Honras de Nobre: Se V. P. não pode facilmente ter noticia da minha ascendencia, como julga que eu necessito desta Honra? He certo que meus Pais, nem forão Condes, nem tiverão Titulos de Grandes, mas ainda conhecendo em mim esta falta, nunca consentiria que a Curia me dispensasse a mecânica. Em fim, Padre Fr. José, como tive a ventura de nascer no Grémio da Igreja apenas me baptizárão alcancei a incomparavel Honra de ser servo de Jesus Christo. Se tiver a gloria de desempenhar as obrigações deste Titulo, he o que me basta para noblitar a minha Ascendencia, para ennobrecer a minha Patria, para acreditar a minha Religião, e para merecer o alto Patrocinio da Bemaventurança, onde espero ver a V. P. já arrependido de me obrigar a responder-lhe, occupando-me esta parte do tempo tão preciso para cuidar na conducta do meu rebanho. Deos Guarde a V. P. muitos annos. Pará 21 de Janeiro de 1752.

De V. P.

Mais fiel Venerador

Fr. Miguel, Bispo do Pará.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XXI.

MEMORIA.

Continuação dos successos de Macáo, na Memoria inserta no Num. XX., a pag. 321.

Tive com effeito huma intervista demorada com o mesmo Excellentissimo Admiral Drury em particular acompanhado do Chefe da Honoravel Companhia J. W. Roberts, em que nos termos da mais premeditada civilidade, e prudencia lhe representei não nascer a minha difficuldade em estar pelas suas instancias de desconfiança nas intenções de S. Magestade Britanica, e sim de não poder salvar as minhas responsabilidades no consentimento de huma guarnição maior que a Colonial, em que havendo restricção da independencia da Real Soberania, não podia reconhecer que outro mais que o mesmo Soberano o podesse permittir, principalmente em hum Estabelecimento complicado com o Governo Chinico, a quem não podia já continuar na dilação da parte, a que me tinha obrigado o respeito

da Alliança, e obsequio a Sua Excellencia, que reconhecendo os limites da minha authoridade, e do territorio, não se serviria ordenar algum acto, que violentasse, e promovesse a natural defeza da minha parte em grande prejuizo de ambas as Nações, e talvez com effusão de sangue, bem inutil, e desnecessaria, mas conforme aos meus licitos deveres.

Conveio na espera, e teve occasião de ver a simples participação official ao Governo Chinico, em que apenas aponto a sua chegada, com aquellas vistas; mas concluio despedindo-se na firme resolução de que demorando-se ás ordens de Goa, ou occorrendo circumstancias que fizessem chamar as suas Forças Navaes a outra parte, ou ainda havendo receios de ataque, necessariamente faria occupar Macáo pelas suas Tropas para melhor preservação do Estabelecimento de S. A. R.

Vendo pois por hum lado, que todos os esforços da mais estudada prudencia, e reflexão são baldados para devisar hum próspero resultado, e em que illesa a minha responsabilidade, unico objecto da minha maior coalisão, eu possa julgar estavel o socego Publico, infelizmente constrangido pelo maior, e mais antigo Alliado da Real Familia Reinante, com forças maiores, que as do meu commando, e por outro, que sendo-me impraticavel o recurso a superiores instancias em tão críticas circumstancias me he do mesmo modo impossivel demorar por mais tempo a participação ao Governo Chinico, que pela qualidade de Protector em hum Estabelecimento fundado por sua propria concessão nos seus Dominios, e por que recebe feudo a contento do Soberano, não póde deixar de ser ouvido em falta daquelle recurso, conforme os estilos constantemente adoptados, e principalmente segundo a nova convenção de 1802 já referida: Sou obrigado a fazer a participação ao mesmo Governo nos termos sobreditos, e o farei em toda

a sua extensão, não obstante ver quam tristes ficarão sendo a todos as suas usuaes providencias; isto quando da parte do mesmo Excellentissimo Admiral não cessem as instancias da admissão das suas Tropas, tomando como acto hostil todo o procedimento debaixo de qualquer pretexto indicado, que concorra para se verificar o desembarque, declarando que nesse caso farei applicavel a defeza até aos limites das minhas possibilidades para conservar sem a alteração, que me he estrictamente recommendada aquella parte de Soberana Authoridade, que tive a honra de me ser confiada, protestando como protesto contra taes não esperados procedimentos, cuja responsabilidade ficará recahindo sobre os authores de qualquer violação; bem persuadido de que a razão, e justica, que me assiste, promoverá a bem da Causa Pública o zelo, o desvello de huma Cidade, que tanta gloria tem dado á Nação Portugueza na sua, não interrompida, possessão, sendo este intimado para mais claro conhecimento da sua intelligencia a quem for proprio, e precizo. Macáo 15 de Setembro de 1808.

Bernardo Aleixo de Lemos e Faria.

Tomando o Almirante Drury este Protesto como hum abandono da Lealdade Portugueza aos amigaveis esforços da Grã Bretanha, dirigio ao Governador o seguinte Officio, pelo qual patenteou a attitude altiva, e ameaçadora, que havia resolvido tomar, o que magoou sobremaneira o Governo de Macáo; pois que se havia tomado em má parte, o que não era mais do que huma confiança do proprio valor dos poucos Portuguezes alli estacionados, unida ás razões tão solidamente expressadas no Protesto do Governador.

Officio do Admiral Drury a Sua Excellencia o Governador de Macáo.

Como os justos, e liberaes offerecimentos do Honoravel Lord Minto, Governador General das Indias Britanicas tem sido regeitados por hum preverso abandono da lealdade, e deveres do Governamento de Macáo, e os amigaveis, e convenientes esforços da nossa parte tem sido igualmente baldados, ainda que notoria, e evidentemente feitos com a unica vista de segurar á Real Familia de Portugal o Estabelecimento de Macáo da invasão dos inimigos do seu Soberano, e da sua Cidade. E desejando summamente entreter a amigavel intelligencia, que existe entre a Nação Britanica, e o Governamento Chinico, he com o mais agudo sentimento, que nós somos arrastados pela injustificavel conducta do Governamento de Macáo á triste necessidade de tomar medidas, pelas quaes os Vassallos da China podem soffrer; porém como a injustificavel conducta do Governamento de Macáo he disto a causa, he elle meramente responsavel por todas as miserias, e infelicidades, que possão sobrevir, e pelas quaes esse Governamento deve ser responsavel ao Governamento Chinico, como perante o Tribunal do seu Soberano.

Nós nos vemos agora reduzidos ao penoso extremo de informar a V. Excellencia, que diariamente esperamos a chegada do momento em que a occupação de Macáo pelas Tropas de S. Magestade Britanica ha de ser indispensavel; e de que he a nossa intenção, que, quando este momento chegue, de desembarcar os Soldados, e os Marinheiros debaixo de nosso Commando, e de tomar possessão á ponta de bayoneta, sem mais alguma outra communicação com V. Excellencia, ou com o Governamento de Macáo, heide considerar qualquer especie de opposição como directa rebelião.

Para evitar a triste consequencia da tormenta causada por Soldados, e Marinheiros raivosos, V. Excellencia, e o Governamento de Macáo tem em seu poder o remedio pela immediata admissão de hum Destacamento de Tropas Britanicas para assistir a V. Excellencia, e ás Tropas Portuguezas em defeza da Coroa de Portugal.

A resposta de V. Excellencia se espera com a demora mais pequena possivel.

Temos a honra de ser

De V. Excellencia

Obedientes Criados

Wm. O. B. Drury

Admiral da Bandeira Branca, Commandante em Chefe das Forças Britanicas de S. Magestade nos Mares de Leste.

Ths. Robertson

Capitão Engenheiro Commandante das Tropas.

P. S. Essa notificação será entregue a V. Excellencia pelo Honoravel Capitão Wm. Pakenham da Marinha, e Capitão Pearci da Artilharia.

Continuar-se-ha.

CURIOSIDADES.

Da Academia Real da Marinha.

Pertendendo a Augustissima Rainha a Senhora D. Maria I. erigir hum Curso de Mathematica para maior perfeição da Nautica, e Fortificação, habilitando por este modo maior numero de vassallos, que podessem contribuir para o augmento, e prosperidade da Navegação, e para a defeza do Reino, e progressão de luzes, estabeleceo nesta Capital, e pelo Alvará de 5 de Agosto de 1779 a Academia Real da Marinha, designando o sitio das Aulas junto do Real Collegio dos Nobres, composta de tres annos lectivos, leccionando em cada hum o seu Professor, que explicão as materias seguintes: o 1.° ensina Arithmética, Geometria, Trigonometria Plana, o seu uso prático, e os principios elementares da Algebra até ás Equações do segundo gráo: o 2.° prosegue na continuação da Algebra, na sua applicação á Geometria, e no ensino do Cálculo Differencial, e Integral; e explica os principios fundamentaes da Stática, Dynâmica, Hydrostática, Hydraulica, e Optica: o 3.° tem a seu cargo ensinar Trigonometria Esférica, e a Arte da Navegação Theórica, e Prática. As lições de cada huma destas tres Aulas durão hora e meia; e nos Sabbados ha exercicios literarios.

Junto á Aula da Navegação havia huma Salla, em

que estavão os Instrumentos Astronómicos, e Maritimos; donde os primeiros se tiravão para o uso diario do Observatorio desta Real Academia, que anda annexo ao terceiro anno: porém mudou-se este Observatorio para a Ribeira das Náos, aonde os Alumnos da Academia praticão actualmente as suas observações. Para que os Alumnos tenhão sempre hum estímulo, que os obrigue a seguir sériamente os seus estudos, e para que a admissão dos mesmos seja fundada no conhecimento das Sciencias que leccionárão, no fim de cada anno lectivo fazem exame; e em cada Aula se distribuem seis partidos em prémio do merecimento dos Alumnos, que melhor fizerão os seus exames, e completárão os seus respectivos estudos. Os prémios são de setenta e dois mil réis cada hum. Estes exames são feitos pelos tres Lentes, e o tempo do exame dura huma hora: a materia delle consta dos tres bilhetes, que vinte e quatro horas antes do acto extrahem por sorte; depois do qual dão secretamente os Lentes o seu voto para a approvação, ou reprovação do Alumno, que no caso de ser reprovado continúa na mesma Aula.

Ninguem póde entrar no Real Serviço, seja como Official da Marinha Real, ou como Piloto sem ter frequentado este Curso Mathematico, haver feito exame geral, e nelle ter sido approvado: e os Aspirantes aos Postos de Officiaes Engenheiros concluem nesta Real Academia o Curso de Arithmetica, Geometria, Trigonometria Plana, Cálculo, e suas applicações á Stática, Dynâmica, Hydrostática, Hydraulica, e Optica nas Aulas dos respectivos Lentes; depois do que, sendo approvados transferem-se ás Aulas de Fortificação, e Engenharia.

Nenhum Lente póde ser elleito para esta Real Academia sem completar o Curso Mathematico de cinco annos na Universidade de Coimbra, ter feito todos os actos, e tomado gráo de Licenciado, e ser proposto pela Faculda-

de de Mathematica da mesma Universidade. Os seus Substitutos são nomeados do mesmo modo que os Professores; e huns e outros gozão, pelo mesmo Alvará, de todos os Privilegios, Indultos, e Franquezas, que os Lentes da Universidade de Coimbra; igualmente os Alumnos, que legitimamente frequentão as lições desta Real Academia tem os mesmos Privilegios, que os Estudantes daquella Universidade.

São actualmente os Lentes desta Real Academia:

Os Ill.mos Sr.es Francisco Villela Barbosa — do 1.º anno. (1)
Francisco Simões Margiochi — do 2.º anno.
Mattheus Valente do Couto — do 3.º anno. (2)

A sciencia de cada hum destes Illustres Membros da Regia Academia he tão manifesta, como reconhecida a sua inteireza. Verdadeiros conhecedores do mérito só distribuem o prémio a quem delle se fez digno; e he só digno a seus olhos o Alumno, que apto para os estudos, a que se dedica, he effectivo ás respectivas lições.

Os Alumnos, que no corrente anno se fizerão dignos, e obtiverão os partidos, conforme a publicação, que se fez dos premiados na abertura das Aulas no dia 14 de Outubro proximo passado, forão os seguintes:

---

(1) Este Illustrissimo Lente he Author do novo Curso de Geometria Plana, que está na prensa, e vai a ser publicado, e adoptado nesta Regia Academia. Esta Obra tem merecido o maior conceito dos Sabios da Faculdade.

(2) A Trigonometria Esférica adoptada no Estudo do 3.º anno he producção deste Illustrissimo Lente.

Premiados do 1.° para o 2.° anno, que se habilitão para o Serviço da Marinha Real:

Os Senhores Anselmo José Carlos de Oliveira.
Vicente José Bordallo.
Fernando Carlos da Costa.
João Francisco Régio Reis.
João Ferreira Campos.
José Everard.

Premiados do mesmo anno, que se habilitão para a Engenharia:

Os Senhores Fortunato José Barreiros — Alferes do Regimento de Infanteria N.° 5.
Joaquim das Neves Franco — Tenente do Regimento de Infanteria N.° 16, e Ajudante d'Ordens Interino do Excellentissimo Senhor Tenente General Blunt.
José de Vasconcellos Sarmento e Sá — Tenente do Regimento de Infanteria N.° 5.
João Justinianno da Silva — 2.° Tenente de Artilharia N.° 2.
Frederico Mauricio Peirane Chatoneuphe — 1.° Tenente de Artilharia N.° 2.
João Pedro Soares Luna — 2.° Tenente de Artilharia N.° 3.

Premiados do 2.° para o 3.° anno:

Os Senhores Balbino Caetano Carvalho e Mello.
João José da Cunha Bastos Estrella.
* Germano Maximo de Sousa Leal Aranha.
* Antonio Deniz do Couto Valente.

Os Snr.es * Innocencio Monteiro Borges.
* José Alemão de Mendonça.

Para honra do Senhor João José da Cunha Bastos Estrella, e para estímulo dos que o quizerem imitar deve-se fazer publica, e especial menção de haver este singular Alumno estudado o 2°, e 3° anno em hum só anno, tornando mais extraordinario este facto pela razão de que, havendo alguns Alumnos prehenchido os estudos do 2°, e 3°. annos, estes tem sido voluntarios no 3°, e por conseguinte tinhão de menos a obrigação de frequentar o observatorio, annexo ao 3° anno; quando o Senhor Estrella sendo matriculado no 3° anno, e no Observatorio, e voluntario no 2° passou a effectivo, e a matricular-se no 2° pelos excellentes actos, e honrosas informações dos respectivos Lentes do 2°, e 3° anno, pelas quaes obteve Aviso da Secretaria de Estado da Repartição da Marinha para ser matriculado no 2° anno, cousa que até agora não tem acontecido, pela difficuldade de frequentar tres Aulas diariamente quasi todo hum anno, e sahir em todas tres plenamente approvado, e em huma dellas premiado.

Os quatro ultimos Alumnos notados com o asterisco tinhão sido tambem premiados no 1° para o 2° anno, o que he prova evidente da sua applicação, e do proveito que hão tirado dos seus Estudos: igualmente o foi o primeiro; porém em época remota.

Os Alumnos, que se habilitão para Engenheiros recebem os seus prémios pela Thesouraria das Tropas; e os que se destinão para a Marinha recebem-nos pelas Contadoria da Marinha.

Achão-se matriculados no primeiro anno 110 Alumnos: no segundo anno 32, e hum voluntario: no terceiro anno 21, e hum voluntario.

Por todo o deduzido se conhece, quão util tem sido

e he esta Regia Academia, e quão grande he o aproveitamento, e a honra, que della resulta á Nação; já pela propagação das luzes, que antes desta Instituição só se adquirião desta Faculdade na Universidade de Coimbra, onde muitos não podião frequentala pela escacez dos meios de se sustentarem alli, ao que S. Magestade occorreo instituindo-a nesta Capital; já fazendo que sobresaião, pelo maior número de Alumnos, talentos iguaes ao segundo Premiado do 3° anno, e deste modo patenteem ás mais Nações, que em Portugal se fazem grandes progressos nas Sciencias, e muitos dos nossos Sabios não cedem o passo aos mais abalizados das Nações Estrangeiras.

POESIA.

(Artigo communicado.)

ODE SAPHYCA. (1)

ROma, dumique Elysii valete.
Hic, quibus sanctæ placuere ripæ;
Largius Vati properant sorores
Ludere Phœbi.

Ruris accedunt iterans choreas
Turba, lacivæ Dryades Napœæ
Ternaque amplexus hilarat beato
Gratia risu.

(1) Pareceo-me digna da publicidade esta Ode Saphyca do nosso Poeta o Cavalleiro Botelho, e por elle mesmo mandada esculpir em tres grandes pedras mettidas na parede da sua casa, na Villa da Torre de Moncorvo, junto ao Chafariz das Avelleiras, sahindo da Villa pela estrada, que conduz ao Rio Douro. Pertendi saber particularidades da vida do Author, consultei alguns dos seus Patricios, e nada pude alcançar de consideração. Julgo porém a proposito transcrever o mais interessante, que delle disse Bernardino Pereira de Arósa, natural da mesma Villa, e que se encontra no fim do Poema = El Aphonso = da edição de Salamanca de 1731, em 4.°

,, O Cavalleiro Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, ou Francisco Botelho de Vasconcellos (que de hum e outro modo o nomeavão na sua Patria) nasceo na

Pulchra gens venit juvenum Deorum,
Venit et leni Venus alma curru,
Et nimis, qui me teneri ferire
Nostis Amores.

Sic Deos inter libet otari,
Spernere. et vulgus juvat, est enim plebs
Et superborum procerum, patrumque,
Est quoque Vatum.

Torre de Moncorvo, Villa de 300 visinhos na Provincia de Tras-os-Montes, do Reino de Portugal, e foi baptizado em 6 de Agosto no anno de 1670. He filho de Francisco Botelho de Moraes, e de sua mulher D. Beatriz de Vasconcellos Saraiva. Neto pela parte paterna de Paulo Botelho de Moraes, Cavalleiro da Ordem de Christo, e de sua mulher D. Isabel Coelho. Pela parte materna he neto de Antonio de Amaral Amado, Capitão Mór de Freixo de Numão, Horta, e Touça, e de sua mulher D. Beatriz Saraiva de Vasconcellos. De mui tenra idade foi para Madrid, debaixo da protecção de hum Tio seu, e lá viveo muitos annos, adquirindo o conhecimento de varias Artes, e Sciencias. Soube perfeitamente a Lingua Hespanhola, e nella compoz muitos versos, que forão estimados, e lhe grangeárão protectores. Os que mais o favorecêrão forão o Almirante D. João Thomás Henriques de Cabrera, o Duque de Alba D. Antonio Martin de Toledo, e o Duque de Arcos D. Joaquim Ponce de Leão e Lencastre. Quando o Almirante passou pela Torre de Moncorvo visitou o Pai do Cavalleiro Botelho, e disse publicamente: que não quizera passar adiante sem venerar a casa aonde havia nascido hum tão grande Genio. A guerra, que então se ateou, o fez restituir á Patria, e deixandose vêr em Lisboa, lhe fez o Senhor Rei D. João V. mercê do Habito de Christo com huma pensão na Commenda de S. Pedro de Felgosinho. Fez hum gyro pela Europa, e se deteve alguns annos em Roma, no Collegio dos Padres da Missão, aonde rejeitou a nomeação de Secretario, e numeramento Academico, que os Arcades lhe fizerão. A morte de seu Pai o chamou a Portugal para tratar da sua herança. Teve o Poeta muitos émulos, que o insidiárão, e até lhe attribuírão papeis nocivos, valendo-

Nihil agent. Nobis vigilatus olim
Vivet Alphonsus, Duce cumque sacro
Me mea immistum superis paremque
Carmina reddent.

Nascitur paucis populum sui, qui
Cogitat secli. Colitur, rogosque
Effugit, numquam docilis latendi
Candida Virtus.

De Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos.

---

se de hum sujeito insigne em furtar letras, e firmas. Retirou-se á Torre de Moncorvo aonde vivia em 16 de Agosto de 1730. Em Outubro do mesmo anno passou a viver em Salamanca com resolução de lá acabar sua velhice. Compoz a sua = Historia de las Cuevas de Salamanca = e o Poema = El Alphonso = que lá imprimio. „

Eis o que se dignou noticiar-me, além desta preciosa Poesia, e sua bellissima Traducção, o Illustrissimo Senhor Manoel Ferreira de Seabra, a quem dou os meus devidos, e sinceros agradecimentos.

TRADUCÇÃO.

FIca-te, ó Roma, adeos Campos Elysios.
Aqui de Phebo Irmans, que o sitio encanta,
Na doce inspiração, mimo do Vate,
Forcejão mais donosas.

Choréas renovando a turba agreste
Gentis Napeas, Dryades occorrem,
As Graças que no rizo o preço dóbrão
De candidos abraços.

De moços divos linda gente acresce,
Vem no coche argentado a meiga Venus,
Nem vós, que tanto e tanto me feristeis,
Faltais, tenros Amores.

Entre Numes assim folgar he doce,
E o vulgo desprezar rude, e profano,
Uzo de altivos, e soberbos Grandes,
Tambem compete aos Vates.

Vate a inércia calquei: por nosso empenho
Alphonso ha de existir, e o Santo Guia,
E o Canto meu, que outr'ora inspirou Phebo,
Hade igualar-me aos Deoses.

A pouco estende o nome o que só cura
Do século em que vive: em quanto brilha
Difficil de occultar-se, e foge o Lethes
A cândida Virtude.

Do Illustrissimo Senhor Antonio Luiz de Seabra.

ANECDOTAS.

O Duque de Bragança D. Theodosio sendo visitado pelo Duque de Uceda conferio-lhe o tratamento de Excellencia; porém o Fidalgo Hespanhol deo-lhe unicamente o de Senhoria. Os Criados do Duque de Bragança, que o amavão, procurárão ler no semblante de seu Amo, se devião ou não desagravalo de hum tão grosseiro insulto. D. Theodosio, que lhes conheceo as intenções, voltou-se para elles, e lhes disse: = Reportai-vos, he melhor que se diga: o Duque de Uceda faltou á politica, do que o Duque de Bragança vingou-se de huma puerilidade. = E voltando-se para o Hespanhol continuou socegadamente a conversação.

Hum Bispo fez hum resumo da Doutrina, e mandou aos Parochos da sua Diocese, que não desobrigassem do preceito quaresmal pessoa alguma sem que o soubesse de cór. Hum Velho vendo aproximar-se o tempo da desobriga, e que não o sabia, foi ter com o Bispo, e pedio-lhe que o dispensasse, por quanto por muito velho, falto de memoria, e achacado não lhe era possivel decorar nem duas regras; ao que respondeo o Bispo: = Pois sim, meu Filho, eu vos dispenso; porém se vós daqui a trinta dias o decoráreis, dar-vos-hei trinta mil reis. = Foi-se o bom Velho, e antes de findo o tempo voltou á presença do Prelado a quem repetio de cór todo o resumo, e immediamente lhe mandou contar os trinta mil reis; e chamando o Meirinho disse-lhe: = Leve-me este interesseiro prêzo para o aljube, e não seja solto em quanto não gastar alli até o ultimo real desse dinheiro, que recebeo.

LISBOA: Na Impressão Regia. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XXII.

MEMORIA.

Continuação dos successos de Macáo, na Memoria inserta no Num. XXI. a pag. 337.

AS expressões deste officio ferírão o coração honrado do benemérito Governador; porém callando o seu desgosto annuio á Proposta do Almirante, não só porque com huma Convenção salvava a Dignidade do Governo de Macáo, como tambem por não dar occasião a desagradaveis consequencias, que podião arrastrar comsigo a desharmonia das duas Coroas, a pezar do comprometimento em que se hia envolver, fazendo o contrario do que lhe recommendava o Mandarim de Hian-san, que era de não admittir Tropas Britânicas em Macáo.

Nomeárão-se de huma, e outra parte Pessoas idoneas, e convierão nos Artigos seguintes:

Convenção.

Sua Excellencia o Senhor Admiral Drury, Comman-

dante em Chefe das Forças Navaes de S. Magestade Britanica nos Mares da Azia, e o Conselho Geral de Macáo, por falta de Superior Authoridade debaixo da Presidencia do seu Governador, e Capitão Geral o Senhor Bernardo Aleixo de Lemos e Faria, Cavalleiro da Ordem de Aviz, Fidalgo Cavalleiro da Real Casa, Capitão de Mar e Guerra da Real Marinha de Goa, igualmente animados do desejo de promover a segurança deste Estabelecimento a S. A. R. o Principe Regente contra o poder da França, e seus Partidistas, e de não dar lugar á interrupção da Alliança, e cordial Amizade, que subsiste entre as duas Coroas Britanica, e Portugueza, para que durante a Guerra com a França, ou seus Partidistas, e em quanto o contrário não fôr mandado, fosse aqui admittido o auxilio de Tropas Britanicas, enviado por sua Excellencia o Excellentissimo Lord Minto, Governador, e Capitão General de todas as Possessões Britanicas na India, se resolvêrão concluir huma Convenção de Amizade, que trazendo a continuação desta, a bem da segurança da Praça, e seu Commercio, não encontrasse a policia do Paiz, e as suas antigas estipulações com o Governo Chinico. E nesta consideração noameárão para seus encarregados, a saber: S. Excellencia o Senhor Admiral Drury, ao Capital de Mar e Guerra o Senhor Hyrdin Caulfield, e ao Capitão Commandante da Tropa o Senhor Thomás Robertson; e o Conselho Geral de Macáo ao seu Presidente o Senhor Governador Bernardo Aleixo de Lemos e Faria já nomeado, e ao Senhor Miguel de Arriaga Brum da Silveira, Cavalleiro da Ordem de Christo, Desembargador, e Ouvidor Geral desta Cidade, os quaes depois de se haverem respectivamente communicado os Plenos Poderes, e conferido maduramente sobre a materia concluîrão, e conviêrão nos artigos seguintes:

I. Que a Policia do Paiz em todos os ramos da sua extensão tanto pelo que pertence ao seu dominante Culto,

como ao seu Commercio, Estabelecimentos Religiosos, Civeis, e da Fazenda, ficará no seu antigo estado.

II. Que os crimes commettidos contra Chinas seguirão o mesmo julgado estabelecido.

III. Que as ditas Tropas se terão como unidas ás Nacionaes para effeito de serem reguladas pelo mesmo plano debaixo das Ordens do Governo, que as fará accommodar ao melhor estado de defeza, combinando com o Commandante das Tropas Britanicas o que fôr carecendo de nova accommodação.

IV. Que nenhuma outra Bandeira será arvorada além da Bandeira Portugueza, ainda que as Fortificações poderão ser reparadas, e munidas com petrechos, segundo requerer o Commandante Official das Tropas Britanicas, e se julgar necessario depois de hum exame de pessoas apontadas pelo Governador para este fim, com tudo as munições, e petrechos trazidos pela Tropa Britanica ficarão guardados nos armazens públicos debaixo da direcção do Governador. O armazem será guardado por Tropa Nacional; porém se dará permissão a todo o tempo ás Tropas Britanicas para limpar, e vigiar a sua preservação.

V. Que a entrada, e a sahida dos Navios, que as Constituições estabelecidas admittir, não será interrompida por alguma revista da parte das Forças Britanicas auxiliares, logo que tenha chegado aos limites do territorio, e que os Navios Britanicos se devem considerar para a sua admissão no mesmo pé, em que se achava antes desta Convenção.

VI. Assim que forem assignados estes Artigos de Convenção se fará da parte da Governança de Macáo os necessarios esforços para evitar a complicação com o Governo Chinico, cooperando ambas as Nações para este fim, pelos laços da Amizade, que se julgão nesta época mais firmes; sendo o Governamento Británico responsavel a S.

A. R. pelas consequencias desta Convenção, tratada sem Ordem Superior de S. A. R.

Que estes seis Artigos terão o seu devido effeito para admissão do Destacamento, logo que sejão assignados, e ratificados pelo Real Admiral Drury, ou seus Officiaes Commissionados, Commandante da Tropa Britanica de huma parte, e da outra por S. Excellencia o Governador, e o Conselho de Macáo; e elles devem continuar com seu inteiro vigor até que instrucções se possão receber de S. A. R. o Principe Regente, ou do seu Lugar-Tenente o Vice-Rei de Goa, sendo tempo limitado para esta confirmação do Brazil dois annos, e de Goa hum anno da data desta.

Em fé do que, nós abaixo assignados em virtude dos nossos poderes, assignámos a presente Convenção, e a sellámos com o sinete das nossas Armas. Feita em Macáo a 21 de Setembro de 1808.

(Assignados, e Sellos) Bernardo Aleixo de Lemos e Faria.

Gordon Caulfield.

Miguel de Arriaga Brum da Silveira.

Thomás Robertson.

Ratificado hum por assento do Conselho Geral da Cidade, e outro pelo Admiral Drury, etc.

Continuar-se-ha.

P. J. Carreé, copiou   Fen.ᵃ Vilhe exculp

DESCRIPÇÃO

Do Convento de N. Senhora de Jesus.

O Convento de N. Senhora de Jesus, dos Religiosos da Terceira Ordem de S. Francisco, teve origem em huma Ermida, em que habitava hum Ermitão no sitio dos Cardaes, e de que tomárão estes Religiosos posse em 1595, onde fizerão Hospicio; porém sendo este mui limitado para a acommodação dos mesmos Religiosos, então já em maior numero, escolhido o sitio onde se acha edificada actualmente a Igreja, lançárão a primeira pedra do edificio em 30 de Julho de 1615, em que se disse a primeira Missa a 24 de Fevereiro de 1623. O Arcebispo de Lisboa D. João Manoel no anno de 1633 fabricou-lhe a Capella-Mór por cuja razão ficárão sendo os Padroeiro della os Excellentissimos Marquezes de Tancos.

Esta Igreja soffreo muito pelos violentos impulsos do terramoto de 1755; mas só ficou totalmente arruinada na noite de 20 de Janeiro de 1756, em que abateo o tecto, se perdeo o Coro, a peça de melhor gosto, e o mais regular, que havia na Côrte, e se arruinárão as preciosas alfaias, ornamentos, e paineis, que servião de adorno a esta Igreja.

Pelo zelo, e actividade do Padre Mestre Fr. José Teixeira, Commissario Provincial; do Excellentissimo D. Fr. Manoel do Cenaculo, Mestre do Serenissimo Principe D. José, depois Bispo de Beja, e ultimamente Arcebispo de Evora; do Reverendissimo Padre Mestre Mayne, Confes-

sor do Senhor Rei D. Pedro III, e do mesmo Serenissimo Principe; e do Reverendissimo Padre Mestre Sarmento se reedificou este bello edificio, cuja frontaria, e espaçoso adro he do desenho do Arquitecto Joaquim de Oliveira, e como se vê da estampa em frente. A sua localidade, na eminencia de hum grande largo em frente de duas ruas; a regularidade da sua arquitectura, decorada de pilastras da Ordem Jónica, sobre outras da Ordem Dórica; a bella execução do lavor dos seus ornatos, grandes vasos de cantaria; duas estatuas de Santos nos nichos lateraes; o recorte da empena, agradavel por se afastar da monotonia das rectas, e linhas obliquas; os dois corpos reintrantes dos lados, do direito com a porta de ferro que dá entrada á Capella dos Terceiros, do esquerdo a Portaria do Convento com hum largo passeio de lagedo tendo á frente huma balustrada; tudo concorre para ser considerado este edificio como hum dos mais bellos, e regulares modernamente construidos.

A Capella dos Terceiros Seculares desta Ordem, para a qual se entra tambem pelo Cruzeiro da Igreja da parte do Evangelho, he muito attendivel por ser quasi huma Igreja separada com Altar-Mór, e Altares lateraes: Esta tem alli mesmo hum Hospital para os seus Enfermos exaustos de meios.

No Corredor, que dá serventia ao Cruzeiro da Igreja do lado da Epistola para a Sacristia, que fica por detraz da Capella Mór está collocado hum mausoleo de marmore, que dois Leões da mesma pedra sustentão, onde estão depositados os ossos de Antonio de Souza de Macedo, Secretario de Estado do Senhor Rei D. Affonso VI, e Fundador da Casa de Mesquitella. As paredes, e abobada deste corredor estão cobertas de azulejo, no qual se lêm Versos Latinos, e Portuguezes da composição deste Author, proprios a dispertar a contemplação dos que visitão a habitação dos mortos.

Se este edificio se torna recommendavel pelo seu material, muito mais o deve ser pelas suas Instituições Scientificas; quaes a sua magnifica Livraria, os Gabinetes de Historia Natural, de Pinturas e Desenhos, Aulas da Lingua Arabe, Filosofia, etc.; e não menos pelos Homens Illustres que tem produzido a distincta Ordem, que o habita.

A Salla da Livraria tem duzentos e oitenta palmos de comprido, e oitenta de largo, e occupa na sua altura os tres pavimentos dos Claustros do Convento, e recebe a luz de 28 janellas. As estantes, em que está colocada, formão dois corpos, divididos por huma cimalha, e huma balustrada geral, para cujo segundo corpo de estantes se sóbe por quatro escadas em caracol, collocadas no interior de huns corpos salientes, e convexos, que nos quatro ângulos da Salla ornão, e prendem as estantes dos lados ás dos topos da mesma Salla. Sobre a cimalha real no prumo de cada pilar das divisões das estantes está collocado hum busto dos Sabios mais distinctos de todas as Nações. Alli a par de Virgilio se vê o nosso Camões; a par de Newton o nosso Nunes; a par de Cicero, Tacito, e outros Mestres da Eloquencia, e da Historia estão Osorio, Foreiro, Macedo, Barros, Resende, Goes, e outros muitos distinctos Sabios da Nação Portugueza, primorosamente esculpidos, e pintados fingindo marmore, o que junto com o grande quadro do tecto, representando as Sciencias, e as Virtudes presididas pela Religião, e a pintura, e doiradura dos ornatos, que embelezao as estantes, sobresahindo a tudo as primorosas encadernações de hum grande numero de Livros, e edições raras, acreditão esta Livraria huma das mais curiosas, e a mais elegante desta Capital. (1) Fren-

---

(1) La premiere de ces biblioteques, dans le grand batiment sur la place du commerce, renferme plusieurs ou-

teiras ás cinco janellas se encontrão do lado esquerdo cinco portas com caixilhos de vidro de espelho, huma das quaes dá serventia ao Gabinete de Pinturas, e outra á Salla dos Manuscriptos, e a varios Gabinetes de estudo, onde sem a distracção, que motiva a concorrencia dos Estudiosos, e o rumor das escadas portateis, se permitte ás Pessoas de maior respeito alli poderem entregar-se á lição; commodidade que em nenhuma outra Livraria Pública de Lisboa se encontra. Possue entre muitos outros preciosos Manuscriptos hum Missal escripto em pergaminho, com arabescos, tarjas, e emblemas formando cercadura em cada pagina, e no principio das principaes Festas do anno se vê na mais delicada miniatura representada a passagem da Escriptura propria da Festividade, obra do delicado pincel de Estevão Gonsalves Neto, Conego da Sé de Viseu, e hum dos famosos Miniatores Portuguezes. Este singular Manuscripto he dádiva do Excellentissimo Arcebispo de Lisboa D. João Manoel.

O Gabinete de Pinturas compõe-se de mais de quatrocentos quadros, entre os quaes algumas Passagens de Pilleman, retratos de Batoni, Fogos de Diogo Pereira, e varias cópias de objectos naturaes de Joaquim Manoel da Rocha, e muitos Desenhos deste, e de Francisco Vieira Lusitano, dispertão a attenção dos Curiosos: porém a Pintura, que mais ennobrece, pela sua posse, este Convento he o grande quadro do Senhor Ressuscitado, original de Rubens, que está no Coro. Na Casa dos Geraes ha hum Retrato da Senhora Rainha D. Marianna, da composição de Francisco Vieira Lusitano.

O Gabinete de Historia Natural occupa tres sallas no

---

vrages importans, même quelques ouvrages d'histoire naturelle très-curieux. La biblioteque du Couvent de Notre Dame de Jesus. Ces deux biblioteques peuvent soutenir la comparaison avec plusieurs biblioteques públiques des villes considérables de l'Allemagne. Linck, Voyage en Portugal.

claustro debaixo , onde além de hum rico Monetario se achão muitos artefactos de Artes , e Officios ; huma boa collecção de amostras de madeiras , hum excellente apparelho de louça de Saxonia, dádiva da Munificencia do Senhor Rei D. Pedro III. ao seu Confessor , e muitos outros objectos curiosos : do reino animal he que possue menos objectos.

Da Aula da Lingua Arabe , unica deste Reino , he Professor o Muito Reverendo Senhor Fr. Mancel Rebello da Silva, actualmente frequentada por alguns Religiosos da mesma Ordem. Ha tambem huma Cadeira Regia de Filosofia para Estudantes externos.

Entre os Varões , que tem produzido esta respeitavel Ordem , merecem particular menção os seguintes :

D. Fr. Paulo da Estrella , Bispo de Meliapor, que fez muitos serviços a este Reino nas Conquistas da Azia. Os Gentios o respeitavão pelas suas virtudes. O Nababo do Pondecheri lhe fez presente de preciosissimos diamantes, e outras pedras de inestimavel valor , assim como o Rei de Golconda de huma copa de ouro , e rico serviço de meza.

D. Fr. Matheus de S. Francisco, elleito Bispo de Meliapor por Felippe III. , e de Angola pelo Senhor D. João IV. , e Capellão Mór da Armada de Mathias de Albuquerque, com quem valoroso concorreo na victoria alcançada contra os Hollandezes em 4 de Agosto de 1633. Foi tambem Administrador Geral dos Exercitos deste Reino pelo mesmo Senhor D. João IV.

D. Fr. Francisco de Santo Agostinho, Bispo de Cabo-Verde foi adornado de muitas virtudes, e pelo respeito que estas lhe grangeárão Mr. Francisco Schomberg Ministro Plenipotenciario da Hollanda o presenteou com a cruz peitoral, e o annel, de que usava , por isso mesmo que erão dádivas de hum Individuo de diversa Religião.

D. Fr. Manoel do Cenáculo Villas Boas , Arcebispo

de Evora, Varão Evangelico, que se offereceo em holocausto á furia dos bárbaros Francezes na desastrosa entrada de suas Tropas em Evora, para livrar o Povo de quem era o Prelado, o Amigo, e o Bemfeitor. As escavações de Béja, onde se encontrárão bastantes troços de estatuas, vasos, e muitos outros restos de monumentos de Esculptura Romana, a bella Livraria Archipiscopal de Evora, e os seus Escriptos mostrão, quanto este Sabio, e Virtuoso Varão amava, e protegia as Artes, e aos que a ellas se applicavão. A Livraria deste Convento possue huma Biblia Moguntina, dádiva deste Excellentissimo Arcebispo: a Real Bibliotheca Pública possue outra, e a Sextina, que tambem são dádivas do mesmo Illustre Sabio.

D. Fr. João Evangelista Pereira da Silva, Bispo do Pará; e D. Fr. Caetano Brandão, Arcebispo de Braga, forão igualmente Varões Apostolicos, e mui distinctos pelas suas grandes Letras, e vastos conhecimentos.

D. Fr. Alexandre de Gouvea, Bispo de Pekim, e o primeiro Doutor, que houve, Regular em Mathematica na Universidade de Coimbra, foi pela sua Sciencia tão estimado do Imperador da China, que o nomeou hum dos principaes Mandarins da sua Côrte; e em attenção a este Sabio consentio, que se prégasse o Evangelho em seus Estados, e para instrucção dos Neofitos compoz este Douto Varão hum Cathecismo na Lingua Chineza.

Fr. Fernando de Santo Antonio, que mereceo em Roma grandes créditos pela sua Sciencia.

Fr. Fernando da Resurreição, cujas virtudes, e doutrina merecêrão, que o Senhor Rei D. Pedro II. o viesse ouvir prégar a este Convento.

Fr. Francisco da Natividade, Professor de Theologia na Universidade de Coimbra, cujo espirito de humildade fez, que recusasse por muitas vezes Bispados no Ultramar.

Fr. José da Conceição, que pela delicadeza do seu

juizo foi chamado vulgarmente o Scottinho, e que igualmente não acceitou o Bispado de Angola, que o Senhor Rei D. João V. lhe mandou offerecer.

Muitos outros Religiosos illustres pelas suas virtudes, e Sciencias devêra nomear; mas a natureza deste Periodico não o permitte: basta a indicação dos mencionados para se demonstrar, que esta Ordem tem sido muito respeitavel em Portugal, e que o continúa a ser pelos Varões, que actualmente existem, e que a sua modestia me prohibe a indicação de seus Illustres Nomes.

POESIA.

EPISTOLA.

Remettendo a Tirsea a traducção de huns Versos de Saint-Evremond.

NA frouxa traducção, que te apresento,
Expondo de outro amante o sentimento,
Como se fosse o meu, tomalo deves
Sem que em fero rigor tua alma ceves.
Acabe de huma vez fria indif'rença,
E abraze-te de Amor a chamma intensa.

Vence, Tirsea, teu caprixo insano;
Mais que Luso não he varão Britano:
Os homens são iguaes por nascimento,
Toda a dif'rença faz o mer'cimento.
Britano, ou Portuguez mérito havendo,
A ambos tributo de respeito eu rendo.

Vãa preocupação não te agrilhoe,
Razão nos labios teus, e n'alma soe.
Exemplo de mim toma, e delle aprende.
Ah! quem meu coração e doma, e prende?
Quem de ternura a suspirar me obriga?
Quem minha liberdade em ferros liga?
Será Ninfa gentil do Tejo ameno,

Quem turba o estado meu grato , e sereno ?
Ah ! não , de certo não ; vem do Tamiza
A Ninfa , que commigo sympathiza.

Es tu , cara Tirsea , quem me aprazes ,
Quem a meu coração imperio trazes.
Tenaz systema d'indif'rença eu deixo ,
E á voz dos erros seus ouvidos feixo.
Erótica mania me assaltêa ,
Assim que os olhos meus fere Tirsea.
Deixo de ser qual fui ; prêzo em teus laços
A ventura cubiço de teus braços.

Traducção dos Versos de Saint-Evremond.

SE sabes quanto te adoro,
Sabe tambem a tristeza,
Que eu sinto, quando estou longe
De tua amavel belleza.

Assenta, cara Tirsea,
Que a pena, que excita a ausencia,
He mal que se não conhece
Sem se fazer exp'riencia.

Não posso pintar-te, ó cara,
O tormento, que padeço;
Em vão suspiro, e me queixo,
Em vão com ais desfaleço.

Eu tenho magoas occultas
Que inintelligiveis ficão;
Que estes interpretes frouxos
Aos sentidos nunca explicão.

Sem se soffrer, o que eu soffro,
Ninguem póde avaliar
Os pezares, os martirios,
Que me agitão sem cessar.

Huma alma leda, e tranquilla
Não vê, nem péza a verdade
Dos males, que me produz
A tua rigoridade.

Eu não sou tão vão, que assente,
Que taes penas, taes tormentos,
Sendo communs, se conformem
Com os nossos sentimentos.

Supportando só rigores
Sem que tenha recompensa,
Bem conheço, que meus males
Não turbão tua indif'rença

Em quanto a melancolia
Com seu fel minha alma azéda,
E constante em magoar-me,
De quanto he gozo, me arreda;

Em quanto nos passatempos
Porque suspirava outr'ora
Occulta magoa pungente
Toda a minha alma devora;

Tu, sem que nada te ralle,
Sempre tranquilla, indif'rente,
Sem cogitar do futuro
Vais gozando o bem prezente;

E a, que excita ausente amante,
Tristeza tão delicada,
Como nescia, e vãa ternura
He por ti avaliada.

João Augusto da Cunha e Almeida Mattos Mexia Feyo.

ANECDOTAS.

Em huma Praça ameaçada de assédio, certos Cavalleiros em huma companhia, onde se achava outro por nome Sanção, disserão : = Nada ha que temer, pois temos aqui Sanção, que fará maravilhas. = Sim (disse Sanção); mas para eu fazer essas maravilhas he me preciso huma das vossas queixadas.

Hum Bufão de Tiberio fez parar hum enterro, e chegando-se á tumba disse : = Dize lá a Augusto, que os legados, que deixou a favor do Povo, ainda estão por cumprir. = Tiberio sabendo disto, fez ir o Bufão á sua presença, e mandou pagar-lhe o que lhe pertencia, e que depois o matassem, accrescentando : = Pódes lá dizer a Augusto, que estás satisfeito. = Eis ao que se arrisca o mordaz, quando falta ao respeito devido ao Soberano, ou aos seus Representantes.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XXIII.

MEMORIA.

Continuação dos successos de Macáo, na Memoria inserta no Num. XXII., a pag. 353.

EM observancia da Convenção desembarcárão as Tropas Inglezas, e se alojárão nas Fortalezas da Guia, e Bom-Parto; porém não satisfeito o Almirante Drury de não occuparem tambem a Fortaleza do Monte, principal ponto de defeza de Macáo, com o pretexto de haverem os Chinas roubado, e espancado hum Official Inglez, e insultado outros, requereo tambem occupar esta Fortaleza, protestando ao Governador tivesse a bondade de acreditar, que de modo algum intentava alterar os Artigos da Convenção, nem pertendia intrometter-se com os arranjamentos da protecção, e defeza da Cidade; mas sim para livrar as suas Tropas dos insultos dos Chinas: ao que mui attenciosamente respondeo o Governador desculpando-se com o ciume, e desconfiança, que causaria aos Chinas vendo

Tropas Britanicas na principal Fortaleza de Macáo, quando pelas Chapas (Officios) dos Mandarins do Districto lhe era recommendada a sahida daquellas Tropas daquella parte do Imperio Chinez, offerecendo-lhe o auxilio das Tropas Chinezas para haver de se dispensarem as Britanicas; como se vê nas Chapas seguintes:

1.ª Chapa do Mandarim de Hyan-san.

Senhor Procurador da Cidade.

Recebi a vossa Chapa, em que me participaes, que havendo intimado aos Inglezes a minha Ordem para se retirarem aos seus Navios, elles derão em resposta = Que a sua vinda a Macáo fôra praticada de commum acordo entre o seu Governo, e o Portuguez, por serem perpétuos Alliados, para ajudarem a defender a Cidade contra qualquer tentativa dos Francezes, visto não estar o Rei de Portugal em circumstancias de vos prestar soccorro algum: E que agora para elles sahirem de Macáo se fazia preciso esperar, que o vosso Soberano vos enviasse primeiro Soldados da vossa propria Nação, então elles se retirarião de volta para o seu Reino.

He constante, que Macáo he territorio da China, cuja Celestial Dinastia vo-lo concedeo, attendendo a terdes vindo de tão remota distancia negociar a este Imperio, para nelle repousardes; e por espaço de mais de duzentos e sessenta annos vos tem accummulado de avultados beneficios, tratando-vos como filhos, e sem differença alguma dos seus proprios Povos.

Os Francezes habitão além dos mares; e como se atreverião elles a vir de tão longe commetter o crime de introduzir Tropas no Territorio da Celestial Dynastia da China? Actualmente os Inglezes são vossos Alliados, e

como Parentes ; e por este motivo tem destacado Soldados da sua Nação para vos auxiliarem : mas elles devião lembrar-se de que dentro dos limites da Celestial Dynastia Chineza ha Mandarins de letras, e de armas, e muitas Tropas ; e que se as forças de Macáo por débeis não fossem sufficientes para defender a Cidade , eu requereria aos Excellentissimos Mandarins Grandes da Provincia, enviassem algumas centenas de Soldados para vos ajudar a defender, até que de Portugal chegassem Soldados da vossa Nação , a cujo tempo se retirarião os nossos.

Exponde pois estas razões ao Admiral, e Sobre-Carga Inglezes, intimando-lhes a ordem para que logo fação embarcar os seus Soldados para os Navios. E que não continuem a insistir na sua contumacia.

Anno 13 de Kia-King aos 27 dias da 8.ª Lua (16 de Outubro de 1808.)

2.ª Chapa.

Constando-me , que os moradores Chinas de Macáo successivamente se vão transportando para fóra, a pesar das minhas ordens prohibitivas , que não tem podido desterrar o susto dos seus corações , he para recear , que venhão para o futuro a faltar-vos os alimentos. Eu attendendo a vós Portuguezes , que de tão remotos Paizes viestes commerciar á China , onde tendes recebido avultados beneficios da Celestial Dynastia , que vos trata como filhos, sem differença dos seus proprios Póvos , não posso deixar de me magoar com a apparencia dos trabalhos, que vos ameação. Porém como na grande Fortaleza não ha Tropas auxiliares Chinezas, ha receio de que hajais de a ceder aos Soldados Inglezes , por este motivo os corações do Povo suspeitão, e temem. Agora se da nossa Tropa Chineza se destacarem robustos Soldados para ajudarem os vossos a guar-

darem a dita Fortaleza, os Chinas de Macáo vendo-a assim guarnecida ficarão sem suspeita, e sem susto, e mudarão de systema, e continuarão como d'antes na sua communicação commercial. Dizei-me, com brevidade, se assentis, ou não a esta proposta; e de como náo haveis de ceder a dita grande Fortaleza aos Inglezes me assignai hum Termo, com o primeiro para se entregar, e poder constar sem contravenção. He o fim especial a que esta se dirige.

Anno 13 de Kia-King aos 28 dias da 8.ª Lua (17 de Outubro de 1808.)

Pela participação destas duas Chapas cedeo o Almirante Drury da sua pertenção, e, ou porque se quiz certificar dos máos Officios, que suppunha fazer-lhe o Governo de Macáo, intrigando-o com o Governo da China, confirmando-o no receio das vistas hostis dos Inglezes, ou porque se deliberou a tratar este negocio directamente com o Suntó (Grande Mandarim) de Cantáo, se resolveo a ir pessoalmente a esta Cidade, para o que pedio hum Interprete, e lhe foi nomeado o Reverendo Rodrigo da Madre de Deos, Interprete da Cidade, que passou immediatamente para bordo da Náo Russel, ás ordens do dito Almirante.

Estavão as cousas neste estado, quando chegárão os Officios do Vice-Rei do Estado da India, o Excellentissimo Conde de Sarzedas, e apesar de serem as Ordens as mais positivas, comtudo nada influírão no systema adoptado pelo Governo de Macáo, que julgou, por isso mesmo que o Almirante Drury tinha duvidado dos sentimentos de fidelidade dos Habitantes Portuguezes daquella Colonia, tanto mais era do seu dever patentear a dignidade daquelle Governo, e a justiça dos seus procedimentos anteriores, pois que nada havia, que podesse afastar da linha dos seus deveres tão valorosos, e prudentes Varões, quaes

os de que se compunha o Governo daquella Cidade, posto que em huma tão complicada, e crítica situação, e apuro, como o em que se havião visto, sem ordens, ou instrucções, e entre dois Alliados tão uteis, quanto antigos, mas de oppostos interesses; e que a menor preponderancia a favor de hum serviria de estímulo para hum prompto rompimento, e talvez para huma queixa eterna.

A Proclamação, que acompanhava os Officios do Vice-Rei, e a Ordem para admittir o Governador de Macáo as Tropas Britanicas nas suas Fortalezas, entregar-lhes a artilharia, munições de guerra, e navaes, e submetter as Tropas Portuguezas ao commando do Almirante Inglez, são as que se seguem.

Bernardo José de Lorena, Conde de Sarzedas, do Conselho de S. A. R., Vice-Rei, e Capitão General de Mar, e Terra do Estado da India, etc.

Clero, Nobreza, e Povo do Estado da India, o Nosso Augusto Soberano não podendo soffrer as injustas propostas, e importunações do Dominante da Nação Franceza, que com o seu pezo, e influencia sobre todo o Continente da Europa tem ganhado huma força, a que se não póde resistir no mesmo Continente, pertendendo que o Nosso Soberano, e Senhor rompesse os vínculos mais sagrados, que ha seculos tinhamos contrahido com a fiel, e virtuosa Nação Ingleza, nossa íntima Amiga, e Alliada, e que em consequencia praticasse acções improprias das suas grandes Virtudes, Justiça, e Moralidade, deixando Portugal debaixo de huma Regencia Interina, em quanto o Grande Deos não dispõe de outro modo, o que devemos esperar da Sua Divina Providencia, retirou-se para outra parte dos seus grandes Dominios no Brazil, para o que concorreo muito Sua Magestade o

Rei da Grã-Bretanha, seu íntimo Amigo, e Alliado.

He muito provavel que os Francezes, seus Alliados, e Dependentes, tenhão a esta hora invadido Portugal, e tenhão o mesmo intento sobre todos os Dominios pertencentes ao Nosso Augusto Soberano, e á nossa Nação, devemos estar promptos em toda a parte para resistirmos, derramando todo o nosso sangue, se for preciso, para sustentarmos os seus Dominios, a nossa Religião, e as nossas saudaveis Leis.

Os Francezes, seus Alliados, e Dependentes, são os nossos inimigos: os Inglezes os nossos Amigos, que á custa talvez do seu sangue, e dos seus cabedaes nos prestão todos os auxilios para resistirmos ao inimigo commum; daqui vem a amizade, e estimação com que devem ser tratados, e reconhecidos por nós.

Povos, uni-vos quando for occasião ás Tropas: quanto possuimos, e as nossas vidas devemos empregar na defeza do Soberano, e da Nação, que existe sempre em quanto Elle existe, e os muitos meios, que Deos depositou nas suas Reaes Mãos.

Portuguezes, lembremo-nos finalmente, e mostremos ao Mundo na nossa defeza, e na dos nossos Fiéis Alliados, que somos Portuguezes na India. Palacio de Pangim a 6 de Junho de 1808.

Conde de Sarzedas.

Creio que já V. M.ce terá tido a certeza da retirada do Nosso Augusto Soberano o Principe Regente Nosso Senhor para o Brazil na mais perfeita, antiga, e agora eterna Amizade, e Alliança com a Nação Ingleza, e da invasão de Portugal por Exercitos Francezes, e Hespanhoes: Em consequencia remetto a V. M.ce a Cópia da minha Proclamação inclusa.

V. M.ce deixará desembarcar sem dúvida alguma as Tropas Britanicas, que ahi chegarem, e as deixará entrar em todas as Fortalezas, e Portos, que julgar conveniente o Commandante das ditas Tropas pertencente á inteira defensa desse Estabelecimento. A Tropa Portugueza V. M.ce a fará recolher ao seu Quartel, onde se deve conservar em socego; e no caso de ser tambem precisa, quando o Commandante das Tropas Inglezas o exigir, concorrerá tambem para os lugares, que elle lhe distribuir.

Além da artilharia, que se acha nas Fortalezas, se houver alguma reserva nos Armazães Reaes V. M.ce a entregará quando lhe for pedida; assim como outras quaesquer munições de Guerra, Embarcações, e munições Navaes pertencentes a S. A. R. V. M.ce as porá á disposição do mesmo Commandante das Tropas Britanicas para a necessaria defensa desse Estabelecimento contra os Francezes, seus Alliados, e Dependentes. Deos Guarde a V. M.ce Goa 7 de Julho de 1808.

Conde de Sarzedas.

Senhor Capitão de Mar, e Guerra Bernardo Aleixo de Lemos e Faria, Governador, e Capitão General de Macáo.

Poucos dias depois (em 20 de Outubro) que o Governador recebeo estas Ordens do Vice-Rei de Goa, chegárão mais Embarcações Inglezas com Tropa, cujo desembarque exigírão os Sobre-Cargas da Companhia Ingleza se fizesse, persuadindo o Governador aos Chinas, que tinhão sido exigidas por elle Governador, e para melhor os fazer persuadir seria conveniente, que entrassem na Taypa com Ban-

deira Portugueza : a esta proposição negou-se o Governador por não ser do caracter honrado de Portuguezes favorecerem enganos ; porém que nenhuma dúvida tinha em receber mais aquelle destacamento como fazendo párte da Guarnição já desembarcada ; mas como os operarios Chinas se retiravão de Macáo , e os das Provincias não vinhão com os mantimentos á venda pelo receio das intenções sinistras , que suppunhão nos Inglezes , rogava-lhes que não desembarcassem antes da conclusão da Conferencia do Almirante com o Suntó de Cantão.

Não forão attendidas estas judiciosas reflexões , e as Tropas desembarcárão ; mas o resultado foi crescer nos Chinas a tal excesso a desconfiança nos timoratos , e o rancor nos atrevidos , que os Mercadores , Artifices , e Vivandeiros retirárão-se para o interior ; e os Chinas das hortas , e vigias começárão a espancar os Sipaes , e Soldados Inglezes então desembarcados a ponto de , em huma occasião , deixarem hum Official Inferior por morto depois de lhe tirarem o Livro das Ordens , e roubarem-lhe o barrete , a farda , a cinta , e a espada ; e em outra de sahirem armados ao encontro do Primeiro Sobre-Cargas , e outros Empregados da Companhia Ingleza , e insultarem-os de palavras injuriosas ; ao que occorreo o Governador de Macáo mandando postar Patrulhas de Tropa Portugueza pelas ruas públicas , a fim de restabelecer a ordem , e fazendo participar tudo pelo Procurador da Cidade ao Mandarim de Hian-san , o qual respondeo em data de 30 de Outubro , que tendo o Imperador da China concedido só aos Portuguezes , e não a nenhuma outra Nação o terem aquella Colonia , e os Inglezes não tendo respeito ás Leis do Imperio tendo desembarcado com o consentimento dos Portuguezes , a estes he , que se devião imputar todos aquelles desastrosos acontecimentos : que se fossem os Inglezes , e que tudo seria em paz , e voltarião então os Artifices , e os Vendedores do

comestiveis a Macáo : porém os Inglezes tudo isto atribuião á pouca cooperação do Governador, suspeitando até que se correspondia occultamente com os Chinas indispondo-os contra elles.

Por este tempo chegou a Macáo Lucas José de Alvarenga para subtituir o Governador Bernardo Aleixo de Lemos, e como o Almirante Drury suppozesse, que nelle acharia mais condescendencia ás suas pertenções lhe dirigio esta Memoria.

Memorial apresentado ao Governador, que succedeo ao Governador de Macáo Bernardo Aleixo de Lemos e Faria, logo á sua chegada.

Eu estou bastantemente pezaroso de vêr, que as Tropas Britanicas forão recebidas em Macáo, mais como inimigas, do que amigas; e de que parece, que houve hum systema de letigiosas vexações, e suspeitosa dilação, usada em vez de huma entrada na acceitação de huma boa amizade. Eu estou convencido, que V. Excellencia não tem parte nisto, como devo crer ser V. Excellencia hum Official leal, honrado, e fiel, que tanto por seu dever, como por inclinação fará todo o esforço possivel para unir a amizade ha tanto tempo subsistente entre a Nação Britanica, e Portugueza, e trabalhar com as suas sábias luzes para conciliar o Governamento Chinico, e com as indispensaveis medidas, que a Grã-Bretanha foi obrigada a adoptar, a fim de preservar o Estabelecimento de Macáo para a Coroa de Portugal, e de que V. Excellencia fará o possivel esforço para evitar ciume, e discordia entre os habitantes, e as Tropas Britanicas; a qual sendo sciente da sua dignidade não supportará directo, ou indirecto insulto, e sendo costumada a experimentar todo o conforto, segundo as circunstancias lhe permittem; elles sempre o es-

perão, e he absolutamente necessario, que elles sejão bem alojados, e em todo o sentido bem tratados, e cuidados, e de que fiquem juntos, e sós debaixo da immediata sindicancia dos seus proprios Officiaes. Como a paz, e segurança de Macáo he o unico objecto de ser occupado pelas Tropas Britanicas, eu não posso suspeitar, que as sábias, e leaes intenções de V. Excellencia encontrarão opposição no Conselho do Governamento, altamente prejudiciaes aos interesses da Real Familia de Portugal, como tambem da Grã-Bretanha, seria bom admoestar, e avisar a essas Pessoas, de que em caso de qualquer movimento, ou convulção no Estabelecimento de Macáo occasionado por malignas, e perversas maquinações, eu não hei de hezitar em assistir a V. Excellencia para fazer remover, e sahir do Estabelecimento similhantes Pessoas no momento que tiver noticia.

Como eu tenho communicado ao Vice-Rei de Cantão a causa porque occupei em Macáo Tropas Britanicas, eu sou responsavel ao Governamento Chinico por este passo, que tenho dado; sómente receberei avisos, ou os communicarei com o Vice-Rei de Cantão sobre hum assumpto de tanta delicadeza, e importante á China, Inglaterra, e Portugal, o que eu rogarei a V. Excellencia de fazer com que se communique aos Mandarins de Macáo.

(Assignado) Wm. O. B. Drury.

Continuar-se-ha.

POESIA.

ANALIA

OU

O FURTO DO CO'PO NAS AGUAS FERREAS DE ROIOS. (*)

POr entre erguidas, magestosas serras,
Que parecem tocar no Firmamento,
Em Roios huma veiga se divisa
Amena, fertil, socegada, e bella.
Manso regato, que das penhas desce,
Por entre as flores serpeando airoso,
Lhe augmenta o brilho, seu matiz lhe augmenta.
Atrevidos, frondosos castanheiros
Se levantão de hum lado, e de outro lado;
Eterno canto de innocentes aves

(*) O Lugar de Roios, Termo de Villa-Flor, Commarca de Moncorvo, he talvez hum dos mais bellos da Provincia de Tras-os-Montes. A povoação he mui pequena, e não consta de mais de 60 visinhos; porém he mui bem situada, e abundante de boas aguas, que muito concorrem para a sua fertilidade. As serras, que rodeão este Lugar, o abrigão dos grandes ventos. Tem varzeas que produzem todos os fructos, e excellentes; no cimo de huma dellas ha huma nascente de Aguas Ferreas. O vinho de suas encostas he talvez o mais generoso da Commarca.

Ressôa d'entre os ramos verdejantes.
He sitio encantador, he sitio proprio
A's lidas do Vendado, a seus suspiros,
Se de Roios os frios habitantes
De Amor nas lidas suspirar soubessem.

No cimo deste valle, de Aguas Ferreas
Huma fonte rebenta, onde se espelha
O Ceo sereno, o trémulo arvoredo.
Aqui cercada das mimosas Graças,
Calcando as flores, que viçosas surgem,
Vinha Analia beber só quando Febo
Quasi nas ondas escondia a face;
Vinha Analia beber, — vinha com ella
O doce Amor já lasso de encontrala
Sempre insensivel, inimiga sempre
Das leis eternas com que o mundo rege.
Deosa na face a delicada Analia,
Mas o peito de bronze, e inabalavel,
As dilicias de Amor não conhecia,
Os ouvidos furtava ás meigas vozes,
Cerrava o coração de Amor ás setas.

Que poderes não tem o mago encanto
De huma face divina, e airoso porte!
Era Cupido mesmo que aspirava
Ao gosto dos amores desta Ninfa,
A' posse de thesouros tão sublimes.

Alegre, e não cuidosa a dura Analia
Co' a mão de neve, que invejára Venus,
Na fonte mergulhando vitreo Cópo,
Aos labios de rubim a linfa applica.
Por tres vezes bebeo, e por tres vezes,

Entre os verdes raminhos escondido,
Cupido suspirou, e a seus desejos
Mandou que fossem da gentil Analia
Nos labios espirar, morrer de amores.

No tronco de hum frondoso castanheiro
Analia junto á fonte esconde o cópo.
Cupido o caso vio, e allegre salta;
Corre ao sitio batendo as lindas azas;
O Cópo furta; e ora ao branco peito
O apertava n'hum extasis suave;
Ora chegando-o aos labios parecia
Nunca fartar-se de beijar o extremo
A que a Ninfa chegára a boca breve.

Talvez não conhecendo seus perigos
Forceja Analia por tirar-lhe a preza;
Luta, mas luta em vão, por que o Vendado
Tem menos forças, porém tem mais artes.
Aqui e alli Amor esvoaçando
Os esforços da Ninfa mallograva;
E furtando-lhe hum beijo e outro beijo
As iras lhe accendia: ,, Em fim, tyranna,
,, Já pude triunfar, (Amor lhe brada);
,, Em troco destes beijos preciosos
,, Mandei-te ao coração subtil veneno;
,, Não mais, não mais de amor isenta vives;
,, Conhece o meu poder, suspira, e ama. ,,
Nisto batendo as peregrinas azas
Partio-se o Deos cortando os leves ares.

Subito a Analia nas mimosas faces
Hum pejo divinal as graças dobra.
Pelas veias sentio maravilhada

Em grossas ondas murmurar seu sangue.
De amores suspirou a vêz primeira,
De amores suspirou, — suspira ainda.
As leis do vencedor contente abraça,
Dobra-lhe a força, augmenta-lhe os rigores;
Folga de escrava ser; mas com seus olhos
Todo o mundo agrilhôa ao contemplala.

Elmano Colimbriense.

SONETO.

DEstro Pintor, que misturando as côres
Recebeste de Apollo arte divina,
Com mimosos pinceis em téla fina
Retrata-me, Pintor, os meus amores.

Para o rosto pintar copía as flores,
Copía o lirio, a rosa purpurina,
Para os olhos porém da minha Alcina
Aos astros pede os immortaes fulgores.

No peito, que da neve amostre a alvura
Pinta dois globos, onde Amor suspira,
Onde he tudo prazer, tudo he ternura.

Mas ah! Pintor, minh'alma em vão delira.
Em Venus tens de Alcina a formosura,
De Venus tão formosa a cópia tira.

Alcino.

ANECDOTAS.

Tendo mesclado entre as Anecdotas honrosas á Nação Portugueza alguns Ditos joviaes, que mostrão a propriedade que para elles tem a nossa Linguagem, devo igualmente fazer especial menção daquellas Anecdotas, Ditos, e Sentenças, que tem proferido muitos dos Senhores Reis destes Reinos, e que tantos elogios tem merecido aos mesmos Escriptores Estrangeiros. D'entre estes o que mais digno se faz de ser mencionado, he o Conde José Gorani; porque as Sentenças Moraes, e os Ditos engenhosos, que relata, não são porque com elles forme huma ampla collecção de Anecdotas, e Ditos; mas sim porque com elles authorisa a sua asserção, de que Portugal conta hum maior numero de Soberanos, que igual não teve nenhum outro Estado, dignos de servir de modelo nos diversos ramos da difficultosa Arte de Reinar, para o que produz os seguintes exemplos.

No I. Tomo, pag. 36, do Livro *Recherches sur la Science du Governement*, tratando das confiscações dos bens dos culpados a favor da Coroa, diz: *Os Reis de Portugal tem sempre tido nestes casos tal dignidade, que deve servir de lição aos outros Monarcas. Quando os Tribunaes confiscavão os bens dos Réos a favor de D. João II., este Rei por costume dizia aos Juizes: = Espero, que tenhais feito justiça recta. = E quando os Magistrados decidião a favor dos vassallos, dizia-lhes: = Eu sei que fizestes o vosso dever, = e muitas vezes os recompensava.*

E a pag. 37. *D. Manoel entregou ao Filho de hum Grande do Reino todos os bens paternos, recompensando com outros do mesmo valor aquelle a quem seu antecessor os tinha liberalisado, e disse por esta occasião em pleno Conselho = Estou convencido, que nada ha mais contrario á Justiça, do que punir os filhos pelos crimes dos pais. =*

N. B. Nos Numeros seguintes se proseguirá a materia.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XXIV.

(*Artigo communicado.*)

Carta do Governador do Pará João de Abreu Castello Branco (1) *aos Jesuitas Missionarios Hespanhoes do Quito.*

HAvendo eu visto logo que cheguei a esta Cidade de Bellém do Grão Pará as Cartas, que V. Reverendissima, e o R. P. Carlos Brentano escrevêrão a este Governo em o mez de Janeiro do anno passado de 1737, respondi a V. Reverendissima com a brevidade que permitte huma Carta, na que lhe escrevi de 23 de Novembro do mesmo anno; mas como V. Reverendissima até agora me não participasse a sua resolução em materia que não deve estar indecisa, repito nesta com pouca alteração o mesmo que escrevi na antecedente, e espero que V. Reverendissima

(1) Este Governador frequentava a Universidade de Coimbra no principio do Seculo XVIII.; porém passando por alli hum corpo de Tropas se alistou na carreira Militar.

me queira communicar a sua ultima determinação, para que por ella possa eu regular a que devo tomar sobre a importante materia de que tratão as referidas Cartas.

Nellas se queixa V. Reverendissima com bastante clamor de huma preparação Militar que aqui se havia disposto contra essas Missões; mas como estou cabalmente informado de que cá se não tratou de semelhante preparação devo entender que essa alarma que inquietou a V. Reverendissima e aos seus RR. PP. não teve outro motivo mais, que o inevitavel desassocego que nos espiritos bem regulados causa a consciencia de huma injustiça, supposto haverem VV. Reverendissimas emprehendido a de excederem os seus limites, e occupado os alheios.

Neste discurso me confirma a insuficiencia dos fundamentos com que V. Reverendissima procura justificar hum tão notorio excésso; pertendendo V. Reverendissima em primeiro lugar sustentalo com a força das Bullas Apostólicas, que prohibem com graves Censuras a Guerra nestas Indias, ainda quando a houvesse por outras partes, no que me parece suppõe V. Reverendissima duas proposições bem extraordinarias. A primeira he, que seja licito occupar os Dominios alheios, e prohibido o recuperalos como no caso presente. A segunda, que as Bullas Apostólicas tenhão mais virtude no Rio das Amazonas do que no Rio da Prata, aonde não ha muito tempo vimos, que estando em paz as duas Corôas por todas as mais partes, se não duvidou fazer a Guerra, e passárão as Tropas Castelhanas a atacar huma Praça de Portugal, concorrendo para esta empreza hum consideravel Corpo de Indios, commandados por PP. da Companhia de Jesus, a quem não fizerão obstáculo as grandes penas do Mandato Apostólico.

Mal satisfeito deste fundamento recorre V. Reverendissima a outro que considerou mais forte, exortando que se exercitem nos movimentos Militares tantos Indios, que

pelo numero, e pelo valor serão habeis para emprezas árduas. Mas permitta-me V. Reverendissima o dizer-lhe, que este ameaço acho-o tão intempestivo, e tão improprio quanto o seria em mim exhortar a V. Reverendissima a que fizesse instruir os Indios na vida Christã, sem lhe perder o tempo, e o trabalho, em exercicios de que cuido não são capazes; e assim me convêm sómente responder, que quando V. Reverendissima, e os seus RR. PP. queirão conter-se dentro nos seus justos limites, lhe posso prometter, que estarão tanto mais seguros, quanto mais desarmadas as terras de S. Magestade Catholica, pois conforme as Ordens, que tenho da Côrte de Lisboa, não seria eu menos criminoso, se attentasse offender as suas fronteiras, do que consentir se insultem as deste Estado, o qual nestes termos conseguirá o estar tão livre de perturbação por esta parte, como o está pela parte dos Francezes de Guiana, e dos Hollandezes de Surinam, aonde não confina com PP. da Companhia de Jesus.

Não he da minha profissão disputar o Direito da Bulla Pontificia, em que V. Reverendissima fórma outro maior fundamento para amplear os Dominios de Castella até ás muralhas do Grão Pará; mas devendo-me regular pela prática estabelecida em virtude do mesmo Direito, me causa grande admiração a que V. Reverendissima não faça escrupulo de se valer de hum pretexto de que nunca quizerão usar os mesmos Reis Catholicos, a quem a Bulla foi concedida.

Em todos quantos Tratados se tem concluido ha duzentos e quarenta annos entre a Corôa de Hespanha, e outros Soberanos, que tem feito Conquistas, e occupado Dominios, e Commercios dentro da parte concedida pela tal Bulla, tanto nas Indias Orientaes, como nestas, me não consta, que a Corôa de Hespanha pertendesse restituição alguma em virtude da Bulla do Papa Alexandre VI.,

sendo certo que os seus Ministros, e Embaixadores estarião muitos bem instruidos nos interesses, e Direitos da mesma Corôa.

Nem eu sei como aquelle Pontifice que não pôde assegurar á sua propria Familia huma porção que pertendeo da Italia, podesse dar tão liberalmente ametade do Orbe da Terra á Côrte de Hespanha, fechando as portas a todas as outras Nações, e condemnando huma tão grande parte do Mundo a perpetuar-se nas trévas da Gentilidade, ou do Atheismo, sem poder receber outra luz mais que a que lhe amanhecesse pelos Orientes de Cadis, e Corunha.

Consta que as Bullas Pontificias, que não decidem materias de Theologia, ou Moral, as admittem, ou regeitão os Principes segundo o que se acommoda aos seus interesses, e para eu entender que a do Papa Alexandre VI. se não acceitou em Portugal, bastava ver o que escreve hum Historiador Castelhano, e contemporaneo, qual he Garibay na vida d'ElRei D. João II. de Portugal no Cap. 25, e na d'ElRei D. João III. no Cap. 35, aonde conclue, que depois de se offerecerem da parte de Castella a Portugal trezentas e sessenta legoas mais além das cem legoas que declara a Bulla, não quizerão os Ministros Portuguezes admittir esta offerta, e se dissolvêrão sem conclusão as conferencias, que com os Ministros Castelhanos se fazião sobre esta materia entre Elvas e Badajoz: de sorte que considere V. Reverendissima como quizer a virtude da tal Bulla, he certo que as convenções, commercios, conquistas, que tem alterado a sua observancia, são tantas que se não póde duvidar estar derrogada a prática della no uso das Nações; e como os Reis de Castella não julgárão necessario fazer memoria desta Bulla nos seus Tratados com outros Principes, parece que bem podia V. Reverendissima fazer o mesmo nas suas Cartas.

Mas sem embargo de que já disse a V. Reverendissima que não era da minha profissão discutir a validade das Bullas Pontificias, quero concordar com V. Reverendissima em que a do Papa Alexandre VI. tivesse toda a força, e legalidade em todas as suas clausulas, e que sem o consentimento dos Reis Castelhanos nenhum dos outros Soberanos podesse entrar, nem ter dominios nas partes comprehendidas na mesma Bulla, com tudo isto me parece poderei mostrar a V. Reverendissima com toda a verdade, e com toda a clareza os lugares aonde confinão os Dominios de Portugal, e Castella no Rio das Amazonas, sem que seja necessario valer-me das Linhas mentaes, e imaginarias, nem do que affirmão os Escriptores Portuguezes. Os mesmos Tratados que VV. Reverendissimas allegão nas suas Cartas, e hum Author Castelhano opposto á Coroa de Portugal, e Padre da Companhia de Jesus, creio que serão bastantes para persuadir a V. Reverendissima, supposta a docilidade, que devo considerar no seu animo para o que he justo, e racionavel.

Ninguem ignora, nem V. Reverendissima duvida, que em todo o tempo, que a Corôa de Portugal esteve sugeita aos Reis Catholicos, nunca esteve encorporado na Corôa de Castella. He certo que obedecia aos Reis de Hespanha, mas pela Côrte de Lisboa passavão, e se expedião as Ordens para todas as Provincias, e Governos. Com a mesma notoriedade constarão a VV. Reverendissimas as inumeraveis perdas que nesta infausta sugeição padeceo a Corôa de Portugal, não só nas Indias Orientaes, aonde foi despojada de hum Imperio, que hoje faz a opulencia da Républica de Hollanda; mas tambem nestas Indias aonde os mesmos Hollandezes occupárão as mais importantes Praças do Brázil, e Maranhão, fabricando tres Fortalezas no Rio das Amazonas, com que se senhoreárão da melhor parte deste grande Rio.

Parece que a mesma Lei natural, e civil persuadem, que assim como as perdas referidas erão em detrimento, e ruina da Corôa de Portugal, fôsse em utilidade da mesma Corôa o pouco que restauravão, e adquirião os Portuguezes; e assim o entendeo, e approvou a politica dos Reis Catholicos, quando por repetidas ordens recommendárão aos Governadores do Estado do Maranhão e Pará o descubrimento do Rio das Amazonas, o que não occulta o Padre Manoel Rodrigues na sua Historia del Maragnon, y Amazonas no Liv. 6. cap. 11., e he que ultimamente o Governador Jacomo Raymundo de Noronha, em virtude das mesmas ordens mandou ao Capitão Mór Pedro Teixeira com hum Corpo de Infantaria paga, e Indios, que occupárão setenta Canoas, em ordem a executar este descubrimento, e cuido que ao Reverendissimo Padre Carlos Brentano o enganou o seu affecto, quando diz na sua Carta, que esta expedição se fez por ordem da Real Audiencia de Quito; porque esta nunca teve mais jurisdicção para passar ordens a terras da Corôa de Portugal, do que a tem agora para passalas ás terras da Corôa de Aragão, ou de Navarra.

Não refiro a V. Reverendissima as despezas, e as vidas, que custou a expugnar as Fortalezas, que tinhão os Hollandezes, e o expulsalos do Rio das Amazonas, nem he necessario que eu exponha a V. Reverendissima os successos da navegação do Capitão Mór Pedro Teixeira, porque da Relação do Padre Acunha, que se acha na mesma Historia del Maragnon constará a V. Reverendissima o immenso trabalho, e constancia com que proseguio esta empreza, e os grandes descommodos, e perigos, sangue, e vidas de Officiaes, e Soldados Portuguezes, que custou o feliz complemento della, e só quizera que ponderasse V. Reverendissima sem preoccupação qual póde ser o titulo justo, ou apparente para que attribua á jurisdicção de Qui-

to hum descubrimento feito pelo Estado do Maranhão, e Pará com authoridade pública, á custa da fadiga, e sangue dos Portuguezes, em serviço da Corôa de Portugal, e por Ordem d'ElRei de Hespanha, a quem então estava sugeita.

Bem creio da equidade, e candidez, que considero em V. Reverendissima que ha de concordar, em que as utilidades deste descubrimento pertencião a quem teve Maranhão, e Pará; e quando isto podesse duvidar-se, o termo da posse, que na volta de Quito tomou o Capitão Mór Pedro Teixeira em Nome d'ElRei Felippe IV. pela Corôa de Portugal, bastará para tirar toda a dúvida, pois que semelhantes documentos são o unico meio que tem a fé humana para saber os actos a que não alcança a memoria dos vivos, e assim envio a V. Reverendissima, a Cópia, aonde verá V. Reverendissima que a posse foi tomada, por Ordem, e Regimento que levava Pedro Teixeira, na presença do maior numero de homens brancos que jámais se vio nesses districtos, e approvada naquelle tempo por Castelhanos, e Portuguezes, como hum acto o mais justo, e incontestavel.

Dirá talvez V. Reverendissima que o Capitão Mór Pedro Teixeira era naquelle tempo Vassallo d'ElRei de Castella, e que havendo tomado a posse em Nome do mesmo Rei para este he que adquirio o Dominio; para ElRei de Castella mas unido, e incorporado na Corôa de Portugal, que lhe estava sugeita; e como a mesma Corôa de Portugal se apartasse desta sugeição, e se seguisse a Guerra, que principiou no anno de 1641, e pelo Artigo II. do Tratado de Paz, concluido em 13 de Fevereiro de 1668, cedeo ElRei Catholico a ElRei de Portugal tudo o que tinha, e de que estava de posse esta Corôa antes da Guerra, parece bem claro que nesta Cessão se comprehendem os Dominios de que tomou posse o Capitão Pedro

Teixeira no anno de 1639, e com todos estes fundamentos se conservou sempre a mesma posse, em quanto a não perturbárão os RR. PP. da Companhia de Jesus.

Por esta razão he que o Reverendissimo Padre Carlos Brentano allega infelizmente o Tratado de Utrech, pois que nelle se especificão todos os Lugares, que restituio huma Corôa a outra; e se declara que as raias, e limites de ambas as Corôas se conservem no mesmo estado: E não he isto sómente o que tem contra si o mesmo Reverendissimo Padre na Paz de Utrech, que allega; porque com mais clareza achará no Tratado concluido entre ElRei de Portugal e ElRei de França, = que sem embargo de estarem os interesses deste Monarca mais unidos que nunca aos de Castella, reconhece que as duas margens meridional, e septentrional do Rio das Amazonas, pertencem em toda a Propriedade, Dominio, e Soberania a S. Magestade Portugueza = que estes são os proprios termos do Artigo 10 do dito Tratado.

Melhor fundamento teve o Reverendissimo Padre Carlos Brentano para censurar o Alferes José Teixeira de Mello, quando este sem mais disculpa que a de Soldado, em quem a ignorancia he por direito hum privilegio, allegou erradamente a Dieta de Westfalia, aonde na verdade não houve ajuste algum entre Portugal e Castella; mas se o mesmo Reverendissimo Padre tivesse visto bem os actos da Paz de Westfalia, e examinasse os Artigos 5.°, e 6.° do Tratado concluido entre ElRei de Castella, e a Républica de Hollanda em Munster não affirmaria que naquelles Congressos se debateo sómente o exercicio livre das Seitas de Lutheranos, e Calvinistas: Diria antes com toda a certeza, que aos Lutheranos, e Calvinistas sacrificou ElRei de Castella na Paz de Westfalia todos os Dominios Catholicos da Corôa de Portugal nas Indias Orientaes, e Occidentaes, e que o mesmo lugar em que o dito Reverendo Padre, e

V. Reverendissima escrevêrão as Cartas a que agora respondo foi cedido solemnemente aos Hollandezes sem embargo da Bulla do Papa Alexandre VI, a qual quando estivesse na sua inteira observancia, bastavão os dois Artigos de que remetto a V. Reverendissima a Cópia para se reconhecer por derrogada.

Se as Armas dos Portuguezes não exterminassem do Rio das Amazonas as Nações de Hereges que o occupavão, como confessa hum delles citado pelo Padre Manoel Rodrigues no Liv. 6. Cap. 11. da sua Historia aonde diz = *Tam Angli et Hiberni quam nostri Belga a Portugalis et Pará venientibus in opinato opressi et fugati non leve damnum fuerunt perpessi*, *etc.* = não estarião V. Reverendissimas talvez tão adiantados neste Rio, que podessem causar aos Lutheranos a mesma perturbação que agora movem aos Catholicos.

De tudo o referido me parece que V. Reverendissima estará persuadido, que o primeiro descubrimento, que se fez com authoridade pública, de todo o Rio das Amazonas, foi por Portuguezes, e que a Posse que tomou Pedro Teixeira pela Corôa de Portugal, foi hum acto de Direito natúral, e civil, pelo qual não sómente não foi reprehendido, mas atê louvado pelos mesmos Hespanhoes, especialmente pelo Padre Christovão da Cunha, que presenciou o mesmo acto da Posse; que pelo Tratado feito com os Hollandezes em Munster cedeo Filippe IV. de Castella todos estes Dominios aos Hereges, e que a estes expulsárão os Portuguezes da Cidade do Maranhão, e das Fortalezas, e Presidios que tinhão occupado no Rio das Amazonas; que pelo Tratado da Paz feito em Lisboa cedeo ElRei de Castella á Coroa de Portugal, tudo o que possuia antes da Guerra, em que precisamente se contém o que descubrio, e preoccupou Pedro Teixeira, de sorte que por huma, e outra Cessão feitas pelos Reis Catholicos está desvanecido o fundamento de

VV. PP. na Bulla do Papa Alexandre VI., ainda considerando-a em toda a força, e legalidade, que VV. Reverendissimas lhe quizerem attribuir.

Quanto á jurisdicção espiritual de que fallão as Cartas de V. Reverendissima he certo, que os limites do Bispado do Pará estão estabelecidos com os Titulos já apontados, e constão dos Archivos desta Cidade, e Diocese; e se os do Bispado de Quito estiverem duvidosos, consulte V. Reverendissima o Padre Manoel Rodrigues, que lhe offereço por árbitro sem suspeita, e achará que no Liv. 6. Cap. 12. da mesma Historia del Maragnon y Amazonas, diz = Los Portuguezes del Pará se contentan con subir por las Amazonas hasta las Islas de los Amaguas, etc. = aonde a expressão *se contentão* parece que indica moderação, e que com justiça podião passar mais adiante. No Liv. 1. Cap. 7. da mesma Historia diz, que fazendo o Padre Visitador Geral da Companhia a discripção da jurisdicção de Quito, affirma que o seu Bispado comprehende duzentas legoas: E no Liv. 2. Cap. 6. a fol. 99. diz o mesmo escriptor, que o ultimo lugar da Jurisdicção de Quito he Porto de Payomino mais acima da boca do Rio Napo: Este he o lugar em que por todos os titulos mencionados se dividem os titulos das duas Coróas, e estes limites de que não duvida o Reverendo Padre Manoel Rodrigues apaixonado por ampliar os de Castella, são os mesmos que V. Reverendissima com os PP. da sua Provincia tem excedido, introduzindo-se mais de cento e vinte legoas a situar povoações em terras de Portugal, e do Bispado do Pará. Agora será justo que, pois V. Reverendissima na sua Carta propõe a dissonancia monstruosa que as censuras, e nullidades dos Sacramentos por falta de jurisdicção devem causar, ainda imaginadas, na piedade de hum secular, e soldado; pondere V. Reverendissima qual será a harmonia que estas mesmas desordens praticadas poderão fazer no animo de Varóes Re-

ligiosos , e Theologos , e Padres da Companhia de Jesus. Cuido que examinando V. Reverendissima esta materia sem preoccupação , não consentirá que os Padres Missionarios seus subditos continuem a envolver-se infelizmente no mesmo absurdo , que V. Reverendissima condemna , e que assim nos escusaria V. Reverendissima o trabalho de fabricar em parte tão remota huma muralha que nos defenda destas não esperadas invasões.

Espero com cuidado a resposta de V. Reverendissima ; e pelo que toca á offerta que o Capitão General meu antecessor fez ao Senhor Presidente da Real Audiencia de Quito , de mandar retirar os Portuguezes do Rio dos Solimões , sô posso responder , que a attribuo a hum lance , ainda que excessivo , de cortezania militar , em que elle esperou ser vantajosamente correspondido pela Generosidade Hespanhola do Senhor Presidente , mas eu sem interesse algum , me atrevo a fazer a V. Reverendissima huma mais ampla offerta , e he , que não pertendendo V. Reverendissima , e os seus Reverendos Padres augmentar Dominios temporaes , como verdadeiros seguidores de Christo , cujo Reino não era deste Mundo , estar patente para a Prégação do Evangelho a todas as criaturas , não sómente consentirei pela parte que me toca , que VV. Reverendissimas extendão a sua Doutrina até ás muralhas do Gram Pará , mas lhe franquearei as portas , assegurando-lhes nesta Cidade com as commodidades que permitte o clima toda a veneração , e respeito devido a V. Reverendissima , e a toda a Companhia de Jesus.

Deos Guarde a V. Reverendissima muitos annos , etc.

Pará 9 de Novembro de 1738.

Tanto a Carta do Excellentissimo Bispo do Pará D. Fr. Miguel de Bulhões, inserta no N.° 333 pag. XX, como a presente do Excellentissimo Governador da mesma Capitanîa João de Abreu Castello-Branco, são dois monumentos preciosissimos; aquelle pelo Espirito de humildade, desprêzo das honras do mundo, desejo do desempenho das obrigações de bom Pastor, e amor ao seu Rebanho, como os Padres da Igreja Primitiva; este por ser hum modelo de Politica de hum Militar, que preenchendo as obrigações do seu Posto, fez as vezes de habil Negociador; deixando nesta Obra prima hum documento muito interessante á Diplomatica Portugueza.

Com as demonstrações do mais affectuoso agradecimento beijo as mãos ao Illustrissîmo Senhor Desembargador João Pedro Ribeiro pela generosa remessa destes dois singulares Escriptos. Possa o exemplo deste tão benigno, quão Sabio Varão dispertar em outros muitos o desejo de contribuirem para que este Jornal possa ser digno da approvação Pública.

POESIA.

Ao dia, e ás brincadeiras do Entrudo.

SONETO.

CAda qual ao combate prompto se acha
Accendendo o furor com isca e mécha :
De alguma Esgravatana este faz frécha ;
Trombeta aquelle faz de huma borracha :

O moço salta, o velho não se agacha,
E se acaso do estrondo alguem se queixa
Hum com huma rizada lhe desfecha ;
Porque as barbas áquelle outro lhe encaixa :

Com ligeireza á moça, porque esguicha,
Préga-se hum rabo, e põe-se huma carocha
Em huma velha, que parece bruxa :

Come hum paio., outro lombo, outro a salchicha ;
E eu pinto o Entrudo sem pincel, nem brocha
Em acha, echa, icha, ocha, ucha.

Á Camões salvando-se a nado com o seu Poema na boca, e a espada na mão.

SONETO.

SO' faltava esta acção esclarecida
Para ser novamente celebrada,
Valente Apollo, a vencedora Espada,
Discreto Marte, a Penna não vencida:

Huma, e outra das ondas se divida,
Pois que derão com gloria sublimada,
O Ferro a tantos morte accelerada,
A tantos o Poema immortal vida:

Não he salvalos do naufragio esquivo,
He tomar por asilo dois portentos
Contra o rigor do Fado executivo:

Mal vencerá a Morte os teus alentos,
Se a forte Espada, se o Poema altivo
São da Immortalidade os instrumentos.

ANECDOTAS.

Gorani, I. Tomo, pag. 63, cap. XIV; *Dos azylos dos criminosos.* ,, Eu já fallei da sabedoria dos Reis de Portugal, elles a manifestárão ainda reprimindo as pertenções desacisadas da Nobreza, e do Clero, e em hum tempo em que os outros Principes davão a este respeito provas de imbecillidade. Então o Palacio dos Grandes, e Ministros, as Igrejas, e Conventos erão em todos os Estados Catholicos o refugio dos malfeitores, o que os multiplicava excessivamente. Quando os Reis, e os Magistrados querião prender os criminosos nestes domicilios privilegiados, encontravão resistencia da parte daquelles que os habitavão, era necessaria licença expressa dos Bispos, e se a dispensavão, erão excommungados.

,, D. João II., Rei de Portugal ordenou, que os criminosos fossem prezos em toda a parte, e quando os Bispos, e os Fidalgos se queixárão deste attentado contra os seus privilegios, lhes respondeo: = *Que todo o privilegio contrário á justiça estava fóra da razão.* = Reclamárão por serem concessões dos Reis precedentes, e tornou-lhes: = *Os Reis, que outorgárão semelhantes privilegios, não podião ter o designio de fazer prejuizo á administração da justiça, que he o primeiro dever de hum Monarca.*

Muitos Padres da Igreja condemnárão taes privilegios; por que os Ministros do Altar devem ser os Ministros da

Virtude, e por consequencia devem favorecer a prizão dos que perturbão a sociedade com os seus attentados. Favorecer a impunidade destes criminosos, he tornar-se seu cumplice, e por conseguinte merecem o mesmo tratamento que elles.

Este Author no Capitulo XXXIII., *Da Venalidade dos Juizes*, serve-se dos quatro versos da Estancia do Canto 8 das Lusiadas para epigrafe; citação que honra muito o nosso Poeta.

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos; este faz, e desfaz leis;
Este causa os perjurios entre a gente,
E mil vezes tyrannos torna os Reis.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

SUPPLEMENTO
AO NUM. XXIV.
DO
JORNAL DE BELLAS ARTES,
OU
MNEMO'SINE LUSITANA.

DESCRIPÇÃO
DA
BAIXELLA DE PRATA,
QUE, POR ORDEM
D'ELREI NOSSO SENHOR,
OFFERECERÃO
OS EXCELLENTISSIMOS SENHORES
GOVERNADORES DO REINO,
A SUA EXCELLENCIA
O
DUQUE DE VICTORIA.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.

1816.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

DESCRIPÇÃO.

PUblicando a Gazeta de Lisboa N.° 249, de Sabbado 19 de Outubro, a chegada a Inglaterra da Fragata *Perola* conduzindo as 55 caixas da Baixella de Prata, que por Ordem de Sua Magestade ElRei Nosso Senhor, D. João VI., se executou em Lisboa por Artistas todos Portuguezes, pelo desenho, e direcção de Domingos Antonio de Sequeira, Primeiro Pintor da Camara, e Côrte de Sua Magestade, e fazendo a mesma Gazeta menção dos elogios do Redactor do *Courier*, que para exaltar a perfeição da Obra diz ter sido feita pelos melhores Artistas da *Europa*, a cujo engano occorreo hum Portuguez, mostrando pela Carta inserta na mesma, que nenhum Estrangeiro fôra occupado na execução da Baixella, mas tão sómente Portuguezes, o que torna aquella Peça hum monumento da perfeição a que tem chegado as Artes, e Officios em Portugal, e que talvez seja singular no seu genero, por ser o Plató inteiramente composto de symbolos, e figuras allusivas aos Triunfos ganhados pelos Soldados Portuguezes, unidos aos das duas Nações Alliadas, debaixo do commando do Excellentissimo Duque da Victoria; o que fórma huma Historia successiva desde o Levantamento de Portugal em 1808 até á entrada dos Alliados em París, Restituição de Luiz XVIII. ao Throno da França, e Paz Geral em Abril de 1814, por todas as Batalhas, Combates, Assaltos, etc., dados na Peninsula; havendo obtido as precisas informa-

ções, publicarei neste Jornal não só as razões que teve o Inventor, e Director desta Obra prima para allegorizar daquella maneira, e tão judiciosamente todo o Plató, mas tambem a fiel cópia das Inscripções gravadas nas suas diversas bases, e tabellas, e todas as dimensões do Plató em geral, e de cada peça em particular.

Descripção do Plató, e peças principaes da Baixella.

Tendo encarregado os Excellentissimos Senhores Governadores do Reino, por Ordem de S. Magestade, a Domingos Antonio de Sequeira a invenção do desenho, e a direcção da Obra da Baixella de prata, que destinava offerecer ao Grande Duque da Victoria; o singular Artista, combinando o systema politico adoptado pelas Nações mais illustradas que se conhecêrão nos primeiros Seculos (como erão a Grega, e a Romana) quanto ás honrosas representações, ou monumentos, que erigião á gloria dos seus heroes, notou que, se os Romanos usavão de monumentos, onde descrevião em baixos-relevos, ou inscripções jeroglificas as acções dos Grandes do seu Seculo, individuando, e até personalizando os differentes objectos da sua gloria, como se deixa vêr nas columnas Trajana, e Antonina; os Gregos, pelo contrario, sómente se servião de troféos, ou symbolos de pouca duração com os quaes não só designavão o gráo de dignidade dos seus heroes, mas tambem as brilhantes acções, que os tinhão illustrado, e feito célebres; limitando-se desta fórma, por não perpetuar resentimentos, ou inimizades entre Nações bellicosas.

Destes dois systemas oppostos adoptou o termo médio, para se livrar de equivocos, que podéssem encontrar o systema politico; e deste modo erigio padrões, onde em geral vão notadas as acções successivas, que honrão o Heroe, não personalizando como os Romanos, nem sendo

tão escasso como os Gregos. Estes padrões, collocados em differentes pontos do Plató, levão gravadas inscripções, que denotão as localidades, e épocas das acções, que se dérão na Peninsula, e os corpos, ou exercitos das tres Nações, que as ganhárão. O singular Artista patenteou nisto a grandeza do seu genio, e a vastidão dos seus conhecimentos; porque nada póde fazer tão grata huma dadiva, como a honrosa recordação das acções heroicas da Pessoa a quem se offerece.

Pela união dos grupos que formão o Plató, no qual estão differentemente collocadas as Napeas, Dryadas, Hamadryadas, etc., se representa hum festejo, ou applauso feito pelas mesmas ao feliz resultado da união das tres Nações, Portugueza, Britanica, e Hespanhola; união, que foi a primeira origem da actual independencia da Europa, e restabelecimento da Paz Geral, que vai representada no grupo do centro.

Como deste restabelecimento resulta hum geral interesse a todas as quatro partes do Mundo, por isso se representa no mesmo grupo o festejo das mesmas quatro partes, cada huma designada pela sua figura caracteristica, em elegantes attitudes em torno das tres Nações unidas, representadas nas tres fasces. Cada huma destas he formada de varas, humas simples, e outras armadas, designando a união dos corpos civís, e militares das mesmas Nações; e nos seus remates se vê huma romã (symbolo da concordia), caracterizada cada fasce com as armas da sua respectiva Nação, unindo-lhe as varas ramos de louro, signal distinctivo das suas correspondentes victorias.

Do centro das ditas se eleva huma haste á imitação dos antigos estandartes dos guerreiros, sobre a qual se vê collocado o Globo Terrestre com a demarcação geografica, ficando a Peninsula na parte superior do mesmo Globo, e alli plantada a figura da Victoria, que em huma das

mãos suspende as coroas das tres Nações, e na outra a palma, e ramo de oliveira, symbolo da paz, e do triunfo.

A base, ou plintho deste grupo fórma hum octógono, em cujos dois lados de comprimento do Plató vão gravadas as inscripções, que declarão o motivo porque os Excellentissimos Senhores Governadores offerecem ao Heroe este monumento por Ordem do seu Soberano, e nos transversaes o nome do Author, que o inventou: e como a memoria de tão brilhante, e heroica união deve ser perpetuada pelo decurso dos annos, por isso vai collocado sobre oito Sphinges, figuras de que se servião os Egypcios para a significação dos annos.

O taboleiro immediato a este tem dois Grifos, sobre cujas cabeças vão tabellas com inscripções.

Segue-se a este outro, em que sobre hum terço de columna, symbolo da fortaleza, se firma huma Tágide, que do seu regaço offerece á Victoria lauréolas, e flores. Esta figura he ladeada de dois pequenos Genios, que tocão, hum a tuba triplicada (instrumento marcial dos Gregos) symbolizando o canto das tres Nações, cuja unanimidade se representa na união dos tres instrumentos em hum só, e mesmo na geral harmonia, que elles produzem; outro huma trompa, em cuja fórma circular se representa a perpetuidade das mesmas victorias.

He unido a este outro grupo, que representa huma Coréa de Nynfas em torno de hum grande facho organizado de doze palmas, sahindo de suas hasteas doze lumes em perfeito círculo. As Nynfas, que danção circulando este luminoso troféo, suspendem nas mãos ramos, e festões de flores ao som de clarins, que duas dellas tocão, como recommendando á Historia, e mostrando ao Universo o troféo das doze palmas colhidas nos doze mais renhidos, e sanguinosos combates da Peninsula.

Os Romanos, como fica dito, fazião maior honra aos seus heroes na erecção de altos padrões, ou columnas, sobre as quaes marcavão as acções, que tinhão merecido taes monumentos: tal he pois o que representa o quarto grupo. He huma simples, porém magestosa columna, em cujo sóco, e sobre a faxa do meio, vão gravadas outras importantissimas inscripções. Este padrão he cercado de outra Coréa de Nynfas, que com festões de flores, e fachos accezos festejão sua inauguração, e estabilidade.

He sobre o taboleiro immediato, que pela ordem symmétrica se repetem outros Grifos, com a differença, que estes, em lugar de tabellas, tem lumes sobre as cabeças.

Os limites deste monumento em geral são outros padrões, ou columnas Herculeas, que servem como de decoração á figura do Término, que tendo nas mãos palmas, coroas, e ramos de louro, está em meio dellas representando a Estabilidade, e pondo termo a todas as emprezas. Huma destas figuras tem a inscripção alluziva áquella acção, que foi o preliminar das grandes Operações do Continente, a outra mostra a época feliz em que a Dynastia dos Bourbons foi restituida ao Throno, e ao seu antigo lustre, o que he symbolizado nas luzes, que os mesmos Términos tem sobre suas cabeças. As columnas, ou marcos, tem igualmente inscripções, que tendem ao mesmo objecto; fechando todo o Plató outros Genios, que correspondem aos grupos immediatos ao centro, e que igualmente tocão a trompa, e a tuba triplicada, significando, que as brilhantes acções do Heroe devem ser assim proclamadas, e levadas aos confins da terra.

Além das muitas luzes, que brilhão em todo o Plató, ha para adorno de cada cabeceira duas serpentinas, cada huma de seis lumes, que sahem do remate de tres hasteas, a que estão encostadas tres lanças com lauréolas pendentes, fazendo cada huma destas serpentinas hum todo

militar, alluzivo ao geral motivo. Estas serpentinas são repetidas junto ao centro, porém estas são de tres lumes sómente.

Todas as peças da Baixella são correspondentes ás do Plató; isto he, observa-se em todas o mesmo sentido allegorico, e espirito marcial. As terrinas grandes são collocadas sobre os braços de quatro Nereidas. Quatro pequenos Tritões sustem sobre os hombros as terrinas pequenas. Serve de ornato aos corpos das grandes terrinas a figura repetida da Egide de Minerva, que da mão da mesma Deosa recebêra Perseo, quando salvou Andrómeda das garras do monstro marinho. A semelhança, que ha entre este, e o nosso Heroe, deo motivo a esta allegoria. Vê-se pois o escudo laureado, e enriquecido de troféos militares, e ladeado das fachas consulares das Nações unidas, tendo por timbre a Harpa da Irlanda, paiz ditoso, que mereceo ser o berço de tão Grande Homem, cujo brazão vai entrelaçado com estes ornamentos na frente das mesmas terrinas, e repetido nas suas tampas, onde o remate he huma pinha, symbolo da união dos póvos. Todas são cercadas de laurêolas, enfeite, que se estende a todas as cobertas dos differentes pratos. As terrinas pequenas tem hum ornato em tudo semelhante, excepto que os escudos destas tem fórma circular, e os daquellas tomão a de hum crescente ao uso Macedonico, com as pontas armadas de cabeças de Leão.

Facas, colheres, e garfos, pequenos accessorios deste grande corpo participão igualmente nos seus punhos, e cabos do mesmo ornato nas armas do Heroe em relevo, cercadas de ramos de louro, e de carvalho, visto que a sua limitada grandeza, e uniformidade não permittia campo, onde se podesse espraiar o genio, e os talentos do Director da Baixella.

INSCRIPÇÕES DO PLATO'.

Inscripção no Sóco do Término B.

Levantamento de Hespanha e Portugal, proclamando os seus legitimos Soberanos, e sacudindo o jugo de Bonaparte, em Junho de 1808.

Columna direita do dito.

ROLIÇA,
17 de Agosto de 1808,
Combate dado por
Inglezes, e Portuguezes.

VIMEIRO,
21 de Agosto de 1808,
Batalha ganhada por
Inglezes, e Portuguezes.

Columna esquerda do dito.

DOURO,
12 de Maio de 1809,
Passagem feita por
Inglezes, e Portuguezes.

TALAVERA,
27, e 28 de Julho de 1809,
Batalha ganhada por
Inglezes, e Portuguezes.

Facha da Columna.

B U S S A C O,
27 de Setembro de 1810,
Batalha ganhada por
Inglezes, e Portuguezes.

B A R R O Z A,
5 de Março de 1811,
Combate dado por
Inglezes, Portuguezes, e Hespanhoes.

Sóco da Columna.

O L I V E N Ç A,
17 de Abril de 1810,
Tomada por
Portuguezes.

F U E N T E S D E H O N O R,
3, e 5 de Maio de 1811,
Combates gloriosos dados por
Inglezes, e Portuguezes.

Sóco do terço da Columna.

A L B U H E R A,
16 de Maio de 1811,
Batalha ganhada por
Inglezes, Portuguezes, e Hespanhoes.

ARROIO MOLINOS,
18 de Outubro de 1811,
Surpreza feita por
Inglezes, Portuguezes, e Hespanhoes.

Tabellas dos Grifos.

CIUDAD RODRIGO,
19 de Janeiro de 1812,
Tomada de assalto por
Inglezes, e Portuguezes.

BADAJOZ,
6 de Abril de 1812,
Tomada de assalto por
Inglezes, e Portuguezes.

Centro.

Por Ordem de S. A. R. o Principe
Regente de Portugal,
O. O.
Ao Grande Duque da Victoria os Governadores
do Reino,
Em memoria dos gloriosos triunfos alcançados na Guerra da Peninsula pelos Exercitos Portuguez, Inglez, e Hespanhol do seu Commando, desde 1808 até 1814.

Feita por mandado dos Governadores do Réino de Portugal, sob a direcção de Domingos Antonio de Sequeira, Primeiro Pintor da Camara, e Côrte de S. A. R., por Artifices Portuguezes.

Tabellas dos Grifos.

SALAMANCA,
22 de Julho de 1812,
Batalha ganhada por
Inglezes, Portuguezes, e Hespanhoes.

MADRID,
12 de Agosto de 1812,
Entrada de
Inglezes, e Portuguezes.

Sóco do terço da Columna.

VICTORIA,
21 de Julho de 1813,
Batalha ganhada por
Inglezes, Portuguezes, e Hespanhoes.

S. SEBASTIÃO,
31 de Agosto de 1813,
Tomada de assalto por
Inglezes, e Portuguezes.

Facha da Columna.

PYRENEOS,
25 de Julho, até 2 de Agosto de 1813,
Combates successivos dados por
Inglezes, Portuguezes, e Hespanhoes.

S. MARÇAL, E SANTO ANTONIO,
31 de Agosto de 1813,
Combates dados por
Inglezes, Portuguezes, e Hespanhoes.

Sóco da Columna.

B I D A S S O A,
7 de Outubro de 1813,
Passagem feita por
Inglezes, Portuguezes, e Hespanhoes.

N I V E L L E,
10 de Novembro de 1813,
Passagem feita por
Inglezes, Portuguezes, e Hespanhoes.

Columna direita do Término A.

N I V E,
9 até 13 de Dezembro de 1813,
Combates successivos dados por
Inglezes, e Portuguezes.

B O R D E A U X,
12 de Março de 1814,
Entrada de
Inglezes, e Portuguezes.

Columna esquerda do dito.

O R T H E' Z,
27 de Fevereiro de 1814,
Batalha ganhada por
Inglezes, e Portuguezes.

T O U L O U S E,
10 de Abril de 1814,
Batalha ganhada por
Inglezes, Portuguezes, e Hespanhoes.

Sóco do Término A.

Entrada dos Alliados do Norte em París: deposição de Bonaparte: restituição de Luiz XVIII. ao Throno da França, e Paz Geral em Abril de 1814.

MAPPA DAS DIMENSÕES DO PLATÓ,

FIGURAS, E SYMBOLOS, QUE O ADORNÃO.

Dimensões do Plató em geral.	O Plató he dividido em 13 taboleiros, hum dos quaes fórma o centro, e para cada lado se contão 6, dispostos symetricamente. Unidos estes fórmão hum comprimento de 37 palmos; e como a largura de cada hum delles he de 4 palmos, vem por consequencia a ter o Plató 37 palmos de comprido, e 4 de largo. Ha com tudo alguns pontos mais salientes em diversos taboleiros, onde o Plató vem a ter 4 palmos, e 5 polgadas e meia de largo.						
Dimensões de cada hum dos taboleiros, que formão o Plató.	Taboleiro do centro.	Dois taboleiros com Grifos de tabellas, cada hum com as seguintes dimensões.	Dois taboleiros com terços de columna, cada hum com as seguintes dimensões.	Dois taboleiros com fachos da Victoria, cada hum com as seguintes dimensões.	Dois taboleiros com columnas, cada hum com as seguintes dimensões.	Dois taboleiros com Grifos de dirandellas, cada hum com as seguintes dimensões.	Dois taboleiros com as Figuras do Término, cada hum com as seguintes dimensões.
	Comprimento 3 palm. 2 polg. e 2 linhas. Largura 4 palm. 5 polg. e 4 linhas. Altura 5 palm. e 4 polg.	Comprimento 2 palm. 1 pol. e 5 linhas. Largura 4 palm. 5 polg. e 4 linhas. Altura 1 palm. e 6 polg.	Comprimento 2 palm. e 2 linhas. Largura 4 palm. Altura 3 palm. 6 polg. e 4 linhas.	Comprimento 3 palm. 5 polg. e 5 linhas. Largura 4 palm. Altura 3 palm. 7 polg. e 6 linhas.	Comprimento 4 palm. 2 polg. e 1 linha. Largura 4 palm. Altura 4 palm. e 2 linhas.	Comprimento 2 palm. 1 polg. e 5 linhas. Largura 4 palm. 5 polg. e 4 linhas. Altura 1 palm. 6 polg. e 4 linhas.	Comprimento 2 palm. 3 polg. e 5 linhas. Largura 4 palm. Altura 3 palm. 1 polg. e 7 linhas.
Altura de cada huma das Figuras, collocadas sobre os taboleiros.	Figura da Victoria 6 polg. As figuras que representão as 4 partes do Mundo 11 polg. As Sphynges com capiteis 5 polg. e 3 linhas.	Grifos 5 polg. e 3 linhas.	Figura da Tágide, 1 palm. 2 polg. e 6 linhas. Os Genios, que tocão instrumentos Marciaes 6 polg. e 6 linhas.	Ninfas, que cercão o facho 1 palm. 2 polg. e 3 linhas.	Ninfas, que cercão a columna 1 palm. 2 polg. e 3 linhas.	Grifos 5 polg. e 3 linhas.	Figura do Término, 1 palm. 3 pol. e 3 linhas. Os Genios, que tocão Instrumentos Marciaes, 6 pol. e 6 linhas.
Altura das Serpentinas.	Todas as Serpentinas são iguaes em altura, tendo cada huma 2 palmos 7 polgadas, e 3 linhas.						

JORNAL DE BELLAS ARTES,

O U

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XXV.

MEMORIA.

Continuação dos successos de Macáo, na Memoria inserta no Num. XXIII. a pag. 369.

ESte Memorial não produzio o effeito que esperavão os Inglezes; por que vendo o Governo de Macáo que, se hum Governador tão prático das Leis do Paiz, tão prudente, e sabio, que em os dois Governos feitos naquella Cidade havia sabido grangear a estima dos Mandarins, não tinha podido desterrar o susto dos Chinas, como o poderia fazer o chegado de novo, sem prática dos usos Chinezes, e em quem não havia razão de confiarem? Por estas razões, e por se achar este negocio muito complicado, o ser da prudencia o proseguisse, e terminasse quem o havia começado, não se deo posse ao novo Governador; porém foi admittido no Conselho a fim de se ajudarem igualmente das suas luzes.

A 28 de Novembro havendo chegado varios Navios carregados de fazendas pertencentes á Companhia Ingleza, o

segundo Sobre-Carga (o Primeiro, Mr. Roberts, tinha ido a Cantão com o Almirante Drury) exigio do Governador novos armazens para os descarregar, o qual respondendo, que as Leis do Imperio não lho permittião, officiou desta exigencia para o Mandarim de Hyan-san, que lhe respondeo desta maneira.

Faço saber a V. M.ce Senhor Procurador da Cidade, que a respeito do desembarque das fazendas dos Navios Europeos, cada hum desses Navios tem o seu lugar determinado. Em Macáo se concede tão sómente a vós Europeos Portuguezes, e não aos mais individuos de outros Reinos o permanecerdes ahi para que possais negociar. Em quanto aos mais Navios Estrangeiros de outros Reinos devem os ditos entrar em Huampú, e ao depois devem mandar avisar primeiro ao Excellentissimo Suntó, e este mandará aos Hanistas, que sejão fiadores delles, e tomem sobre si as responsabilidades, e então se lhes ha de permittir, que se abra o porão para se fazer a descarga das fazendas: este he o costume antigo, sempre observado, e praticado. Presentemente ouvi dizer, que o Capitão dos Soldados Inglezes (o Admiral) tinha escrito ao Senhor Governador de Macáo, e a V. M.ce, que procurassem, e escolhessem mais de dez moradas de casas, ou sejão grandes, ou pequenas, para se depositarem nellas ás fazendas dos Navios chegados de Huampú. Na verdade he demasiada ousadia! Por isso lhe envio esta Chapa para que sendo ella vista, e lida, haja V. M.ce de observar as Leis Imperiaes, conforme as ditas Leis deve com todos os esforços prohibir, ou impedir o desembarque das fazendas desses individuos; porém se elles quizerem fazelas desembarcar por força, nós permittimos, que façais tiros de bombardas sobre elles; mas se vós vos atreverdes occultamente a permittir-lhes o desembarque, então avisarei logo sem demora ao Excellentissimo Suntó, para

que sejais punidos como Sócios desses individuos no crime, ou culpa, e reputados como cooperadores na mesma culpa. Além disso espero que V. M.ce, Senhor Procurador me faça saber, em que dia tinha chegado a dita Carta, se na realidade a recebêra: deve dizer V. M.ce a verdade, e não queira occultar o que se deve dizer com sinceridade. Anno 13 do Imperador Kia-King aos 13 da 10.ª Lua.

Por este Officio se póde conhecer o apuro, em que se achárão o Governador de Macáo, e mais pessoas, que formavão o Conselho do Governo, já de huma parte attribuindo-lhes os Inglezes a repulsa, que encontravão nos Chinas, já da outra parte criminando-os os Chinas do desembarque das Tropas Britanicas, mandando-lhes, que disparassem a artilharia das Fortalezas contra os vasos dos seus leaes, e antigos Alliados da Europa.

Em quanto isto se passava em Macáo, perdia o seu tempo em Cantão o Almirante Drury, solicitando huma Audiencia do Suntó, que para lhe tirar toda a idéa de conciliação dirigio a Mr. Roberts esta terminante Chapa.

Admoestação do Suntó de Cantão aos Inglezes.

Fazemos saber aos Sobre-Cargas Inglezes, que a Santa Virtude do Nosso Grande Imperador se manifesta como o Ceo, que abrange tudo debaixo de si, e não ha região mais remota, a que não tenha chegado a sua fama. Elle mesmo na consideração de que os vossos Reinos da Europa de muito tempo se tem mostrado obedientes, e politicos, vos tinha concedido, por especial favor, a mais ampla licença, com que vós os Europeos podesseis vir negociar em Cantão, e para esse fim vos foi concedido a faculdade de fazer ancorar os vossos Navios em Huampú,

reputando-vos por este modo como gente , ou individuos de huma mesma casa , e familia. Porém vós que já ha annos tendes estado em Cantão bem sabeis , que a todos os Estrangeiros Europeos era tão sómente permittido o ir , e vir a este Paiz para negociar ; mas nunca se lhes foi concedido o ficarem aqui permanentes. Por tanto em o presente tempo chegárão de improviso Náos Inglezas cheias de Soldados , os quaes desembarcando vierão para terra , contra todo o costume , e Leis do Imperio.

Macáo he Colonia situada dentro dos limites do Imperio , tem ella seus Governadores , e Magistrados (Mandarins) , nenhuma connexão tem ella com a Europa , e mesmo em nada a ella pertence. Em a Dynastia passada começárão a vir para a sobredita Colonia (Macáo) os Europeos Portuguezes , e a Dynastia presente os deixou ficar nella como d'antes , por especial favor , na consideração de que elles tem estado já nessa Colonia muitos annos , e tem juntamente suas moradas de Casas , as quaes se não mandou destruir , foi por motivo de querer usar com elles de muita benignidade ; porém forão advertidos pelo Decreto , que continha esta condição , a saber = que as casas arruinadas se podessem refabricar , mas que não deverião fabricar outras de novo ; de mais , que os seus Navios deverião ter numeros fixamente determinados = tudo isto está tão rigorosamente determinado , que de nenhuma sorte se deve quebrantar.

Os mesmos Estrangeiros Europeos, como são os Francezes , Hollandezes , Hespanhoes , e outros , nunca se atrevêrão a seguir , ou usar dos direitos , e privilegios , de que gozão os Portuguezes para ficarem permanentes em Macáo ; logo por consequencia não devem tambem os Inglezes estar em Macáo com subsistencia permanente. Vós (Inglezes) dizeis, que tendes receio venhão os Francezes para insultarem aos Portuguezes em Macáo ; pois deveis

saber, que os Francezes só pelejão contra os Portuguezes lá na Europa, e não se atreverão a vir a estas partes com intentos de perturbarem as terras do Imperio; porém no caso de pertenderem vir aqui, contra o Ceo, e toda a razão procurando a sua propria ruina, Nós então faremos aprompter os nossos Soldados, e os ajuntaremos nos lugares, que ameação maior perigo para os guardarem; então com muito descanço esperaremos os Francezes desfalecidos, que sendo poucos contra muitos, sem batalha alguma ficarão vencidos, como peixe na frigideira, e carne na banca do cozinheiro; neste caso que poderião elles fazer? E assim não he necessario, que vós tenhais receio da parte dos Francezes.

Se dizeis tambem, que pela Alliança sois amigos dos Portuguezes, e que por isso viestes para os ajudar contra os Francezes, parece-nos antes mais acertado, que em vossos Navios andeis lá fóra por esses mares á espera dos Francezes, contra os quaes devereis ir ao encontro, logo que elles chegarem; porém não he justo que façais vossa assistencia em Macáo, contra os costumes, prohibição, e Leis do Imperio, dissolvendo por este modo a união mútua, que deve subsistir entre todos, perdendo da mesma sorte o direito dos negocios, que poderieis ter aqui: vêde agora que em hum obrar fóra dos seus termos commettestes tres erros juntos.

Vós Sobre-Cargas Inglezes, que por ordem do vosso Rei tratais os negocios do Contracto, bem sabeis o que se deve, e o que se não deve obrar: sabeis tambem qual he o proveito, qual o damno; qual he o favoravel, qual o contrario; qual he o pacífico, e qual o perigo: Vós sem negocios não podereis subsistir. Se hum dia mais cedo sahirem de Macáo os vossos Navios levando os Soldados comsigo, tambem hum dia mais cedo se abrirão as Alfandegas, e os vossos negocios adiantar-se-hão

tambem ; porém se retardais no que acima se disse , tudo ficará tambem retardado. Vós , com os vossos cabeças (o Admiral , e os mais) ponderai bem nas sobreditas propostas , e não he necessario pedir mais cousa alguma.

Eu o Vice-Rei , que por veneravel Ordem do Nosso Grande Imperador govérno toda a Provincia de Cantão , cujo Povo, e Soldadesca subordinados á minha jurisdicção, Eu digo , o Suntó com o Kuam-pú , Tribunal das Alfandegas , que governa sobre os Tributos , e Direitos Imperiaes , fazemos saber aos Inglezes , que não estamos já para repetidas Admoestações , e Avisos ; porque a nossa obrigação he seguir a razão , e observar as Leis do Imperio , procurando por este meio o socego dos Limites, e Portos maritimos , fazendo tambem publicar aos internos , e externos os Decretos Imperiaes. Por tanto conformando-nos com o generoso animo do Nosso Grande Imperador , que sempre trata os Estrangeiros com benignidade , fazemos este Aviso, e Exhortação a vós Sobre-Cargas Inglezes, que deveis fazer scientes disso a todos os cabeças , advertindo-os, que oução o nosso Aviso , e obedeção com respeito : se porém depois deste Aviso não quizerdes arrepender-vos , do que até agora tendes obrado , sereis reputados como quem por si mesmo quer procurar o seu proprio damno , desprezando ao mesmo tempo o especial beneficio do Nosso Grande Imperador. Nós tambem não nos dignaremos exhortar-vos outra vez. Dado em o dia 2 da Lua 9.ª

Não resultando desta Admoestação movimento algum , que désse a menor idéa de se embarcarem as Tropas Britanicas , seguírão-se tantos Officios do Mandarim de Hyansan , e tão terminantes , declarando que o Imperador da China , vendo o pouco respeito com que erão attendidos dos Inglezes os seus Decretos , tinha ordenado viessem das Provincias proximas as suas Tropas para expulsarem os In-

glezes, já que elles contumazes não querião obedecer ao que por via dos Officios remettidos ao Governador de Macáo, lhes era determinado. Hum delles se expressa desta maneira:

Eu o Mandarim de Hyan-san faço saber a V. M.ce Senhor Procurador da Cidade, como tambem aos Senhores Governadores, actual, e seu Successor, e juntamente aos mais Senhores do Senado, que os Inglezes, que entrárão nessa Cidade de Macáo debaixo do pretexto de defenderem a mesma Cidade contra os Francezes, não considerão, que Macáo he Colonia pertencente ao Imperio, concedida aos Portuguezes pelo nosso Grande Imperador, por especial graça, para morarem nella, e tratarem do gyro do seu commercio. Tantos seculos tem passado, em que os Francezes nunca se atrevêrão chegar a este paiz para perturbarem o socego do Povo; mas no caso que agora pertendão vir, o Excellentissimo Suntó de Cantão enviará as nossas Tropas para os expulsar. Se os Inglezes são Amigos antigos, ou Alliados dos Portuguezes, como dizem, devião elles observar as Leis do Imperio, segundo o exemplo dos Portuguezes; além disso devião na sua chegada avisar-me primeiramente o motivo da sua vinda para eu então dar parte ao Excellentissimo Suntó, cuja determinação se havia de executar conforme o seu mandado. Pois elles não fizerão o que devião, antes se atrevêrão logo desembarcar, entrando na Cidade armados, trazendo comsigo bombardas e outros petrechos de guerra, e ainda mais occupando tambem as Igrejas, e Fortalezas, declarão certamente por este modo de obrar, que elles fazem pouco caso da prohibição, e Leis do Imperio. Vós os Portuguezes não tendes em Macáo senão 200, ou 300 Soldados, e elles tem mais de mil, vê-se claramente, que elles pertendem constranger-vos de tal sorte, que não tenhais o lugar para vossa morada. Se as vossas Igrejas, Fortalezas,

e moradas de Casas, possuidas pacificamente por tantos seculos ficão sujeitas á jurisdição delles, podeis persuadir-vos, que os vossos bens, mulheres, e filhos não poderão jámais estar seguros. Vós supportais tudo isso com muita paciencia, não sei com que intentos estais vós, ou se na verdade vos communicaes tambem com elles fazendo-vos Réos da culpa, e Socios dos mais disignios. O Excellentissimo Suntó de Cantão conforme a Ordem intimada no Decreto Imperial, tem já Tropas promptas, que brevemente para lá irão: se os Inglezes resistirem serão elles totalmente destruidos; e vós Portuguezes se não quizerdes declarar a verdade a seu tempo, ou mais cedo, chegadas que forem as nossas Tropas, não farão distinção de pessoa: então tereis arrependimento, porém já tarde. Eu compadecendo-me de vós Portuguezes desejo sinceramente tratar-vos como membros do meu proprio Povo, e filhos verdadeiros: não tenho coração de ver-vos destruidos juntamente com os Inglezes por isso vos dirijo este aviso, o qual visto e entendido, se na realidade não tendes communicação com elles nos mais designios, ide-vos instar com elles que sahião de Macáo, e voltem para o seu proprio Reino: exhortai-os com efficacia, e ao depois me dareis aviso para eu fazer sciente ao Excellentissimo Suntó, para que elle não faça mover os Soldados, e envialos a Macáo, e desta sorte ficarão sem lezão os Inglezes, vós livres de ruinas, e infelicidades; mas se assim não fizerdes, chegadas as Tropas, como já disse, lhes será muito difficultoso o distinguirem huns dos outros. Ora pois tenhais cuidado, e não deixeis de fazer o que vos recommendo por meio deste aviso, ect. Anno 13 do Imperador Kia-King aos 20 da 10.ª Lua (7 de Dezembro de 1808.)

Continuar-se-ha.

Aditamento ao Artigo do Numero XXII. inserto a pag. 857.

Este Convento (o de N. S. de Jesus) merece distincta memoria por ser o primeiro em que, depois da restauração das Letras no glorioso reinado do Senhor D. José I., se ensinou publicamente em Lisboa a Filosofia moderna, de que foi Lente o Padre Mestre Fr. José Mayne; e onde igualmente se exercêrão as Linguas Orientaes. A primeira Arte Hebraica para o ensino desta Lingua em Portugal, e pela qual se estudava na Universidade de Coimbra, deve-se a Fr. Francisco da Paz; e a primeira do Arabe a Fr. Antonio Baptista, Confessor, que foi de Sua Magestade a Senhora D. Carlota, ambos Religiosos desta insigne Ordem. Deve-se ao Padre Mestre Fr. João de Sousa, Socio da Academia Real das Sciencias, outra Arte da Lingua Arabe: este Sabio fez grandes serviços ao Estado, que seus Discipulos continuão com reconhecida approvação, pelo desempenho das importantes commissões de que tem sido encarregados com as Potencias Berberescas.

POESIA.

(Artigo communicado.)

VERSOS A ELMIRA,

OFFERECIDOS

A' EXCELLENTISSIMA S. D. M. C. F. P. M.

POR M. J. B. PAIVA.

COmo vem, bella Elmira, apparecendo
No apartado Horisonte a argêntea Lua!
Como serena vem, risonha, e clara,
Como pratêa o cume da montanha
Que meia no-la esconde.
Como os raios por entre a selva escapos
No regato palreiro reverberão!
Que noite, Elmira! — que mudez em torno!
Mal os macios Zéfiros bafejão
Do torrado calor os quentes ares. —
Elmira, — ah meiga Elmira,
O Ceo para a ternura esta hora envia.
Agora sobre a relva oh quanto he grato,
Longe fadigas, ao mortal amado
Afagos desprender no par que adora! —
Os lêdos Amorinhos brincadores

Que fazem teu prazer, oh Natureza,
Por em torno adejando espargem flores
Sobre os dous venturosos.
Instantes petições . . . recusas ternas . . .
Namorados queixumes . . . que requintão
Os teus prezados bens, oh Deos de Idalia, . . .
Se ha no Mundo prazer, ambos o gozão:
D'inveja dignos são aos mais ditosos . . .
As forças me falecem, — ¿ tu não sentes
Suave languidêz, dos Ceos imagem,
Correr-te o coração, correr-te as vêas ? . . .
E que voz dentro em mim bradar eu sinto!
,, D'Elmira aos braços corre, (ella me clama)
,, E ahi tu lhe demanda amor, piedade ,,
Cruel m'a negarás? — ah loira Elmira,
Não sejas bella só para perder-nos,
Para nosso prazer os Ceos te ornárão
De tanto dom celeste.
Aos risos, ao prazer, a amor, ás graças
A sazão em que estás cabe em partilha;
Ainda ha de vir tempo em que teu rosto
Chore perdidas suas vivas rozas.
Então desfalecida, o sangue tardo,
Pedirás, mas de balde, ao Ceo a quadra
Em que Elmano te amava.
Qual então ha de ser teu sentimento!
O tempo que se passa a nós não volve.
Elmira, não deixemos seus favores,
Vamos, vamos-lhe sobre.
Do fatal prejuizo á voz te esquiva,
? Que lucras em ceder-lhe aos férreos brados,
Com que lida de amor furtar-te aos mimos?
Não te affasta o pezar, nem gostos presta.
Os homens má relé ás tenues almas

Qual o crime se pinta, Amor pintárão.
Amar não era crime, Amor foi dado
Pelo Ceo aos mortaes para aditálos.
Sem elle, oh doce Elmira, ah que seria,
Que seria de mim, de nós, de tudo!
Nem tu, que podes tanto, abrilhantáras
Nossos prados por ti risonhos, ledos.
Vês tu no teu pomar crescer a planta,
Vês a roza romper os verdes trages
E aos olhos do cultor, cravando invejas
Ao jasmim, a assucena, ás outras flores,
Prazenteira mostrar seus dons mimosos?
¿ Vês tu no nosso Vouga fugitivo
Os prateados peixes
As agoas sonorosas ir fendendo?
Pois vê, amada Elmira, amor os rege:
Amor vive na planta, a planta anima,
Seu fogo universal se estende a tudo;
Sem Amor quanto vês voltára ao Nada.
¿ Que vezes não no tenho eu escutado
Ao nosso bom Limiano?
Bem sabes quanto aviso os Ceos lhe derão,
Bem vezes m'o tem dito, e bem gravadas
Tenho suas razões no fundo d'alma.
¿ Donde vem que meus olhos só procurão
Teus olhos encontrar, e contemplar-te!
¿ Quantas vezes já tenho protestado
(Eu t'o confesso, Elmira)
De não mais procurar ir ver-te aos bosques,
Onde ao transpôr do Sol tu vir costumas?
Hei jurado, mas que! se a jura eu quebro!
Não posso resistir, não sei quem força,
Quem leva os passos meus a ver-te, oh bella.
S' eu bem leio em teus olhos, quanto és longe

De criminar d'Amor o manso imperio!
Tu bem sentes, — mas que! espera Elmira,
Repara, . . . attende . . . escuta como ternas
Aquellas meigas avesinhas cantão.
He lingoagem d'amor sua lingoagem.
¡ Oh, como os seus gorgeios reduplicão!
Póde ser que d'amor queixumes sejão.
Entr'ellas póde ser que ingratas haja,
Assim como entre nós ingratas vemos.
Ai . . . muito infeliz sou! Elmira bella,
Eu suspiro . . . e quem sabe se huma ingrata . . .
Mas não — não póde ser. Longe oh receios,
Imperfeitas não são d'hum Deos as obras.
Sem terno coração, que sinta as penas,
Que chore ao vêr chorar, que o prazer ame;
Das féras o mortal não dista hum ponto;
E tu obra melhor das mãos de Jove
        Terás huma alma bronca!
¡ Amado eu não serei, se eu te amo Elmira!
Eu não sei enganar, não sou qual outros
D'ardidas expressões, e o peito hum gêlo:
São voz do coração, da lingua as vozes.
Se eu soubesse occultar — talvez — quem sabe? —
¡ Quem sabe se eu seria mais ditoso?
        Eia, vamos Elmira,
Ninguem merece mais teus dons, tuas graças.
Lavouras extençosas, longas vinhas
Que levem mil crestados podadores,
        Bem acabado alvergue,
Mui grandes cabedaes te podem outros
        Offerecer, oh bella.
Mas ah! — hum coração que mais te adore
Onde irás encontrar? — ¿ Tu por ventura
Mais tempo ainda d'experiencia queres?

Já tres vezes relvou a Primavera
Do patrio Vouga as ribas deleitosas,
Depois que fero em ser por ti ouvido
Os dias em tropel correr eu vejo.
Pergunta a quem me vê, a quem me ouve
Se outra cousa me leva o pensamento,
No silencio o semblante assás me explica,
E fallando, em Elmira só lhes fallo.
Em meus versos teu nome aos bosques sôa,
E os bosques sabem repetir teu nome.
Em ti fallo, em ti cuido, a ti só busco
Quando o dia nos nasce, e quando morre.
Eu não amo, eu não vejo mais que Elmira.
¿ E acaso serás tu sempre de bronze
        Aos rógos que esperdiço ?
        Dos Deoses bemfazejos
Hum terno puro amor não sopra o raio?
        A amar tudo nos leva.
Nossa idade... a frescura... os bosques ermos,
Que aos desvios d'amor a sombra offrecem...
Elmira — que!... suspiras!... Já he tempo
De me vêr compensado... Não respondes ?
        Os olhos baixas!
                E soluças!
                Estremeces!
        Elmira, Elmira!
Entendo o teu silencio, eu sou ditoso.

SONETO.

Ao Senhor José Maria Osorio Cabral.

APollineo fervor te aquece a mente,
Hum Nume, Osorio meu, Phebo te inspira
Se a voz alteas, se na branda Lyra
Soltas, enleio d'alma, o som cadente.

Choras, cantas d'amor tão docemente,
Que no aureo metro Amor se ri, suspira,
Folga comtigo, em tua dôr delira
Mãi das Graças gentís, Venus ridente.

Se á negra habitação da Morte escura
Soasse a voz, o Barathro profundo
Sentiria outra vez nova ternura.

Fadou-te o Nume; e o Verso teu jucundo
Será, mimo d'Amor, da Formosura,
Perenne como a duração do Mundo.

A. L. de Seabra.

ANECDOTAS.

Gorani no Tomo II. pag. 142. ,, D. Diniz Rei de Portugal era muito illustrado: conhecendo quanto a isempção dos direitos, principalmente dos Corpos Religiosos, se tornava pezada aos mais Vassallos, como a Côrte de Roma então era poderosissima, não ousou supprimila; porém ordenou por huma Lei, que para o futuro não se concedessem novas isempções, e que jámais podessem vender terras ás Communidades Seculares, e Regulares, nem ás Corporações de mão-morta. ,,

,, Em hum Governo Sabio, todos os que disfrutão das vantagens da Sociedade, das despezas, dos trabalhos, e da protecção do Governo, devem contribuir para estas despezas segundo suas faculdades, e pessoa nenhuma deve ser isempta desta contribuição, pois que ella he destinada a garantir a cada hum a posse dos seus direitos naturaes. O caso unico em que a Lei deve isemptar do imposto territorial, he quando se trata de novas culturas em baldios; e esta isempção deverá ter lugar nos cinco primeiros annos pelo menos, porque só no fim deste tempo he que as novas culturas commeção a dar hum producto liquido; e mesmo esta isempção não he huma graça, pois que nada se deve cobrar do que não dá producto liquido. ,,

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XXVI.

MEMORIA.

Continuação dos successos de Macáo, na Memoria inserta no Num. XXV., a pag. 401.

NÃo podendo por mais tempo pelos officios conciliativos, que remettia o Governador aos Mandarins do Districto, suspender a ira dos Chinas, participou ao Conselho da Companhia Ingleza o perigo, que os ameaçava; e a fim de os convencer, e persuadir remetteo-lhe as mesmas Chapas dos Mandarins. Eis como se expressa:

Senhores do Selecto Conselho da Honoravel Companhia Britanica na China.

Honoraveis Senhores.

Tendo dilatado communicar a esse Selecto Conselho a infausta intimação recebida por amiudadas, e differentes Chapas da parte dos Mandarins do Districto, em opposição á permanencia das Tropas Britanicas nesta Cidade, porque continuando a inteiralos dos fins da expedição, julguei abran-

darião as suas rigorosas medidas, chega em fim o momento de ver illudidas as minhas esperanças, e por consequencia sendo o silencio hum crime, me põe na forçosa necessidade de remetter-lhes, bem a meu pezar, duas das muitas chapas recebidas, as mais terminantes, e atenentes ao assumpto em questão, para que em vista do seu contheudo tão crîtico, e importante se sirvão haver do Excellentissimo Admiral Drury aquella resolução, que mais propria lhe parecer a bem das nossas duas Nações, cujos interesses lhe são tanto a cargo; na certeza de que essa mesma farei apresentar aos referidos Mandarins, sem poupar-me á repetição dos officios, de que forem susceptiveis ás minhas circumstancias neste precário Estabelecimento.

Tenho a honra de ser com consideração
Macáo 10 de Dezembro de 1808
Honoraveis Senhores
Muito attento e obsequioso Servidor
Bernardo Aleixo de Lemos e Faria. (1)

O Conselho, e os Sobre-Cargas da Companhia Ingleza, que até alli havião desprezado a cordeal intervenção do Governador para com o Governo Chinico, vendo que o Almirante Drury não passára de Hampú, e nada tinha

---

(1) Este bravo, e intelligente Official já no anno de 1787, primeiro triénnio do seu Governo em Macáo, merecia tantos créditos, que Mr. De La Perouse dizia delle: L'administration de Mr. de Lémos auroit fait époque, si l'on eût été assez éclairé à Goa pour lui conserver sa place plus de trois années, et pour lui laisser le temps d'accoutumer les Chinois à une resistance dont ils ont perdu le souvenir depuis plus d'un siecle.: Rel. abreg. ou Voy. de la Perouse, pag. 254.

concluido com o Suntó de Cantão, no que respeitava a estada das Tropas Britânicas em Macáo, assim como os interesses da Companhia, fechando-se-lhes as Alfandegas de Hampú, fugindo-lhes os operarios, e serventes, e faltando-lhes os comestiveis, mudárão de tom, e com humildes rogativas implorárão a intervenção dos bons officios do mesmo Governador para com o Suntó de Cantão, e o Imperador da China; ao que lhes respondeo: = que visto o Almirante Drury tomar sobre si a responsabilidade de occupar Macáo pelas Tropas Britanicas, e declarar a elle Governador, que neste objecto se não devia mais intrometter, pois que hia directamente tratar com o Suntó de Cantão, não lhe competia entrar mais neste negocio. =

Os Sobre-Cargas vendo a cada momento tornar-se mais crítica a situação em que se achavão todos, dirigírão novas súpplicas ao Governador, que lhes ponderou só poder ter lugar a sua co-operação, a fim de os conciliar com os Chinas, se antes se ajustasse huma Convenção para o reembarque das Tropas Britanicas, ao que promptamente annuírão, assignando-se os seguintes Artigos.

Convenção.

Bernardo Aleixo de Lemos e Faria, Governador, e Capitão General de Macáo; Lucas José Alvarenga, Governador nomeado; e Miguel de Arriaga Brum da Silveira, Desembargador, Ouvidor Geral da mesma; Thomás M. Weguelem, Coronel, Commandante das Tropas Britanicas; Capitão Thomás Robertson, e Thomás Chas Pattle, Segundo Sobre-Carga da Honoravel Companhia Ingleza; todos desejosos de dar huma Conclusão util, e decorosa á retirada das mesmas Tropas, julgada necessaria a bem das duas Alliadas Nações, accordárão o seguinte:

I. Que o dito Desembargador Miguel de Arriaga

Brum da Silveira fosse propôr ao Mandarim do Districto a resolução, que o Conselho da Honoravel Companhia havia tomado de fazer retirar as Tropas Britanicas vindas a esta Cidade para o fim de auxiliala contra os Francezes, pelo motivo da protestação feita da parte do Excellentissimo Suntó de Cantão de ficar a mesma Cidade debaixo da protecção do Imperio contra qualquer inimigo, que attentasse a distrahila da Real Casa de Bragança, de que he Regente S. A. R. o Principe Regente de Portugal estante no Brazil, sem que por esta vinda experimente no futuro alteração o Commercio Britânico, que ficará no mesmo pé, e systema antigo.

II. E porque esta deliberação exige a concurrencia do Excellentissimo Admiral Drury, e do Primeiro Sobre-Cargas J. W. Roberts, de presente em Vampú, deve o mesmo Mandarim auxiliar a ida do Brigue Portuguez, que vai levar o referido Desembargador Miguel de Arriaga Brum da Silveira, com o fim de terminar a mesma pendencia, sendo para isso authorizado, obrando de maneira que se não falte aos vínculos da Alliança, e boa Amizade, que subsistem entre as tres Nações Britanica, Chineza, e Portugueza.

III. Que o Mandarim deve fazer sustar as prohibições, que tem dado para a vinda de mantimentos, por isso que dahi podem provir resultas pouco concernente ao socego, que por parte das mesmas Tropas Britanicas se deseja conservar.

IV. Se deve da parte do Mandarim fazer suspender a marcha de quaesquer Tropas Chinezas durante esta Conclusão, que poderá levar de oito a déz dias, tomando-se o contrário procedimento como opposto ás mesmas Ordens Imperiaes, que são mandativas da Conservação de Amizade com todas as Nações, que a buscão para fins sinceros, e verdadeiros.

Em fé de todo o referido nos assignamos. Em Macáo aos 11 de Dezembro de 1808.

Bernardo Aleixo de Lemos e Faria.
Thomas. M. Weguelem.
Thos. Chas. Pattle.
Lucas José Alvarenga.
Thos. Robertson.
Miguel de Arriaga Brum da Silveira.

Em quanto se tratava desta Convenção em Macáo, foi informado o Mandarim do Districto, ainda que falsamente, que o novo Governador exigia entrar no seu Cargo; ao que occorreo o Mandarim, remettendo a seguinte Chapa.

Eu o Mandarim de Hyan-san faço saber a V. M.ce Senhor Procurador da Cidade, aos Senhores Governadores actual, e seu Successor, juntamente com os mais Senhores do Senado, que desde que entrárão os Inglezes em Macáo até ao presente, tem tratado muito bem essas dependencias o Senhor Governador actual; mas agora ouvi dizer, que o seu Successor insta com elle para lhe entregar o Governo, e o mesmo actual tambem lhe deseja entregar para se aliviar do pezo desse Cargo: muito me admiro sobre isso. A entrada dos Inglezes em Macáo foi no tempo do Senhor Governador actual; os ditos Inglezes ainda estão na sua teima em não quererem voltar para o seu Reino, logo he necessario que elle mesmo os acabe de expulsar dessa Cidade: como quer agora entregar o Governo ao seu Successor, e escusando-se do Cargo fugir ao trabalho? Certamente este modo de obrar he muito inconveniente. Além disso ouvi dizer, que esse novo Senhor Governador tinha vindo em Navio dos Inglezes; não se póde assegurar que elle não tenha alguma communicação, ou occulta correspondencia com esses Inglezes, por isso não he tambem

conveniente que elle tome agora posse do Governo. Pelo que faço este Aviso, o que visto, deve observar o que recommendo assim a V. M.ce Senhor Procurador, como tambem aos Senhores Governadores, e mais Senhores do Senado queirão esperar até que sejão expulsos os Inglezes, e Macáo estando já em socego me hão de dar aviso primeiro, então o Senhor Governador actual poderá entregar o Governo ao seu Successor, e este tomar posse do seu Cargo. Porém se fizerem o contrário darei parte ao Excellentissimo Suntó, para que não só o novo Senhor Governador seja tratado como os Inglezes, mas tambem o seu Antecessor seja tambem rigorosamente julgado, etc. Anno 13 do Imperador Kia-King aos 24 da Lua 10.ª (11 de Dezembro de 1808.)

Em consequencia daquella Convenção dirigio-se o Desembargador Ouvidor a Vampú para certificar ao Mandarim de Hyan-san da obediencia dos Inglezes aos Decretos do Imperador da China, do que muito custou a capacitalo; passando depois a bordo do Brigue Princeza Carlota, surto na boca do Tigre para dalli mais opportunamente se communicar com o Almirante Drury, a fim de apressar o re-embarque das Tropas. Os serviços que fez por esta occasião este benemérito Togado se reconhecem neste Officio.

Illustrissimo Senhor Miguel de Arriaga Brum da Silveira.

As tres Cartas Officiaes de V. Senhoria, nas datas de 11, e 14 do corrente, manifestão bem o incansavel trabalho, que houve ultimamente ter nas conferencias dos Mandarins, e na sua ida a Vampú, e pelo contexto das mesmas se conhece melhormente a excessiva applicação, e disvello, com que, além dos ordinarios limites da presente possibilidade, se tem empenhado em acal-

mar com heroico Patriotismo a cruel revolução, que estava ameaçada em total damno da Nação, e do Estabelecimento, provando com este crescido zelo, ainda que proprio da sua actividade, reconhecido talento, e préstimo, o serviço mais importante a S. A. R.; pois que á força de tão efficazes, e singulares diligencias acaba de persuadir o re-embarque das Tropas Britanicas, para cuja final evacuação tenho ordenado providencias, que obrigão a brevidade, que se deseja, para evitar a tyranna, e barbara marcha dos mesmos Mandarins.

A Pessoa de V. Senhoria Guarde Deos muitos annos. Macáo 15 de Dezembro de 1808.

Bernardo Aleixo de Lemos e Faria.

Como fosse chegado o dia 18 de Dezembro, dia em que se havia estipulado a sahida das Tropas Britanicas do porto de Macáo, e o Mandarim do Districto não visse largarem véllas, mandou a seguinte Chapa.

Eu o Mandarim de Hyan-san faço saber a V. M.ce Senhor Procurador da Cidade, aos Senhores Governadores, e Desembargador, e mais Senhores, que na entrada dos Inglezes em Macáo vós não podestes guardar, ou conservar as Fortalezas; porque havia pouca gente, foi causa de que os Soldados Inglezes se atrevessem a occupar as ditas Fortalezas. Porém agora respeitando elles o rigoroso Decreto Imperial, e temendo a deliberação do Excellentissimo Suntó, que enviou Tropas para os fazerem retirar, começárão a embarcar; mas como os Navios, que os hão de transportar para o seu Reino, ainda não suspendêrão o ferro para partirem, e como tambem esses Inglezes não são dignos de crédito, porque não se reputão fieis como vós os Portuguezes, temos receios, que elles fação o desembarque, e venhão outra vez para terra. O

Excellentissimo Suntó compadecendo-se de vós ordenou viessem as Tropas para vos ajudarem a guardar essa Colonia; mas como Macáo he lugar pequeno, e não podem dentro dessa Cidade caber tantos Soldados, fizemos conselhos, e de commum accordo nós assentámos, que devem sómente introduzir-se os Soldados da minha propria Villa Siamxan, e eu fico destinado para os governar, e presidir; em quanto aos mais Soldados, que vierão de varias partes, já estão determinados para ficarem ao pé do Monte de Norte, e juntamente ao pé daquelles, que se achão na parte da frente; isto he, perto da Casa-branca, e na parte anterior da dita, e sendo dispostos desta sorte, esses ditos Inglezes não se atreverão a voltar outra vez para terra. Pelo que faço este aviso, o que recebido, V. M.ce Senhor Procurador, e mais Senhores devem examinar se já embarcárão todos esses Soldados, ou não: devem tambem mandar-me o papel testemunhial sobre a partida delles, para eu então dar parte ao Excellentissimo Suntó. A respeito de nossos Soldados, que devem estar em Macáo, V. M.ce Senhor Procurador, e mais Senhores mandem preparar o lugar da sua estada; e depois da partida dos Navios, que transportão esses Soldados Inglezes, os nossos serão logo revocados, e enviados para os seus proprios lugares; estejão socegados, que elles não farão perturbações: Consultem sobre isso, e mandem-me logo a resposta. Anno 13. do Imperador Kia-King aos 2 da 11. Lua (18 de Dezembro de 1808.)

Hia declinando o dia, e vendo o Mandarim, que o resto da Tropa não embarcava, nem os Navios erguião ferro, repetio outra Chapa, que dizia: = Sabendo que não poucos Soldados Inglezes existião em Macáo mandára marchar as Tropas Chinezas para os atacar, e expulsar conforme o rigoroso Decreto Imperial; por tanto que ainda fazia aquelle Aviso para o communicarem ao Chefe dos

Inglezes, a fim de fazer embarcar até a meia noite todos os que restassem, e não o fazendo, ao depois não se queixassem. A estes dois Officios respondeo o Procurador da Cidade no seguinte dia desta maneira:

Faço saber a V. M.ce Senhor Mandarim de Hyansan, que tenho recebido differentes Chapas suas, todas relativas ao re-embarque das Tropas Inglezas, etc. Além das Chapas tem havido differentes mensageiros da parte de V. M.ce para observarem se as Fortalezas ainda conservão alguns Soldados da Guarnição Britanica. Quanto ao re-embarque sou a dizer a V. M.ce, que hoje já se embarcárão os Soldados, que por falta de tempo tinhão restado de hontem, em que fizerão entrega das Fortalezas, Guia, e S. Francisco, sem que alli ficasse hum Soldado da Guarnição Britanica, e só sim huns barris de polvora na de S. Francisco, que agora forão receber, de maneira que todos se achão já a bordo, as Fortalezas entregues, e já o Patrão Mór está nos tres Navios de transporte surto em Maria Nunes para os conduzir fóra da Taypa, segundo a Ordem que levou do Commandante da Tropa para os Capitães dos referidos Navios. Estando pois assim cumprida a Determinação Superior, de propria vontade dos Inglezes logo que forão intimados, por isso que, o que querem he a conservação da Alliança, que desde tantos annos subsiste entre a sua Nação, e a de V. M.ce, céssa o motivo da Guarnição de Soldados Chinezes, que ainda que V. M.ce assegura, não farão algum motim, comtudo este he sempre de recear. Seria justa a vigia, que V. M.ce pondera, se ella recahisse sobre huma Nação inimiga; mas a Britanica que está pela execução dos Decretos Imperiaes, nenhum motivo ha para isso, nem as circumstancias desta Cidade permittem algum passo da nossa parte, que destrua os vinculos da amizade, que tambem ha entre as nossas duas Nações Britanica, e Portugueza, muito princi-

palmente como no caso presente, em que se não faltão ás Constituições Imperiaes, antes he conforme a ellas não entrarem dentro da mesma Cidade Soldados Chinicos, se não quando forem pedidos a bem da Causa Pública contra qualquer inimigo, que a perturbe. Não tenho noticia, que os Navios Inglezes queirão demorar-se mais tempo na franquia, se não em quanto chega, ou o Excellentissimo Admiral, ou algum Navio mais de Guerra, que os acompanhe, confiados de que o Commercio em Cantão ficará no mesmo pé antigo, sem alteração. Tem V. M.ce pois todos os motivos para descançar o seu espirito, e poder avisar os Superiores desta justa resolução dos Inglezes na sua retirada; mas quando algum assumpto ainda reste, que V. M.ce tenha a querer tratar dentro da Cidade se lhe fará aprompter accommodação propria para a sua comitiva, que espero não involva nesse caso maior numero, de que he estillo, ainda que na presente occasião não sei se esta vinda será menos util, do que até agora tem sido a prudencia com que V. M.ce, e os Superiores tem querido tratar esta importante dependencia, com a qual espero vêr tudo concluido; do contrario eu, nem os Senhores que govérnão a Cidade querem tomar sobre si a responsabilidade, resultante de quaesquer factos oppostos ao estillo não interrompido entre a mesma Cidade, e o Governo Chinico.

He quanto se passa na verdade, sem a carencia de espias Chinicas nas Fortalezas para observarem o que a V. M.ce se assegura; porque isso he indecente ao caracter proprio do Senhor Governador. Macáo 19 de Dezembro de 1808.

Tendo finalmente sahido dos mares Chinicos a Esquadra, solicitárão logo os Sobre-Cargas da Companhia Ingleza a continuação do seu Commercio, por todo aquelle tempo interrompido, (e talvez nunca mais instalado se não fosse, como se acaba de vêr, a cooperação, e os

bons Officios do Governo de Macáo) ao que annuio o Suntó de Cantão, que publicou para este effeito este Aviso:

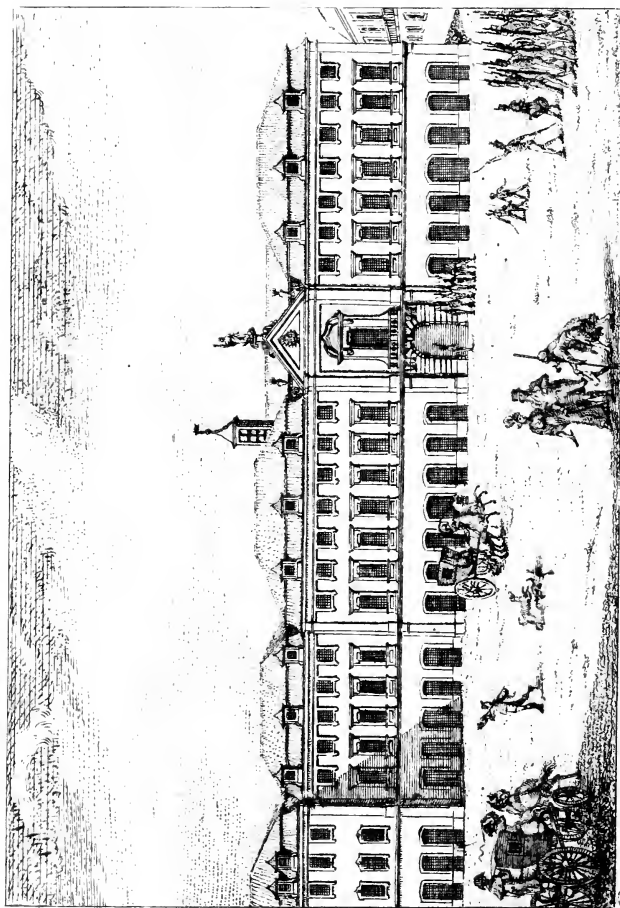
Gu-Hiung-Kuang, Vice-Rei das duas Provincias de Cantão, e Cancy, Conselheiro, etc.

Aviso a todos os Mercadores Europeos, que por ter estado em Macáo Soldados Inglezes sem licença nossa, merecião com razão, que jámais se lhe permittisse o Commercio; porém occorrendo-me, que o Rei da Inglaterra antes tinha offerecido tributo ao Imperador da China, e que ainda que o Capitão dos Soldados (Admiral) com a sua entrada em Macáo offendesse as nossas Leis, elle voltou já para o seu Reino com todos os Soldados, e Marinheiros. Os Commerciantes Inglezes estão já emendados, e tem pedido perdão. Pedírão-me agora com muita humildade para que se lhes permittisse o Commercio, e eu lembrando-me da grande misericordia do nosso Imperador com os Europeos concedi a sua súpplica no dia 11 desta Lua, e permitti que desembarcassem as mercadorias para que os Commerciantes podessem voltar logo. Isto he hum beneficio particular, e extraordinario da nossa China, e devem saber os Mercadores Estrangeiros, que as nossas Leis regidas com o tempo se tem pouco a pouco enfraquecido; por tanto não posso menos promulgar de novo se não que os Navios de Guerra Inglezes, que venhão comboiando os seus Barcos, ancorarão fóra de Lentim para esperar os ditos Barcos, ou fóra da boca Tigre, e não ancorarão na Rada de Macáo, segundo a sua vontade. Todos os Estrangeiros, que venhão a Cantão para commerciarem, ficarão em as treze Feitorias, e não poderão sahir para a rua chamada Fung-Kiay, e seus lugares. Exceptuando os Hanistas, que estão travados com contas, e com commercio com os Estrangeiros, nenhum outro China poderá ter com-

municação com elles. Isto será communicado pelos nossos Hanistas ao Primeiro Sobre-Carga Inglez, e tambem a todos os mais Estrangeiros; aos quaes avisarão, que daqui em diante procurem conformar-se com as nossas Leis; porque se algum, qualquer que seja, tiver o atrevimento de as quebrantar, se lhe privará o seu commercio, e será deitado fóra da nossa terra para o seu Reino.

Advertencia. — Na Chapa anterior, em lugar do Escripturario escrever = Rua de Tung-Kiay = escreveo Rua Sin-Kiay. O Mandarim do Districto sabe já isto; e avisará aos Hanistas, que procurem portar-se com honra, e não fação com que os Estrangeiros os desprezem. Estareis pois attentos vós os Hanistas, porque se não, depois pagareis todos juntos. Dareis parte desta Chapa aos mesmos Estrangeiros, para que se conformem com ella.

Anno 13 do Imperador Kia-King, no dia 16 da 11.ª Lua. (1.° de Janeiro de 1809.)

Eis quanto se passou em Macáo em 1808; e pelos documentos produzidos se vê, que o Governador, o Senado, e os mais Portuguezes desta Cidade não receárão os Francezes, pois que só na crítica situação, em que se vírão pelos ameaços hostis do Almirante Drury, he que consentírão, se verificasse o desembarque das Tropas Britanicas. Do mesmo modo se vê o apreço em que são tidos os Portuguezes pelo proprio testemunho do Imperador da China, merecido pela harmonia não interrompida, e irreprehensivel conducta desde o longo espaço de duzentos e sessenta annos; e que entre huma Nação, que até á força mandava occupar pelas suas Tropas aquella Colonia, e outra Nação que desconfiava das vistas ambiciosas daquella, se houve aquelle Governo com a mais apurada prudencia,

P. A. Carné copiou.
Fon.ca Filho excul.p

e com a maior dignidade, ultimando cordealmente tão escabroso negocio entre os seus dois mais antigos, e prestantes Alliados.

Conhecido por este modo que os Portuguezes nos mares da China não desmerecêrão dos antigos Portuguezes naquelles mares pela sua consumada prudencia, falta publicar que tambem não desmerecêrão pelo seu valor. Em hum dos seguintes Numeros se relatará como combatêrão, e derrotárão os Piratas, que infestavão, e destruião o Commercio, e Portos maritimos da China, constrangendo o seu Chefe a entrar na obediencia do Imperador.

DESCRIPÇÃO

Do Palacio do Governo.

Na Menoridade do Senhor Rei D. Affonso V., sendo Regente do Reino seu Tio o Senhor Infante D. Pedro, mandou este edificar na frente da Praça do Rocio da parte do Norte o Paço dos *Estáos*, e o destinou para servir de residencia aos Embaixadores das Côrtes Estrangeiras.

Solicitando o Senhor Rei D. João III. ao Papa Clemente VII. a Bulla da creação do Tribunal de Inquisição nestes Reinos, e obtendo pela Bulla de 17 de Dezembro de 1531 a nomeação de Fr. Diogo da Silva, Religioso dos Minimos de S. Francisco de Paula, seu Confessor, Bispo de Ceuta, e depois Arcebispo de Evora, para Inquisidor Commissario, (seguio-se este pela Bulla de Paulo III. de 23 de Maio de 1536 a ser creado Primeiro Inquisidor Geral, de que fez deixação a favor do Senhor In-

fante D. Henrique, Irmão d'ElRei, cuja Dignidade exerceo ainda sendo Rei pela morte do Senhor D. Sebastião em Africa,) ordenou fosse estabelecido este Tribunal nestes Paços dos *Estáos.*

Alli se conservou sempre até á época lamentavel do terramoto de 1755, em que ficou inteiramente reduzido a ruinas este Palacio, que poucos annos depois resurgio d'entre as suas cinzas mais elegante, e grandioso, como se vê da estampa em frente.

O frontespicio tem no seu centro huma especie de pavilhão com seu pórtico rustico, que serve de entrada ao Palacio, e sobre este pórtico está collocada huma espaçosa janella com sua balustrada de pedra de cantaria, coroada de huma empena, em cujo tympano se vem esculpidas as Armas Reaes Portuguezas. No vértice da empena a estatua da Fé calcando aos pés a figura da Heresia, esculpidas em marmore, com dois grandes vasos de cantaria sobre os pilares dos lados, que formão o pavilhão, ennobrece muito este edificio. Para que fosse regular a frontaria deste Palacio com os quarteirões das Casas fronteiras entre as Ruas Augusta, e Aurea, lembrou-se Carlos Mardel, Arquitecto, de quem he o desenho deste Palacio, e Praça do Rocio, formar hum corpo reintrante, seguindo a mesma arquitectura, o que contribue para parecer destacado o Palacio da sua propria continuação lateral.

A sua escada he bella, e espaçosa; as sallas vastas; os gabinetes muitos; circunstancias que unidas á localidade do Palacio no centro desta Capital, fizerão com que fosse escolhido para alli fazerem as suas Sessões os Excellentissimos Senhores Governadores, que S. Magestade nomeára para governarem estes Reinos pela occasião de se transferir com a sua Real Familia para os seus Dominios do Brazil em 29 de Novembro de 1807; Sessões, que sendo interrompidas pela prepotencia dos Invasores, fôrão

como d'antes instaladas no dia 15 de Setembro de 1808 pela feliz Restauração destes Reinos.

Foi neste Palacio, que o Conde Fernão Nunes, Embaixador de Hespanha, fez as grandiosas Funcções, e as vistosas Luminarias por occasião dos Faustissimos Desposorios d'ElRei Nosso Senhor com S. Magestade a Senhora D. Carlota Joaquina, então Infantes, sahindo dalli em magnífico apparato, e lustroso Cortejo para as Embaixadas, e Actos proprios da celebração de tão ditosos Vínculos, que dérão á Monarquia firme Esteio na sua fausta Successão.

ANECDOTAS.

Gorani, Tom. II. pag. 193, fallando dos talentos, qualidades, e boa escolha dos Embaixadores, cuja principal attenção deve ser de não comprometter a honra, e os interesses do Principe que representa, para exemplo relata o seguinte:

,, D. Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador de Portugal em Hollanda, conseguio que os Hollandezes não mandassem a tempo huma esquadra consideravel para defender Pernambuco, promettendo-lhe, em nome d'ElRei, que esta Praça seria entregue á Républica, e ao mesmo tempo escrevia ao seu Monarca: = Senhor, salvai a vossa honra; desmenti-me, sacrificai minha cabeça, mas não sacrifiqueis a importante Praça de Pernambuco, cuja possessão segura todas as do Brazil. =

O mesmo, no Tom. I., pag. 379. ,, D. Antonio de Ataide, Ministro de D. João III. Rei de Portugal, era possuido de paixões violentas, mas sempre as soube domi-

nar, e nunca as empregou senão a bem do Estado, e a fim de fazer amado o Reinado do seu Soberano: jámais o temor de lhe desagradar lhe fez disfarçar a verdade, nem o impedio de fallar a favor dos homens de merecimento contra os quaes tinhão previnido a ElRei; finalmente jámais o aconselhou senão a fazer acções dignas de hum Grande Rei. O Senhor d'Azambuja tendo-se individado no serviço do Estado, achou-se reduzido á necessidade de vender as suas terras para pagar as suas dívidas: ElRei fallando desta venda com o seu Ministro, lhe disse, que faria bem em as comprar por serem visinhas ás que já possuia. = Vossa Magestade teria feito ainda melhor (lhe respondeo D. Antonio) se pozesse o Senhor d'Azambuja em estado de não precisar de as vender; porque seus Avós, e elle mesmo se tem arruinado em serviço da Corôa! = ElRei penetrado da justiça deste conselho, restabeleceo o Senhor d'Azambuja no seu antigo explendor.

N. B. Os Senhores, que se dignarem continuar na Subscripção deste Jornal por outros tres mezes, o podem fazer nas Lojas já annunciadas da Gazeta, João Henriques, e Francisco Xavier de Carvalho, pelo mesmo preço de 1440 réis, entrando 1200 em papel moeda.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1816.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.